

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO



**Luciana Terra Targino**

**Chão de estrela**  
**O perfil intelectual de Zélia Gattai**

**Tese de Doutorado**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade do Departamento de Letras da PUC-Rio.

Orientador: Júlio Cesar Valladão Diniz  
Coorientadora: Mirele Carolina Werneque Jacomel

Fortaleza/Rio de Janeiro  
abril de 2024



**LUCIANA TERRA TARGINO**

**Chão de estrela - O perfil intelectual de Zélia Gattai**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo:

**Prof. Júlio Cesar Valladão Diniz**

Orientador

Departamento de Letras – PUC-Rio

**Profa. Mirele Carolina Werneque Jacomel**

Coorientadora

IFPR

**Profa. Adriana Sucena Maciel**

Departamento de Letras – PUC-Rio

**Profa. Flávia Vieira Santos**

Departamento de Letras – PUC-Rio

**Christina Fuscaldo de Souza Melo**

Pesquisadora Autônoma

**Cássia Dolores Costa Lopes**

UFBA

Rio de Janeiro, 12 de abril de 2024

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial, do trabalho é proibida sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

## Luciana Terra Targino

Graduou-se em Comunicação Social/Publicidade e Propaganda (Universidade de Fortaleza) em 2003. Obteve o título de Mestre em Administração de Empresas pela PUC-Rio em 2010. Formou-se especialista em Literatura Cultura e Pensamento Contemporâneo (PUC-Rio) em 2018.

### Ficha Catalográfica

Targino, Luciana Terra

Chão de estrela : o perfil intelectual de Zélia Gattai / Luciana Terra Targino ; orientador: Júlio Cesar Valladão Diniz ; coorientadora: Mirele Carolina Werneque Jacomel. – 2024.  
225 f. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2024.  
Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Zélia Gattai. 3. Escrita memorialista. 4. Escrita feminina. 5. Intelectualidade. 6. História. I. Diniz, Júlio Cesar Valladão. II. Jacomel, Mirele Carolina Werneque. III. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. IV. Título.

CDD: 800

Para Vânia e Alberto, que são meu chão: passado, presente e futuro  
Para Nelsinho, que é nossa estrela solar  
Para meu irmão, pelo meu chão de infância  
Para Zélia Gattai (*in memoriam*), com carinho, admiração e respeito

## Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Aos meus pais, Vânia e Alberto, pelo incentivo desde pequena a ser eu mesma, a fazer o que eu quisesse fazer. Muito obrigada.

A Zélia Gattai (*in memorian*), por perceber que sua escrita de si teria tanto a dizer de nós.

A Júlio César Valadão Diniz, pela orientação tão rigorosa quanto afetiva.

A Mirele Carolina Werneque Jacomel, pela coorientação incansável e disciplinar.

A Paloma Amado, pela apresentação da casa de sua mãe a mim com tanto carinho e riqueza de detalhes, bem como pela entrevista tão rica e sensível que me concedeu em Salvador. A João Jorge Amado, pela entrevista bonita e importante que me concedeu sobre sua mãe.

À Fundação Casa de Jorge Amado, pela atenção comigo e pela organização impecável do material de pesquisa sobre Zélia Gattai.

A Socorro Acioli, que fez a ponte entre mim e Paloma Amado.

À minha tia Eliana Terra de Souza Pinto, por ser chão e colo no Rio de Janeiro. Ao tio Carlos (*in memorian*), que ampliou meus laços familiares no Rio.

Ao meu tio Antônio, que, certa vez, me disse em um conselho para o doutorado: “você precisa ter foco!”.

A Paulo Fraga, que esteve do meu lado – ouvindo os causos de Zélia que eu contava – desde o início até o fim deste processo.

A minha família e minhas amigas e meus amigos, que torceram por mim.

## Resumo

Targino, Luciana Terra; Diniz, Júlio Cesar Valladão; Jacomel, Mirele Carolina Werneque. **Chão de estrela: o perfil intelectual de Zélia Gattai**. Fortaleza; Rio de Janeiro, 2024. 222p. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Zélia Gattai foi uma mulher à frente do seu tempo. Escolheu com coragem enfrentar os lugares destinados às mulheres de sua época e percorreu o mundo. Subvertendo ideologias políticas e sociais conservadoras, a autora sempre esteve do lado pouco conhecido da história. Sua obra memorialista, que consiste em onze obras, relatam sua trajetória a partir de uma linguagem afetuosa, que abre vozes para pessoas que, com ela, palmilharam os lugares onde viveu, nesta tese, chamados de chãos. Chão, em Zélia Gattai, é um lugar não só de moradia, mas de deslocamento para relatar o mundo e de atravessamentos de pessoas, sejam elas conhecidas do grande público, por ela retratadas em suas intimidades, ou pessoas desconhecidas que, por Zélia, viram estrelas. Este trabalho propôs uma revisão literária na obra memorialista de Gattai com foco principal no que essa traz de político, histórico, cultural e afetivo, tendo como objetivo principal o de traçar o perfil intelectual da autora.

## Palavras-chave

Zélia Gattai; escrita memorialista; escrita feminina; intelectualidade; história.

## Abstract

Targino, Luciana Terra; Diniz, Júlio Cesar Valladão; Jacomel, Mirele Carolina Werneque. **Star floor**: the intellectual profile of the Zélia Gattai. Fortaleza; Rio de Janeiro, 2024. 222p. Doctoral Thesis – Department of Letters, Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro.

Zélia Gattai was a woman ahead of her time. She courageously chose to face the places dedicated to women of her time and traveled the world. Subverting conservative political and social ideologies, the author has always been on the silenced side. Her memoirist work, which consists of eleven works, relates her trajectory using an affectionate language, which opens voices to people who, with her, walked the places where she lived, in this thesis, called floors. The floor, in Zélia Gattai, is a place not only for living, but for traveling to report on the world and for crossing paths with people, whether they are known to the general public, portrayed by her in their privacy, or unknown people who, for Zélia, become stars. This work proposed a literary review of Gattai's memoirist work with a main focus on its political, historical, cultural and emotional aspects, with the main object being outline the author's intellectual profile.

## Keywords

Zélia Gattai; memoirist writing; feminine writing; intellectuality; history.

## Sumário

	Introdução	10
1	Chão de infância	24
2	Chão de passagem: Rio de Janeiro em dois tempos	48
2.1	Chão de passagem: primeira paragem	55
2.2	Chão de passagem: a volta	86
3	Chão de exílio	119
3.1	Chão de exílio: Paris	122
3.2	Chão de exílio: Dobris	149
3.2.1	Viagem à China com Nicolás Guillén	166
3.2.2	Viagem à China com Pablo Neruda	170
4	Chão de casa: Salvador-Bahia	174
4.1	A mudança: do Rio de Janeiro para a Bahia	178
4.2	Erguendo a casa	182
4.3	Casa cheia	190
4.4	Zélia e Jorge: memorial de amor	204
5	Considerações finais	211
6	Referências	219



Quem viveu pregado a um só chão,  
não sabe sonhar outros lugares.

Mia Couto

## Introdução

Um dia mamãe declarou que sua caçula, a última de seus cinco filhos, havia nascido com a estrela. Qual a estrela ela não dizia, mas devia ser uma estrela muito boa [...]. Nesta Casa (na Academia Brasileira de Letras) entrei hoje conduzida pela estrela de dona Angelina e iluminada por outra estrela que surgiu recentemente no céu e que brilha mais do que todas.

Zélia Gattai

Dentre alguns conceitos importantes que devem e serão fundamentados nesta tese, inicio esta Introdução falando de estrela. Valho-me da licença de estar em um curso de literatura e, portanto, divagar pelo belo e pelo sobrenatural, que é falar da crença em estrelas da sorte, não desmerece a seriedade de um trabalho, ao contrário, justifica-o.

Após escrever os quatro capítulos que têm o objetivo de construir o perfil intelectual de Zélia Gattai, ainda me debatia com o título que deveria dar a esta tese. Ao falar ao telefone com minha mãe que, junto com meu pai, foram os primeiros leitores dos capítulos durante todo o percurso, ela me disse: “Você vai terminar este trabalho com a frase: “chão de estrela”.

Seguindo o conselho de minha mãe, guiada pela estrela de Zélia Gattai, atribuída a ela por sua mãe, achei que *Zélia Gattai: chão de estrela* deveria ser o título desta tese. Abaixo, justifico porque chegamos até ele.

“Chão” foi um conceito cunhado neste trabalho para falar de uma narrativa descrita a partir do interior, do lado de dentro, de um espaço de reclusão que era – e por vezes ainda é – destinado às mulheres na sociedade. Era desse espaço que partia a escrita de Gattai. Contudo, em sua obra, o chão era um ponto de partida, bem como um palco para sua narrativa, pois a potência literária de Zélia subverteu a lógica do confinamento e ganhou o mundo.

Ao ser apresentado na Qualificação, a banca destacou que este termo era bastante relevante para a tese e sugeriu que eu buscasse explorá-lo. Estabelecemos, portanto, que a tese seria dividida, portanto, em quatro chãos, já que Zélia Gattai divide suas obras também pelos lugares onde morou. Tais lugares, ou tais chãos, são também personagens em sua literatura. Chãos estes que serão descritos ainda nesta Introdução.

Partindo, então, da divisão dos capítulos em *chãos*, e ao escutar de minha mãe a sua dica de título, pensei: a literatura de Zélia chegou até mim por minha

mãe; a autora tinha a ela atribuída, por sua mãe, uma estrela da sorte. Agora, minha mãe vinha em meu socorro falando da estrela de Zélia ... Pensei: por que não unir este acaso – ou esta sintonia – e fazer dele o título de minha tese? Neste momento, veio em minha memória a canção de Silvio Caldas e Orestes Barbosa, *Chão de estrelas*, que acho lindíssima, e não tive mais dúvidas.

Com o intuito de trazer à luz esta autora dentro do espaço acadêmico, bem como, com a continuidade deste trabalho que certamente não se encerra aqui, ampliar a exposição da obra da autora, que me propus a um mergulho nas obras memorialistas de Gattai, a fim de fazer uma revisão literária em suas obras, destacando aspectos únicos de sua escrita memorialista.

O objetivo principal deste trabalho é construir o perfil intelectual de Zélia Gattai, alguém que, por sua riqueza de vivências e pela forma como as registrou, deixou para a literatura brasileira uma vasta fonte de pesquisa sobre parte da história do Brasil e do mundo. Além dos relatos que dizem respeito à história, a obra de Zélia é também um arquivo acerca de outros artistas. Pessoas de seu convívio, que frequentavam os lugares onde ela viveu.

Como perfil intelectual, define-se que Zélia Gattai foi uma Intelectual Empírica. Com este termo, propõe-se que a intelectualidade da autora se deu a partir do vivido, do que foi testemunhado por ela, bem como do que ela denuncia em seus livros. A intelectualidade de Zélia se dá menos por uma reflexão profunda acerca de fatos que se sucederam a outrem, e muito mais pelo relato de fatos que aconteceram com ela. E, sua forma de encadear tais vivências em uma vasta obra literária memorialista leva quem a lê a percorrer com ela esses lugares e essas vivências, construindo um pensamento crítico sobre a História do Brasil e do mundo.

O percurso trilhado por Gattai e, portanto, a história que ela conta nos fala de uma História a contrapelo, “a história que a História não conta” (Samba-enredo [...], 2003), pois se trata de uma fala feminina e subversiva, da extrema esquerda. Zélia tinha um perfil ideológico anarquista e comunista, tão rechaçados no Brasil e no mundo ocidental.

Outro aspecto importante da intelectualidade empírica é o que de que a autora se intelectualiza também a partir da leitura crítica de sua obra. Nem tudo o que Zélia testemunhou e/ou denunciou está explícito na sua obra. A leitura crítica desses fatos também ajuda a identificar o quão potente e importante é a pesquisa sobre a literatura memorialista de Gattai.

Para além, ainda, da relevância mencionada, há o valor literário *per si*, de uma obra memorialista composta de onze livros, cada um deles retratando um

período de sua vida. Uma forma narrativa peculiar que une o fato ao afeto<sup>1</sup>, tornando a leitura um convite a dividir com ela os lugares, os chãos.

Começando por sua casa na Alameda Santos, em São Paulo, onde passou a infância com seus pais, irmãos, avós e Maria Negra, a empregada que viera para ser sua pajem e que escolheu o seu nome:

— Por mim eu botava Zélia. É o nome mais lindo que conheço. A menina que eu cuidava era Zélia.

Falou nessa criança com tanta ternura [...] Gabou-lhe os encantos a tal ponto, que acabou impressionando a patroa, passando esta também a achar Zélia o nome mais belo do mundo. Eu o carreguei até hoje (Gattai, 2005a, p. 21).

A autora traz também o sítio *Peji de Oxóssi*, no Rio de Janeiro, onde morou por um breve período, até seu novo companheiro, Jorge Amado, que, à época, era deputado federal pelo Partido Comunista, ter seu mandato cassado com a declaração de ilegalidade do Partido, pela Ditadura Vargas.

Jorge Amado, forçado a exilar-se, foi morar na França e Zélia, ao ir ao encontro do companheiro, passa a viver no *Hôtel Saint Michel*, em Paris. Em seguida, ao ser expulsa da França por motivos políticos surgidos no pós-guerra, passou a viver na Tchecoslováquia, em *Dobris*, no Castelo dos Escritores: “Em Dobris, passei dias muito alegres, tive muitas surpresas, conheci muita gente, personalidades as mais significativas da nossa era” (Gattai, 2001, p. 63).

De volta ao Brasil, Zélia viveu por dez anos no Rio de Janeiro novamente, até ir finalmente morar na Bahia, na casa do Rio Vermelho, por mais de quarenta anos, dividindo a casa com marido, filhos, empregados e muitos amigos:

Dessa vez, viajavamos para ficar. Os meninos, já se encontravam na Bahia havia um mês, seu João morrera havia um ano. Desde a morte do marido, dona Eulália me autorizara a chamá-la pelo apelido que o Coronel lhe dera: *Até aqui tu foi minha filha*, disse-me ela, *daqui por diante, tu vai ser minha mãe. Pode me chamar de Lala*. Só depois da casa pronta, ela iria morar conosco na Bahia.

Carybé nos apressava em ligações telefônicas, voz de longa distância: *Venham logo. O olho do patrão engorda o gado. Enquanto vocês não vierem, a obra não vai terminar [...] Faltam umas coisas pequenas, arremates [...] Está uma beleza* (Gattai, 1999, p. 86).

A narrativa descrita a partir da casa, ou dos diversos lugares que foram casa para autora durante sua vida é o que dividirá os quatro capítulos desta tese. Ao

---

<sup>1</sup> O termo “afeto” é utilizado nesta tese em seu uso popularmente conhecido, que diz respeito ao amor, acolhimento e amizade. Desconsidere-se, pois, apenas neste trabalho, o conceito mais amplo da palavra, o qual aborda Spinoza (2009) para a construção do eu, no qual “afeto” tem a ver com afetar e ser afetado pelo outro, envolvendo diversos sentimentos e sensações entre positivas e negativas.

escrever, Zélia Gattai conseguiu sair da casa, mas sem nunca a perder de vista. Casa na escrita de Zélia é, portanto, um lugar de deslocamento, de trânsito de lugares, de pessoas e de culturas.

Para fundamentar este conceito, recorri à Escrita Feminina descrita por Andrea Nye (1995), cuja característica é a de uma escrita a partir do interno, da casa, espaço este reservado às mulheres pelo patriarcado. Trata-se de um modo de narrar que expressa o subjetivo, mas também revela o subversivo. Uma forma de narrar que representa os lugares de reclusão como espaços de identidade de sujeitos, abrindo fendas, ângulos pelos quais nós, leitoras, observamos um universo pouco revelado.

Minha leitura da literatura de Gattai também suscitou a definição de um outro conceito que introduzo aqui com a promessa de clareá-lo e exemplificá-lo nos capítulos a seguir. Trata-se da leitura da obra de uma mulher realizada por outra mulher, afirmando que algumas informações subliminares só aparecem a partir de uma leitura empática e que gere identificação por parte de alguém que consegue se reconhecer intimamente naquela situação narrada. A este conceito foi dado o nome de *Leitura Femina*.

Leitura Femina é, portanto, uma leitura que compreende algumas mensagens cifradas, alguns códigos, ou mesmo alguns sussurros que estão ditos em uma literatura feminina através também dos silêncios, do que não se ousou dizer, não houve coragem para dizê-lo ou não foi possível denunciar o fato.

O capítulo 1, intitulado: “Chão de infância”, é trabalhado principalmente pela obra *Anarquistas graças a Deus* e trata por suas memórias e pelas memórias de tios, avós, irmãos, de um período que vai desde quando nasceu (em 1916) e morou em São Paulo até a sua juventude, quando, perseguido pela Ditadura Vargas, seu pai é preso e morto.

Neste capítulo também é trabalhado o livro *Cittá di Roma*, bastante interessante por se tratar da vinda de seus avós da Itália para o Brasil, no final do século XIX. São, portanto, histórias que ela não viveu, mas das quais ouviu falar. São memórias, portanto, que contam da colonização tardia do Brasil, bem como se passam na cidade de São Paulo, ainda tão rudimentar, com iluminação de lampiões a gás.

O capítulo 2 leva o título “Chão de passagem” e buscou abranger as duas temporadas em que a autora viveu no Rio de Janeiro. A primeira, logo após ter se mudado de São Paulo até a ida para o exílio. E a segunda, desde a volta do exílio até a ida definitiva para a Bahia.

O primeiro período, vivido no Rio de Janeiro, cuida do início da vida de Zélia ao lado de Jorge, uma mudança importante em sua vida quando, ao se mudar de cidade, perdeu a guarda de seu filho Luiz Carlos, fato de grande sofrimento para a escritora. Trata-se também de um momento muito tenso politicamente. O Partido Comunista ganha a legalidade e a perde logo depois, levando seu companheiro Jorge Amado, e também Zélia, ao exílio. O segundo momento deste capítulo trata da volta da família Gattai-Amado do exílio e de um período cultural fecundo na vida da autora. Morando com os sogros, Gattai traz histórias dos rumores políticos que antecederam o Golpe de 1964, bem como relatos do fervor artístico do Rio de Janeiro na época, quando, por exemplo, Vinicius de Moraes se apresentava no *Beco das Garrafas* e antes ou depois seus shows, passava na casa de Zélia, que morava ao lado.

O capítulo 3 é denominado “Chão de exílio” e cuida do período de aproximadamente cinco anos no qual a autora viveu exilada com o companheiro Jorge Amado. Este capítulo se subdivide também em duas partes. Na primeira, trata da vida de Zélia em Paris, primeiro lugar onde morou exilada. As dificuldades e as amizades que brotaram deste chão que, a princípio, pode parecer solitário, por se tratar de um exílio, mas é transformado por ela em um chão de afetos. Neste capítulo, Pablo Neruda e Nicolás Guillén são personagens frequentes.

No segundo momento do capítulo, abordo a expulsão da autora da França e sua ida para a Tchecoslováquia, quando passa a viver no *Castelo dos Escritores*, em *Dobris*. Lá, dividindo seu chão com outros exilados, nasce sua filha Paloma, em 1951.

Por fim, o quarto capítulo trabalha o período mais longo de permanência da autora, nomeado nesta tese de “Chão de casa”, que cuida do período vivido por Zélia em Salvador. Ela e o marido decidem ir morar na Bahia e se mudam para lá em 1963. Contando as histórias que se passaram lá na *Casa do Rio Vermelho*, a autora traz a casa como personagem e as amizades como anfitriãs. A religiosidade e a cultura da época também estão fortemente presentes neste capítulo.

Destaco que nem toda a vida da autora foi contemplada em suas obras memorialistas. O período em que saiu da casa dos pais e foi morar na casa da irmã, saindo de lá para se casar, bem como o tempo de convivência com seu primeiro marido não foram registrados pela autora: “[...] possuo a qualidade – ou será defeito? – de esquecer por completo o nome de quem me ofende, me agride” (Gattai, 1999, p. 18).

A relação com seu primeiro filho, Luiz Carlos Veiga, que foi impedido pelo pai de seguir a vida sob a guarda da mãe, segundo sua filha Paloma Amado

(2022)<sup>2</sup>, também foi pouco abordada pela autora. Momentos difíceis, de muita dor, ela certamente preferiu deixar no esquecimento.

Sempre gostei de contar histórias pros meus filhos e depois aos meus netos. Eu os divertia inventando patacoadas, como também me divertia interpretando-as [...] Era um divertimento geral. Agora já não tenho a quem contar, meus filhos cresceram, meus netos já são adultos, só me resta escrever.

Faz vinte e dois anos – lembro-me bem, pois escrevia na ocasião o meu primeiro livro, *Anarquistas Graças a Deus* –, marinha de primeira viagem, passei a viver a maior das emoções diante do novo mundo que se abria para mim. Nunca pensara em escrever um livro e, no entanto, lá estava, debruçada sobre a máquina, quase afogada em recordações, resgatando infância, família, amigos [...] (Gattai, 2001, p. 39).

Selecionando o que de suas memórias seria eternizado em sua literatura, Zélia Gattai constitui o que Beatriz Sarlo (2007a) chamou de “guinada subjetiva”. Sarlo (2007a, p. 19) afirma que: “A história oral e o testemunho reconstituíram, nas décadas de 1960 e 1970, a confiança na primeira pessoa que narra a sua vida para conservar a lembrança ou para reparar uma identidade machucada”.

Estimulada por sua filha a colocar suas histórias no papel, Zélia Gattai inicia a sua carreira literária em 1979, aos 63 anos de idade:

Por que, mãe, você não escreve as histórias da tua infância? Até me assustei: – Por que não sei escrever, minha filha – respondi – Está brincando comigo, menina? O escritor da casa é o teu pai e já estamos bem servidos. – Não estou brincando, não, mãe, você acha que não sabe escrever porque nunca tentou [...] Você conta histórias tão bem [...] Escreva a história da Serenata de Schubert, tão divertida. A semente estava atirada, a conversa com Paloma não me saía da cabeça, bulira comigo e, num belo dia, sem ter o que fazer [...] resolvi escrever a historinha que Paloma me pedira. Fiz os cálculos, em três ou quatro laudas, liquido o assunto [...] (Gattai, 1999, p. 184).

De lá para cá, foram onze livros memorialistas, um romance, três livros infantis e uma obra adaptada para novela, além da eleição para a Academia Brasileira de Letras.

Trata-se de uma escrita de seu cotidiano, cotidiano este permeado por muita gente. Muitas pessoas conhecidas da arte, da política, da cultura brasileira e internacional que, de suas vidas, ficamos conhecendo o que suas obras não nos contam. Além destes, têm-se muitos desconhecidos que ganham estrelato na obra de Gattai, tornando-se personagens interessantíssimos, que, traduzem a escrita afetiva da autora, capaz de capturar o sensível em cada um. A autora vai tecendo

---

<sup>2</sup> Paloma Amado é filha de Zélia Gattai e concedeu a mim uma longa entrevista na *Casa do Rio Vermelho* em agosto de 2022. Tive o privilégio de ser apresentada à famosa casa de Zélia e Jorge pela filha deles. Paloma me foi apresentada pela escritora Socorro Acioli. Dessa rede de afetos, pude conhecer uma personagem fundamental na obra literária de Zélia, além de claro, uma pessoa absolutamente sensível e generosa. Também tive a alegria de entrevistar João Jorge Amado, o filho do meio de Zélia. Luiz Carlos Veiga, infelizmente, faleceu em 2008, três meses antes de sua mãe.

uma colcha de retalhos de sua vida com histórias suas e dos outros, formando o que Júlio Diniz, orientador desta tese, chamou de “uma literatura coral”.

Como exemplo, tem seu registro de como surgiu o nome de *Gabriela, cravo e canela*:

Eu chegava de visitar Deyse – mulher do deputado Frota Moreira – que dera à luz, tivera uma menina. Jorge quis saber o nome que haviam dado à criança e eu respondi prontamente: Gabriela. “Que nome bonito”, disse ele, “bom para a personagem do livro que vou escrever”. Pôs-se a repetir, o olhar distante: Gabriela, Gabriela Maria, Maria Gabriela, Gabriela de canela, Gabriela cor de canela [...] parou a pensar: “Gabriela cravo e canela. É o título do meu romance”.

Encabulada, ouvia Jorge repetir o nome de que tanto gostara, de trás pra diante, de diante pra trás, tantas vezes Gabriela, sem coragem de dizer que me havia enganado, que a menina de Deyse não era Gabriela, era Sylvia [...] (Gattai, 1992, p. 84).

Essa passagem de Zélia Gattai que atravessa a obra literária de Jorge Amado representa um traço contundente em toda a obra da autora, que é a de contar a sua história a partir das relações, a partir da interação com outras pessoas, e são muitas as que ajudam Gattai a contar sua história de vida.

Sejam “estrelas” ou anônimos, Zélia consegue, por uma forma única de escrita, trazer o cotidiano dividido com ela de pessoas nacional ou mundialmente conhecidas, bem como transformar em relevante e interessante a sua convivência com pessoas desconhecidas, mas que, por via de sua literatura, transformam-se em personagens tão importantes quanto as “estrelas”.

Com uma obra que vai de Pablo Neruda, com quem viveu uma amizade próxima por muitos anos, ao seu jardineiro Zuca, a teia de vozes que compõem a obra de Gattai é tão diversa quanto interessantíssima, trazendo, a cada página, pessoas que não se pensava em encontrar por ali.

A estrela, portanto, que dá título a este trabalho, é uma estrela que passa pela linguagem do afeto, já que rememora a sua mãe, passa também por todos os personagens que a autora registrou, astros que salpicaram de estrelas o chão de Zélia e, com ela palmilharam os lugares por onde viveu ao longo de sua vida.

Ao utilizar o termo “afeto”, refiro-me não somente às relações, mas, principalmente, a uma linguagem do afeto, ou uma linguagem do acolhimento utilizada por Gattai que consta de uma sensibilidade narrativa advinda da sua forma de contar os fatos: mais atenta às sensações e aos sentimentos do que aos acontecimentos; mais atenta aos afetos do que aos fatos. Considero esta característica um dos principais artifícios da literatura de Zélia Gattai.

Recordando coisas esquecidas, desenterrei do passado uma figura e um fato, únicos capazes de explicar as frequentes ressurreições em meus sonhos. A figura de Zina, garota de minha idade [...] Quanto ao fato, para narrá-lo devo antes falar de alguns assuntos e de outras figuras [...] (Gattai, 2005a, p. 54).



Todas as vezes que era escalada para a ida a São Caetano, eu entrava em excitação desde a véspera [...] Neste dia, Remo chegou trazendo a notícia: “Explodi em pranto ao inteirar-me do acontecido: Zina morrerá [...] Pedi que me levassem à casa dela. Mamãe achou que não devia [...] O melhor a fazer era partirmos o quanto antes para São Caetano, eu me distrairia no passeio, não ficaria insistindo para ir ao velório da menina [...] Quase a hora de partir (já de São Caetano) mamãe confirmou a minha suspeita, que eu ficaria em São Caetano. Ela iria ao enterro com papai e as meninas mais velhas [...]

— Não fico, não fico!

Mamãe [...] não voltou atrás [...] Fiquei em São Caetano [...]

Tempos depois, um ano, talvez, faleceu [...] tio de Zina. Foi comprado então pela família um jazigo perpétuo. Na remoção dos restos mortais da menina para a nova sepultura, verificaram que os ossos de seus joelhos estavam [...] tocando a tampa do caixão [...] as duas mãozinhas abertas para o alto, em atitude de voltar a tampa para abri-la [...] Tudo isso eu ouvi de conversa à meia voz [...] Devia ter sido acometida de um ataque de catalepsia [...] Essa revelação me atordoou [...] Se eu tivesse ido ao velório, poderia ter descoberto tudo [...] Teria segurado suas mãos, teria beijado seu rosto. Todas essas desesperadoras reflexões ficaram escondidas em meu pequeno coração, extravasaram certamente em sonhos (Gattai, 2005a, p. 60).

Ao contar as histórias de sua infância, o que ela faz em seu primeiro livro *Anarquistas graças a Deus*, ela percorre desde o crescimento da cidade de São Paulo, com suas ruas iluminadas por lâmpões a gás, da chegada dos primeiros carros à capital, contudo, Zélia não pretendeu narrar somente memórias que dissessem respeito a todos, memórias que poderiam ser tratadas em terceira pessoa, com algum distanciamento. Ela opta por palmilhar seu caminhar literário colocando literalidade em memórias ordinárias através de uma linguagem afetuosa.

A linguagem afetuosa que proponho acerca da escrita literária de Zélia Gattai encontra respaldo teórico na Escrita Feminina, que, sobretudo, define o lugar de onde parte o olhar da mulher para o mundo, o olhar de dentro de casa: “A nós, sabemos, fora relegado o anonimato, o silêncio, a conquista de dentro de casa, os limites das paredes do ‘lar’, o amor materno e a dedicação à preservação da família” (Nye, 1995).

Na Escrita Feminina, e às mulheres propriamente, a opressão acontece pela própria linguagem, são adjetivos eminentemente atribuídos ao feminino, que nos fragilizam, tais como: “bela”, “perfumada”, “suave”, “neutra”. São uma forma de ideologicamente designar um comportamento e uma fala, bem como uma “escrita permitida” que nos impede de participar com voz ativa em temas destinados aos homens, tais como: economia, políticas, ou seja, temas que nos dizem respeito, mas, para os quais, não podemos, ou não devemos, emitir opiniões. Esse é o sentido que Nye (1995, p. 208), ao citar Kress e Hodge (1979) emprega na passagem: “Como uma escrita prescritiva para a feminilidade, na qual as mulheres não são ativas, mas fracas, obedientes, agradáveis e desveladas”.

Porém, pesquisadoras feministas, como Joan Scott, apostam que inserir as mulheres na história alargariam e redefiniriam as compreensões econômicas e políticas; e que tal metodologia implicaria não somente numa nova história das

mulheres, mas em uma nova história. E alegam que historiadoras e historiadores feministas identificaram as histórias das mulheres, mas narraram-nas em separado da dos homens, não reconhecendo sua participação ativa no curso dessas histórias (Hollanda, 2019).

Contudo, ainda que a linguagem do afeto utilizada por Gattai tenha respaldo em uma forma de narrar atribuída às mulheres, isto é, sensível, acolhedora, doce etc., a autora subverte este lugar e torna o seu ponto de partida da escrita, seus chãos, lugares de atravessamentos, de passagem para narrar a história política e cultural de mais de um século:

A travessia para o porto de Santos foi longa e penosa, contava tio Guerrando, não posso esquecer. Amontoados e tristes como gado a caminho do matadouro, os imigrantes enjoavam nos porões escuros e quentes, ao lado das caldeiras do navio, um verdadeiro inferno [...] (Gattai, 2000, p. 13).

Sua narrativa data da vinda de seus avós para o Brasil – no final do século XIX, trazendo testemunhos das dificuldades e das lutas de imigrantes italianos que colonizaram o Brasil logo após a abolição da escravidão no país.

Um trabalho de revisão literária de uma mulher tão atuante em sua contemporaneidade, certamente nos leva a querer traçar paralelos com os estudos feministas, estudos tão caros a nós, mulheres. Porém, este não foi um tema que tenha preocupado Zélia diretamente. O termo feminismo nem sequer aparece em sua obra.

Da opinião da autora sobre o feminismo, contado por Paloma Amado (2022), sua filha, em entrevista para esta tese, sabe-se que ela detestava o termo feminismo e não se dizia feminista.

Zélia possivelmente tinha uma visão do feminismo que é compartilhada por muitas mulheres, que é a de que o feminismo nos afastaria dos homens. Zélia, declaradamente apaixonada por Jorge Amado, talvez temesse que tais ideias revolucionárias pudessem atrapalhar seu relacionamento. Ou talvez, Zélia Gattai, uma mulher que compartilhava e batalhava pelos ideais da extrema esquerda, seguisse a ideologia do Partido, que não pautava suas diretrizes por questões de gênero, sendo, inclusive, bastante tirano muitas vezes, quando o assunto era a liberdade de seus membros, como no exemplo a seguir:

[...] Vlasta costumava nos visitar de vez em quando [...] sempre animada e esperançosa de conseguir a desejada autorização da direção do Partido – autorização que lhe fora negada – para casar-se com um estrangeiro. Fernando, o noivo, estivera em Praga e nós os vimos juntos, felizes e cheios de planos. Desta vez a moça estava profundamente triste e desanimada [...] Mais uma vez fecharam-

lhe as portas [...] mesmo sendo o candidato dirigente do Partido Comunista brasileiro [...] “Nada de casamento com estrangeiros, nem pense em sair do país [...]” Assim responderam à sua insistência.

O caso de amor entre Vlasta e Fernando, impedidos de se casar, não era o primeiro exemplo de dogmatismo inumano que nos era dado testemunhar [...] Parece mentira, mas era assim mesmo (Gattai, 1982, p. 221).

O feminismo, portanto, não será o tema central deste trabalho, pois não foi um tema na obra literária de Zélia Gattai, objeto principal deste estudo. Porém, a leitura contemporânea da obra da autora nos permitiu fazer algumas atualizações de suas falas e de seus relatos, confrontando com o pensamento feminista, dado que esta tese foi escrita por uma mulher feminista.

Penso que Zélia, com ou sem intenção, protagonizou momentos nos quais foi bastante feminista, priorizou-se muitas vezes frente a cultura machista que tentou lhe cercear liberdades, quando, desquitou-se de seu primeiro marido e optou por seguir a vida com Jorge Amado, ainda que tivesse que renunciar à guarda do filho que teve em seu primeiro casamento. Contudo, Zélia, muitas vezes, foi vítima desse machismo, quando, por exemplo, seu pai lhe impediu de seguir com seus estudos, como será visto no capítulo 1.

O que nos impede de transformar essa tese em um manifesto feminista a partir de Zélia Gattai, mas que, não nos impede de traçar paralelos entre o feminismo e a autora, é o que torna sua obra literária ainda mais interessante, pois ela não se pretendeu heroína de nada; mas suas escolhas, ora corroborando com o machismo, ora corroborando com o feminismo, tornam-na incapturável, não passível de rótulos, uma mulher com suas contradições, assim como qualquer mulher.

Pode-se dizer que Zélia é um exemplo do que a autora Chimamanda Ngozi Adiche sentencia quanto ao feminismo em seu livro *Sejamos todos feministas* (2015), no qual defende que feminista é aquela mulher, ou homem, que, ao longo de sua vida, vive de modo a batalhar pelo espaço de direito da mulher frente ao que o machismo tenta sempre oprimir, silenciar. Uma mulher, ainda que dona de casa, ainda que mãe, esposa e todos os demais cargos “pertinentes” a uma mulher, pode ser uma feminista e agir de modo que o respeito à mulher e a preservação de seus direitos de equivalência dos sexos sejam defendidos.

O conceito de feminista para Chimamanda, portanto, possibilita que o feminismo em Zélia Gattai seja elucidado não pela citação do tema ou defesa direta do conceito. Mas, sim, por ser, tanto a obra como a pessoa de Zélia, um forte exemplo de como uma mulher sem rótulos pode ser uma importante aliada da causa dos direitos da mulher.

Mesmo assim, por esta tese ser escrita por uma mulher feminista sobre uma outra mulher potente, subverti um costume machista em meu trabalho. As flexões de gênero foram feitas no feminino. Portanto, sempre que me referi às pessoas que leem a obra de Gattai, o fiz no feminino. Os homens fiquem à vontade para se enquadrarem neste lugar que a nós geralmente é negado.

Portanto, a teoria Feminista não se enquadraria neste trabalho, mas, sim, a teoria da Escrita Feminina, já mencionada e a teoria da Escrita Memorialista. Estas sim, são fundamentais para o embasamento desta tese.

O passado é sempre conflituoso. A ele se referem, em concorrência, a memória e a história, porque nem sempre a história consegue acreditar na memória e a memória desconfia de uma reconstituição que não coloque em seu centro o direito à lembrança (Sarlo, 2007a, p. 9).

O conceito de Beatriz Sarlo acerca dos estudos memorialistas e de sua importância para a História fundamentam a escrita de Zélia Gattai quando afirmo que ela é uma escrita também de reparação.

Subversiva desde a infância, Zélia viveu sua vida em luta, num país onde a esquerda sempre foi vista com desconfiança, sinônimo de ameaça aos privilégios que a direita, maior usufruidora do capitalismo, quer manter. A família de Zélia era anarquista, e seu companheiro de vida foi deputado pelo Partido Comunista. Seu pai foi preso e morto, e seu companheiro, exilado pela Ditadura Vargas. Seu filho foi espancado pela polícia da Ditadura Militar.

Portanto, sua literatura é um ruído na História que foi repassada nos livros escolares, por exemplo, de que a esquerda no Brasil era sinônimo de perigo. Sua literatura é também incômoda para uma História que insiste em silenciar os do “Golpe de 64”, a ponto de, recentemente, em 2023, ver o que se viu no histórico e simbólico 8 de janeiro.

Sua obra memorialista é, portanto, uma forma de ativar o passado a partir do presente, já que “Os [...] silêncios da história são reveladores dos mecanismos de manipulação da memória coletiva” (Le Goff, 1990, p. 424). A obra da autora é também uma literatura marginal, que fala a partir do silenciado, do subalterno que não pode falar, do que tratou Gayatri Spivak, em 1985. Ler Zélia Gattai é contar a história a contrapelo. É, com olhar atento para o contemporâneo, buscar compreender os caminhos que nos levaram até aqui.

Mia Couto, em uma aula inaugural na PUC-Rio, realizada no dia 28 de março de 2023, falou que é preciso “construir um lugar de enunciação a partir de dentro”. Parto dessa afirmação para expor mais um conceito criado neste trabalho: Zélia

Gattai foi uma “Intellectual Empírica”. E, como uma intelectual empírica, pretende-se definir alguém que não propôs ela mesma promover uma discussão em sua obra literária, na qual se pudesse refletir, julgar erros e acertos, condenar desafetos, nem mesmo propor alguma autorreflexão acerca de suas escolhas.

Contudo, não foi sem intenção que Zélia Gattai se autoarquivou. Como teorizou Philippe Artières:

Arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência.

Numa autobiografia, a prática mais acabada desse arquivamento, não só escolhemos alguns acontecimentos, como os ordenamos numa narrativa; a escolha e a classificação dos acontecimentos determinam o sentido que desejamos dar às nossas vidas (Artières, 1998, p. 11).

A literatura memorialista e, de certa forma, autobiográfica de Gattai, é uma escrita indiciária. Seguindo a teoria de Ginzburg (1992), que propôs em suas leituras e observações de fatos históricos buscar os indícios, os vestígios que muitas vezes passam despercebidos, mas que, interpretados, são de grande importância. Considero a obra de Gattai uma fonte de indícios, de discussões pontuadas por ela, que precisam ser recontextualizadas e interpretadas a partir do presente.

Zélia não se propôs uma pensadora de seu tempo, porém, ao selecionar as memórias que colocaria em sua obra, a autora sabia da importância histórica, política e cultural que contextualizou a sua vida e permitiu que pesquisadoras pudessem, a partir do que ela enunciou, elaborar pensamentos que reescrevessem o passado.

Em sua obra, Zélia explica, por exemplo, o fundamento do anarquismo que pautou ideologicamente sua criação. Longe de ser uma palavra pejorativa de desordem, Gattai define o termo em sua essência, reparando uma injustiça, em uma “prática de construção de si mesmo e de resistência”, do que falou Artières.

Portanto, a intelectualidade de Gattai não está em refletir profundamente sobre os temas narrados, mas em perceber que suas vivências, seu empirismo, foram de grande importância para a memória de um país como o Brasil, que insiste em apagar suas memórias, vide a anistia ampla e irrestrita referente à Ditadura Militar.

[...] caso minhas histórias seguissem uma linha cronológica. Só que esta linha não existe, escrevo por linhas tortas. Não consigo encarregar fatos um atrás do outro no correr do calendário. Embalo-me ao sabor das lembranças à medida que elas me vêm à memória [...] (Gattai, 1992, p. 156).

Encaminhando-me para o final desta introdução, valho-me das lembranças de Zélia para mencionar o que de curioso e interessante ainda tenho a dizer sobre sua obra.

Como pesquisadora da obra memorialística de Zélia Gattai, peço licença, assim como ela o faz muitas vezes em sua escrita, para uma consideração bastante pessoal, mesmo sabendo que não caberia nesta tese. Porém, é impossível estudar a literatura de Gattai, uma escrita que narra a partir do afeto, e não conhecer pessoas, estrelas ou não, pela via da amizade. Sentimento este tão cultuado e citado por Zélia.

É assim com Pablo Neruda, autor mundialmente famoso, a quem conheço muito mais como o compadre de Zélia do que como poeta – e isso não desmerece em nada o meu respeito e admiração pela sua escrita<sup>3</sup>. É assim também com Anna Seghers, que nada conheço de sua literatura, mas sei – e narrei nesta tese – do quanto se entusiasmava com os fatos corriqueiros da vida, como da inauguração de uma sorveteria no Rio de Janeiro.

Assim também se deu com Nicolás Guillén, com Misette Nadreu, a babá francesa de João Jorge que se tornou amiga para sempre da família, vindo morar no Brasil para ficar perto dos Gattai-Amado. Também aconteceu com Monika, a sobrevivente do campo de concentração, e muitas outras personagens da literatura de Gattai, as quais fui conhecendo por uma minibiografia de cada um, traçada pelo olhar afetivo de Zélia.

Esta tese objetiva uma definição intelectual da mulher Zélia Gattai edificada pelo estudo de suas memórias. Essa construção se deu principalmente pela “costura” dos relatos de suas memórias, portanto, a partir de Zélia Gattai, mas com aportes de seus filhos Paloma e João Jorge.

O recorte dado a esta tese evidencia o que de mais latente considero na obra da autora, que é o percurso histórico, político, social e cultural de quase um século a partir de uma pessoa que vivenciou muito dos episódios que marcaram o século passado.

Porém, não é possível dissociar a escrita de Gattai do fato de ter sido uma mulher a vivenciar tudo isso: uma mulher-esposa, mulher-mãe, mulher-militante, mulher-desquitada, mulher que viaja, mulher exilada, mulher de esquerda [...]. Enfim, ser mulher muda radicalmente o curso da história de um ser humano, ainda mais quando este ser tem uma opção política e ideológica antissistema.

---

<sup>3</sup> Considera-se importante destacar que o Pablo Neruda amplamente mencionado nesta tese é o Pablo amigo de Gattai. Não será questionada aqui a sua conduta – condenável – com mulheres no passado, inclusive a menção por ele próprio em *Confesso que vivi* a um estupro. O tema é bastante importante, mas não cabe no escopo desta tese. Isento-me de fazer julgamentos neste momento para ser fiel à obra de Zélia Gattai.

Escrever uma tese sobre uma mulher, nos obriga a um grande esforço que é o de nos destituirmos do machismo estrutural que incide sobre nós mulheres, seja em que época for. Um esforço de valorização da mulher, contudo, sem mitificá-la, sem pretendê-la heroína de nada, sem julgá-la, mas enaltecendo o que de relevante esta mulher tem que deva ser perpetuado. Toda mulher, de alguma forma, tem uma luta pelo simples fato de ser mulher. Gattai teve as suas, bem como suas conquistas, mas, sobretudo, uma existência tão rica que se torna parte da existência de todos nós.

Pedindo desculpas a Jorge, abdiquei de meu nome de casada, nome que tanto prezo, assinando o livro com o de solteira. Não quis andar de muletas escorada por tão famoso marido. Se o livro agradar, pensei, que tenha sucesso pelo que ele valha, não por outro motivo qualquer (Gattai, 2002a).

# 1 Chão de infância

Infância feliz: A imaginação voando solta, transformando tudo em festa, nenhuma barreira a impedir meus sonhos, o riso aberto e franco. Os divertimentos, como já disse, eram poucos, porém suficientes para encher o nosso mundo.

Zélia Gattai

O trecho acima é uma reflexão de Zélia sobre a sua infância. Cercada de parentes, amigos e muitos outros personagens que são apresentados na sua obra, a menina, nascida e criada em São Paulo, em um casarão antigo da Alameda Santos, volta pela memória a este “lugar” e, de lá, vai tecendo com retalhos do vivido a sua colcha para a leitora<sup>4</sup>.

O capítulo intitulado “Chão de infância” traz o “chão” da memória de quando Zélia Gattai era menina. Aborda o quanto o fato de ser mulher definiu suas vivências, bem como perpassa pelo lugar da infância, o das primeiras influências, da formação e dos primeiros relatos do que viriam a ser a vida e a obra de Zélia Gattai.

A infância e a adolescência da autora foram amplamente rememoradas em *Anarquistas, graças a Deus* (1979), seu primeiro livro de memórias, em que apresenta seus pais, irmãos, suas queridas irmãs - parceiras da vida inteira - avós, amigos, conhecidos e personalidades com as quais conviveu neste período.

Através de relatos de fatos corriqueiros, contextualizados no Brasil, mais especificamente na São Paulo do início do século XX, a narrativa traz um Brasil com uma versão duplamente subversiva: primeiro porque é contada por uma mulher, o que não é comum aos que têm o poder da caneta na mão, o poder dos arcontes que contam a história hegemônica, conforme nos alertou Jacques Derrida em *O mal de arquivo* (2001). Segundo, porque trata-se de uma mulher com ideais anarquistas, o que caracteriza ainda mais a subversão e permite que se anteveja a dificuldade de se estar desse lado da história.

Este capítulo também traz histórias de antes, de um “chão imigrante”, um “chão desterrado”, lugar dos antepassados de Zélia Gattai, um chão que navega

---

<sup>4</sup> Na dúvida de como generalizar os gêneros nesta tese, por achar que ficaria cansativo colocar, neste caso, por exemplo, “o leitor e a leitora”; e por se tratar de uma tese sobre uma mulher, escrita por outra mulher, tomo a liberdade para, sempre que possível, generalizar no gênero feminino.



da Itália ao Brasil trazendo nele a história, as lutas políticas, a cultura, as ideologias e as crenças dos que decidem partir e se fixar em outros chãos.

Com uma narrativa de relatos que datam do final do século XIX, Zélia conta da travessia de suas famílias Gattai e Da Col – paterna e materna, respectivamente – no navio *Città di Roma*, que dá nome ao seu oitavo livro memorialista.

Serão, portanto, esses dois livros contemplados no primeiro capítulo da tese, dos quais foram extraídos alguns temas considerados definidores para a formação da personalidade da autora: as influências políticas por seu pai e sua mãe; traços dos costumes dos pais, que se perpetuam em Zélia, também nas futuras obras; algumas denúncias sociais importantes que ficam latentes em sua escrita; personagens que reforçam tais denúncias e ideologias políticas.

O capítulo traz também traços da época, como cultura e urbanização da cidade de São Paulo, pois permite que seja acompanhada a evolução da maior metrópole do Brasil. Por fim, há fatos que traumatizaram a família de Zélia e que estiveram acompanhando-a por toda a vida.

Aos oitenta e três anos, dona de uma imensa experiência de vida, de alegrias e tristezas, sucessos e decepções, chego a uma conclusão: só morrem, desaparecem de vez, as pessoas que não foram amadas, pessoas que, por terem sido más, não deixam saudades na terra, não são lembradas. Dessas, mesmo em vida, esqueço seus nomes. (Gattai, 2000, p. 171).

A citação acima aparece no final do livro *Città di Roma* (2000). Em um exemplo bem evidente de como se configura uma literatura de memórias, com esquecimentos, edições e apagamentos, mas também lembranças factuais e afetivas, a obra traz memórias que vêm de longe, de bem antes de Zélia nascer, memórias que são histórias de família, contadas por avós, pais e tios e capturadas pelo olhar atento, sensível e “atrevido” (característica atribuída a ela por dona Angelina, sua mãe) da criança que fora Gattai e eternizada já na velhice.

No correr de sua pena, Zélia Gattai perpassa por uma infância vivida quando ainda os carros não haviam chegado ao Brasil. Anda por uma São Paulo quando os cortejos fúnebres provocavam curiosidade dos moradores das casas e passavam pela alameda Santos para que os dejetos dos cavalos, numa cidade que se locomovia de carroças, não sujasse a avenida Paulista. Caminha por fases importantes da história e da política nacional à medida que vai apresentando seus personagens em uma literatura coral, polifônica. São histórias contadas por ela e por outros, já que a escrita de Zélia também se faz palco para muitas vozes.

Em um trânsito subjetivo, ela parte de uma observação de dentro de casa,

das pessoas e dos acontecimentos que a cercavam, e que desliza para o lado de fora, já que Zélia subverte o lugar que estaria destinado à mulher – o espaço interno – e relata o contexto ora de uma forma crítica, muitas vezes denunciativa, geralmente mais focada em narrar o de dentro, contudo, não sem deixar indícios para que a leitora questione o que precisa ser problematizado.

Uma leitura atenta para os vestígios deixados nas entrelinhas da obra de Zélia Gattai permite lançar um holofote sobre questões ainda pouco compreendidas, ou mesmo escamoteadas de alguma forma, seja pela Escrita Feminina que, sabemos, é também uma escrita de silenciamento, seja por Gattai ter escolhido a literatura memorialista como forma narrativa, sendo esta considerada uma literatura menor, ou subgênero, já que trafega entre a literatura e a história. Joaquim Alves Aguiar (1998) afirma que o transitar memorialístico entre fatos lembrados e a condição de ficcionalização da memória não é bem-aceito nem por historiadores, nem por romancistas. Os primeiros consideram que o subjetivismo das impressões prejudica os fatos narrados. Já no campo da crítica literária, a adesão ao retrato pode empobrecer a obra ficcional.

Contudo, essas duas características teóricas – a Escrita Feminina e a literatura memorialista – juntas, potencializam a compreensão da escrita de Gattai, quando materializam um relato no qual pessoas e contextos ultrapassam a “escrita do eu” e se mostram parte integrante da história, da política, da cultura e da sociedade brasileira. Esta análise se faz relevante em um contexto de resgate de um apagamento de memória, prática comum no Brasil.

Neste capítulo, buscou-se iluminar caminhos a partir do “chão” das memórias da infância, esse lugar ainda de pouca autonomia e onde começa a se formar a personalidade a partir das influências familiares.

Tia Hiena estaria festejando cento e onze anos de idade, não tivesse morrido aos dois.

Passei a infância e a adolescência ouvindo a família – mamãe, mais do que todos – lamentar o triste fim da menina, a mais nova dos quatro irmãos de seu marido, nascidos na Itália (Gattai, 2000, p. 7).

Marcando o traço característico da Escrita Feminina que percorrerá toda a sua obra, Zélia inicia o livro com um fato bastante familiar, a história de sua tia Hiena, mas que ilustra o que de importante ela teria a dizer: a imigração de italianos para o Brasil no final do século XIX, que viriam a compor parte de nossa sociedade e da cultura, principalmente em São Paulo.

Pela lembrança da fala de seu tio mais velho - Guerrando - logo, o que mais se lembrava da viagem, ela traz a angústia vivida por seus familiares:

[...] A viagem parecia não ter fim e, com tanto sofrimento, o leite de mamãe acabou secando. Minha irmãzinha não estava acostumada a outros alimentos, mas foi obrigada a comer o que todos comiam [...] O resultado, como vocês podem imaginar, foi desastroso. Deu uma disenteria daquelas na menina [...] Mamãe ficou desesperada [...] repetia: Se minha filha morrer, eu morro com ela, me atiro no mar [...] (Gattai, 2000, p. 14).

O que motivara a família *Gattai* a deixar a Itália em uma aventura tão incerta no Brasil foi um sonho político, uma utopia talvez, que era a fundação de uma colônia socialista, a Colônia Cecília. A autora traz o fato, mas, antes, ambienta a leitora no “chão” da casa da Alameda Santos, enaltecendo a importância do relato pelo interesse dos presentes, inclusive o dela, marcando a característica feminina de um olhar voltado para dentro de casa:

Embalado com o interesse da filha caçula pelo passado da família, papai resolveu contar mais uma vez a história de como os Gattai tinham vindo parar no Brasil. Já a havia contado repetidas vezes, mas, para mim, seria a primeira. À medida em que falava, outros ouvintes iam se aproximando. Até Remo desistiu de um encontro, interessado na narrativa. Nonno Eugênio, que habitualmente “dormia com as galinhas” esta noite deitou-se mais tarde [...] (Gattai, 1986, p. 150).

Após essa ambientação no “chão de casa”, ela conta a história da travessia que definiu o destino de sua família.

Segundo Zélia, a história da vinda da família Gattai começara dois anos antes de embarcarem. O avô lera um livreto de Giovani Rossi e entusiasmara-se com a proposta de fundação de uma Colônia Socialista Experimental num país da América Latina. Para Francisco Arnaldo Gattai, “nonno Gattai”, isso representava o sonho de viver numa sociedade sem leis, sem religião, sem propriedade privada e com direitos iguais para homens e mulheres.

Conta que Giovanni Rossi – cujo pseudônimo era Cárdias – por via da amizade que tinha com Carlos Gomes, o maior compositor de ópera brasileiro –, conseguiu entregar uma carta a Dom Pedro II, que gostou muito de suas ideias e ofereceu-lhe as terras para a colônia experimental. Este relato, descrito com muito mais detalhes pela autora, aponta uma característica relevante em toda a obra de Zélia, e é um dos temas abordados nesta tese: a presença do outro, contextualizando e enriquecendo a narrativa.

Tudo acertado, a doação das terras já feitas, Cárdias [começou] [...] o recrutamento [...] Frisava bem que aquela era uma aventura somente para idealistas endurecidos na luta [...] Entre os primeiros que se apresentaram, Francisco Arnaldo Gattai, meu avô [...] (Gattai, 1986, p. 153).

Zélia diz que a avó Argia fora consultada pelo marido sobre o risco de viajar com cinco crianças, incluindo uma recém-nascida, Hiena. “Minha avó não era mulher de recuar [...] Aos trinta anos, carregada de filhos, não teve medo de enfrentar o desconhecido” (Gattai, 1986, p. 154).

Não apenas a dificuldade da viagem com uma criança de colo preocupava, o contexto político-histórico do final do século XIX também era fonte de grande aflição: com a abolição da escravatura ainda bem recente, bem como a deportação de Dom Pedro II, o futuro da Colônia era incerto, mas, mesmo assim partiram para o Brasil. Pelas memórias das palavras do tio, Zélia vai trazendo os bastidores desse acontecimento único na nossa história:

O regime político no Brasil havia mudado. Pedro II fora deposto e instalada a república, a 15 de novembro. Toda essa mudança acontecera três meses antes do embarque do grupo. A doação das terras no Paraná, feita pelo imperador, não havia dúvida, tornara-se um dito por não dito. Assim mesmo, sem temer consequências, os pioneiros da Colônia Cecília arriscaram. Fariam tanta coisa boa que tudo acabaria dando certo, os republicanos lhes dariam boas condições de vida, pediriam que continuassem [...] Eram uns otimistas, mais do que uns utopistas, afirmava tio Guerrando (Gattai, 2000, p. 17).

Com um fato tanto pessoal quanto histórico e político da história do Brasil, Gattai apresenta o bastidor de como se sentiam e o que enfrentavam os imigrantes italianos do final do século XIX. A realidade trazida por Gattai não parece ser muito diferente das travessias e das imigrações vistas hoje no mundo: refugiados sírios, ucranianos etc., fugitivos de guerras, migrando em busca de vida melhor, vida, contudo, também difícil.

A família Gattai preparava-se para uma longa viagem. O passaporte familiar estava pronto. Pai: Francisco Arnaldo Gattai; mãe: Argia Fagnoni Gattai; filhos: Guerrando, dez anos; Rina, oito anos; Aurélio, seis anos; Ernesto, quatro anos; Hiena, dois anos.

Engajados a um grupo de cerca de 150 pessoas, homens das mais diversas condições sociais e profissionais, verdadeiros heróis empunhando a chama revolucionária, que partiam para fundar uma colônia experimental socialista no Brasil, a Colônia Cecília, em terras do Paraná doadas pelo imperador Pedro II: nessa leva, partiu a família Gattai, em fevereiro de 1890” (Gattai, 2000, p. 10).

A Colônia Cecília foi uma tentativa frustrada de se implantar o socialismo ou mesmo o anarquismo no Brasil. No grande relato transcrito, Zélia traz parte da formação da sociedade brasileira, bem como as sensações e as emoções sentidas pelos que se arriscavam na travessia:

A travessia [...] era penosa [...] A gente ia aguentando sem reclamar. Todo mundo tinha um medo terrível de ficar doente e acabar morrendo em alto-mar.

[...]

Vocês sabiam, não é?, explicava titio, nos navios daquela época não havia frigorífico para conservar os cadáveres, e os corpos de quem morresse durante a travessia eram jogados em alto mar”.

[...]

Um dia, contava meu tio, eu saí atrás de meus irmãozinhos, Aurélio e Ernesto, teu pai, terrível como você, me disse rindo [...] Procurava os dois na maior aflição [...] Lembrei de entrar no depósito de bagagens. Sabem quem encontrei lá? Meu pai. O nonno estava sentado em cima de um baú, ali escondido, chorando [...] Nunca pensei que meu pai soubesse chorar [...]”.

[...]

Felizmente estávamos chegando ao porto de Santos, ainda um dia de viagem, e minha irmãzinha não iria acabar na boca dos peixes, nem ela nem a mamma (Gattai, 2000, p. 13-15).

Diante de um relato assim, vê-se que é impossível falar de um único povo brasileiro, uma única nação, uma cultura e de toda sorte de homogeneidade que se deseja dar, principalmente por governos autoritários. Quando se olha para as manifestações da cultura italiana, principalmente em São Paulo, ou da cultura alemã no sul do país, ou mesmo as tradições judaicas e, mais consistente ainda, a religiosidade e a cultura negra, vemos que o que se preserva através de sabores, danças, dialetos, dentre outras manifestações é também a memória de muitas lutas, de muitas dificuldades dos que primeiro chegaram. Como brasileiros, filhos seja lá de quem somos, seremos mais fiéis a nós mesmos quanto mais soubermos identificar e respeitar as múltiplas tradições.

Com relatos de histórias suas e dos outros, caracterizando uma grande roda de conversa, os cômodos da casa da infância vão se abrindo e vamos conhecendo seus moradores. Histórias se entrelaçam e diversas vozes se amplificam.

O trecho abaixo traz dona Angelina, a quem Zélia especifica, já que o diálogo está bem no início da obra e ela parece estar situando o leitor nesta afetiva e enorme árvore genealógica. Dona Angelina tece um comentário sobre o sogro e, por ele, vê-se que o *nonno* fora uma forte influência política e ideológica para a família toda. São camadas de memórias que se dobram umas sobre as outras e desembocam no “corpo-chão” de Gattai, compondo o seu chão de infância:

Dona Angelina, minha mãe, costumava dizer: O avô de vocês, o nonno Gattai, era um homem destemido. **Livre-pensador de ideias avançadas**, dizia o que pensava, fazia o que achava justo e direito. Passava por maus pedaços devido às suas ideias, mas não recuava. Era um “testardo” (teimoso), um obstinado, concluía (Gattai, 2000, p. 8, grifo nosso).

Já o relato sobre a avó deixa transparecer claramente o machismo da época,

a condição da mulher, que outras vezes aparece nos textos de Gattai, mas sem que ela problematize o tema. Ela apenas o denuncia:

Nonna Argia, em vez, era uma santa. Concordava com tudo o que o marido dizia e fazia, nunca reclamava. “Uma boboca”, ouvi certa vez Wanda murmurar entre os dentes para não ser ouvida pela mãe. Casou-se cedo e ao completar trinta anos teve seu quinto filho, uma menina [...] (Gattai, 2000, p. 8).

Pela fala de Wanda, Zélia deixa transparecer uma crítica ao comportamento apresentado pela avó – não necessariamente apenas dela, mas o das mulheres à época - o mesmo de resignação e subserviência que traz quando do relato da vinda dos imigrantes desde a Itália ao Brasil:

Esses homens iam cheios de entusiasmo e esperança, dispostos a reformar o mundo, começando pelo Brasil. As mulheres, ao contrário dos maridos, partiam resignadas, cheias de dúvidas, mortas de preocupação (Gattai, 2000, p. 10).

Este relato da percepção de uma mulher sobre a angústia de outra, remeteu-me ao conto de Nérida Piñon, “*I love my husband*”, no qual traz, de forma romanceada e crítica, a devoção que as mulheres deviam ter por seus maridos.

Ele diz que sou exigente, fico em casa lavando a louça, fazendo compras, e ainda por cima reclamo da vida. Enquanto ele constrói o seu mundo [...] os amigos o cumprimentam pelo esforço de criar olarias de barro, todas sólidas e visíveis. A mim também me saúdam por alimentar um homem [...] (que) faz o país progredir. E é por isto que sou a sombra do homem que todos dizem pra eu amar (Piñon, 2016).

A mulher que fica em casa e que cuida das obrigações da casa – filhos, marido – mas, principalmente, a mulher que tem o olhar para o mundo a partir de dentro da própria casa. Muitas vezes, um olhar de vontade, desejo de galgar outros chãos. Um olhar que faz de sua escrita algo bem diferente da narrada por um homem. “Os escritos de uma mulher são sempre femininos [...] a única dificuldade é definir o que entendemos por feminino” (Wolf, 1929 *apud* Showalter, 2019).

Pois esse espaço simbólico que foi a casa, abrigo do mundo desconhecido e tido como impróprio para as mulheres, tornou-se o território feminino. Contudo, muito mais do que abrigada, ou protegida, dentro de casa a mulher estava cerceada, privada de viver livremente. A casa também era o lugar da opressão e do cerceamento de um devir mulher.

Em uma passagem sobre a mãe, dona Angelina, Zélia evidencia esse lugar da mulher dentro de casa, bem como o seu próprio olhar a partir de um hábito

bastante caseiro. Seu relato deixa um indício de um machismo frustrante para tantas mulheres:

Guardo ainda na boca o sabor da comida vêneta preparada por tia Margarida. Ai que bom, se mamãe soubesse cozinhar como ela! Nem como tia Margarida, nem como ninguém [...] Ela simplesmente não sabia cozinhar, não nascera para isso. Desse a ela um bom livro de poesia ou um romance ela ficaria feliz da vida, esqueceria o resto. **Eu costume dizer que mamãe foi uma intelectual frustrada pelas vicissitudes da vida** (Gattai, 2000, p. 36, grifo nosso).

A inferência de Zélia sobre sua mãe, é justamente que faço sobre a própria autora: a de que Gattai foi uma intelectual e talvez nem ela mesma tenha reconhecido isso. Uma intelectual empírica, uma intelectualidade muito particular, própria da escrita memorialista de Zélia Gattai: a que seleciona os fatos narrados de modo a construir um caminho de reflexão sobre os temas abordados. Se esse ato não foi completamente intencional, ele permitiu que fosse feita esta “descoberta” nesta tese sobre a sua escrita.

“Não perco a mania de interromper minhas histórias com detalhes que não têm nada a ver com o pato” (Gattai, 2000, p. 126). A primeira impressão a que chego ao escrever esta tese é a de que, ao escrever sobre escrita memorialista, esta que passeia ao sabor anacrônico das lembranças, dou-me conta de que o narrar também segue o mesmo modelo, outros assuntos se sobrepõem ao primeiro. Volto, portanto, ao tema da travessia.

Como se não bastasse o cartaz que tia Hiena me dava, eu tinha ainda outro trunfo [...] Atirava nas fuças de qualquer uma, na maior vaidade, Carolina, ainda uma tia de dois anos [...] Irmã mais nova de mamãe, também teria hoje cento e tantos anos, não tivesse morrido aos dois e também escapado por pouco de ser atirada ao mar (Gattai, 2000, p. 20).

Narrando, pois, a partir daquele ponto da infância, rememorando possivelmente a sensação da época e falando com ares da criança que fora, Gattai traz outra versão da mesma travessia e outro fato importante da formação do povo brasileiro, o imigrante que veio em busca de melhoria de vida – que foram tantos – mas que, ao chegarem, se depararam com uma tentativa de substituição da mão de obra escravizada – recém-abolida. O relato que Zélia traz de seu “nonno Eugênio”, pai de dona Angelina:

Nonno Eugênio disse uma vez que as histórias de nossas famílias, a Gattai e a Da Col, eram parecidas, mas completamente diferentes. Todo mundo riu, caiu em cima dele: Como pode ser uma coisa dessas, nonno? Parecidas, mas completamente diferentes?

E ele explicou muito bem:

*Somos, nós e eles, italianos, não somos? Só que eles são toscanos e nós vênnetos. Muito diferentes, não é? Eles eram anarquistas e nós católicos. Mais diferentes, impossível. A viagem deles teve uma finalidade política. Queriam reformar o mundo. A nossa, econômica. Queríamos ganhar dinheiro. Nem eles reformaram o mundo, nem nós ganhamos dinheiro. Viajamos no mesmo navio, o “Città di Roma”. Tínhamos cinco filhos, eles também tinham cinco filhos. Nonno Eugênio fez uma voz embargada, falou: Essa viagem nos roubou uma filha, roubou uma deles também: Hiena e Carolina.*

Essa revelação do vovô nos surpreendeu. Não sabíamos que haviam feito a mesma viagem. Coincidência demais!” (Gattai, 2000, p. 22-23).

A motivação econômica da vinda da família Da Col para o Brasil se deu pela promessa de trabalho em uma fazenda de café no interior de São Paulo. Com a escravização recém-abolida, aliciaram imigrantes que se iludiram com promessa de vida melhor no Brasil. Mulheres e crianças trabalhavam duramente. Certa vez, ao querer mostrar como seria punido quem não trabalhasse corretamente, o capataz da fazenda onde fora morar a família de *nonno Eugênio*, amarrou um negro a uma árvore e iria açoitá-lo para dar de exemplo. Ao ver tamanha agressão, *nonno Eugênio* foi para cima do capataz e tirou-lhe o chicote da mão, e os demais libertaram o homem preso. Dali, foram embora tentar a vida de outra forma.

“Meus pais eram muito chegados a uma reunião política. Seu Ernesto, sempre atento aos avisos nos jornais, em busca de conferência e atos de solidariedade, não perdia um. Arrastava com ele a filharada toda” (Gattai, 1986, p. 169).

A influência dos pais na formação política da autora é facilmente identificada na infância. Acompanhava os pais em reuniões e palestras anarquistas, de onde ela traz lembranças desde as que pareciam brincadeiras, como quando vendia jornalzinho anarquista nas reuniões das classes laboriosas, até quando lia com as irmãs os “livros proibidos” da mãe, como os de Vitor Hugo, Bakunin e Kropotskin.

Você é a minha esperança (disse seu Ernesto para Zélia), eu acredito em você, mas, minha filha, você ainda tem muito o que aprender. Os outros teus irmãos não se interessam por assuntos políticos. Fez uma pausa: Talvez a Wanda, minha filha tão inteligente, só que ela se casou [...] Pela primeira vez, papai falava assim comigo, de “homem pra homem”. Fiquei emocionada (Gattai, 2000, p. 162).

Interessante o pai constatar que o casamento de Wanda foi um atraso político na vida da filha, pois seu Ernesto, apesar de mais liberal do que muitos em sua época, com pensamentos liberais e progressistas, era machista e pensava que a mulher não precisava de muito estudo: seu objetivo era conseguir um “bom casamento”, isto é, um marido que a sustentasse, a quem ela deveria servir.



Firme nas suas convicções políticas, seu Ernesto não era sectário. Convicto de seus princípios, ele não chegava a ser dogmático. Às vezes gozador e irônico, não deixava, no entanto, de ser tolerante, compreensivo, aceitava as pessoas como elas eram, sem restrições. Por isso, mantinha amizade com pessoas de todas as camadas sociais, credos políticos e religiosos [...] Para seu Ernesto, o caráter das pessoas era o que importava [...] (Gattai, 2000, p. 80).

Mesmo assim, progressista e compreensivo com as diferenças, seu Ernesto não deixara de exercer o machismo, interrompendo os estudos de suas três filhas, pois considerava que mulheres deveriam se preparar para um bom casamento.

Em meio àquele movimento festivo (encerramento do ano letivo), de ensaios e reuniões diárias, eu ocultava em meu rosto alegre uma enorme tristeza. Terminaria aí o quinhão de escola a que tivera direito. **Daí por diante seria mais uma aluna da “escola que não tira férias”, da escola da vida [...]** Algumas (colegas) iam tentar obter uma das poucas vagas existentes na “Escola Normal” [...] Eu nem sequer sonhava entrar na disputa, conhecia de sobra a opinião de meu pai sobre a “Escola Normal” (na verdade, do ambiente em torno:) “Perigoso” – alertava o pai vigilante – os gabirus por ali rondando, a desviar as meninas do bom caminho [...] Uma coisa no entanto, era certa: haveria de estudar algum dia. Assim tinha decidido, e **decisão para mim era – e continua sendo - juramento** (Gattai, 1986, p. 247-248, grifo nosso).

O fato de ser mulher incide sobre toda mulher, independentemente de onde venha a nascer e em que época. Para Zélia, uma das formas de “pagar o preço” por ter nascido mulher, fora a proibição de seguir com os estudos. Para o pai, filhas deveriam se preparar para um bom casamento e não precisavam de muito estudo para isso. As interdições em decorrência do gênero seguiram atravancando os caminhos de Gattai, e a “escola da vida”, a qual ela fala que frequentara na infância, nunca deixou de ser lugar de aprendizado.

Outros exemplos de silenciamento e cerceamento dos direitos das mulheres, ela traz em seus personagens. Com sua narrativa característica de falar do mundo a partir do chão de casa, do que lhe era cotidiano, Gattai apresenta: Marieta, Tereza e Ripalda Andretta.

[...] moças bonitas, inteligentes, gostavam, como todos os vizinhos do quarteirão, de assistir à passagem dos enterros, um dos poucos divertimentos a que tinham direito. Criadas em regime de quase escravidão, jamais haviam ido à escola, não saíam de casa a não ser acompanhadas pela mãe. *“Lugar de mulher é em casa!” Filha nostra tem que aprender a tomar conta do marido e da casa, isso sim! Mulher precisa saber ler? Pra quê? Pra mandar cartas pros namorados?* – perguntava e afirmava dona Antonieta, mãe da família [...]

A teoria de conservar as filhas no analfabetismo para evitar que tivessem correspondência com os namorados não era exclusividade dos Andretta. Muitos outros moradores do bairro, principalmente famílias do Sul da Itália [...] também se utilizavam a fim de justificar a ausência das filhas à escola (Gattai, 1986, p. 45).

Interessante destacar que, além do relato que denuncia o machismo, Gattai também traz um ponto cultural comum à sua infância, a cidade de São Paulo no início do século XIX:

[...] como todos os vizinhos do quarteirão (elas gostavam) de assistir à passagem dos enterros.

Os enterros [...] eram desviados para a Alameda Santos, nela desfilavam todos os cortejos fúnebres [...] Rodas de carroças e patas de burros jamais tocaram no bem cuidado calçamento Paulista (Gattai, 1986, p. 43-45).

Ela pontua aqui e ali as transformações da cidade e, a partir das memórias de sua infância, é possível conhecer como se deram essas mudanças rumo à “modernidade”.

Já os traços do machismo sofrido pela autora são possíveis de serem observados em toda a obra de Gattai, e as consequências em sua vida não tardaram a aparecer. Zélia casou-se pela primeira vez, segundo Paloma Amado (2022) mais para sair de um ambiente opressor, que era a casa da irmã Wanda, onde fora morar com a mãe depois da morte do pai. Casamento infeliz, que Gattai faz questão de dizer que não foi uma fase boa de sua vida e nem mesmo o nome de seu primeiro marido aparece em seus livros: “casamento sobre o qual prefiro não falar, não sinto prazer nisso” (Gattai, 2000, p. 171).

Wanda também não tivera o destino que poderia ter tido. Segundo Paloma Amado (2022), sua tia era inteligentíssima, coisa que seu Ernesto também confirma num trecho já destacado acima (*“Talvez a Wanda, minha filha tão inteligente, só que ela se casou [...]”*), contudo, Wanda, a mais velha, foi a primeira a ser proibida de seguir com os estudos pelo pai para que se destinasse a se preparar para um casamento. Zélia, que, segundo Paloma Amado (2022), amava demais essa irmã, não se furtou a deixar nas entrelinhas a denúncia dessa injustiça que se cometia contra as mulheres:

Disposta a aprender (Maria Negra) [...] fazendo perguntas e mais perguntas: não entendia, por exemplo, por que a letra cê junto ao e continuava sendo cê e junto ao a virava cá. Por que não çá [...] A professora (Wanda) também ignorava a razão daqueles “disparates” da ortografia. Havia muito saído da escola. Terminara o curso primário, recebera o diploma com honras e prêmio, e fim. Sabia o suficiente para ler e escrever [...] Daí por diante, fora orientada para tornar-se dona de casa, mãe de família exemplar. Aos dezesseis anos já sabia cozinhar, costurar, fazer chapéus, flores de papel e de tecido, crochê, tricô e bordados – à máquina e à mão [...] “mãos de fada”, diziam. “Moça prendada” (Gattai, 1986, p. 108).

Quantos destinos diferentes e menos penosos para mulheres seriam possíveis se o machismo não tivesse esse poder? Que mulher teria sido Gattai se

pudesse ter seguido com seus estudos? Onde desembocaria tamanha curiosidade, “atrevimento” somados às influências políticas vivenciadas dentro de casa? A que ela não teria se submetido? Quais escolhas? Que profissão? Que histórias teríamos se às mulheres fosse permitido escrevê-las, contá-las? Perguntas estas que fez Andrea Nye em seu livro *Teoria feminina e a filosofia dos homens* (1995).

Ainda dentro dos estudos acerca da Escrita Feminina, Hélène Cixous, uma das que inaugurou a proposta de uma escrita de mulher sobre mulheres, propondo a Escrita Feminina também como uma pulsão do corpo, afirmou, ainda na década de 1970, que o ato de escrever “marcará igualmente o momento da mulher tomar a palavra, e, assim, sua entrada estrondosa na história, que sempre se constituiu com base no seu recalque” (Cixous, 2022).

Para muitas de nós havia planos traçados, caminhos os quais poderíamos percorrer. Ainda que o horizonte para nós venha sendo ampliado, mulheres continuam sendo mortas por seus maridos, ou ex-maridos, continuam sendo estupradas por tios, avôs, pais, padrastos, nós continuamos sem poder tomar decisões sobre nosso próprio corpo... ou seja, continuamos sendo silenciadas, continuamos a sofrer as consequências da condição de ser mulher.

Mesmo assim, a escrita de Zélia nos redime de alguma forma. Ao tomar a palavra para si e deixar suas memórias em tantos livros, Gattai irrompeu com um curso prescrito para as mulheres. Sobre o juramento de estudar um dia, segundo Paloma, Zélia aprendeu a falar sete línguas, dentre as quais: francês, tcheco e italiano.

Outras denúncias sobre a condição de ser mulher também estão na obra de Gattai. Ela as aponta, faz um questionamento e conforma-se em seguida, como quando traz à cena Hilda, uma vizinha: “A infância de Hilda não era alegre e sua adolescência não seria mais risonha. Cozinhava para os irmãos, cuidava das irmãs menores. Cumpria a lei dos pobres. Era a mais velha, não?” (Gattai, 1986, p. 31).

No relato acima, o indício é não apenas uma questão de gênero, mas de classe social, a sina do irmão, ou irmã mais velha de uma família pobre, na qual, muitas vezes, precisava assumir o lugar da mãe, enquanto a própria mãe trabalha fora de casa. Sem escola, sem instrução, apenas reproduzindo um sistema de pobreza hereditário.

Importante personagem na obra de Zélia Gattai, por meio de quem a autora traz denúncias sociais é “Maria Negra”, pessoa que veio para ajudar dona Angelina a cuidar de Zélia, chegou na Alameda Santos antes mesmo da menina.

No trecho a seguir, Zélia questiona por que tal apelido fora dado à moça, mas, ao afirmar veementemente que não se tratava de racismo, comete um autoengano, pois hoje sabemos que não basta não ser racista, é preciso ser antirracista. Sabemos também que o racismo está tão estruturado em nossa sociedade que, muitas vezes, é repassado adiante ainda que seja percebido:

Maria Negra chegou em nossa casa um mês antes de eu nascer, seria a minha pajem”. “Por que Maria Negra e não Maria da Conceição, se seu nome era este? Não foi certamente por racismo que lhe deram o apelido, isso não. Aquela era uma casa de livres-pensadores, de anarquistas. Inteiramente absurda semelhante hipótese, nem mesmo por brincadeira (Gattai, 1986, p. 21).

Mais adiante, ela mesma faz uma consideração à Maria Negra, devolvendo a sua real identidade no episódio de quando Maria finalmente aprende a ler, deixando-nos subentender que somente a instrução é capaz de devolver dignidade:

Olhe Maria (disse Wanda), de amanhã em diante vamos começar as nossas aulas. E não me venha com a conversa de que é burra, de que não aprende. Você é muito inteligente, isso sim. Você entende até italiano! [...]. Pela primeira vez os argumentos de Wanda e a possibilidade de ler futuras mensagens de amor convenceram a moça. Havia de aprender a ler e a escrever suas próprias cartas, custasse o que custasse! [...] Maria da Conceição seria aluna de dona Wanda (Gattai, 1986, p. 94).

No contexto brasileiro, no qual bandidos com diploma universitário têm tratamento diferenciado dos outros presos, país no qual se insiste em considerar a meritocracia como régua definidora de quem merece tal regalia. Compreende-se nas entrelinhas de Gattai esta realidade de quem não tem acesso ao que deveria ser de direito a todos, e é duplamente culpado: por não ter nascido rico e por não saber ler.

A obra memorialista de Zélia, por trazer detalhes tão cotidianos de sua vida e de seus personagens, dá a ver costumes, comportamentos, temas políticos sendo discutidos e vivenciados no dia a dia, parte da história que atravessa nossa vida e, por vezes, nem nos damos conta. Gattai teve a sensibilidade de perceber que sua história traria outras, muitas outras que precisavam não só serem expostas, mas questionadas.

Com uma forma narrativa que, por vezes, parece folhetinesca, ela quase nunca atropela os fatos e, ainda que o desfecho daquela memória esteja logo ali, Zélia obedece a certa ordem cronológica, surpreendendo a leitora que se vê também como detetive das pistas indiciárias que ela vai deixando. É interessante

pensar que Gattai nunca havia escrito antes, e que, ao começar a escrever, já desenvolve uma narrativa amadurecida. Talvez, por ter sido uma leitora desde pequena e por tantos anos revisora e datilógrafa dos romances de Jorge Amado, tenha aprendido e desenvolvido técnicas de escrita que contribuíram com seu talento para a escrita.

Os trechos a seguir cuidam da prisão de seu pai quando da ditadura Vargas e da “caça aos comunistas”. Ainda no início do livro, ela traz um episódio de sua mãe. Fala que dona Angelina tinha o hábito de guardar os recortes de jornal de assuntos relacionados à política, principalmente aos comunistas perseguidos no Brasil e no mundo. Ela traz o episódio aparentemente sem importância, mas que, mais ao final do livro, fará todo sentido:

Tarde na noite, quando todos dormiam, mamãe [...] voltou à sala de jantar. Apanhou o jornal largado pelo marido, folheou-o procurando algo que muito a interessava. Com uma tesoura, recortou o noticiário sobre Sacco e Vanzetti [...] Mamãe lia tudo numa hora com calma, como gostava de fazer. Depois os guardaria junto a outros recortes que havia muito vinha juntando debaixo do colchão (Gattai, 1986, p. 80).

No relato, Zélia parece testemunha ocular de dona Angelina. Não há como saber se ela dormia como os outros, ou se estava a observar os passos da mãe naquela noite. A autora rememora para a leitora o caso Sacco e Vanzetti, tão famoso à época, que tratava da execução dos comunistas Sacco e Vanzetti na cadeira elétrica nos Estados Unidos.

Acerca dos recortes de dona Angelina, ela dá continuidade adiante com o fato mais importante desse “enredo”:

Nossa vida mudava, tudo mudava em torno da família.  
Em frente à casa [...] veio morar um casal de meia idade, gente discreta, vizinhos de bom-dia, boa-tarde (nunca soubemos seus nomes) [...] no outro (sobradinho em frente à casa) a família Apolônio: mãe viúva, duas filhas moças e um filho casado (este) [...] Inspetor da Polícia Política e Social”. “Um tira” disse papai contrafeito. Ele nunca tivera tanta razão como ao se contrariar com a informação. Seria exatamente com nosso vizinho, Luiz Apolônio, que iria defrontar-se alguns anos mais tarde, na implantação do Estado Novo, em 1937, no cárcere, preso pela polícia política, acusado de “comunista perigoso” (Gattai, 1986, p. 241).

Neste primeiro trecho, ambienta o leitor às mudanças aparentemente ruins que se daria na sua vida e na de sua família, o que viria a ser um grande trauma. Como característico de sua escrita feminina, situa a leitora a partir de sua casa, é dali que parte a narrativa histórica e política que virá em seguida, a forma violenta e arbitrária como a ditadura invadia a casa dos moradores.

Na época do Estado Novo, bastava uma denúncia ou suspeita para que a

casa de uma família fosse cercada por enorme aparato bélico, policiais apontando metralhadoras, os lares invadidos – a qualquer hora do dia ou da noite – por policiais armados, pais de família arrancados de seus leitos e arrastados para as masmorras, para o porão úmido e escuro da Delegacia da Ordem Política e Social, incomunicável. Foi o que aconteceu à minha família, foi o que aconteceu a meu pai (Gattai, 1986, p. 242). Por fim, Zélia resgata a história contada no início do livro, o episódio dos recortes de dona Angelina, que serviriam de “provas” para a prisão de seu Ernesto Gattai:

Provas da acusação: armas – a velha espingarda de caça, pendurada em seu lugar de sempre, atrás da porta -, farto material subversivo, constituído pelos volumes de nossa pequena e manuseada biblioteca. Livros de Victor Hugo: “Os Trabalhadores do Mar”, “Os Miseráveis”, “Notre-Dame de Paris”; Émile Zola: “Acuso!” [...] “Germinal”; de Pietro Góri, “Dramas Anarquistas”, relíquias sagradas de dona Angelina – com agravante de serem todos os volumes encadernados em Vermelho [...] na cor proibida; **e o precioso arquivo de mamãe guardado cuidadosamente durante anos a fio, debaixo do colchão: artigos políticos, notícias ilustradas sobre prisões e expulsões do país de conhecidos e amigos, entre os quais o velho Orestes Ristóri, enviado para a prisão de Mussolini, onde morreu** (Gattai, 1986, p. 242, grifo nosso).

Orestes Ristóri fora um personagem importante na infância e na adolescência de Gattai. Além da admiração que tinha por ele, reforçando seus ideais anarquistas, a convivência era bem próxima e a autora recorda que fora ele quem primeiro falou do escritor Jorge Amado para ela.

Ir à casa de Ristóri era um programa muito de meu gosto. Acostumei-me a visitá-lo durante muitos anos, até a sua partida definitiva – e forçada – para a Itália. Esse velho alegre e jovial tinha um passado glorioso. Incansável, sempre revoltado contra as injustiças sociais, jamais se calava diante de desmandos. Por esse motivo fora preso algumas vezes (Gattai, 1986, p. 206).

Falando do mundo a partir de sua casa, a partida de Ristóri para a Itália deveu-se à sua extradição no período da Ditadura Vargas, quando fora entregue ao governo fascista de Mussolini. Militante anarquista, Gattai narra algumas de suas lutas a partir do olhar da criança que fora, ao mesmo tempo em que registra a história de Ristóri em sua obra:

Nós gostávamos de ouvir de sua boca episódios das aventuras rocambolescas, por ele vividas. Para mim, muito melhores e mais saborosas do que as de Robinson Crusoe. A melhor de suas histórias, a minha preferida, era a de sua fuga do navio quando o recambiavam para a Itália, para o degredo, em anos distantes. No meio da noite, burlando a vigilância de seus carcereiros, subiu no porão, deslizando pelo tombadilho. Não havia luar, coisa boa, assim não seria visto; coisa ruim, difícil orientar-se na escuridão [...] Aquele não era momento para indecisões nem medo. “Mil vezes morrer em liberdade do que apodrecer num cárcere!” (Gattai,

1986, p. 207).

Pessoa de grande influência na vida de Zélia, foi ele quem dera a ela o primeiro volume de Jorge Amado e, de alguma forma, em seu comentário “malicioso”, previu o interesse da menina no jovem escritor:

Foi Orestes Ristóri, muitos anos depois, quem me falou pela primeira vez em Jorge Amado. Eu era jovem, andava na ânsia de leituras novas. **Ristóri era meu conselheiro**, sabia das novidades literárias, do que eu devia ler, o que me convinha. Um belo dia, ele apareceu em minha casa trazendo um magro volume, “Cacau” [...] Conhecer o escritor havia pouco tempo: “um jovem magrinho, vivo e inteligente” [...] Interessei-me, fiz-lhe perguntas, quis saber detalhes sobre esse jovem “magrinho e inteligente” [...] Havia ele escrito outros livros, ou aquele era o primeiro? Ainda estava em São Paulo? Ia vê-lo novamente? **Achando graça em meu interesse, riu maliciosamente, segurou meu queixo: “Carina mia, ele já foi embora para o Rio [...]”** (Gattai, 1986, p. 208, grifo nosso).

A leitura parece ter sido um dos grandes divertimentos de Gattai na infância. Para tanto, o quarto da mãe era palco das aventuras literárias feitas às escondidas sob a cumplicidade das irmãs Wanda e Vera que, no caso, liam para Zélia, que ainda não sabia ler.

Wanda ria cada vez mais [sob o efeito do licor de dona Angelina que elas iam dando goles enquanto liam/ouviam histórias] e eu me sentia garantida. Não havia possibilidade de perder aquela mamata, que era uma das compensações ao meu sacrifício noturno, acolitando minha irmã em seu namoro. O livro era indecente? Nem entendia [...] Para mim, aquele livro era simplesmente maravilhoso – embora me assustasse com o inferno, preferia-o mil vezes ao Tico-Tico (Gattai, 1986, p. 126).

Zélia, irmã mais nova, tinha de fazer companhia a irmã que saía para namorar. Em troca, Wanda lhe contava histórias. O gosto pelas histórias e pela leitura parece ter sido uma herança preciosa de dona Angelina que, como mencionado antes aqui, para Zélia, fora uma “intelectual frustrada”. A mãe gostava tanto de ler como de contar histórias, como recorda a filha com uma lembrança infantil da ida ao cinema:

Eu mal assistia ao começo do drama, meus olhos pesavam recusando-se a abrir. Mas não perdia muito, pois em casa ouvia mamãe repetir a fita, detalhe por detalhe, às pessoas que não tinham podido ir ao cinema e que a procuravam depois. Isso acontecia sempre (Gattai, 1986, p. 27).

Ou quando conta que os pais recém-casados receberam Dina, irmã de seu Ernesto, para morar com eles. O acordo entre Angelina e Dina era o de que Dina cozinhava e Angelina lhe contava histórias:

“Ou conta histórias ou não cozinho [...]” Mamãe se sujeitava com grande prazer às chantagens da cunhadinha. Mil vezes contar, inventar histórias do que se acabar no fogão e no maçante serviço da casa (Gattai, 1986, p. 12).

Dona Angelina também costumava ler trechos de seus livros preferidos em casa para os filhos e para Maria Negra, recorda Zélia:

Chegara a vez dos prediletos de mamãe e de minhas duas irmãs: “Os Miseráveis” e “Os trabalhadores do Mar [...]” Mamãe gostava de ler os trechos de “Os Miseráveis” para os filhos e para Maria Negra. “Livro verdadeiro e muito instrutivo” - dizia (Gattai, 1986, p. 127).

A conselho de mamãe li *Cuóre*, de Edmundo de Amicis, bom para derreter corações, fazer chorar. Os autores da estante de mamãe, Zola, Victor Hugo, Blasco Ibañez, vim a ler anos mais tarde. “La Divina Comédia”, de Dante, como já contei, aprendi a amar antes de saber ler” (Gattai, 1986, p. 245-246).

Autores brasileiros também figuravam na formação de leitora de Gattai, muitas vezes, a leitura como refúgio e como porta de entrada para o mundo a partir do chão de casa, juntamente com a irmã Vera, embarcavam no universo dos livros: “Devorávamos também, Vera e eu, os livros de José de Alencar, de Macedo, e da fase romântica de Machado de Assis” (Gattai, 1986, p. 246).

Zélia parecia realmente embarcar nesses romances, pois destaca em seu livro desta época vários momentos nos quais a leitura e grandes autores foram protagonistas. Retomo aqui a pergunta de como Zélia torna-se uma escritora pronta em tão pouco tempo: provavelmente estava tudo nela, desde muito cedo, desde as poesias de Guerra Junqueiro que Wanda a fazia decorar para declamar em público, ou mesmo dos romances que lia com Vera. Tais textos certamente contribuíram para a formação intelectual da autora.

De seu pai, ela traz o gosto pela música e relata com sensibilidade os cantos da casa e dos corpos que nela habitam.

Uma coisa que me agradava, durante as noites musicais, era observar o pescoço e o rosto de meu pai. Sabia exatamente o momento em que ele ficaria arrepiado: “Una Furtiva Lágrima”, “Rimpianto” e “Próvera Bionda” eram infalíveis. Eu ficava esperando, sempre acontecia (Gattai, 1986, p. 116).

Seu Ernesto aparece bastante no chão de infância de Zélia, geralmente com fatos e preocupações ligados ao mundo, ao lado de fora da casa. As memórias de Zélia sobre o pai trazem as lutas e as crenças da família, bem como o avanço da história rumo à modernidade.

A chegada dos automóveis em São Paulo, por exemplo, teve seu Ernesto



Gattai como um dos pioneiros a importar as máquinas. Ele também organizava corridas na via São Paulo-Santos, tendo ganho muitas medalhas, coisa que a filha recorda com emoção:

Segurando-me pela mão, papai atravessou o espaço que separava o público da estante com troféus. Pediu-me que recebesse a taça [...] Morta de acanhamento e de emoção [...] vontade enorme de chorar, compartilhei dos aplausos do herói [...] (Gattai, 1986, p. 233).

As regras impostas às filhas perante a sociedade também são relatadas pelas lembranças que tem do pai, como a proibição de ir a festas de Carnaval, , fazendo-as questionar até que ponto valia o anarquismo de seu Ernesto:

Liberal, papai não se incomodava que fôssemos a quermesses e igrejas. Sua posição em face da religião era honesta e coerente: não acreditava em nada, não acreditava na continuação da vida após a morte, mas não impunha seus pontos de vista: [...] Quando crescerem não poderão me acusar de tê-los encaminhado para uma determinada religião nem de tê-los obrigado a me seguir no ateísmo (Gattai, 1986, p. 184).

Liberal com a religião, mas não com as festas pagãs, como no relato a seguir que denuncia a opinião de seu Ernesto de que lugar de mulher é em casa durante a folia:

Em relação ao carnaval, porém, as coisas mudavam de figura, papai não mantinha a mesma atitude desprendida. Festa de igreja era uma coisa, carnaval outra, muito diferente. O liberalismo de seu Ernesto acabava:  
— Vocês sabem o que significa a palavra carnevale? — perguntava-nos — Não sabem? Pois eu explico: separem a palavra em dois e verão o resultado: carne-vale. Entenderam? Nesses dias de folia o que vale é a carne [...] Filha de seu Gattai devia casar virgem. Seu anarquismo tinha limitações, graças a Deus! (Gattai, 1986, p. 184-185).

Contudo, o mais latente nas narrativas sobre o pai é o teor histórico e político das vivências que ele teve por ser anarquista. Foram muitas as lutas, os prejuízos e muitos os relatos de apoio às crenças ideológicas que são registradas por Gattai e acabam por testemunhar uma parte importante da história do Brasil que muitas vezes se prefere escamotear, silenciar. A seguir, o bastidor de uma família na revolução de 1924, em São Paulo:

Ao chegar na escola, certa manhã, fui avisada de que não haveria aula, pois estourara uma revolução na cidade. Voltei apressada, doida para contar a novidade. Cheguei tarde, todos lá em casa já estavam no maior alvoroço [...] Ninguém conhecia detalhes da revolução, mas falava-se no nome de Isidoro Dias Lopes, chefe da revolta [...] (Gattai, 1986, p. 193).

Mais uma vez, parte sua narrativa do chão de casa, da infância, na escola para registrar um fato importante na história do Brasil. Fica clara a sua não pretensão em ser historiadora, contudo, sua vida esteve imersa em contextos históricos que fazem de sua obra memorialista uma obra passível de estudos que extrapolam a literatura, por exemplo.

O clima tenso que afetava sua casa é retratado pela escassez de suprimentos para necessidades básicas:

As padarias vendiam apenas uma unidade por pessoa. [Mamãe] mandaria todas as crianças para a fila do Manzoni [...] embora fosse perigoso; havia brigas diariamente nas portas das padarias, todo mundo irritado, com medo de que lhe faltasse o alimento básico (Gattai, 1986, p. 196).

Já pelas lembranças que tem de seu pai, toma-se conhecimento das preocupações “de fora”, da rua. Seu Ernesto sentia na pele os prejuízos causados por um “estado de exceção”:

Papai era quem mais se preocupava; logo agora que começara a tomar pé na vida [...] Os carros haviam chegado recentemente – dois já estavam vendidos, mas a firma pedira aos compradores que deixassem em exposição, enquanto preparava os papéis de emplacamento [...] (Gattai, 1986, p. 193).

O boato de que os revolucionários estariam requisitando automóveis começou a circular. Os dois “Alfa Romeo” já vendidos continuavam em exposição [...] Carros novos luzindo lindos na vitrina [...] Diante dos boatos insistentes [...] papai achou prudente botar os carros novos a salvo [...] Chegaram à loja tarde demais! O pelotão revolucionário [...] acabara de sair carregando os dois carros [...] (Gattai, 1986, p. 199).

“O país estava em crise”. A palavra crise era a que mais se ouvia [...] Ela conseguia me afligir. Não era por acaso a crise que andava preocupando tanto meu pai? Não fora ela quem fizera seu rosto alegre tornar-se pensativo e carregado? (Gattai, 1986, p. 203).

Apaixonada pelo pai que era – segundo Paloma Amado (2022) –, Zélia estava sempre atenta aos sinais de alegria e de tristeza de seu Ernesto.

A situação para quem era anarquista no Brasil na Ditadura Vargas era bastante preocupante. Os relatos das memórias de Zélia deixavam bem evidente o quanto tal aflição fizera parte da sua vida na infância, fatos que ela traz a partir do cotidiano, de almoços, jantares, mostrando o bastidor aflitivo de quem vive sob a ameaça do Estado.

Seu Ernesto era o porta-voz das memórias políticas e do quão afetada a

autora fora pela opção política de sua família.

Estávamos ainda na mesa do almoço quando chegou Pícolo, o empregadinho da garagem, dizendo que um carro de polícia estacionara na Consolação com Alameda Santos [...]

Não escondendo a preocupação, papai quis saber do que se tratava [...]: *Vá depressa até lá, Zélia, vá ver o que é e volte logo* [...]

Fiquei logo sabendo que a polícia estava lá para prender o filho da velha lavadeira [...]

Enquanto mamãe consternada saía para consolar a boa vizinha, percebi que papai sentira um certo alívio ao saber que não se tratava de uma batida à caça de comunistas [...] (Gattai, 2000, p. 159).

A preocupação de seu Ernesto vinha de antes, como Zélia conta no trecho a seguir com seriedade, mas traz também o fato cômico, característica de sua escrita “leve e alegre, que marca a sua obra”, como bem reconhece Paloma Amado (Gattai, 2001, p. 8 *apud* Amado, 2022). A polícia já vinha cercando seu Ernesto e dando sinais de que logo bateriam ou pior, invadiriam o chão da casa dos Gattai:

Havia pouco tempo a polícia aparecera na casa de tio Remo e, sem dizer uma palavra, os tiras foram vasculhando a loja de pneus, depois a residência. Finalmente, bateram os olhos no título de um romance colocado em cima da mesinha-de-cabeceira, romance que tia Clara estava lendo: *Aliança Partida*. Aqui está ele!, exclamou eufórico um dos tiras. *Aliança Partida* e *Aliança Nacional Libertadora*, é tudo a mesma coisa [...] Você vai explicar isso na delegacia [...] levaram tio Remo.

Tia Clara, leitora da Coleção Rosa, também não estava entendendo por que levaram o marido e seu livro, quando estava no melhor da festa: Olhem aqui, seus, deixem meu livro aí! [...] Eu nem acabei de ler [...] berrou.

[...]

Chega a ser cômico, mas a arbitrariedade é tão cruel quanto banal, traumatizando, prejudicando, quando não ceifando vidas por motivos torpes. Era assim e continua sendo assim no Brasil. Gattai continua trazendo essa aflição pela memória que traz de seu pai:

Papai estava certo de que a pessoa visada pela polícia era ele e não o seu irmão (Remo). Houvera um engano, ele havia ido à várias reuniões da “*Aliança Nacional Libertadora*”, organização recém-fundada que pretendia uma reforma política radical e a “implantação de um governo popular revolucionário”.

Essa organização fora fechada por decreto governamental. O clima ainda estava tenso; inconformados, os dirigentes da *Aliança* conspiravam nos próprios quarteis, resultando isso no desencadeamento da *Intentona Comunista*.

Embora não tenha participado da organização, sendo apenas um simpatizante que assistira aos comícios, papai andava inquieto.” (Gattai, 2000, p. 160-161).

No relato acima, tem-se outro fato histórico/político que atingia o interior da casa de Zélia, a *Intentona Comunista*, uma manifestação comunista em plena Ditadura Vargas, que fora duramente repreendida.

Retomando, como faz em sua obra memorialista, pontas soltas deixadas como pistas, Gattai traz o tema da “lista” – pela qual fora repreendida por seu pai

quando ainda criança, pois fizera uma lista de pessoas que poderiam ajudar seu amigo Ristóri – para detalhar a prisão e a morte de seu pai:

Um belo dia, apareceu lá em casa Mercedes, a mulher do velho. Ficáramos sabendo, pelos jornais, que Ristóri fora preso e deportado para a Itália. Mercedes vinha pedir ajuda na arrecadação de dinheiro [...]  
 Não perdi tempo, fiz uma lista com nomes de pessoas que poderiam ajudar e mostrei-a a papai [...] Papai examinou a lista, depois me disse: Decore esses nomes, guarde na cabeça e depois destrua a lista, queime. Com uma relação destas na mão a polícia faz a festa: prende todos [...] (Gattai, 2000, p. 162).

Em seguida, a lista que incriminou seu Ernesto. Momento muito triste da leitura de *Città di Roma*, um relato muito rico de quem vivenciou de perto o horror de uma ditadura. “Foi uma lista encontrada no bolso de uma jovem comunista, presa, que a polícia encontrou o nome e o endereço de papai, e, como ele próprio me dissera um dia, a polícia fez a festa” (Gattai, 2000, p. 162).

O trecho a seguir parece extraído da canção de Chico Buarque “Acorda, amor” (1974), que remete a outra ditadura, a militar, contudo, a truculência parecia ser a mesma: “Acorda amor, eu tive um pesadelo agora, sonhei que tinha gente lá fora, batendo no portão, que aflição [...] Acorda amor [...] tem gente já no vão da escada [...]” (Acorda [...], 2003).

O dia nem bem clareara quando a casa toda despertou com um vozerio na rua, pancadas fortes na porta: *Abram! É a polícia!* [...] Vinham buscar papai. Arrancado da cama, levado sem dó nem piedade, para um camburão que o aguardava de porta aberta, atirado para dentro com a maior brutalidade, sem ouvir os protestos da família, lá se foram levando meu pai (Gattai, 2000, p. 163).

Puxando o fio da história que narrara lá atrás, Gattai traz novamente os recortes de dona Angelina: “Por mais de uma vez, ele pedira à mamãe que desse fim à *porcariada* que juntava debaixo do colchão. “Se eu for preso isso vai me implicar” (Gattai, 2000, 165).

Zélia com sua escrita de atenção ao outro, coloca uma ressalva sobre a moça que fora apanhada com “a lista” que implicou seu Ernesto. “A jovem que fora apanhada com a lista, por sinal, em adiantado estado de gravidez, dera o serviço [...] pedindo clemência pelo filho que trazia no ventre”. (Gattai, 2000, p. 165). Uma denúncia dentro da denúncia. A maldade que sempre podia piorar, como a tortura de uma mulher grávida.

Do chão de casa, de onde literalmente seu pai fora arrancado, ela continua com o relato da prisão. Certa vez, uma sobrevivente do campo de concentração de Auschwitz, a Monika, dissera a Zélia que a vida dela já tivera fim ao perder

todos os seus para Hitler. Dissera que viveria para escrever e contar sobre os horrores, para que não fossem esquecidos. Zélia demora muito para começar a escrever, mesmo tendo vivido tantas histórias relevantes.

Ela demora a se autorizar como escritora, frente ao marido escritor famoso e, enquanto escritora, não chega a alcançar com sua literatura o tamanho que deveria, diante do que ela traz de relevante. Talvez sua produção tenha sido “confundida” com a escrita de meras memórias; talvez não se tenha percebido a grandeza das denúncias e dos indícios. Considero a obra de Gattai muito relevante para sabermos dos mistérios do Brasil, dos bastidores de ser uma mulher subversiva no Brasil no período em que viveu desde sua infância até a sua vida adulta.

— O Gattai transporta dirigentes ilegais [...] é homem de confiança do Partido [disse a moça grávida].

— Homem de confiança do Partido? – repetiu o chefe dos tiras, esfregando as mãos, de contente.

A polícia andava doida atrás de Prestes e Olga Benário; tinham posto a mão, agora, em cima de quem poderia dar notícias do casal. Não conheço Prestes, nunca o vi em minha vida, dizia o preso a cada interrogatório (Gattai, 2000, p. 165).

A história de Gattai também passa pelos personagens Luiz Carlos Prestes e Olga Benário, pois foi à procura do casal que seu pai fora preso e torturado. Desaparecido o patriarca por mais de um mês, certo dia, a família foi chamada para comparecer à Delegacia da Ordem Política e Social – O nome da delegacia já denuncia o regime ditatorial da época –, onde Zélia viu o pai pela primeira vez após a prisão. “Abriu-se a porta e por ela entrou um tira acompanhado de um desconhecido. Quem será esse pobre diabo?, pensei” (Gattai, 2000, p. 165).

O homem levantou a cabeça, nos fitou, e só então reconhecemos [...] o nosso pai [...] o abraçamos chorando [...] Apanhara muito, levava duchas de água gelada sobre a roupa e, com ela encharcada fora atirado no porão infecto, sem luz, gelado. Desesperada, mamãe lhe perguntava, entre soluços:

— O que foi que fizeram com você, Ernesto?

Calado, ele nos fitava (Gattai, 2000, p. 166).

Leonor Arfuch (2018), professora da Universidade de Buenos Aires com pesquisas dedicadas à memória cultural, faz um estudo sobre obras que trazem subjetividades cujas vidas foram atravessadas por experiências traumáticas e de como estas colaboram para a construção social da memória, coisa com que a obra de Gattai muito corrobora, sua subjetividade, aqui ambientada metaforicamente no chão de infância. Em sua obra *La vida narrada*, Arfuch (2018) enfatiza a infância e considera o trauma sofrido por escritores nesse período da vida, como uma das formas de representação e de iluminação para a compreensão da sociedade.

Percebo essa passagem na infância de Gattai como uma das mais relevantes de sua obra para a compreensão da sociedade brasileira e, bem como um registro que valida a relevância da literatura memorialista como arquivo. Ainda que com suas limitações. Contudo, tais limitações – digo, da passionalidade da memória – são também o que de mais importante a literatura de memória traz, que é a visceralidade do vivido e a potência do relato de quem esteve lá, de quem viveu para além de apenas ter ouvido falar.

Prova disso é o diálogo que se segue no episódio da prisão: “[...] continuávamos chorando, e, num gesto terno, papai passou a mão trêmula sobre minha cabeça: – Não chorem mais, não chorem [...]” (Gattai, 2000, p. 166).

Seu Ernesto continuou negando que sabia do paradeiro de Prestes, e acrescentou: “Mesmo que eu soubesse, não diria nada, não sou agente de polícia” (Gattai, 2000, p. 166).

Depois disso, seguiu-se um diálogo corajoso de Zélia com o pai na frente dos policiais, o que resultou numa repreensão aos berros com ela. Ameaçada por Apolônio – o policial – de ser mandada a “acertar as contas com Mussolini”, que disse que já havia inclusive encaminhado o pedido de sua expulsão para a Itália, Zélia fala de sua atitude:

Não pude me conter e, contrariando as ordens do chefe – recomendação feita ao chegarmos, não podem dizer nada a não ser que eu pergunte – adiantei um passo e, olhando firme para papai, falei alto:

— Não se impressione, pai, não vá atrás da conversa dele [...] O senhor não pode ser expulso do Brasil, o senhor chegou aqui aos quatro anos de idade, já está há cinquenta anos e tem filhos brasileiros [...] Não há lei que permita sua expulsão [...]

Fui interrompida com um tremendo berro:

— Cala a boca! Se disser mais uma palavra, sua cretina, você também fica.

Eu já tinha dado o meu recado, e não me atingiriam as ofensas que ainda ouvi (Gattai, 2000, 165-166).

A família perdera o contato novamente e, já no Rio de Janeiro, para onde havia sido transferido, seu Ernesto recebeu a notícia de que fora absolvido. Ele foi defendido por um advogado desconhecido e conquistara a liberdade. Não se sabe quem lhe pagou a passagem de volta para São Paulo:

Chegou num táxi, de surpresa. Desta vez, as lágrimas eram de alegria. Fraco, depauperado, papai ainda passou uns poucos meses conosco, nos contando as maldades que lhe haviam feito [...]

**Morreu aos cinquenta e quatro anos, vítima das atrocidades da polícia do Estado Novo de Getúlio Vargas.** (Gattai, 2000, p. 168, grifo nosso).

Uma tristeza pensar que, no Brasil, ainda se elegem presidentes que defendem torturadores, mas o combate ao apagamento da memória continua para

que tais aberrações sejam combatidas. Por fim, uma lembrança desse dia que certamente foi um dos mais tristes: “Não fui ao cemitério. Recusei-me a ver o caixão de meu pai baixar à cova aberta à sua espera. Creio que não resistiria à dor. Fiquei em casa sozinha” (Gattai, 2000, p. 166).

Com esse relato da prisão e da morte de seu Ernesto Gattai, encerra-se este primeiro capítulo que trata da infância e da adolescência de Zélia Gattai. Certamente, a vivência mais traumática de sua infância e dos relatos mais importantes quando se quer conhecer a história que a História (hegemônica) não conta. A história dos porões de quem sofrera as injustiças do Estado, da vida. Juntamente com outros relatos políticos e históricos tão importantes quanto, este fato é um dos mais relevantes do ponto de vista da importância do estudo e de um aprofundamento na obra de Zélia Gattai. Do que ela traz como história de vida, que diz respeito à história do país, a história de todos nós.

Resgato aqui, aos escrever estas páginas, todo um século de gente e de acontecimentos. Resgato e os trago à vida, não apenas minha família, mas também amigos, acontecimentos importantes, fatos e detalhes por vezes corriqueiros, insignificantes [...]

Aqui, debruçada sobre o computador, passei uns poucos meses de convivência diária com meus pais e meus irmãos [...] Todos eles vivos, **relembrando-me às vezes fatos que eu até já esquecera [...]** (Gattai, 2000, p. 172, grifo nosso).

Como uma criança, Gattai faz uma brincadeira no relato acima. Fazendo um trocadilho entre quem se lembra, pois, fala que seus personagens a fizeram se lembrar, como Jorge Amado dizia ter seus personagens vida própria. A citação acima que encerra o livro *Città di Roma* mostra que os de Zélia Gattai também tinham vida própria para além de simplesmente terem vividos, mas também por terem voltado a falar com ela nessa escrita tão passional quanto visceral, que, ao trazer sua verdade subjetiva, traz uma espécie de subjetividade coletiva também.

## 2 Chão de passagem: Rio de Janeiro em dois tempos

As malas fechadas, enfileiradas junto à porta, dava-me a certeza de que chegara a hora de dizer adeus a São Paulo. Prometera a mim mesma não chorar. Não ia estragar o entusiasmo de Jorge. As lágrimas rolariam, certamente, quando estivesse só, como acontecera após a dolorosa despedida de mamãe.

Zélia Gattai

O capítulo “Chão de passagem” cuidará do período da vida e da obra de Gattai quando ela morou no Rio de Janeiro. A autora fixou residência em dois períodos relativamente curtos, por isso, consta o título do capítulo do termo “passagem”. O primeiro momento no Rio de Janeiro sucedeu o período inicial da vida da autora, em São Paulo, nesta tese chamado de “Chão de infância”; já o segundo momento se deu após sua volta do exílio e durou aproximadamente dez anos, até sua ida definitiva para Salvador.

Essas duas passagens curtas da vida de Zélia Gattai, porém bastante fecundas do ponto de vista histórico, político e cultural, com o trânsito de novos personagens, compuseram seu “Chão de Passagem”.

Cronologicamente, o primeiro período do “Chão de Passagem” acontece de 1945 a 1948, três anos importantes na vida de Gattai, tanto por questões pessoais, pois inicia sua vida ao lado de Jorge Amado, bem como por questões políticas que a afetaram diretamente, já que o período coincidiu com a legalização e, logo em seguida, a cassação do Partido Comunista, pelo qual seu marido fora eleito deputado. A cassação levou o casal Jorge Amado e Zélia Gattai a saírem do Brasil em 1948.

Apesar de curto, foi um período de muitas vivências e convivências com pessoas que estavam protagonizando a história da época, como Carlos Marighella, Luiz Carlos Prestes, bem como o cenário cultural, com o compositor Dorival Caymmi, que passou uma temporada com Gattai em sua casa: “Jorge (sem tempo para um trabalho que fazia com Caymmi) [...] teve a ideia: por que não trazer Caymmi [...] para o sítio? [...] Stella e Dorival concordaram em ir, levando [...] as crianças [...] Nana e Dori [...]” (Gattai, 1982, p. 181).

O segundo momento se dá na volta do exílio, em 1952, quando a família Gattai-Amado fixa residência no Rio de Janeiro novamente por aproximadamente dez anos. Após esse período, as ameaças advindas da Ditadura Militar que se avizinhava, a crescente violência na cidade e um antigo desejo de Jorge Amado



de “voltar para casa” fizeram a família mudar-se definitivamente para Salvador, na “Casa do Rio Vermelho”.

Dos personagens importantes que passaram pelo chão de Gattai, destaca-se João Goulart, pois o então presidente da república buscara apoio junto aos intelectuais frente às ameaças que vinha sofrendo em seu governo. Neste período, a vida de Zélia se desenrola junto com a História do Brasil dos anos 1950 e início dos anos 1960, que vai desde o governo democrático de Getúlio Vargas às ameaças antidemocráticas que se sucederam na época, o que impactou profundamente a vida da autora.

A primeira citação deste capítulo traz exatamente o momento de ruptura entre dois chãos. Diz de um momento importante de transição na vida de Zélia, quando finalmente despede-se de São Paulo, onde viveu desde que nascera, e parte com o novo companheiro. A citação traz ainda um traço recorrente na sua obra, algo que balizou sua vida desde este momento até o fim: a priorização de Jorge Amado. Desde quando o conheceu, em 1945, em seus relatos, Zélia pareceu poupá-lo de todo o seu sofrimento e de seus lamentos.

Um lamento silencioso, talvez silenciado, não se sabe se por medo de que o marido não tivesse paciência para “ladainhas” femininas, ou porque ela mesma precisava dar conta da escolha que fizera e, portanto, preferia tentar esconder essa dor. Escolha esta que incluía viver longe de sua mãe, irmãs e irmãos e, principalmente, de seu filho, provavelmente a maior dor que Gattai carregou na sua vida.

A escrita do silêncio, da fala silenciada da mulher, é um traço marcante na obra de Gattai. Ao narrar sua história com um grande distanciamento temporal desde o que foi vivido até o que foi narrado, a autora dá voz a seu silêncio e ao de outras mulheres.

Ainda que seja difícil compreender por completo o que se considera como “feminino” em uma escrita, conforme mencionado anteriormente na fala de Virgínia Woolf, uma dessas características pode ser percebida pelo relato do silenciamento e da resignação, características esperadas de uma mulher nas sociedades.

Somada a afirmação de Woolf ao que sentenciou Beauvoir sobre o tornar-se mulher, isto é, uma formação de uma personalidade feminina a partir do que a sociedade espera que deva ser uma mulher, tais sentenças conseguem explicar traços da escrita memorialista de Zélia Gattai, que ficam claros quando ela diz: “Prometera a mim mesma não chorar. Não ia estragar o entusiasmo de Jorge. As lágrimas rolariam, certamente, quando estivesse só” (Gattai, 1982, p. 47).

Uma escrita que revela silenciamentos, com relatos de resignação, uma denúncia de que, apesar do que está sendo dito, muito ainda ficou por dizer. Recalque que se espera de uma mulher, o que foi desenhado para o feminino, a aceitação de padrões e a subestimação de seus desejos que, talvez, somente a leitura por outra mulher seja capaz de descortinar.

Contudo, a Escrita Feminina, por ser justamente uma escrita encorajada pelo silêncio que é sua condição, silêncio que denota uma fragilidade, paradoxalmente, neste momento, se torna revolucionária. Como afirma Paul B. Preciado – ao questionar o rótulo de pessoa corajosa por ter optado por ser quem ele era de verdade –, “a revolução atua através da fragilidade” (Preciado, 2020).

O autor defende que as pessoas sejam frágeis, que percam a coragem de serem autoritárias, preconceituosas, com conceitos inabaláveis sobre as questões de gênero, por exemplo, e que possam se permitir fazer uma revolução interna por via do que é frágil, por via do medo.

A Escrita Feminina parte da observação, uma escrita que partilha o sensível<sup>5</sup> e que nos permite versões desconhecidas das grandes histórias, do que é comumente arquivado. Uma escrita a partir de vestígios, como afirmou Le Goff, “do menor”<sup>6</sup>, de que nos fala Deleuze, do aparentemente insignificante, mas que dá sentido e que contribui para a explicação do todo, principalmente a história silenciada.

É importante também evidenciar que, além de uma Escrita Feminina diferenciada da dos homens, há também, penso, diferenciação de gênero em relação a uma leitura feita por mulheres sobre o texto de outras mulheres. Mulheres que leem mulheres, que pesquisam mulheres percebem o silenciamento na narrativa de forma mais empática do que homens que leem mulheres, o que proponho com o conceito de *Leitura Femina*.

Interrompo, pois, a escrita para esclarecer o que proponho com o termo

---

<sup>5</sup>Por “Partilha do Sensível” trago o conceito de Jacques Rancière exposto em seu livro *A partilha do sensível: estética e política* (2005), que propõe a arte como dispositivo estético e político e, unindo essas duas esferas, possibilita que haja uma partilha democrática das demandas das massas silenciadas ou do que ele chamou de “testemunhas mudas”, em uma nova estética de visibilidade que revogue as grandezas hierárquicas que ditam para nós a história. O autor entende a partilha como algo que parte do comum para dar o quinhão de cada um.

<sup>6</sup>No livro *Kafka - por uma literatura menor* (1975), Gilles Deleuze e Félix Guattari propõem o conceito de “menor” para definir a arte, a literatura, a política, por exemplo, que escapa ao convencional, ao tradicional, ao que foi dado como certo ou como modelo padrão e exemplar e desliza para a margem. Em uma sociedade falocêntrica, na qual o homem-branco-masculino-adulto-habitante das cidades-falante de uma língua padrão-europeu-heterossexual é quem detém o poder de contar e ditar a História. Considera-se margem, pois, os negros, os pobres, as mulheres, as literaturas não escritas pelos escritores conceituados, dentre outras e outros que, ao se escreverem e se inscreverem, propõem um ruído no padrão, propõem uma ruptura na estrutura.

*Leitura Femina*, conforme prometido na Introdução. *Femina* é um termo que vem do latim e quer dizer “feminino”, “mulher”, “fêmea”, portanto, o termo proposto nesta tese designa: uma leitura de mulher. O conceito acerca da *Leitura Femina* se insere nos estudos da Crítica Feminista de textos literários debatidos, por autoras como Elaine Showalter, Andre Nye, dentre outras, como Cecil Zinani:

(As) experiências de leitura, mostrando a diferença de atitude do leitor homem para a leitora mulher diante do mesmo texto, apontando como uma cena significativa para a fantasia masculina, que desperte a cumplicidade dos pares pode constituir, para as mulheres, um retrato degradado da situação feminina (Zinani, 2018).

Se a leitura de um texto feminino feita por um homem constrói um retrato degradado para nós, acredito que, ao contrário, a *Leitura Femina* pode despertar uma identificação e uma empatia, sobretudo uma decodificação do que está subentendido na escrita, tornando essa prática uma forma de união e fortalecimento dos laços femininos por via da literatura, tão importante para a busca de uma afirmação da mulher na sociedade.

Showalter, em seu texto *A crítica feminista no território selvagem* (1994), propõe uma análise ideológica dos escritos femininos ou masculinos, denominada por ela de *Leitura Feminina*, que identifique os estereótipos de mulher registrados nesses textos, assim como sugere que a leitura de textos femininos evoca a subjetividade da mulher. Isso permitiria que a leitura de tais textos reivindicassem o reconhecimento dos feitos específicos das mulheres, recodificando o texto a partir do ponto de vista feminino.

Dentro, portanto, do arcabouço da Crítica Feminista e da Escrita Feminina, proponho o conceito da *Leitura Femina* considerando que sejam considerados outros aspectos para além da crítica à construção de estereótipos, além dos fatores já citados, a diferença nas formas de ler um texto que existe entre homens e mulheres e que tais formas podem reforçar ou questionar padrões patriarcais vigentes. Os outros aspectos a serem considerados dizem respeito às emoções, às sensações, à empatia que um texto feminino desperta em outra mulher, sendo facultado a esta – por sua condição de silenciamento, resignação, escuta muito mais do que fala e, por que não?, a escuta de sussurros já mencionada nesta tese – a capacidade de extrair o que não está escrito, porém subentendido como dito em textos femininos lidos por outra mulher. É como se algumas mulheres escrevessem em códigos somente passíveis de serem decifrados por quem já conhece, na própria pele, a mesma situação, ou quem consegue ser empática por saber da possibilidade de que o mesmo possa acontecer consigo.

A pesquisa de uma mulher sobre outra mulher corrobora para a potencialização da fala feminina. Pode-se ler essa afirmação a partir do que Spivak (2010) analisa como subalterno: a pessoa que se torna sujeito da narrativa a partir da leitura de um homem branco, o que a mantém subalternizada, não podendo falar. Uma mulher, portanto, que amplia a voz de outras mulheres irrompe o ciclo de subalternidade, fortalecendo ainda mais a tentativa constante de inclusão do pensamento feminino nas discussões que dizem respeito a homens e mulheres. Isso reforça a importância da leitura da obra de Gattai por mulheres que extraiam de sua fala e de seus silêncios ideias que possam corroborar para a formação do pensamento crítico do que somos.

Voltemos, pois, a falar do *Chão de passagem*...

O Chão do Rio de Janeiro se inicia um pouco antes, no período que antecede a sua saída de São Paulo e coincide com o primeiro Congresso Brasileiro de Escritores, em janeiro de 1945, do qual Gattai participou como militante. “O Congresso de Escritores foi o primeiro golpe na estrutura do Estado Novo, que, desde 1937, proibira reuniões desse tipo, mantendo rígida censura sobre a imprensa, os espetáculos [...], a livre expressão do pensamento [...]” (Gattai, 1982, p. 25).

Eu não tinha nada a ver com o peixe e, no entanto, não faltava aos debates diários no Teatro Municipal, circulando em meio a pessoas conhecidas e badaladas. Não era escritora, nem artista, **não era intelectual**. Política, quem sabe? Talvez o fosse à minha moda: repudiava com veemência o Estado Novo, o nazifascismo, a guerra. Tinha razões de sobra pra isso. **Recolhida em minha insignificância**, naquele teatro lotado, assistira, de minha obscuridade, aos discursos inflamados, cheia de entusiasmo e de esperança [...] (Gattai, 1982, p. 29, grifo nosso).

Interessante ler Zélia Gattai afirmando que ela não era uma intelectual, bem como era insignificante, quando esta tese se propõe a traçar justamente o seu perfil intelectual, tamanha a significância de suas vivências. Mais: esta tese busca, a partir de Zélia, propor um pensamento intelectual sobre o Brasil subversivo, o Brasil de esquerda, o Brasil – e o mundo – com grandes contradições políticas, distante do que se pode chamar de justiça, tudo isso observado pelos relatos de Zélia Gattai.

Dessa forma, pode-se afirmar que Gattai, quanto à sua intelectualidade, se inscreve como uma indiciadora, isto é, alguém que propositadamente relata e testemunha a fim de denunciar ou de lançar luz sobre temas relevantes da História. Ela não se propõe filósofa ou mesmo antropóloga, porém sua obra se configura uma crítica ao que lhe ocorreu na época.

Tomei gosto e, dona de uma vida de grandes histórias e aventuras, de viagens por esse mundo afora, de ter conquistado amigos, os melhores e os mais célebres de nossa era, de ter hospedado, em nossa casa do Rio Vermelho, personalidades do mundo inteiro, dei-me conta de que materiais para novos livros não me faltariam e eu continuei escrevendo [...] (Gattai, 2005c).

A escrita tardia sobre suas vivências, com um tempo considerável para o amadurecimento e a reflexão sobre o vivido e seu contexto político-histórico, faz de Gattai uma pensadora, uma intelectual capaz de reconhecer a relevância de sua história e do quanto ela é testemunha ocular da História. A literatura de Zélia traz a História a contrapelo, traz a versão do perdedor, do subversivo, do fora da ordem, de quem ficou à margem.

O silenciamento, no caso de Gattai, incide de duas formas: por ter estado sempre à esquerda das questões políticas, bem como pelo fato de ser mulher, condição, per si, de silenciamento. O fato de Gattai ter iniciado tão tardiamente o seu processo como escritora nos leva também a pensar que, no silenciamento que sofrera por ser casada com um escritor famoso, a crítica estaria atenta para compará-la com ele. Por isso, após decidir escrever, ela renuncia ao sobrenome de casada e assina seus livros como Zélia Gattai, seguindo sua jornada na escrita sem “muletas”.

Sua militância era levada a sério por ela, numa busca por justiça e por honrar a memória de seu pai:

Eu trabalhava, desde a entrada do Brasil na guerra, com uma comissão de senhoras, angariando fundos para o apoio às forças aliadas. Visitávamos artistas que nos davam trabalhos seus para serem vendidos ou leiloados. Não media esforços em minha atuação no movimento antinazi-fascista; trabalhava convicta da justeza de minha posição, da necessidade de colaborar, seguia os ensinamentos de meu pai, buscava honrar sua memória (Gattai, 1982, p. 31).

Portanto, a politização de Zélia, que se observava desde sua infância, perdura em sua fase adulta, agora mais amadurecida, já não sendo acompanhada dos pais, mas indo por vontade própria, desempenhando papéis em grupos e movimentos de esquerda.

Foi em um congresso que Gattai conheceu Jorge Amado, a quem já admirava como escritor: “Fui apresentada a Jorge no último dia do Congresso [...] eu o via de longe cercado de gente - de belas mulheres, principalmente -, falando, aplaudindo, sendo aplaudido.” (Gattai, 1982, p. 30).

Na afirmação anterior, o ciúme e o estrelato de Jorge, coisas que, por vezes, a incomodavam, principalmente quando não podia acompanhar o marido, ficam subentendidos. Havia uma inquietação com o lugar que esta relação por vezes a

colocava, um lugar em segundo plano, no bastidor, fato que aconteceu, por exemplo, quando estavam exilados e João Jorge ainda era muito pequeno. Zélia pontua, deixando transparecer a sua resignação, seu inconformismo e a sua crítica por sua condição de mulher e de mãe, ilustrado no relato contundente a seguir:

Quanto a mim, tudo já fora resolvido: enquanto Jorge estivesse na Polônia eu permaneceria no Castelo dos Escritores esperando a sua volta. Ao saber que ficaria novamente sozinha, senti um nó na garganta, mas não disse nada, aceitei a decisão, compreensiva assim como devem ser as mulheres de maridos engajados em lutas sociais e políticas. Isso eu aprendera havia muito. Ficaria em país estrangeiro, curtindo preocupações, curtindo ciúmes e saudades. Aceitava a determinação como contribuição minha à luta pela paz, um bom consolo! Contribuição de quem ajuda na sombra, na surdina, e leva fama de acomodada. Tantas vezes já sucedera, eu conhecia de sobra o problema (Gattai, 2009, p. 98).

São as pontuações e ponderações de quem precisou estar no bastidor muitas vezes, mas que, ao se deixar por escrito, faz de sua fala também uma denúncia, um manifesto, que corrobora a ampliação da fala feminina, assim como fizeram Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Djamilia Ribeiro, entre tantas outras.

São duas as obras principais que trazem esse período denominado “Chão de Passagem” e, a partir delas, será escrito este capítulo. A primeira delas chama-se *Um chapéu para viagem*; abaixo ela mesma conta porque dera este nome para seu livro:

Optei por Um Chapéu para Viagem, já que o livro começa com uma viagem e termina com outra, viagens fundamentais em minha vida. Para cada uma delas ganhei um chapéu, dois belos chapéus que impressionaram e inquietaram Lalu, preocupada que me dessem “quentura na cabeça” (Gattai, 1982, p. 10).

A primeira viagem aconteceu em 1945, quando a autora saiu de São Paulo após conhecer e decidir viver com o escritor Jorge Amado; e a outra se deu em 1948 quando, perseguidos pela censura no governo Dutra, ela e Jorge deixam o país e vão viver exilados na Europa.

Adiantando os fatos, já que a citação traz Lalu, antecipo que dona Eulália – Lalu, mãe de Jorge – é uma personagem muito importante neste período da vida de Gattai. Baiana, cansada de tanto trabalhar na casa enorme que tinham em Ilhéus, na fazenda de cacau, achava que ser mulher era uma desgraça, e, segundo a própria, tinha feito uma promessa a “Tonho”, o santo Antônio, a quem ela se referia com intimidade, para só ter filhos homens. Teve quatro.

Quando Zélia engravidou de seu segundo filho, Lalu lhe perguntou se queria que Lalu fizesse uma promessa a “Tonho” para que viesse um menino... Nove meses depois, nasceu João Jorge Amado. Dona Eulália, juntamente com seu João Amado, seu marido, são personagens fundamentais que compuseram a rede de afetos de Zélia, fazendo com que ela criasse seu chão também no Rio de Janeiro.

A outra obra que aborda a segunda estadia da autora no Rio de Janeiro é “Chão de meninos” (1992). O livro abrange desde o regresso de Gattai do exílio, em 1952, até a ida da família para morar definitivamente na casa do Rio Vermelho – Rua Alagoinhas, 33, Salvador – onde viveu, como já dito, por mais de quarenta anos.

## 2.1 Chão de passagem: primeira paragem

Este capítulo aborda os períodos mencionados por uma ordem cronológica, começando, portanto, com o período narrado em “Um chapéu para viagem”, que vai de 1945 a 1948, momento histórico do pós-Guerra e início da Guerra Fria, bem como da consolidação do Socialismo na União Soviética. Neste período o mundo se dividiu entre “capitalistas” e “socialistas” e ter ideologia comunista, no Brasil, passou a ser crime diante das duas ditaduras implantadas em diferentes momentos no país.

Zélia Gattai foi vítima deste “crime” duas vezes: Na Ditadura Vargas e na Ditadura Militar. Na primeira, vivenciou a prisão e a morte de seu pai, Ernesto Gattai, condenado por ser comunista e anarquista, conforme já abordado no capítulo 1. Já na segunda ditadura, seu marido passa a ser perseguido e ela se vê coagida a ir embora do país.

Casei-me aos 19 anos. Noivo escolhido entre vários candidatos, esse tinha uma qualidade a mais: era também, como os meus pais, “livre-pensador”. Mas, ainda assim, o casamento não deu certo, durou alguns anos e, como saldo positivo [...] coube-me a alegria de um filho e amigos que conheci durante o tempo de casada, amigos queridos com os quais eu prolongava e aprofundava o ambiente da casa paterna: o interesse pela cultura e pela política. Os mesmos amigos que me ajudaram a superar a dor que me causara a perda de meu pai, em 1940 (Gattai, 1982, p. 15-16).

A referência acima é das únicas, pouquíssimas, feitas a seu primeiro casamento em toda a sua obra. Como esta tese trata de uma revisão literária da obra de Gattai, não se buscou um aprofundamento deste período em sua vida.

Do casamento restou-lhe, como ela mesma diz, um filho, Luiz Carlos, nome dado em homenagem a Luiz Carlos Prestes. No relato a seguir, a homenagem ao político, bem como a denúncia de tempos sombrios: “Centenas de crianças foram

registradas com o nome de Luiz Carlos naqueles anos de guerra, de medo, de lutas e de esperança, em homenagem ao prisioneiro da ditadura, isolado do mundo, incomunicável num cárcere” (Gattai, 1982, p. 24).

A experiência com Luiz Carlos Gattai Veiga, seu filho, é bastante sentida neste período. Diz-se “sentido” porque Zélia não entra muito no pormenor das dores e das razões que fizeram-na deixar Luiz Carlos em São Paulo e partir para o Rio de Janeiro com o novo companheiro. Contudo, no pouco que fala do menino, ainda que a referência à falta dele seja pontuada em vários momentos de suas obras, percebe-se a dor dessa escolha entre exercer a maternidade, como exige o sistema que condena as mulheres, mas não os homens, e viver o tal amor incondicional, que nos aprisiona e silencia, pois, a qualquer manifestação nossa, nos será imputado o rótulo de “mãe desnaturada”. Entretanto, Zélia optou por sua liberdade: “A minha união com Jorge incomodara muita gente, transformara-se num pequeno escândalo, repercutindo nos meios de esquerda e em portas de livrarias. Agora íamos partir deixando para trás todos aqueles mexericos” (Gattai, 1982, p. 13).

Uma das pessoas incomodadas foi o ex-marido – “homem sério, mas muito esquisito [...] estrambólico”, segundo dona Angelina (Gattai, 2001, p. 18). Paloma Amado (2022), em entrevista para esta tese, afirmou que o pai de Luiz Carlos já havia concordado com a ida do filho com sua mãe, porém recuou da decisão ao saber que a nova união de Zélia era com o famoso escritor Jorge Amado.

O tema incita questões complexas acerca do machismo e do feminismo. Escrever sobre estes temas em Zélia Gattai requer, principalmente, que a pesquisadora se destitua do machismo estrutural do qual é vítima e de qualquer juízo de valor. A intenção de Zélia era a de levar Luiz Carlos com ela para o Rio de Janeiro. Na época, o menino tinha três anos de idade: “Quando tudo parecia estar resolvido, quando me preparava para levar a criança comigo, apresentaram-me uma lei que proibia a permanência de meu filho a meu lado” (Gattai, 1982, p. 46). Ela não recuou de sua decisão.

— E o menino?

Ela (a mãe) tocara num ponto nevrálgico, ferida aberta. Referia-se a Luiz Carlos, meu filho de três anos.

— Luiz Carlos vai ficar por enquanto com a Vera, a senhora sabe disso. Não posso fazer nada agora, mãe, estou de pés e mãos atados [...] Não acertara no primeiro casamento, encerrara essa etapa de minha vida, livro fechado para sempre (Gattai, 1982, p. 46).

Apesar de difícil, Gattai não recuou de sua decisão, manteve-se firme em sua intenção de seguir a vida com seu novo companheiro. Sobre os demais



preconceitos em relação à mulher desquitada, abaixo, um belo e importante diálogo entre ela e a mãe:

— E o que os pais de Jorge vão pensar? Você vivendo com o filho deles sem ser casada de verdade [...]

Essa agora era boa! O detalhe da legalidade do casamento preocupava aquela mulher liberal, aquela velha anarquista [...].

— Viva o amor livre, dona Angelina! [...].

— Você sabe muito bem que nesse mundo capitalista em que a gente vive, mundo velhaco para as mulheres, não se pode pensar em amor livre. O amor livre é só para os homens... Amor livre, só num regímen anarquista.

[...] De repente, deixara de raciocinar; um sentimento que jamais conhecera apoderara-se de mim: o amor [...].

Agora, partia para outra tentativa [...] seria cega, surda e muda a tudo que viesse contra o nosso amor. (Gattai, 1982, p. 46-47).

O pensamento livre que aprendera desde a infância, mesmo seu pai sendo machista quando o assunto era suas filhas, lhe custara neste momento “divisor de águas” na sua vida. Sua brincadeira acima com dona Angelina é um retrato do conflito de gerações, mas que mostra duas mulheres com pensamentos progressistas, uma resignada com a condição da mulher e a outra determinada a enfrentar tais condições em busca do que queria para si. Ambas são importantes para a compreensão na luta contra o que está prescrito para a mulher, que a limita, a cerceia em desejos e oportunidades.

Zélia não relata em sua obra as suas dores profundas. Por exemplo, ela não esmiuça as suas idas a São Paulo para visitar o filho, as dificuldades de convivência com a criança impostas pelo pai, que lhe causavam tanta dor. Alguns desses relatos foram obtidos em entrevista com Paloma Amado (2022).

Contudo, infere-se sobre estas dificuldades ao lermos os silêncios de Gattai. As saudades de Luiz Carlos, por exemplo, são pontuadas em vários livros seus, quando fala das cartas que recebia da mãe e das irmãs no exílio e de seu choro provocado por elas: “Jamais choraria nas vistas de Jorge as saudades de Luiz Carlos” (Gattai, 2009, p. 41).

Contudo, a obra de Gattai trata de uma escrita para além do “eu”, uma escrita de mundo. Ela escreve com a intenção de deixar para a leitora muito mais do que suas lembranças, mas uma fonte de pesquisa, um lugar de lucidez e memória da história.

Iniciando-se na escrita tardiamente, escrevendo dos sessenta e três aos oitenta e nove anos, Gattai teve bastante tempo para amadurecer suas memórias e suas vivências e saber da relevância para além dos interesses nucleares de família, mas para o interesse de nossa política e história, fatos que são tantas

vezes engavetados. O distanciamento dado pelo passar do tempo também contribui para a edição do fato narrado, para uma escrita ativada também pelo contemporâneo da época da escrita e não tanto pela verve do acontecimento recente.

Como já foi dito, sua obra parte das suas reminiscências, mas sempre preocupada em falar do outro e do lado de fora, do mundo. Uma via de mão dupla entre o aqui e o ali, o seu cotidiano e o contemporâneo, que levam aos chãos de Zélia Gattai. Nunca foi uma autocomiseração, nunca uma vitimização, mas também não galgou posto de heroína. Procurou narrar-se como uma mulher comum, mas que sabia da importância do que vivera, das pessoas com quem convivera e do quanto isso interessaria ao público, à história, à política.

Importante destacar que o convívio com intelectuais e artistas já fazia parte da vida de Gattai desde muito nova, ainda na infância, e estendeu-se pela sua vida adulta, ainda antes de unir-se a Jorge Amado, conforme ela mesma destaca na citação abaixo. A autora, que à época, construía ainda a sua intelectualidade, sem dar nenhum indício de que viria a ser a escritora que foi, já buscava estar com pessoas de sua admiração: escritores, pintores, artistas, intelectuais que compunham a cena do Brasil na época.

As visitas aos Mendes de Almeida significavam muito para mim, moça simples, de família modesta; penetrava no mundo da cultura num ambiente de intelectuais renomados [...] Lá conheci Mário de Andrade, Tarsila do Amaral. Lasar Segall, Oswald de Andrade [...] tornei-me amiga de escritores e artistas [...] Rubem Braga [...] Vinicius de Moraes aparecia vez ou outra com sua poesia e seu charme. Tornamo-nos amigos fraternos para toda a vida (Gattai, 1982, p. 19).

“Eu não ando só, só ando em boa companhia” (Para [...], 2003). A canção de Toquinho e Vinicius de Moraes, de 1972, parece ter sido um lema na vida de Zélia. Sua vida fora inteira permeada de amizades e de afetos, os quais ela fez questão de destacar em todos os seus livros.

A casa dos Mendes de Almeida é cenário a partir de onde Zélia conta sobre as influências em sua vida adulta ainda em São Paulo, bem como de seu ciclo de amizades: personalidades, artistas, intelectuais que faziam parte da sua vida. A autora deixa claro um traço marcante de sua personalidade, o de querer estar no meio das pessoas para ela interessantes e querer participar ativamente da vida política e cultural de sua época.

Em sua escrita, deixa evidente o quanto sabia que aquela convivência era importante e o quanto o relato daquelas convivências, mesmo sendo escrita quase quarenta anos depois, era um fio condutor para a compreensão histórica trazida

por sua obra.

Assim como na casa dos Mendes de Almeida, na casa dos Jagle conheci artistas e intelectuais. Ali aprendi a amar Beethoven, Chopin, Mozart, Wagner... eu era entendida em óperas italianas, ouvira suas árias durante toda a minha infância [...]. Na casa dos Jagle, ampliei meu conhecimento e minha paixão pela música. Em casa do pintor Clóvis Graciano [...] vi em 1942, durante a ditadura, quando tudo era proibido, um exemplar da *Vida de Luiz Carlos Prestes, el Caballero de la Esperanza*, recém-saído na Argentina [...] o livro era proibidíssimo, entrava clandestinamente no Brasil, era vendido no câmbio negro e sua posse dava cadeia [...]. A opinião era unânime: Jorge Amado não poderia voltar ao Brasil tão cedo [...]. Ao escrever a biografia de Prestes, o escritor desafiara o Estado Novo, denunciara a ditadura, lançou a campanha pela anistia (Gattai, 1982, p. 21-22).

Trazendo seus personagens, agora os Jagle e o pintor Clóvis Graciano, ela conta de seus aprendizados e do que também contribuiu para sua formação cultural, deixando-nos inferir a sua relevância como escritora para a compreensão de nossa cultura.

As amizades e os afetos aparecem em todas as fases de sua vida como um dos maiores ativos da autora. Sempre que pôde, fez referência e deferência aos amigos, deixando à leitora, muitas vezes, minibiografias cotidianas de pessoas conhecidas, não seus grandes feitos, pois estes já são conhecidos, mas curiosidades do bastidor, do dia a dia de personalidades, que tanto interessam a uma pesquisadora.

Seus relatos dessas amizades trazem também relatos da censura, e é desta época que ela denuncia tempos em que ler um livro era considerado uma ameaça ao país e, portanto, proibidos:

Impossível encontrar exemplares de seus livros (de Jorge Amado) para comprar naqueles tempos de Estado Novo. Queimados em São Paulo e na Bahia, apreendidos em todo o país em novembro de 1937 [...] (Gattai, 1982, p. 23).

Sobre Jorge Amado, considero importante fazer um adendo: digo que é possível escrever uma biografia dele por via dos relatos de Gattai, contudo, mesmo ciente da relevância do escritor e político para a história do Brasil, esta tese não se aterá a ele, mas em como Zélia constrói uma narrativa histórica, política e social do Brasil, e do mundo, perpassando também por Jorge Amado, já que a vida da autora foi profundamente impactada pela escolha de conviver com um deputado do Partido em meados do século XX.

Um dia chegou Carlos Lacerda com a família [...]. A família Lacerda instalou-se a princípio em casa dos Mendes de Almeida. Com a presença do casal carioca, os fins de semana no Paraíso tornaram-se ainda mais animados. Cresceram as discussões políticas (Gattai, 1982, p. 20).

A convivência com políticos da época também palmilhou o chão de Gattai na vida adulta, como a relação com os Lacerda. Atuar politicamente sempre foi uma opção da autora. Seus últimos relatos de quando vivia em São Paulo trazem a sua atuação em um evento político e histórico, que foi o Congresso dos Escritores pela anistia de presos políticos em São Paulo, em janeiro de 1945, o qual ela detalha em *Um chapéu para viagem*.

“Após uma semana de reuniões, debates e festas, o Congresso terminou com explosiva declaração de princípios que condenava a ditadura e reclamava o restabelecimento das liberdades democráticas” (Gattai, 1982, p. 29).

A militância de Zélia Gattai pode gerar inquietações a nós que estamos afetados pelos avançados anos do século XXI, quando está em pauta a quarta onda do feminismo, o questionamento aos padrões de comportamento, e, não obstante, a cobrança pelo posicionamento frente a questões de gênero e desigualdade.

A despeito da constante luta das mulheres e das muitas conquistas que o movimento feminista obteve, ainda convivemos com mulheres que reproduzem a cultura heteronormativa e o pensamento falocêntrico, sucumbindo à decisão masculina e reduplicando a opressão e a discriminação contra mulheres e, principalmente, criticando as mulheres feministas, como se nós fôssemos responsáveis pela desagregação entre as famílias heteronormativas.

Zélia Gattai, de forma alguma, levantou a bandeira do feminismo. Tal termo nem é tocado em sua obra. Consciente de que tinha um papel a desempenhar por seu país, ela vivenciou e escreveu sobre importantes fatos políticos e históricos. Sem dúvida, era uma mulher progressista.

Contudo, não há como rotular Gattai: seja sob a bandeira do comunismo, ou a bandeira do anarquismo, ou mesmo do feminismo, pois é inegável que seu comportamento frente aos padrões da época diz de uma mulher bastante feminista. Bastante politizada, mesmo assim, assumiu outros papéis que eram mais coerentes com o que ela pretendia para si, como o de esposa, por exemplo. Gattai recebeu algumas críticas por esse comportamento:

— Como é que você explica? [perguntava-lhe certa mulher] Aqui no Rio há tanto tempo e não participa de nada? Não pertence a nenhuma célula, não aparece no movimento feminino [...] Só vai a festas! Pelo que sei, lá em São Paulo você se mexia, parece até que era ativa. Aqui se acomodou. Se estou falando isso com você é porque Jorge Amado pertence a todos nós [...] Um homem como Jorge Amado, da sua importância, necessita de uma companheira que o acompanhe em sua luta,

que esteja à sua altura, que seja atuante [...] – agredia-me violenta, encantada com a oportunidade de me humilhar (Gattai, 1982, p. 124).

Zélia doava-se à política, à militância, mas não de forma que a desviasse de seu foco, que era a sua liberdade. Se em alguns momentos ela parecia ao mundo uma mulher submissa e reservada, em outros, colocava seus interesses políticos – e amorosos – acima da maternidade, o que pode parecer impensável para a maioria das mulheres e dos homens, principalmente porque não conseguimos transpor o sistema patriarcal em nosso país.

Depois de muita luta para conciliar as obrigações caseiras, sobretudo as de mãe de filho pequeno, com o trabalho político, um acontecimento familiar veio facilitar minha colaboração [...]. Vera, minha irmã, viera morar comigo [...]. Eu podia sair despreocupada, tudo ficaria em paz sob sua guarda. Inclusive Luiz Carlos, meu filho (Gattai, 1982, p. 31).

Militante, mãe e dona de casa: trabalhos inconciliáveis para qualquer ser humano, mas que geralmente recaem para a mulher. A citação acima nos traz uma questão tão antiga quanto contemporânea, que é o trabalho da mulher dentro de casa. Trabalho este cuja concepção foi construída em alicerces capitalistas, que apregoam o título de trabalhador ao provedor da família e ao sujeito que desenvolve atividade remunerada. Portanto, mulheres não seriam produtivas, pois, no lar, a tarefa doméstica não é reconhecida como trabalho, tampouco é remunerada.

Silvia Federici (2019) problematiza bem didaticamente a imposição da mulher aos trabalhos domésticos em seu livro *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. Segundo ela, à mulher compete o “Trabalho Reprodutivo”, que consiste no trabalho de cuidar, de alimentar, de garantir a vida às crianças. Já ao homem, Federici (2019) afirma que compete o “Trabalho Produtivo”, que é o das fábricas, por exemplo, o trabalho fora de casa.

Foi essa divisão de trabalho, segundo a autora, que deu condições à preservação do capitalismo: “[...] a casa e o trabalho doméstico não são estranhos ao sistema fabril, mas, sim, a sua base” (Federici, 2019, p. 18). Para Federici (2019), o capitalismo só é possível pela domesticação do trabalho da mulher, trabalho que não é remunerado e que, portanto, submete a mulher ao homem. No caso, capitalismo e machismo se unem fortemente para submeter a mulher à domesticação.

Por sorte, Gattai tinha, naquela época, uma rede de apoio, algo importante que permite certa liberdade à mulher, principalmente à mulher que é mãe. Zélia encontrava essa rede também nas irmãs. Tanto Vera quanto Wanda foram

fundamentais na vida de Zélia. Ambas lhe apoiaram em sua decisão de seguir com Jorge Amado e, segundo dona Angelina, “ai de quem” falasse mal de Zélia perto de Wanda. Já Vera, cuidou de Luiz Carlos, sendo o elo entre ele e a mãe ausente.

Agora, “livre” e despreocupada, poderia dedicar-se ao que lhe interessava naquele momento: a luta política. É nesse período também, como já foi mencionado, que ela conhece seu segundo marido e, por ele, parecia não medir esforços.

— Você, aí... — (Jorge) segurou-me pelo braço: — você vai trabalhar comigo no setor de divulgação [...]  
Sem esperar que eu me decidisse, puxou-me pelo braço:  
— Já tenho um trabalho para você, urgente. Venha comigo...Ponha uma folha de papel na máquina que eu vou ditar uma nota para ser distribuída aos jornais – ordenou o patrão [...]  
— Eu não sei escrever à máquina — confessei a custo.  
— Não sabe? Mas que moça mais inútil! [...]  
Desabituada àquele tipo de brincadeira, encabulei, humilhadíssima. Percebendo meu desapontamento, Jorge tratou de me desanuviar:  
— Não vá pensando que não tem mais o que fazer. Temos muito trabalho pela frente! (Gattai, 1982, p. 32).

Neste primeiro encontro do casal relatado por ela, nota-se um comportamento machista que alimenta o patriarcalismo que incide sobre a sociedade. A mulher imediatamente é chamada de inútil, diminuída, como se tivesse obrigações a cumprir para se tornar útil. Assim como em “brincadeiras” disfarçadas de críticas, diz-se da mulher que sabe cozinhar que está pronta para se casar.

Essas falas, essas “brincadeiras”, funcionam como um reforço do lugar da mulher, das atitudes que se espera delas, como uma coação e uma redução de possibilidades e de ampliação de espaços de atuação da mulher. Lugar este do qual as lutas feministas tentam nos tirar, e nós, no cotidiano, também tentamos nos esquivar para que ampliemos os nossos “chãos”.

Zélia não colocou este relato à toa. Pela sua reação, ela não gostou da brincadeira. Para ela, que sempre batalhou por sua autonomia e liberdade, deve ter sido bastante difícil o papel de mulher de Jorge Amado: um político bastante demandado e um escritor famoso. Sair da sombra à qual o patriarcalismo lhe impunha devia ser uma luta diária.

Em matérias colhidas sobre Zélia na Fundação Casa de Jorge Amado, entrevistas em revistas dos anos 1950, 1960 e 1970, é notória a referência à

autora como “a mulher de Jorge Amado”<sup>7</sup>. Com o passar dos anos, à medida em que ela vai publicando seus livros, ela vai passando a ter o seu próprio lugar na mídia, passa a ser chamada por sua profissão: escritora Zélia Gattai. Segundo ela própria: “Ser casada com ele é saber pôr na balança os dois lados: um muito trabalhoso; o outro interessantíssimo [...]”<sup>8</sup>.

Se a aproximação de Jorge foi um tanto misógina, contudo, a moça de personalidade forte encontrou uma maneira de dar o troco, respondendo-lhe com ironia, uma forma de se defender:

Naquela mesma noite integrei uma caravana que fazia um comício pela anistia... No percurso, Jorge resolveu continuar a divertir-se à minha custa:

— Não vá me dizer que também não sabe falar em praça pública!...

— Você errou na escolha da ajudante. Também em discursos sou uma inútil.

Ele riu da resposta, fez uma pausa, falou sério:

— Você vai é conversar com o povo no meio da massa; vai distribuir folhetos, vai explicar aos que não entendem o que é anistia e por que pedimos anistia. Certo? Enquanto os oradores falavam, misturava-me ao povo, conversava com as pessoas usando uma linguagem simples, sem ter de fazer nenhum esforço para isso, completamente à vontade, integrada e satisfeita com o novo encargo (Gattai, 1982, p. 33).

Após fazer mais um comentário com traço de misoginia, Jorge lhe dá uma missão, e ela, desafiada e, agora, encorajada, sente-se satisfeita por ter agradado seu homem. É perigoso esse jogo, o que no linguajar popular se diz “morde e assopra”, quando a mulher é enaltecida após uma humilhação, deixando-a cada vez mais refém da aprovação do homem.

Não há aqui a intenção de afirmar que essa era uma prática na vida do casal, contudo, uma Leitura Femina contemporânea desse relato não pode deixar de perceber tais tipos do que hoje se configuraria como abuso.

Característico de sua escrita, dando a ver vários enunciados a partir de uma única citação, Gattai também traz um momento bastante relevante na vida política do Brasil, o fim da ditadura do Estado Novo, em que fala dos bastidores da luta pela anistia, de como era feita, como deveria ser feita.

Zélia pareceu exercer sua militância da forma que conduziu a sua escrita, com uma linguagem simples. Linguagem esta por muito tempo desvalorizada pela literatura, como uma Literatura Menor, mas que se configura como uma das

<sup>7</sup> Por vezes, entrevistas inteiras perguntam à Zélia sobre como era Jorge, como uma para o jornal *O Globo*, no caderno intitulado “Jornal da família” – o que, *per se*, já incita uma questão que é: o que se entendia por família em 1977? O título da matéria reforça o lugar destinado à mulher, o de cuidadora do lar e dos outros: “Onde Zélia Amado, mulher de Jorge, mãe de João Jorge e Paloma, avó de Bruno, Maria João, Cecília e Mariana narra fatos, episódios, anedotas e confidências dos seus 32 anos de casamento com o mais comentado de nossos escritores”.

Arquivo Fundação Casa de Jorge Amado, acessado em agosto de 2022.

<sup>8</sup> Arquivo Fundação Casa de Jorge Amado, acessado em agosto de 2022.

formas mais importantes de se saber o que houve, um meio importante de conservação da memória coletiva.

É desse período que Gattai escreve sobre um fato político/histórico relevante que acontecera com os italianos residentes no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial. De um acontecimento com sua mãe, ou seja, da casa, ela amplia a fala para o mundo:

— Escuta só esta! — Era mamãe; falava à meia-voz, pois todos dormiam ainda, mas não escondia sua indignação: Ouvi agora mesmo no rádio que um submarino alemão afundou um navio brasileiro [...]. Eles disseram, pelo que entendi, que os súditos do Eixo vão ter que pagar pelo navio afundado [...]

**Mamãe ouvira direito. O governo brasileiro tomava urgente medida de represália contra alemães e italianos radicados no Brasil: como primeira sanção, decretava o congelamento de suas contas bancárias [...].**

— Quer dizer então que vão me tirar o mísero dinheiro que tenho? Ora, essa é boa! Os nazistas afundam os navios e eu, que sou contra *tutti questi schifosi*, tenho que pagar o pato? Tem cabimento uma coisa dessas? [...]

A cada navio torpedeado – nada menos do que seis em quatro dias [...] – naufragavam com ele as modestas parcelas do reduzido capital de dona Angelina. Antes do sexto navio soçobrar, já não lhe restara um só níquel na Caixa (Gattai, 1982, p. 25-26, grifo nosso).

Em uma tentativa de represália ao nazifascismo, o governo brasileiro confiscou o dinheiro de italianos, mesmo tendo dona Angelina chegado ao Brasil com quatro anos de idade. Em estados de exceção, muitas arbitrariedades são cometidas com justificativas políticas, acarretando muitas injustiças como esta, vide os crimes de guerra cometidos nos campos de concentração.

Em tempos de euforia política para os simpatizantes da esquerda no Brasil, a movimentação cultural, bastante influenciada pelas conquistas das lutas democráticas do ano de 1945, também fervilhava em São Paulo. Nesse período do início de romance com Jorge, a cultura brasileira e a vida pessoal da autora se misturam em passagens interessantes:

O grande salão do Comitê, à noite, passara a ser ponto de reunião, local de atração. Lá podiam ser encontrados jornalistas, pintores, artistas de teatro, poetas, médicos, advogados... ensaiavam-se hinos compostos especialmente para o grande dia, namorava-se e conversava-se muito (Gattai, 1982, p. 34-35).

Fazíamos comentários rindo alegres, quando apareceu Jorge. Vinha me buscar:

—Caymmi está cantando lá dentro, venha ouvir...

Eu não sei cantar, pedi a Caymmi que cante por mim.

E a música começou: “Acontece que eu sou baiano / acontece que ela não é. Mas tem um requebrado pro lado / Minha nossa senhora, meu Senhor São José...” Tem tanta mulher no mundo / só não casa quem não quer / por que é que eu vim de longe / pra gostar dessa mulher?...

Jorge apertou meu braço, olhamos um para o outro; seu rosto estava sério,



visivelmente emocionado. E eu? ... Senti que estava irremediavelmente fisgada. (Gattai, 1982, p. 37).

Pode parecer estranho uma tese trazer os bastidores do início de um romance, mas é que, no caso de Zélia, cuja escrita é coral e tantas vozes se apresentam, impossível não trazer uma declaração de amor vinda de Jorge Amado, cantada por Dorival Caymmi. A cultura brasileira imbricada em sua vida, tecendo sua rede de afetos e de memórias.

Aproveitando o ensejo, trago um relato desta mesma época, que envolveu Pablo Neruda e sua mulher à época, Delia de Carril. Ao voltarem os quatro, de madrugada, num táxi, Jorge pediu para parar em frente a uma vendedora de cravos e comprou todos os que lá estavam:

Pela porta aberta do táxi, uma rajada de cravos vermelhos, orvalhados cobriu-me da cabeça aos pés. Jamais Pablo esqueceu dessa cena. Na última vez que o vimos, pouco antes de sua morte, ele ainda recordava: “*la lluvia de claveles rojos em la madrugada...*” Quanto a mim, a lembrança dessa noite acompanhou-me sempre; ajudou-me em momentos difíceis de minha vida (Gattai, 1982, p. 43).

O comício no Pacaembu com a presença de Luiz Carlos Prestes após a sua soltura é um fato histórico do qual Zélia participou ativamente e registrou em sua obra: “[...] Agora estávamos organizando uma nova reunião das massas a ser realizada no Estádio do Pacaembu, na qual Prestes falaria ao povo de São Paulo” (Gattai, 1982, p. 34). O Partido Comunista estava em festa com o fim da ditadura do Estado Novo e com a legalização do Partido.

“Após uma longa e tenebrosa ditadura de dez anos no Brasil, o Partido Comunista conquistara a sua legalidade, o povo alcançara o direito ao voto em eleições diretas, livres, para eleger presidente da República e deputados” (Gattai, 2001, p. 18).

Jorge Amado seria eleito com a maioria dos votos do Partido e, mesmo contrariado, pois sua intenção era apenas se candidatar para atrair votos para o Partido e, em seguida, renunciar, foi convocado a assumir, já que seria, claro, um desrespeito com seus eleitores, caso renunciasse.

“Você não pode decepcionar seus eleitores – disseram-lhe, não abriram mão dele e, no Parlamento, ele atuou por mais de um ano, até ser expulso com toda a bancada num retrocesso antidemocrático do presidente Dutra” (Gattai, 2001, p. 18).

Zélia Gattai mudou-se, então, para o Rio de Janeiro, onde, lá, iniciou uma nova vida, tendo contato direto, na então capital federal, com uma série de fatos

políticos e históricos, bem como conviveu com pessoas que definiam a cena política da época.

Mais uma vez, anônimos compõem a obra de Gattai, falas as quais a autora vai costurando e com as quais vai palmilhando os chãos por onde passa. Na passagem a seguir, Fanny, então secretária de Jorge Amado em São Paulo, entra na história com o seu presente para Zélia, um chapéu para a viagem de mudança para Rio de Janeiro. Fanny, tempos depois, casou-se com James Amado, irmão de Jorge e veio a compor a família de Zélia, sendo uma das responsáveis pelo título da obra de Gattai.

Fanny Rechulsky, secretária de Jorge, quis saber qual chapéu eu usaria na viagem.

— Chapéu? — admirei-me. [...]

— E você acha que é preciso chapéu para viajar de avião, Fanny?

— Bem, preciso não é, mas cairia bem (Gattai, 1982, p. 11-12).

Da chegada ao Rio, traz um relato de sua sogra no aeroporto, que mostra a origem nordestina de Lalu, relato que também faz alusão ao título da obra.

Enquanto esperávamos o taxi, dona Eulália deu uma examinada completa na nora que o filho lhe trazia... Terminada a verificação, rompeu o silêncio, dirigindo-me a palavra, apontando minha cabeça:

— E ela gosta de chapéu, hem! Deus me livre de usar chapéu. Ave Maria! Dá uma quentura na cabeça! [...] (Gattai, 1982, p. 48).

Por vezes, a escrita memorialista de Gattai se assemelha a um romance. Não pela questão ficcional da memória, mas pela forma com que ela retoma fatos já mencionados para dar sentido à sua história. Assim como quem fecha uma ideia, como quem chega a um final e presta contas à leitora que leu até ali o seu livro; em seguida, ela retoma o “fio da meada”.

No livro *Um chapéu para viagem*, ela faz algumas referências ao chapéu, ao comentário de dona Eulália, relatos que trazem a leitora para aquele chão, aquele dia a dia, enquanto ela discorre por fatos que falam para além dela, que dão uma relevância ainda maior para sua escrita. Que deixa de ser uma “escrita do eu” – uma escrita autocentrada – para tornar-se uma “escrita de si e do outro” (Klinger, 2012), ou ainda, “uma escrita do outro e do mundo a partir de si”.

“Em verdade, na hora de partir de São Paulo para o Rio de Janeiro e ao deixar o Rio para a Europa, em ambas as viagens, tinha a cabeça quente, estourando. Não devido ao chapéu, é claro” (Gattai, 1982, p. 10).

Ambas as viagens que caracterizam o chão de passagem, seja a de chegada ao Rio de Janeiro, como a de partida para o exílio na Europa, foram momentos desafiadores em sua vida. Momentos de insegurança, de muitas

mudanças, de perdas, mas, como ela costuma relatar em suas obras, de muitos ganhos, de muitos novos amigos, de muito aprendizado.

Nos primeiros relatos de sua chegada no Rio de Janeiro, personagens que se entremeariam em sua vida e que compõem o coral da linguagem de sua obra:

Primeiros contatos no Rio. Partimos direto do Aeroporto Santos Dumont para o auditório do instituto de música, onde se realizava, naquela manhã, um ato público durante o qual escritores e artistas receberiam as credenciais de membros do Partido Comunista... Dona Eulália, a meu lado, apontava-me pessoas que lhe eram familiares:

— Olhe aquele ali, é o Graciliano Ramos [...] aquela é dona Heloísa, mulher dele. O baixinho é um pintor Famoso [...]

Olhei e reconheci, Cândido Portinari. Presidindo a sessão, esse eu conhecia bem, Luiz Carlos Prestes.

No saguão, nesse mesmo dia, fui apresentada a Astrojildo Pereira, escritor e um dos fundadores do Partido Comunista, a quem conhecia de nome, desde a minha infância. Fora ele quem escrevera o elogiadíssimo necrológio de meu avô anarquista, Francisco Arnaldo Gattai, integrante da Colônia Cecília (Gattai, 1982, p. 48-49).

Ora sua escrita se assemelha a uma novela, com atores que compuseram a história e a arte, indo de Portinari até seu avô, incluindo pessoas de seu convívio cotidiano, bem como pessoas reconhecidas no Brasil, no mundo, num ir e vir nesse chão povoado de histórias.

No relato abaixo, a autora dá um breve panorama do que será a vida dela nesta primeira passagem pelo Rio de Janeiro. Geralmente um pouco deslocada, morando em mais de um lugar e até em casa de amigos. Contudo, um lugar onde procurou construir um lar para o novo romance que iniciava com Jorge Amado.

Sabedor de que não tínhamos ainda pouso certo, Roberto Sisson nos convidou a ocupar seu apartamento, na Praia de Botafogo, até a nossa viagem ao Sul: “Apartamento de homem só, grande, mas sem empregada”, foi avisando.

Mudamo-nos no dia seguinte que à nossa chegada ao Rio... Aos poucos fui pondo as coisas em ordem. Além das arrumações, meti-me também na cozinha; Jorge preferia comer em casa e eu tratei de fazer pratos de seu agrado (Gattai, 1982, p. 52-53).

Começou a cozinhar não só para Jorge, mas para seus convidados, que passaram a fazer parte da rotina de Zélia, caracterizando sua escrita deslizando entre a casa e do mundo. No chão do Rio de Janeiro, os apartes de Lalu, como no trecho abaixo, dando um pano de fundo para o cenário caseiro de onde partem as histórias de Zélia são tão hilários quanto importantes, pois ilustram a brutalidade e a pureza no falar de uma mulher nascida no final do século XIX no interior da Bahia (Itajuípe), vivendo todas as mudanças do século XX.

O almoço já estava pronto, ia tomar um banho rápido e me preparar para receber os convidados... Enquanto eu me aprontava no quarto, Lalu apareceu; tinha uma pergunta a fazer:

— Jorge vem com os presos?

— Que presos, dona Eulália? — arregalei os olhos.

— João me disse que hoje a gente ia almoçar com um pessoal que saiu da cadeia [...]

Não tardou muito, chegou Jorge acompanhado de Prestes, Carlos Marighella, Maurício Grabóis, Pedro Pomar, José Maria Crispim [...] todos eles na época dirigentes do PCB – os presos aos quais Lalu se referia. (Gattai, 1982, p. 70).

Nesta ocasião, ela é apresentada aos convidados de uma forma um tanto constrangedora por seu companheiro, contudo, ela aproveita a ocasião para deixar claro o seu posicionamento:

Esta é Zélia, minha mulher, uma anarquista perigosa! – apresentou-me Jorge, divertido, a Prestes e aos outros companheiros. — [...] Eu sou apenas uma livre-pensadora [...] — corrigi parodiando meu pai (Gattai, 1982, p. 70).

Difícil buscar ser respeitada em meio a tantos homens, ainda mais, figuras importantes. Observa-se que a autora buscou registrar os momentos em que ela se posiciona, tenta contradizer o marido, busca se colocar, corroborando mais uma vez com Phillipe Artières, já mencionado, de que o autor que escreve sobre si busca imprimir na sociedade a forma como gostaria de ser lembrado.

Essa característica também lhe é atribuída por seus filhos, eles afirmam que dentro de casa ela jamais permitiu que a colocassem atrás de Jorge. Segundo Paloma, em sua entrevista para a tese: “Minha mãe ou estava ao lado de meu pai ou à frente. Atrás nunca” (Amado, 2022). Já João Jorge, em sua entrevista para esta tese, disse: “Meu pai dependia muito mais da minha mãe do que o contrário. Era ela quem datilografava os originais dele” (Amado, 2023)

Porém, ainda que a percepção dos filhos, dentro de casa, fosse a de uma mãe protagonista, hoje, entende-se que essa dependência material do homem em relação à mulher, principalmente quando ela depende dele financeiramente, só reforça o patriarcalismo matrimonial, pois, passa-se a exigir que a mulher, a maior responsável pela harmonia do lar, seja infalível. E essa demanda de infalibilidade é exaustiva física e emocionalmente.

A história política do país se desenrolava no chão de Zélia. A autora desfrutou de um breve momento de paz e prosperidade do Partido, um curto período, um ano aproximadamente, em que o Comunismo não se configurava como uma ameaça contumaz ao país. Porém a preocupação nunca deixou de acometer os membros do Partido.

Em um relato absolutamente caseiro e cotidiano, Zélia traz um pequeno trecho da vida de Carlos Marighella, da dificuldade de ser quem ele foi, para além

do que sabemos pela história. O relato menos do militante, mais do homem Marighella, um homem comum. Marighella, aliás, é um personagem muito citado no período em que a autora morou no Rio de Janeiro pela primeira vez.

Talvez fosse a sua forma de reparar a memória do amigo, talvez por saber o quão importante e relevante para a história do país era a sua própria história. Desses fragmentos, vai-se configurando o avesso do Brasil da época pós-Segunda Guerra, a história dita subversiva daquela época, conferindo à autora a intelectualidade empírica, que traz o subsídio importante para juntarmos os fatos a partir do agora e entender o presente a partir do passado.

Derrida advoga o reconhecimento dos que não estão mais no presente, senão sob a forma de espectros, para uma ética possível, bem como novas possibilidades de uma política da memória e da responsabilidade, assim como uma revisão das dívidas históricas e de ações de reparação dessas dívidas (Dias, 2018, p. 50).

Faz-se uso o pensamento de Derrida aqui para validar o que de mais relevante há na literatura coral de Zélia Gattai, que são os espectros, os fragmentos do passado de onde é possível retirar um pensamento intelectual próprio, como dito, um pensamento intelectual a partir de seu empirismo.

É possível compor este pensamento intelectual não só do que está dito por Zélia, mas pelo que ela vivenciou – por sua condição de mulher – e não citou ou não deu enfoque em sua narrativa, mas que, sob o olhar de uma pesquisadora contemporânea, saltam de seus livros como gritos, como protestos, como reivindicações.

Em uma passagem de seu livro *Senhora dona do baile*, ela conclui, resignada – pois teve de ficar com o filho pequeno que não podia ir ao congresso do qual o marido participaria em outra cidade – sobre a riqueza de histórias que conheceu por ter vivido as situações que viveu:

Agora, em Wisla, eu ouvia histórias contadas por um personagem, uma das vítimas dos campos, Monika. Ouvi de seus lábios finos, numa fala arrastada, relatos corriqueiros do dia a dia no campo e histórias pungentes de arrepiar [...]  
Eu me sentia frustrada por não ter ido ao Congresso da Paz, em Wroclaw. Agora, via que aproveitara muito ficando. Todos os congressos que eu assistisse, todos os discursos, por melhores que fossem, não teriam me dado o conhecimento vivo, a dimensão profunda dos horrores da guerra e da necessidade de uma paz permanente (Gattai, 2009, p. 124-125).

É isso que Gattai faz com Marighella, no chão do Rio de Janeiro. Entre anônimos e pessoas reconhecidas, ela transita nesses relatos que são espectros, são indícios de uma época. A seguir, uma conversa que gira em torno da mesa do almoço. Segundo a autora, ela sempre colocava um prato a mais na mesa, pois

Jorge sempre trazia alguém para almoçar.

Carlos Marighella era um dos convidados mais assíduos em nossa mesa [...] Com Marighella as conversas eram movimentadas e amenas. Alegre, espirituoso, contador de histórias divertidas, tirava partido de tudo para um comentário irreverente [...]

Casamenteira como eu só, durante o almoço em nossa casa, eu me propunha para madrinha de casamento. A moça estava apaixonada. E ele? Era tudo o que eu desejava saber [...]

Assumindo um ar grave, Marighella já não brincava:

— Um homem como eu não tem direito de pensar em casamento [...] Onde eu vou encontrar mulher que se sujeite [...] Hoje estou livre; amanhã na cadeia. Hoje aqui, amanhã, quem sabe? Debaixo da terra? [...] Um homem como eu não pode se dar ao luxo [...] de amar [...] — falou em amor com certo acanhamento.

Clara Charf sabia da vida incerta e atribulada do homem que amava, sabia dos riscos que correria a seu lado, mas não se importou, casou-se com Carlos Marighella, foi companheira perfeita. Sempre apaixonada, jamais se deixou abater; confiante, acompanhou-o até o trágico fim. E o acompanha ainda hoje, guardiã da sua memória (Gattai, 1982, p. 214-215).

Uma passagem da vida de Carlos Marighella que fala do sensível, do afeto, do que pouco se escuta quando das grandes histórias, dos grandes feitos. O lado humano em meio à desumanidade a que Marighella fora acometido, ao mesmo tempo, o testemunho da perseguição e da intolerância política.

O Chão do Rio de Janeiro pavimenta-se principalmente no Peji de Oxóssi, sítio no qual escolheram para viver, afastados da cidade: “Decidíramos viver fora da cidade, em lugar retirado, tranquilo, onde Jorge pudesse trabalhar em paz [...]” (Gattai, 1982, p. 53). Escolheram morar em um sítio que pertenceu a um casal de húngaros que regressaria a seu país:

O terreno arborizado contrastava com a aridez da estrada poeirenta que acabávamos de deixar. Jorge e eu voltamos a nos entreolhar, desta vez encantados [...]. Casa espaçosa, móveis de bom gosto, bem conservados. Herdaríamos também um cãozinho *fox terrier* e os empregados[...]. Esquecemos em seguida as péssimas condições da estrada e a distância, começamos a fazer planos [...] (Gattai, 1982, p. 85).

Vida Nova. Poderíamos ter adiado nossa mudança para o sítio; seria mais lógico, pois estávamos às vésperas da abertura do Congresso. Ansiosos, porém, de viver em nossa casa, de arrumar nossas coisas, espalhadas por toda a parte e, sobretudo, desejosos de ficar juntos, a sós, não tivemos paciência de esperar e instalamo-nos no Peji de Oxóssi (Gattai, 1982, p. 89).

Aqui inicia uma fase em que Zélia experimenta a vida ao lado de Jorge, a vida em volta de bichos, animais de toda sorte que ganham protagonismo em sua obra, ampliando ainda mais a sua literatura de muitas vozes, que transita entre a casa e o mundo, entre o ordinário do cotidiano e o extraordinário do contemporâneo.

Nesse mesmo período, Gattai faz uma denúncia do Partido, a mesma feita por Patrícia Galvão (2020) em sua autobiografia precoce. Nela, Pagu conta do quanto o Partido Comunista era autoritário, tirano com seus membros, submetendo-os a rotinas de trabalhos extenuantes e a trabalhos exaustivos, sacrificando a família, o corpo, pois, no caso de Pagu, o excesso de trabalho pesado acarretou-lhe um deslocamento de útero. Imbuídos da causa e manipulados, os membros cediam a todas as ordens do Partido:

Garantiram-lhe (os diretores do partido) que uma parte de seu tempo seria reservada para que a consagrasse ao seu trabalho de escritor – essa promessa não foi respeitada: durante 10 anos Jorge lutou por um tempo livre de tarefas políticas e imediatas, sem jamais o conseguir.

Para Jorge era muito importante o novo romance... Importante também porque vivíamos exclusivamente – como vivemos, aliás, até hoje – dos direitos autorais de Jorge. Não tínhamos então, e continuamos a não ter, outra fonte de renda (Gattai, 1982, p. 89).

Quando se lê sobre a vida de grandes artistas, tende-se a se esquecer de que eles também têm contas a pagar e vivem do sucesso de suas obras. O relato acima traz isso, esse lugar dentro da casa dos Gattai-Amado, que dependiam da produção literária de Jorge Amado.

É intrigante, porém, ela usar a frase “como vivemos até hoje”, já que ela também se tornou escritora e, quando estava escrevendo o livro com a citação acima, já havia lançado, com sucesso, *Anarquistas graças a Deus*. Paloma contou na entrevista que sua mãe pagou todo o tratamento de Luiz Carlos, que sofreu com um câncer, com o dinheiro oriundo de seu trabalho.

Adianto-me bastante na narrativa e saio do “Chão de Passagem” para falar que Zélia Gattai, ao ficar viúva, em 2001, descobriu que não herdara nada de Jorge Amado, pois, como o casal só oficializou a união tendo ambos mais de sessenta anos, a separação total de bens era de praxe por lei. Paloma conta que a mãe ficou muito decepcionada, desapontada e insegura: “Mas eu não fiquei com nada!” “Eu fiquei sem nada!”, reclamou Zélia. Os filhos, João e Paloma, trataram de passar os bens para o nome dela, para que ela se sentisse segura.

Considero esse relato de Paloma como uma marca da personalidade de Gattai, e isso também é reforçado pelos filhos: Zélia era uma mulher que se priorizava, atenta a si mesma, fiel às suas crenças e vontades. Segundo Paloma Amado (2022): “Minha mãe foi a pessoa mais coerente que eu conheci. Ela era coerente com ela mesma”.

Gattai pode ser estudada a partir desse lugar, de uma mulher revolucionária dentro de seu universo, que se permitiu escolhas muito difíceis, que poucas

mulheres teriam dado conta de encarar; como a de deixar seu filho em São Paulo e ir morar no Rio de Janeiro e depois na Europa, exilada. A escolha de viajar para a Europa com um filho de seis meses no colo, ficando ainda mais longe do primeiro, para exilar-se com o companheiro foi também uma decisão muito corajosa. Fato este que será abordado no capítulo 3.

Contudo, dentro dessa revolucionária, havia uma mulher que também se submetia, que sofreu, principalmente no primeiro casamento, as dores de um machismo cruel e que, ao longo da vida, muitas vezes lidou calada com o que sua condição de mulher lhe impunha.

Porém, ela subverte o silêncio e escreve, como se, depois de muito viver e, por vezes, silenciar-se, encontrasse um espaço para falar, para deixar indícios, para denunciar, para firmar-se, reconhecendo suas origens e lastreando com relatos o lugar aonde chegou e, portanto, configurando-se como uma autoridade para falar.

Zélia começou a escrever em 1979, em um momento em que já não havia tanta censura, as ditaduras do Estado Novo e a Militar, bem como o primeiro governo autoritário do presidente Eurico Dutra, já haviam terminado, claramente um período de abertura. Com relação à Escrita Feminina, sem dúvida era um momento mais livre, quando a escrita da mulher vai deixando cada vez mais de ser obrigatoriamente uma escrita anônima. Sua escrita, como já foi dito, é um olhar para fora, um olhar do mundo, a partir de seus chãos, mas de vários chãos e, principalmente, um chão transitado e palmilhado por muita gente.

No dia 4 de fevereiro de 1946, o Palácio Tiradentes regurgitava de gente. Uma festa, a abertura do Parlamento, fechado durante tantos anos, desde 1937! Acontecimento nacional, sobretudo pela composição da Câmara e do Senado, com parlamentares de todas as tendências políticas representando o povo que os elegera pelo voto direto.

Lalu retirou do armário seu vestido de gala [...] O Coronel usaria o terno novo [...] As cadeiras já estavam todas tomadas e não houve outro jeito senão permanecermos de pé o tempo todo [...] pai e mãe aplaudiram-no (a Jorge) com entusiasmo e orgulho. Comovidos, assistiram a toda longa cerimônia de pé, sem reclamar (Gattai, 1982, p. 90).

A democracia voltara, por um curto período, ao Brasil. A ditadura que havia levado à morte o pai de Zélia agora terminava, e seu marido tomava posse como deputado federal pelo Partido. Um triunfo político e um marco histórico do qual fizera parte da pior e da melhor versão do fato. O relato dos sogros, com os detalhes de suas roupas e suas emoções, traz a leitora para perto da obra, sua linguagem imagética gera empatia e pertencimento para quem lê.

Contudo, logo após a reabertura democrática, o clima de tensão contra os



membros do Partido voltou, com uma declaração polêmica de Luiz Carlos Prestes:

Fazia pouco mais de um mês da abertura do Congresso e já o Coronel João Amado... Dedicava-se agora a manejar o dial do seu rádio, ávido por notícias... temeroso de que algo de mal se sucedesse a Jorge.  
A causa da inquietação do Coronel naqueles últimos tempos relacionava-se com um fato ocorrido pouco antes, uma declaração de Luiz Carlos Prestes que causara grande celeuma, assunto que o Brasil inteiro discutia [...]  
Se o Governo Brasileiro fosse arrastado numa guerra de agressão ao lado dos Estados Unidos contra países de régimen socialista, o seu Partido não vacilaria em lutar contra o Governo (Gattai, 1982, p. 100-101).

Do rádio da casa dos sogros, melhor dizendo, do quarto do hotel Ópera, em Copacabana, onde os sogros moravam, e, segundo Lalu, preferiam, porque tinham toda a mordomia, e ela já tinha trabalhado demais na fazenda quando mais nova, Gattai traz, pela preocupação de seu João Amado, a tensão que pairava no país.

Em pleno início da Guerra Fria, o mundo se organizando política e economicamente entre socialista e capitalista, geopoliticamente entre a União Soviética e os Estados Unidos; o Brasil ia em direção ao imperialismo americano, enquanto o partido de seu marido ia na direção do imperialismo soviético.

Gattai traz a preocupação de seu João de contar a História pelo olhar do oprimido: “Um pedido de cassação do registro do PCB, baseada na declaração de Prestes, foi apresentado à Justiça por um deputado petebista, Barreto Pinto, figura pitoresca e pouco séria no cenário político” (Gattai, 1982, p. 101).

“Seu João, ao ouvir as notícias transmitidas pelo rádio, dizia:

— Jorge escolheu um partido atacado, perseguido [...]

Mas não ia além disso; não recriminava nem aconselhava o filho.” (Gattai, 1982, p. 101).

Morando longe da capital, com o marido trabalhando muito como deputado, muitas vezes ela ficava sozinha no sítio. A ideia de morar longe da cidade do Rio de Janeiro se dera para que Jorge pudesse trabalhar como escritor tranquilamente e terminou por deixar Zélia isolada, resignada. Entre o narrar de seu cotidiano nesta época, desenrola-se a história do Brasil:

O Senado e a Câmara tinham decidido transformar-se em Assembleia Constituinte a fim de redigir e votar uma Constituição democrática que substituísse a do Estado Novo, totalitária, de corte fascista.

Jorge desenvolvia intensa atividade no Congresso [...] a tarefa de redigir, com Marighella, discursos para alguns outros deputados do Partido; tinha o tempo todo tomado [...].

Eu acompanhava as discussões pelo rádio; mesmo não tendo telefone, ficava sabendo se haveria sessão noturna, ou seja, se Jorge viria ou não dormir em casa. Às vezes, raras vezes, conseguia livrar-se, e, quando menos esperava, era aquela

surpresa! Ele chegava deixando-me doida de alegria (Gattai, 1982, p. 109).

Neste início da vida em outra cidade, que não a sua terra natal, Zélia tem a política impactando fortemente a sua vida. Em seu entorno, a democracia começa a respirar após 15 anos do Governo Vargas, mas rapidamente seria sucumbida pela censura do Governo Dutra. Deste período, os relatos de Gattai podem ser analisados sob o olhar cronológico da história e da política, trazendo a versão do lado do não arconte, a história que não nos foi contada.

19 DE SETEMBRO DE 1946. Naquele dia seria promulgada a Constituição da República. Entrariam em vigor leis as mais democráticas e liberais que o Brasil já tivera após a Proclamação da República, em 1889.

A nova Constituição, realmente democrática, garantia ao povo o direito de respirar livremente, liberdade de imprensa e de pensamento, liberdade religiosa e liberdade de organização com o funcionamento legal dos partidos políticos de todas as tendências (Gattai, 1982, p. 135).

Os ares democráticos nesse período duraram pouco mais de um ano, levando, já em 1947, Jorge e conseqüentemente Zélia ao exílio.

Ao falar dos momentos de solidão que passava à espera de Jorge, que pouco vinha dormir em casa, ela passa a falar dos livros que complementaram a sua formação. Além dos que lera na infância, os livros anarquistas proibidos de dona Angelina, ela mergulha na biblioteca da nova casa e mostra uma parte de sua formação cultural – “Os livros foram os meus companheiros nessas horas de vigília, longas e solitárias [...]” (Gattai, 1982, p. 110). –, levando a leitora, por sua linguagem fluida e intimista –, em que usa termos como “devorei”, “enfrentei”, bem como “medo”, “vergonha” –, por uma aventura entre suas leituras:

Numa estante à parte, ficavam os autores preferidos de Jorge. Por eles comecei essa minha temporada de dois anos de intensa leitura (tempo em que morou no sítio) [...] Devorei os romances de Dickens [...] os contos de Mark Twain [...] Enfrentei autores pelos quais sempre tivera curiosidade sem, no entanto, tê-los lido, por que, não sei; talvez medo ou vergonha de não entendê-los [...] quem sabe? Assim aconteceu com Rabelais, por exemplo [...]

Foram dois anos importantes, quando **os livros evitaram que eu ficasse amarga e chata** (Gattai, 1982, p. 110-111, grifo nosso).

Ao final do relato, em um pequeno trecho da última frase, ela deixa entrever a sua tristeza e a dificuldade que deve ter passado para iniciar a vida com alguém que quase não vinha dormir em casa, bem como a angústia que a perseguição a seu marido lhe causava.

“*Evitaram que eu ficasse amarga e chata*” ou “*nessas horas de vigília, longas e solitárias [...]*”, Gattai usa o relato de suas leituras como anteparo para falar da

dor, da dificuldade, mas também esse relato parece trazer um silenciamento. O calar de quem queria sempre agradar este marido, nunca o decepcionar, nem o preocupar, nem o entristecer, como se ela precisasse ser perfeita para merecer estar ali.

A literatura de Gattai gera identificação por ser ela uma mulher absolutamente comum, mas com uma vida extraordinária. Não de grandes palcos, holofotes, seu lugar era o da subversão, o da esquerda, e isso já configura muita dificuldade.

Porém, ao registrar sua história, ela se autoriza a subir neste palco, não como romancista, pois talvez não se permitisse concorrer com o marido, mas como alguém que sabia que tinha algo a dizer e encontrou na “literatura menor” das memórias, pelo do sussurro<sup>9</sup>, da fala que precisa ser escamoteada, mas que sempre encontra uma forma de chegar aos ouvidos das pessoas.

“Entre os volumes que me fizeram companhia na longa solidão, por incrível coincidência, romances de cinco escritores que se tornariam depois nossos amigos, amigos para o resto da vida” (Gattai, 1982, p. 111). Dos autores que lera, muitos viraram amigos e vieram compor a literatura coral de Zélia Gattai. Ferreira de Castro, Anna Seghers, Ilia Ehreburg, entre outros.

Em sua escrita, a autora relaciona as obras lidas com os autores e autoras de seu afeto, ilustrando a amizade com uma passagem de sua vida ao lado dessas pessoas. Uma relação entre sua intimidade e o mundo, por sua habilidade de escritora, que faz de seu chão um ponto de partida para muitos outros lugares e pessoas.

Seu registro romanceado dessas relações estabelecidas durante sua vida certamente é uma das grandes riquezas de sua obra. A capacidade de levar a leitora, a partir do seu mundo, ao universo dos outros, pode ser vista nas passagens a seguir, com Ferreira de Castro, Anna Seghers:

Li, no sítio, *A Selva e A Tempestade*, de Ferreira de Castro. Viríamos a conhecê-lo em 1948, em Paris, onde ele se demorou com sua família, a mulher Helena Muriel – pintora conhecida – e a filhinha Elsa. Nossa amizade se aprofundou, tornamo-nos íntimos [...].

Um dia, Ferreira de Castro inventou que eu sabia cantar. Ouvindo-me, certa vez, cantarolar baixinho, me perguntou se eu conhecia a toada sertaneja Luar do Sertão, de Catulo da Paixão Cearense, música que lhe dava nostalgia, recordava-lhe os

---

<sup>9</sup> O conceito de “sussurro” aqui empregado, vem do romance de Noemi Jaffe: *O que ela sussurra* (2017). O livro, baseado em uma história real, conta a vida da mulher de um poeta polonês, judeu, que morrera na Segunda Guerra Mundial. A sua mulher prometeu seguir até o fim da vida declamar suas poesias para que não fossem esquecidas, nem para que ela se esquecesse. Contudo, seus poemas não podiam ser falados em voz alta, pois ela correria risco, então, ela sussurrava.

tempos em que vivera na Amazônia. Claro que eu conhecia Luar do Sertão... Cantei-a enquanto jantávamos numa churrasceria em Copacabana. Nunca mais Ferreira de Castro se esqueceu disso [...].

Só de uma coisa tenho pena. Nunca lhe ter agradecido a companhia que me fizera com seus romances, naquelas noites à espera de Jorge (Gattai, 1982, p. 111).

Ao final da citação, ela retoma a história de onde estava, de suas noites solitárias à espera do marido, ao chão do Peji de Oxóssi.

Outra amizade à qual a autora se refere com bastante afeto é a de Anna Seghers. A escritora tornou-se amiga de uma vida toda a partir de uma entrevista que Zélia, encorajada por Jorge, fez com ela em Paris, passando, inclusive, temporadas na casa do casal na Bahia, ou no Rio, participando do convívio diário da família Gattai-Amado. Sobre Anna, ela deixa a sua admiração por sua obra num gesto de reconhecimento da grandeza da autora. Um misto de generosidade e consciência da relevância daquela amizade.

Talvez alguns leitores de Zélia possam vir a julgá-la por certo pedantismo em trazer tantas personalidades em sua narrativa, mas penso o contrário, penso em uma tentativa de embasar e ilustrar a riqueza do fato narrado, atestar a importância de seus relatos e, sem dúvida, a de partilha o sensível, dar voz ou ampliar a fala dos afetos. Os personagens na obra de Gattai definem muito o que há de mais relevante em sua obra.

São traços biográficos do outro, que protagoniza momentos da obra da autora. Juntas, essas vozes formam o imenso coro que é a literatura de Zélia Gattai.

Nunca fizera ideia do que fosse o dia a dia de sofrimento dos prisioneiros num campo de concentração... antes de ler A Sétima Cruz, da escritora alemã Anna Serghers...

Jorge me contou ter conhecido Anna Serghers [...] “uma flor de pessoa”! E me informou que Anna Seghers estava para chegar em Paris. Ele achava que eu devia procurá-la, entrevistá-la para uma revista feminina do Brasil, **já não me lembro o nome**. Me assustei. Como ia, pobre de mim, entrevistar uma personalidade tão importante [...].

As perguntas para a entrevista continuavam na minha bolsa, foi Anna quem me perguntou primeiro:

— Como é que você consegue manter esse lenço na cabeça sem que ele caia? [...]. Coloco, mas daí a um minuto o lenço escorrega da cabeça, não para [...].

O gelo estava derretido, esqueci que tinha perguntas a lhe fazer sobre a situação das ex-prisioneiras de guerra, da mulher na Alemanha, dos **direitos femininos** etc [...]. É uma das pessoas que mais amamos no mundo. Daquele tempo até hoje, só se refere a Jorge como “*mon ours*” e a mim como “*mon petit*” (Gattai, 1982, p. 113-114, grifo nosso).

Das perguntas que não fez a Anna, Zélia faz novamente uma alusão ao feminismo, sem, no entanto, debruçar-se sobre o assunto. Em uma entrevista

dada em 1976<sup>10</sup>, para o jornal *Folha de S. Paulo*, Zélia chega a tratar com certo deboche o tema Feminismo. Ao ser indagada sobre a reação das feministas em Roma com relação ao livro recém-lançado de Jorge Amado: *Teresa Batista cansada de guerra*, ela retruca:

Minha filha [...]. eu sei lá das feministas! Eu sei é de Jorge, e Jorge sabe só do seu povo. Ele conhece é a Bahia, a gente da Bahia, e é dessa gente que ele conta as histórias. Feminismo? Isto é coisa da Europa, lá na Bahia mulher é mulher e fim (Gattai, 1976)<sup>11</sup>.

Curioso que esse comentário de Zélia acontece durante a segunda onda do feminismo no Brasil e coincide com o início da abertura dos “Anos de chumbo” no país, quando mulheres reivindicavam liberdade sexual e o dia 8 de março<sup>12</sup> passa a ser reconhecido no mundo.

Contudo, sabemos, a ideologia de Gattai não foi forjada pelo Feminismo, mas por questões de outra ordem, que eram as reivindicadas pela extrema esquerda. Sua luta era pela paz entre os homens, como ela mesma menciona sobre uma visita a um campo de concentração na Polônia, que será detalhada mais a frente: “Para quem se propunha a lutar pela paz, nada como ver de perto os horrores de um campo de concentração” (Gattai, 2009, p. 147).

A mulher revolucionária que foi Gattai, a qual se pode perceber pela leitura de seus relatos, priorizou a si mesma muitas vezes e se resignou em tantas outras, de acordo com o que lhe era possível, bem como lhe convinha. Considero sua obra o seu manifesto e a sua arma escolhida para lutar pela paz, eternizando seus testemunhos e denúncias.

Reitero o que já disse antes, mas que, ao se evidenciar fortemente em algumas análises, julgo importante reforçar o principal conceito proposto neste trabalho sobre Gattai: Zélia foi uma intelectual empírica, ela vivenciava os fatos, ela tinha consciência da relevância que eles tinham, mas, em sua obra, não buscou debatê-los, problematizá-los, como é comum às intelectuais tradicionais.

Apesar da intensa atividade política, vivíamos dias relativamente tranquilos, num clima democrático. Havia certos indícios perturbadores – o processo de cassação do registro do Partido corria na Justiça –, mas não imaginávamos, ainda assim,

<sup>10</sup> Arquivo Fundação Casa de Jorge Amado, acessado em agosto de 2022.

<sup>11</sup> Arquivo Fundação Casa de Jorge Amado, acessado em agosto de 2022.

<sup>12</sup> “O Dia Internacional das Mulheres é celebrado em todo o mundo em 8 de março. Comemorada pela Organização das Nações Unidas pela primeira vez em 1975 e oficialmente adotada pela entidade em 1977, a data foi resultado de anos de luta por igualdade de gênero e contra qualquer tipo de violência e discriminação” (Campos, 2024).

como seria terrível o ano que se iniciava e que se caracterizaria por um violento retrocesso na vida política do país (Gattai, 1982, 158).

O ano trazido por esta citação é o de 1946, primeiro após a Ditadura Vargas, quando assume o poder Eurico Gaspar Dutra. À época, depois de intensa luta política, o país parecia viver um período de calmaria, mas que duraria muito pouco. A vida de Zélia seria fortemente impactada pelos acontecimentos vindouros.

O relato deixa antever o que viria a acontecer no Brasil nos anos seguintes e que terminaria por levar Gattai ao exílio, no ano de 1948. Em março de 1947, a legalidade do Partido Comunista, que acabara de ser conquistada, é cassada, tendo como motivo as declarações de Prestes de apoio à União Soviética. Mais uma vez na História, a “ameaça comunista” gera arbitrariedades pelos detentores do poder.

Do seu chão de casa, em conversa com os sogros, ela relata um evento político/histórico importantíssimo, que foi o comício de protesto pela cassação do Partido:

Ao chegar no hotel, tive a surpresa de encontrar os velhos enfarpelados [...]

— Que elegâncias são essas? — perguntei.

— Tu também não vai pro comício? — perguntou-me Lalu.

Esgotados os recursos jurídicos e as tentativas de esclarecer e influenciar os juízes às vésperas do julgamento da cassação de seu registro eleitoral, o Partido Comunista resolveu convocar um comício monstro, uma grande concentração de massa que demonstrasse o apoio do povo à sua existência legal

Nós nem havíamos falado no assunto com os velhos, para que não se entusiassem [...]. Acontece que seu João estivera pela manhã na José Olympio, e lá, Graciliano Ramos, entusiasmado, lhe perguntara se ele compareceria ao grande encontro (Gattai, 1982, p. 174).

Jorge e Zélia proibiram Lalu e seu João de irem ao comício, temiam pela segurança deles. Realmente o evento foi violentamente repreendido por policiais, tendo, inclusive, uma mulher, de nome Zélia, que também estava grávida, sido baleada e morta na manifestação:

Quando chegamos, a Esplanada do Castelo fervilhava de gente[...] Graciliano abria o comício [...] Mal começou a falar, ouviram-se tiros e gritos [...] Agentes provocadores agrediam os manifestantes, disparavam tiros de revólver na intenção de dispersar a massa e terminar a manifestação. O povo não se intimidou [...]. Mas a resistência foi pouco a pouco sendo liquidada com a entrada da polícia [...] Armados de revólver e cacetete, os policiais batiam a torto e a direito, atingindo inclusive, mulheres e crianças. Começaram as correrias. Nós também corremos, refugiamos-nos num bar... Ali, abrigaram-se também Graciliano, Heloísa e seus filhos [...] Estavam extremamente chocados, pois tinham acabado de presenciar o assassinato de uma jovem em adiantado estado de gravidez, por coincidência, Zélia, como eu [...] (Gattai, 1982, p. 175).

Em seguida, a informação da cassação do Partido Comunista com um breve comentário do que viria a se suceder no Brasil:

Esse foi o último comício legal do Partido Comunista, que teve seu registro eleitoral cassado logo em seguida, em 7 de maio de 1947, data que marcou brutal retrocesso na vida democrática do Brasil (Gattai, 1982, p. 176).

A partir deste momento, o “Chão de Passagem – primeira paragem” de Zélia vai dando lugar a um caminho de medo, de ameaça, tudo isso culminando com a gravidez de seu segundo filho. O casal se muda para a capital do Rio de Janeiro, pois morar longe da cidade, com o volume de trabalho do marido, estava ficando difícil:

Sempre fui boa em palpites. Dirigi-me ao vigia da construção e, para grande surpresa minha, ele me informou de que havia um apartamento vago no segundo andar [...] encontrara onde morar (Gattai, 1982, p. 199).

Resolvi descansar um pouco à espera de Jorge [...] A porta abriu-se de repente, Jorge entrou apressado:

— Vamos sair imediatamente! Arrume aí alguma roupa [...] Vamos dormir fora de casa esta noite.

Antes que eu lhe perguntasse qualquer coisa, Jorge deu-me pressa:

—Ande rápido, depois eu explico [...]

Atarantada [...] com todo aquele mistério, obedeci. No quarto, enquanto metia numa sacola pijama e camisola, não resisti, quis saber o que se passava [...] Jorge perguntou-me admirado:

— Então você não sabe? O Brasil rompeu relações com a União Soviética! O pau está comendo nas ruas [...] vamos depressa! [...]

Em frente ao edifício, um automóvel estacionado com a porta aberta nos aguardava [...]

“Forças de extrema direita, em manifestações de júbilo pelo rompimento das relações entre o Brasil e a União Soviética, incitavam o povo a atacar as organizações de esquerda, a dar caça aos comunistas.

Um deles, confundindo James (irmão de Jorge) com Jorge, começou a gritar histericamente:

— Pega ele! Pega o russo [...] — e partiu para o linchamento, seguido de outros fanáticos [...] (Gattai, 1982, p. 217).

A perseguição estava instaurada, o Partido havia, inclusive, dado uma arma para Jorge andar com ela. Ele andava com a arma descarregada, usava por imposição do Partido que, diante das ameaças crescentes, ordenou que seus dirigentes andassem armados para uma possível autodefesa.

Importante salientar que todo esse período de mudança e ameaça política se dava enquanto Zélia estava grávida e administrava as idas e vindas à São Paulo para visitar seu filho, sua mãe... Um período sofrido na vida de Zélia, período de incertezas acerca de seu futuro e do companheiro diante do cenário político que se avizinhava:

Sentia uma saudade enorme de minha mãe, de meu filho, de minha família. Agora, então, em adiantado estado de gravidez, ficara mais sensível. Ia menos a São

Paulo. Cada carta com notícias de meu filho e de meu pessoal, provocava-me lágrimas incontroláveis (Gattai, 1982, p. 192).

Além da ameaça política, a questão financeira do casal também não ia bem:

Estávamos em péssima situação financeira. Sem tempo para escrever, Jorge, pela primeira e única vez em sua vida – jamais lhe acontecera isso e jamais voltou a acontecer –, estava em débito com seu editor. As perspectivas eram negras<sup>13</sup>. Não sabíamos ainda o que faríamos após a cassação dos mandatos, o assunto estava sendo discutido pela direção do Partido (Gattai, 1982, p. 221).

É nesta época, em novembro de 1947, que nasce João Jorge. O relato do nascimento do menino denota mais uma vez a resignação da autora em relação ao marido. Ele tinha um compromisso com o escritor Nicolás Guillén e ela não o avisa de que já sentia as primeiras contrações: Não quis lhe contar. “Para que afligi-lo?” (Gattai, 1982, p. 223). Já na maternidade, acompanhada de Nina, a empregada da casa, Zélia complementa: “Não se preocupe, querido [...] está tudo muito bem [...] estou ótima! – disse, abafando um gemido” (Gattai, 1982, p. 223).

O que leva uma mulher a mentir para o marido sobre as dores do parto, sobre o nascimento de um filho? As respostas podem ser várias, mas a principal delas, penso, refere-se ao quanto Zélia se submetia, ou precisou submeter-se para viver essa história com Jorge. Como se ela tivesse sido sorteada com algo muito valioso, entre tantas mulheres, e precisasse inventar um universo feliz para que aquele encanto não se acabasse, como se não pudesse falhar para não incomodar o marido. Jorge não chegou a tempo do nascimento de João: “Para que ele acreditasse que o menino já havia nascido, foi preciso que eu tomasse de sua mão e a pousasse sobre o meu ventre vazio” (Gattai, 1982, p. 223).

Jorge chegou com Guillén, que se desculpou por ter lhe tomado o marido no momento em que ela mais precisava dele, “declarou-me que, se estivéssemos de acordo, seria padrinho do menino. Nosso compadre Nicolás” (Gattai, 1982, 223). Esta amizade durou por toda a vida.

Nicolás é padrinho de João e de Paloma, pois, quando a menina nasceu, em Praga, o casal Gattai-Amado estava em exílio, Nicolás também estava lá e fez questão de apadrinhar Paloma.

Já que abandonei o fio da meada e rompi mais uma vez a cronologia destas memórias, contando a visita de Nicolás Guillén à Maternidade Londinska, aproveito para me referir a outro compadre, Pablo Neruda, que chegou à Praga na ocasião e

---

<sup>13</sup> “As perspectivas eram negras” traz uma linguagem racista, mais problematizada no contemporâneo do que quando do período dessa escrita de Gattai. Provavelmente a editora não deixaria passar essa frase na revisão, provavelmente a própria Zélia nem a tivesse escrito, contudo, apesar das “desculpas” de que à época isso não era questionado como se é hoje, não se pode deixar de registrar o racismo nesta fala.



também me visitou naquela quente manhã de verão no hospital tcheco (Gattai, 1982, p. 224).

Interessante como Gattai caracteriza a escrita de memória anunciando o vai e vem dos fatos, que se organizam anacronicamente, como o faz na primeira linha da citação acima. Como ela coloca, em seus livros de códigos, ditados usados em família, o *Códigos de família* (2001). Aqui ela faz uso de uma expressão usada na Bahia: “Quem acha, encaixa”, pois ela achou a memória e encaixou na história.

Esse caso também envolve Pablo Neruda como *la madrina* de João e como padrinho de Paloma. No aniversário de um ano do menino, foi feita uma festa em Paris, no apartamento do hotel onde o casal morava, exilado na França. Na ocasião, resolveram fazer o batizado também, algo informal, já que o casal era ateu. Foi uma festança com muitos amigos. Ao saber que Guillén seria o padrinho, Neruda prontificou-se, “*Pues seré la madrina*” [...] “*Venga, João, dar um besito em tu madrina* [...]” (Gattai, 1982, p. 224).

“Meu filho nasceu sob o signo da política e da poesia” (Gattai, 1982,, 223). Voltando ao tumultuado “Chão de Passagem”, Zélia relata que menos de dois meses após o nascimento de João, dia 8 de janeiro de 1948, os mandatos dos deputados do PC foram cassados:

Os jornais passaram a noticiar prisões de parlamentares [...] Casas de deputados recém-expulsos eram vigiadas; a política dava batidas a torto e a direito, em residências particulares [...]. Voltavam os desmandos. Possuir livros de Jorge Amado em casa comprometia. Quando encontrados durante as batidas, eram levados como parte de material subversivo. Os livros de Jorge Amado sumiram das vitrines, os livreiros não se aventuravam [...] (Gattai, 1982, p. 225).

Uma das primeiras coisas que regimes políticos ditadores fazem é tentar exterminar a cultura. Cercear o livre-pensamento das pessoas, impedindo, assim, que se possa refletir sobre os direitos e as condições de vida e, consequentemente, opor-se ao cerceamento.

Não somente governos ditadores, mas governos como o do Brasil, por exemplo, onde o acesso à cultura, à memória do país por via do estudo de qualidade está disponível para tão poucos, onde o “direito à literatura”, do que falou Antonio Candido (2011) em seu ensaio “O direito à literatura”<sup>14</sup>, deveria ser um bem incompressível para que, pelo acesso à “outridade” que os livros possibilitam, toda a sociedade pudesse ter a oportunidade de desenvolver um

---

<sup>14</sup> O ensaio “O direito à literatura” foi proferido em 1988 em uma palestra sobre os direitos humanos, para o qual o autor foi convidado. O ensaio foi publicado no livro *Vários escritos*, em 2011.

pensamento crítico.

Essa análise da privação da cultura pode ser ampliada para a precariedade das escolas públicas, bem como o pouquíssimo investimento cultural, dedicado a pessoas mais pobres para que tenham acesso à cultura crítica. Não é interessante para o sistema que pessoas desfavorecidas socialmente tomem conhecimento de seus direitos e se rebelem. O sistema de pobreza do Brasil requer que pessoas trabalhem por salários miseráveis e se submetam a dificuldades de várias ordens, como em relação ao direito à saúde, de forma que a classe dominante permaneça com seu *status quo* inalterado.

[...] adivinhei que (Jorge) trazia más notícias. Pelo jeito carinhoso com que pegou o dedinho do pé da criança, pela maneira como alisou seus cabelos, a indisfarçável inquietação debaixo do sorriso [...]

- Você vai viajar, não vai? (perguntou Zélia)

As diretivas do Partido haviam sido estritas: Jorge devia sair do país o quanto antes. Romancista conhecido (vários livros seus estavam traduzidos na Argentina, na França, nos Estados Unidos e na União Soviética [...]), indo para a Europa seria mais útil ao Brasil, à causa democrática e da paz do que permanecendo no país, perseguido e ameaçado.

— Eu vou agora e você vai depois se encontrar comigo — explicou Jorge — Vamos estar juntos na Europa, você vai conhecer a Itália [...]. E o que é que dona Angelina vai dizer quando souber que a filha vai conhecer a terra dela, hem?

Jorge procurava me entusiasmar, secar minhas lágrimas. Sabia o quanto eu estava desesperada, embora nada dissesse e procurasse não demonstrar minha tristeza. (Gattai, 1982, p. 226).

De dentro de casa, o relato de uma dor de muitos que passaram por um regime de censura e castração dos direitos de liberdade. O relato do bastidor do que representa uma ditadura: o impacto na família, os medos, as perdas, as saudades e o temor pela vida.

Gattai, ao registrar tais momentos, inscreve na literatura brasileira um relato histórico precioso do país, uma versão real com a verve do sofrimento que a esquerda sempre sofreu no Brasil, ora com maior repressão, ora com menor. Todas sob a batuta da manutenção de um sistema opressor e desigual.

Estranho que ela tenha procurado não demonstrar sua tristeza mesmo em um momento no qual estava tão vulnerável. Acabara de ser mãe novamente e o que estava por vir levaria a uma separação do marido por quem havia mudado a vida para estar a seu lado. Sem dúvida, um momento de muita dor do qual ela fora testemunha real e que vivera na pele: o momento antidemocrático do Brasil dos anos 1940.

Jorge embarcou na véspera do carnaval. O *Provance* zarpou ao cair da noite; eu tive grande dificuldade para atravessar a cidade em festa e chegar a Copacabana de volta.

Sozinha, no pequeno apartamento, ouvia o barulho ensurdecedor das baterias dos blocos carnavalescos na rua, o som dos tamborins, o gemido da cuíca, os estridentes apitos [...] O povo cantava um samba triste, o grande sucesso daquele ano. Eu acompanhava a letra, ela só podia ter sido escrita por alguém que amava e sofria de verdade, um samba escrito para a minha dor: “Não, não me diga adeus / pense nos sofrimentos meus [...]” Eu estava só, podia chorar aos soluços, atirada em minha cama deserta [...] (Gattai, 1982, p. 229).

Interessante a referência ao Carnaval que a autora traz para falar da partida de Jorge. O contraste da euforia que tomava conta do Brasil com sua profunda tristeza. Politicamente, a partida de um escritor que fora perseguido em seu país. Pessoalmente, a partida do companheiro, as saudades e preocupações com o futuro do casal, agora, com um filho pequeno. Gattai não o acompanhou, só iria tempos depois, com a criança.

A última carta de Jorge trazia junto um bilhete para o pai. Recordava-lhe que chegara a hora de pagar minha passagem. A primavera surgia na Europa, Jorge estaria na Itália com Scliar. Eu iria encontrá-lo lá, sem a preocupação com o frio, a criança suportaria bem.

O Coronel ouviu a minha proposta [...] disse-me que preferia que eu não partisse [...].

— Não é pela passagem, não pense, não, minha filha! [...] — Estamos muito pegados com o menino, Eulália está num pegadio medonho! Com o menino e com você também [...].

Lalu, que até o momento ouvia tudo calada, interveio:

— Que doidice é essa, João? Deixa a menina ir [...]. O lugar dela é junto de Jorge [...] — Tomando uma atitude severa [...] enfrentou o marido: — Eu não quero ver mais essa menina chorar! A pobrezinha não faz outra coisa, está se acabando de consumição, magra de fazer dó [...] Você entendeu, João, não quero que ela chore mais — repetiu.

Lalu acabou de conquistar nesse dia a minha gratidão e a minha estima para sempre [...] (Gattai, 1982, p. 242-243).

O relato emocionado acima atesta mais uma vez sobre a angústia de uma família desfeita pela política. Em um cenário de constante ameaça e medo, no qual toda decisão gera um sofrimento. A partida da autora envolvia afastar-se ainda mais de Luiz Carlos, de não saber quando o veria novamente. Ela foi, a decisão de seguir com Jorge Amado não foi repensada, ela iria, como foi, aonde ele fosse, por toda a vida. Chegara a sua vez:

Reservei passagem de segunda classe no Argentina, barco de nacionalidade italiana, que zarparia do Rio na primeira quinzena de abril (de 1948), para Gênova; por coincidência, eu chegaria à Itália no mesmo porto de onde haviam partido meus avós e meu pai para o Brasil, no fim do século passado (Gattai, 1982, p. 241-242).

Antes, as despedidas da família em São Paulo e um relato dolorido do filho mais novo, com apenas quatro anos:

Vera foi acompanhar-me ao aeroporto, levou Luiz Carlos [...] Enfiando a mãozinha no bolso da calça, ele retirou um pacotinho, um guardanapo de papel amarfanhado, abriu-o: dentro algumas migalhas de queijo; estendeu-me:  
— Para você comer na viagem [...] (Gattai, 1982, p. 243).

Prestes a partir, sofreu mais uma batida policial enquanto dormia no sítio com o filho recém-nascido, pois estava às voltas com a venda de tudo o que lá existia e do próprio sítio, antes de partir. A perseguição aos comunistas estava cada vez mais opressiva e foram até sua casa em busca de Jorge e de provas de que era comunista.

— Abra essa porta aí! É a polícia! [...]  
Vesti-me rapidamente enquanto as pancadas se repetiam, cada vez com maior violência:  
— Abra, senão arrombamos! [...]  
Três homens invadiram a casa, de revólver em punho; outros dois permaneceram fora, vigiando:  
— Onde é que ele está?  
Ao mesmo tempo que perguntavam, iam invadindo os cômodos.  
— Onde foi que ele se meteu? [...]  
Encostei-me, instintivamente, na porta de meu quarto:  
— Por favor – nesse quarto está uma criança dormindo [...]  
Deram-me um empurrão e entraram, na certeza de que Jorge se encontrava ali escondido:  
— Saia daí seu desgraçado!  
Assustado com o barulho, o menino acordou, pôs-se a chorar [...]  
— Onde está o homem?  
— Na Europa — respondi.  
Onde arranjava tanto sangue-frio? Sentia-me calma [...] apenas perguntei:  
— Polícia de onde?  
— Do Estado do Rio — respondeu o brutamontes. (Gattai, 1982, p. 244).

Novamente, o ataque à arte e a cultura, a obras que são estigmatizadas, tendo seu conteúdo deturpado, marginalizadas, como o descrito a seguir:

Na parede, sobre nossa cama, estava pendurado um desenho de Flávio de Carvalho, um belíssimo nu [...]  
— Olha que porcaria. Uma indecência! [Disse um dos tiras] [...].  
— Isso serve pro lixo! [...] (Gattai, 1982, p. 226).

Abaixo, o sadismo que se observa em pessoas com poder, dispostas às piores crueldades. O relato denuncia muito além do “cumprimento da ordem”, mas demonstra prazer ao se tripudiar de outro ser humano. Tudo isso em nome de uma ideologia política castradora e tirana, como se tal ideologia cancelasse atitudes violentas e arbitrarias em nome da “defesa da moral e da ordem”:

[...] agora detidos diante de um punhal com bainha de prata, o brutamontes mostrou-me a ponta da lâmina:  
— Isto é para seu marido, quando voltar... Diga pra ele que vamos beber o sangue

dele [...] (Gattai, 1982, p. 243-244).

Gattai foi à Câmara do Deputados: queria protestar, denunciar o acontecido, contudo foi aconselhada a não alardear o fato; poderia atrapalhar a sua viagem, até impedirem-na de viajar para se encontrar com Jorge Amado. Calou-se na ocasião, mas denunciou tempos depois, em sua obra, tornando possível a consulta àquele período, a crítica a esse momento. Zélia Gattai, além de testemunha, foi uma arquivista de seu tempo.

Maria Della Costa me convidara para almoçar em sua casa...  
Ao chegar ao apartamento dos amigos [...] Maria [...] foi logo me perguntando se eu tinha um chapéu para o embarque. Pus-me a rir, lembrando que Fanny também tivera os mesmos cuidados com minha elegância, quando eu partira de São Paulo, havia quase três anos [...]. (Gattai, 1982, p. 247).

Zélia ganha outro chapéu para a viagem e traz esse fato ao final do livro, arrematando com o início, como quem escreve um romance. Traz também um comentário de Lalu, ligando este relato da despedida no porto do Rio de Janeiro ao relato de sua chegada no aeroporto, na então capital federal:

Apressado como sempre e acabrunhado com a tristeza da despedida, seu João consultou mais uma vez o relógio e, tomando do neto para beijá-lo, disse:  
— Está na hora de embarcar, minha filha. Deus te leve, cuide de meu filho.  
Dos braços dele, fui para os de Lalu. Quase correndo, carregando João Jorge, começava a subir a escada quando ouvi uma voz aflita:  
— Zélia, ó Zélia!  
Parei, voltei-me para ela:  
— Que é, dona Eulália? [...]  
— Com esse chapéu, tu não está sentindo quentura na cabeça? [...]  
[...] Eu não sabia se estava chorando de tristeza ao me separar de minha gente – meu filho, minha mãe, meus irmãos e irmãs, Lalu e o Coronel – ou de alegria ao partir ao encontro de Jorge para enfrentarmos, juntos, a vida no estrangeiro. Pelas duas coisas, sem dúvida (Gattai, 1982, p. 250-251).

Daqui Zélia parte para o exílio, e este capítulo terá um hiato de quase cinco anos, sendo intercalado com o capítulo três: “Chão de exílio”. Fica a critério da leitora avançar no tempo e continuar com o Chão de Passagem agora, quando ela regressa do exílio para o Rio de Janeiro, ou seguir os passos da autora cronologicamente e acompanhar a construção do perfil intelectual de alguém que viveu por dentro um regime socialista, no momento de sua consolidação, testemunhando e questionando as suas contradições.

“O apito forte do navio fez a criança estremecer, apertei-a contra meu coração também assustado. Um alto-falante possante, bem em cima da minha cabeça, anunciou ‘*Signori passeggeri, la nave è in partenza*’” (Gattai, 1982, p.

251).

## 2.2 Chão de passagem: a volta

Porto do Rio de Janeiro – Junho de 1952. O dia apenas amanhecera. Parado ao largo, o Giulio Cesare aguardava que as autoridades chegassem para a visita rotineira [...]. Jorge e eu, no tombadilho, contemplávamos emocionados a beleza da Baía de Guanabara. Regressávamos ao nosso país após quase cinco anos de ausência durante os quais rodamos mundo, fizemos amigos, conhecemos povos e costumes, paisagens as mais surpreendentes, vivemos o bom e o mau, alegrias e tristezas.

Zélia Gattai

Após um exílio de quase cinco anos, Zélia retorna ao Rio de Janeiro, onde inicia uma nova fase de sua vida, que durará dez anos.

Dessa vez, seu endereço foi um apartamento na rua Rodolfo Dantas, em Copacabana, onde morou com os sogros, os filhos, o marido, a sobrinha, empregados e havia um transitar de amizades e afetos que palmilharam o chão de Gattai no Rio de Janeiro. “Terminara o governo Dutra, durante o qual partíramos para o exílio, Getúlio Vargas voltara ao poder, desta vez eleito pelo voto popular, tudo indicava já haver espaço no Brasil para Jorge Amado e sua família” (Gattai, 1992, p. 10).

Impactado pela geopolítica global, dividido pela Guerra Fria, este período abrange o cenário político nacional que vai desde a eleição democrática de Getúlio Vargas até a deposição de João Goulart. Período intenso do qual Gattai traz muitos fatos vividos por ela imbricados com a História do Brasil.

Segundo Leonor Arfuch (2010, p. 39), “(o) *além* de si mesma de cada vida em particular é talvez o que ressoa, como inquietude existencial, nas narrativas autobiográficas”. A “escrita de si” de Gattai assemelha-se ao “além de si mesma” de Arfuch; seus relatos extrapolam o mundo particular e deslizam para um cenário *macropolítico*, ou macrossocial, podendo ser trabalhado também como testemunho ou arquivo de uma época.

Além da teoria evocada acima, a obra de Gattai não só é escrita na forma narrativa considerada como uma “literatura menor” por ser escrita de forma memorialista, mas ela, Zélia, também é este menor “deleuziano/guattariano”, conceituado na obra de ambos *Kafka: por uma literatura menor* (1975). Os autores sugerem que na literatura menor tudo é político, pois, em autores cuja escrita não se individualiza por não terem a obrigação criativa dos grandes clássicos, tais “escritores menores” passam imediatamente a falar pelo coletivo, enunciando, assim, das demandas ou mesmo as denúncias coletivas.

Unindo-se ao conceito da Partilha do Sensível de que já se falou neste trabalho, o conceito de literatura menor aqui exposto afirma que o caso individual se torna mais potente na medida em que enuncia outras histórias a partir dele.

Se tomarmos a literatura de Zélia Gattai como exemplo do conceito proposto por Deleuze e Gattari, percebemos o quanto a escrita de Gattai se configura como uma obra que fala pelo coletivo ao falar de si. Se, a literatura memorialista foi tida como menor enquanto gênero literário durante muito tempo, no então, ela subverteu o lugar de desprezo e fez de seus testemunhos e denúncias subjetivas a condição fundamental para que tal literatura acontecesse enquanto gênero literário. É justamente por seu caráter de uma literatura menor, que a obra de Gattai se faz grande, pela oscilação do privado para o público e do quanto o inverso, o público, estava imbricado na vida privada.

Histórias contadas pela voz de uma mulher, que relatam o lado do perdedor, do subversivo e, porque são, o lado do trauma<sup>15</sup>, lado do marginal, de quem está à margem do protagonismo da História. No caso de Gattai, sua marginalidade tinha um agravante particular, pois era ela a mulher de Jorge Amado, que além de homem, portanto, hegemônico, possuía grande reconhecimento público e era para quem os holofotes se viravam.

“Contar a história de uma vida é dar vida a essa história”, afirma Leonor Arfuch (2010, p. 42), e a vida dada a essa história é também a história do outro, daquele que se reconhece a partir da subjetividade de um. Pois, como afirmou Maurice Halbwachs (1992 *apud* Arfuch, 2009): “*si bien es posible pensar en lo colectivo cuando se trata de acontecimientos vividos y padecidos por una comunidad, sólo los individuos, las personas, recuerdan*”.

A principal obra que aborda o período trabalhado neste subcapítulo da vida da autora é *Chão de Meninos*, escrita em 1992, quarenta anos após o período vivenciado no retorno ao Rio de Janeiro. O distanciamento entre o vivido e a memória do lembrado certamente impactam o fato narrado, o que não diminui a relevância do testemunho político e histórico deixado por Gattai nessa obra.

É válido destacar que foi o título da obra *Chão de Meninos* que me levou ao conceito de “chão” para categorizar, nesta tese, a obra de Gattai. O título do livro faz uso da palavra *chão* de forma metafórica, o que favoreceu o deslizamento desse significado para outros fins. Reforço o que já foi explicitado na Introdução

---

<sup>15</sup> O conceito de “trauma”, nesta afirmação, tem a definição da própria Arfuch em seu livro *La vida narrada: Memoria, subjetividad y política* (2018). A autora considera “trauma” o que foi relatado por pessoas que, quando crianças, foram vítimas da Ditadura Militar argentina e cujas vivências reverberam em suas vidas adultas.

desta tese: chão aqui remete a cenário, ao local por onde pessoas transitaram, bem como, e principalmente, por onde a autora transitou. Chão, nesta tese, remete a acolhimento e ampliação de mundo. Diz respeito ao lugar interno de onde se observa o todo político, cultural, histórico e afetivo que permeia e caracteriza tão fortemente a obra memorialista de Zélia Gattai.

Em *Chão de meninos*, Gattai inicia o texto ambientando a leitora no seu chão. Zélia traz, ao mesmo tempo, a sensação de pertencimento e proprietária de um lar, bem como o relato do “fardo” de gerenciar um apartamento com tantas pessoas, coisa que cabe, geralmente, às mulheres, às “donas” de casa que são também funcionárias – não remuneradas – desta casa. No relato abaixo, afeto e crítica se misturam:

Ao entrar no apartamento da Rodolfo Dantas, no mesmo dia da chegada, diretos do navio, recebi de dona Eulália as chaves do apartamento: “Esta casa é tua, minha filha, de teu marido e de teus filhos. Tome conta dela. Tu merece” [...]. Encargo difícil, pesado, cuidar daquele apartamento repleto apertado, atender às crianças e aos velhos, atender ao vaivém das pessoas atrás de Jorge com problemas os mais diversos [...] mas não havia escapatória, aceitei o “presente” e as honras, assumi o comando da casa. Que jeito? (Gattai, 1992, p. 13).

Traço marcante de sua Escrita Feminina, Gattai detalha o lugar de onde narrará as suas histórias, trazendo a leitora não só para dentro do universo de seu contexto cultural, político e histórico, mas também para o interior de sua casa. E, como em via de mão dupla, é do interior de sua casa que ela narra e deita sobre o papel sua forma de compreender a vida e de se posicionar diante dela.

Com humor e traços de poesia, traço também marcante em sua escrita, ela descreve os “pontos cardeais” de seu apartamento, revela-nos a vizinhança, com suas posses e costumes, e convida-nos a observar a vida a partir de suas janelas:

Nosso apartamento era de fundos e tinha seus encantos [...]. O lado direito dava para os fundos de edifícios da Avenida Atlântica, moradias de gente de posse que, em dias de muito calor, ao abrirem as amplas janelas [...] nos ofereciam a vista da praia e do mar. Num desses prédios morava uma pianista que tocava pela manhã exercícios de várias horas seguidas” (Gattai, 1992, p. 14).

Em nosso edifício moravam muitas crianças [...] no sexto andar, abaixo do nosso, viviam os Myra Y Lopez [...] grande conhecido psicólogo, com os filhos Rafael, Núria e Emilito [...]. Crianças todas elas vivas e inteligentes que enturmavam às maravilhas com as nossas. Só faltava a meu lado uma criança, e que falta me fazia! Meu filho Luiz Carlos morava em São Paulo. Durante cinco anos um oceano nos separara e agora, ao alcance de minhas mãos, ele continuava distante. Consolava-me visitá-lo, sempre que podia, e imaginá-lo ao lado dos irmãos a participar dos folguedos [...] (Gattai, 1992, p. 35-36).



Da descrição do apartamento, na qual é possível ver o transitar de crianças, ela traz a constante presença de seu primogênito ausente, relatando sua dor resiliente, mas que reafirma a sua personalidade decidida a buscar sua felicidade, enfrentando padrões enrijecidos para a mulher em uma sociedade.

A localização do apartamento da rua *Rodolfo Dantas* pode ser vista em sua obra não como mero endereço, mas como um personagem. Chão vivo, cuja localização, vizinho ao Beco das Garrafas, favoreceu a passagem de muita gente conhecida por lá. Além disso, esse famoso vizinho é um marco cultural na vida da Zona Sul do Rio de Janeiro daquela época. Lugar boêmio, efervescente, com muitos shows, como os de Vinicius de Moraes, Dolores Duran, entre outros que Zélia relata.

Bem à frente às janelas da sala, debaixo de nosso nariz, sobretudo de nossos ouvidos, havia o Beco das Garrafas, com entrada pela rua Duvivier [...]. No beco funcionava três boates elegantes com shows de cantores da melhor qualidade. No *Little Club*, podia-se encontrar Dolores Duran interpretando composições de sua autoria, românticas e doloridas, com Ribamar ao piano (Gattai, 1992, p. 15).

Relato da rua, de expoentes culturais e artísticos da época que também passavam por sua casa, como este a seguir, quando seu apartamento aconchega suas amigas ao mesmo tempo em que seu olhar amplia o horizonte para a rua, o mundo, fazendo com que a leitora se transporte para aquele lugar.

É possível fazer uma associação da obra de Zélia com o filme *Midnight in Paris* (2011), no qual o personagem tem a possibilidade de vivenciar outros tempos, encontrar-se com ídolos que já se foram. Em sua obra, escrita muito tempo depois de suas vivências, é como se ela nos convidasse a reviver com ela aquele privilégio que teve:

Era muito comum chegarem de surpresa lá em casa amigos de passagem para o beco. Foi o que aconteceu naquela noite quando apareceram, sem avisar, Eduardo Portella, João Condé e Antônio Maria comboiando Louis Malle... um dos pais da *nouvelle vague* [...]. Louis Malle completava 26 anos naquele dia, e eles pensavam em comemorar a data no Little Club; acabaram comemorando em nosso apartamento. Ao saber do aniversário do cineasta, não perdi tempo, fui à cozinha e voltei trazendo o bolo de puba que fizera para o café da manhã [...]. Lembro como se fosse hoje, de sua surpresa e de quanto se emocionou (Gattai, 1992, p. 15).

Ou ainda, uma passagem singela, corriqueira, porém interessante da vida de um baiano tão querido de nossa cultura:

Dorival Caymmi chegava sempre com uma mala onde costumava carregar seus pertences. Carteiras de notas de níqueis, talão de cheques, documentos de

identidade, pente, chaves, lápis, caneta, blocos de papel etc., já que não usava paletó nem bolsos. Nessa maleta, verdadeiro cofre que não largava por nada nesse mundo, havia ainda lugar para as prendas que ia ganhando aqui e ali. Eu tinha sempre uma coisinha para lhe dar, coisas que trazia das viagens [...]. Dava gosto oferecer um presentinho a Dorival, ver como ele valorizava elogiando, fosse o mais banal e insignificante (Gattai, 1992, p. 149).

Contudo nem tudo era glamoroso na vizinhança na Rodolfo Dantas, histórico pelas garrafadas que os vizinhos das boates jogavam de suas janelas por conta da barulheira lá embaixo: Zélia presenciou algumas dessas confusões, de seu apartamento, e, no trecho abaixo, explica o porquê de o nome de seu vizinho ser Beco das Garrafas.

A elegância e a qualidade dos artistas das boates não impediam, no entanto, os fuzuês sucessivos no meio da noite, alvoroçando Deus e o mundo. Acontecia despertarmos de madrugada com gritos, insultos e até tiros nos rififis do beco onde mulheres iam surpreender seus maridos com outras e maridos flagrar as mulheres com outros... Os vizinhos de cima, cansados da barulheira noturna, muniam-se de garrafas vazias e as atiravam sobre os beligerantes. Por isso o nome Beco das Garrafas (Gattai, 1992, p. 15-16).

Com o “Chão de Passagem: a volta” ambientada, parto para os relatos políticos e históricos que sucederam em sua vida neste chão. Desde a volta para o Brasil, incluindo o dia da chegada no país, a vida da autora e de sua família foi permeada pela política vigente, pela perseguição e pela censura.

Fomos os últimos passageiros a ser atendidos na alfândega, sob as vistas da polícia ali, firme. Nossa bagagem enorme, foi toda aberta, mala por mala, caixa por caixa. Policiais comandavam a operação, nariz enfiado nos volumes, farejando peça por peça das roupas desdobradas, examinando os sapatos [...] objetos, livros [...] tudo, absolutamente tudo foi esmiuçado, apalpado. Constrangidos, encabulados, os funcionários da alfândega que executavam o trabalho a contragosto desculpavam-se a cada momento, estavam sendo coagidos. A polícia levou horas para nos liberar [...]. (Gattai, 1992, p. 11).

Imagem forte, comum em regimes totalitários ou períodos com democracia abalada, o relato acima traz não somente a repressão ao casal Gattai-Amado em seu retorno para o Brasil, mas uma observação sensível sobre pessoas que precisam exercer papéis cruéis com os quais não concordam ou nem mesmo refletem sobre o que estão fazendo, pois estão seguindo ordens.

Hanna Arendt, ao cunhar o termo “A banalidade do mal”, no livro *Eichmann em Jerusalém*, de 1963, reflete sobre seres humanos que agem de forma desumana, quando o mal deixa de ser um conceito religioso ou moral e passa a ser político. O mal é exercido em favor de um regime antidemocrático, no qual pessoas exercem funções que provavelmente em outro contexto político não

teriam coragem de realizar.

Na citação de Zélia, vê-se a semelhança da atitude dos fiscais da Alfândega com a de pessoas que trabalham sob coerção. Contudo, no caso desses funcionários, existia a consciência do absurdo em constranger Zélia e Jorge. Neste caso, sem poder fazer outra coisa a não ser cumprir as ordens superiores, pediam desculpas, mas obedeciam.

Em uma breve passagem trazida por Gattai, é possível fazer uma reflexão política e histórica não só sobre a época, mas como essas políticas desumanas se impõem sobre as pessoas. Zélia se envolve ativamente na política nesse período, sem permitir que aquilo cerceasse sua liberdade, o que ela relata na citação a seguir:

Eu também me ligara ao Partido, mesmo não sendo inscrita. Indisciplinada por natureza, nunca me inscrevi em partido algum, sempre prezei minha independência e minha liberdade. Liberdade de pensar por minha cabeça, dizer não ao que acho errado, aplaudir o que acho certo. Um exemplo: quando da eleição presidencial, em 1960, à qual concorriam Jânio Quadros e o Marechal Henrique Teixeira Lott, e a palavra de ordem aos militantes era votar no Marechal. Ao receber a diretiva transmitida por Giocondo Dias, da direção do Partido, que fora lá em casa conversar com Jorge, lhe disse com todas as letras que em Lott não votaria nem morta, jamais! Na véspera mesmo, ele estivera na televisão e dissera não querer votos de comunistas (Gattai, 1982, p. 16).

A autora passa a militar pelo Partido, exercendo funções que visavam angariar donativos para subsidiar os custos. “Era duro e difícil conseguir-se dinheiro para um Partido ilegal, sobretudo para o Partido Comunista, e eu vivia dando tratos à bola” (Gattai, 1992, p. 17). Zélia faz uma descrição de como era a rotina de uma funcionária de finanças do Partido e do perfil dos empresários – simpatizante ou não do Partido:

As visitas de finanças eram feitas, em geral, por duas pessoas; minha companheira constante era Vitória Sampaio Lacerda... Vitória e eu nos dávamos bem, juntas estudávamos as visitas a fazer, voltávamos de nossas andanças muitas vezes desanimadas, mas, mesmo assim, não desistíamos de recomeçar tudo no dia seguinte.

Em geral, as pessoas com posses, que poderiam contribuir, não se dispunham a alimentar um Partido cuja linha era contrária a seus princípios e aos seus interesses financeiros [...].

Havia os que davam um dinheirinho com medo de... se por acaso [...]. Esperando sempre que não houvesse nunca esse por acaso, que sua ajuda financeira... não fosse contribuir para a vitória da foice e do martelo. Mas, quem sabe?

Em compensação, havia os que ajudavam por convicção, com prazer [...] e esses eram muitos... Por exemplo, Oscar Niemeyer, membro do Partido, era contribuinte cativo de Maria Barata, e, mesmo sendo Oscar nosso amigo, nunca lhe toquei em assunto de dinheiro, respeitava os direitos de Maria (Gattai, 1992, p. 17).

Seu trabalho no Partido era voluntário, sacrifício por ideologia: “Eu

trabalhava com prazer, não media sacrifícios, consciente de estar fazendo uma coisa certa, de estar ajudando a resolver problemas de nosso povo sofrido ao lado de um Partido sério” (Gattai, 1992, p. 16). Trabalhava muito, inclusive em viagens pelo Brasil buscando quem doasse dinheiro.

Seu sogro, seu João, certa vez lhe aconselhou: “Venha comigo, menina, lá na roça (na fazenda de cacau em Pirangi) tem muito coronel graúdo, tu pode dar boas *facadas*” (Gattai, 1992, p. 18). Zélia foi e de lá voltou com boa quantia de dinheiro oriunda das “facadas”, ou seja, pedidos de dinheiro, que dera em alguns fazendeiros.

Em seu ofício como militante, Gattai teve a ideia de realizar palestras cobrando entrada. Com sua experiência em um país socialista – e como um prenúncio do que viria a ser a sua escrita –, ela tinha muito a contar para as pessoas de como era a vida por trás da então denominada Cortina de Ferro. Ao relatar esse trabalho, é possível perceber sua crítica ao que vivenciara e certa desconfiança esfumada acerca da ideologia que existia sobre o socialismo.

Um dia ocorreu-me a ideia de fazer palestras cobrando entrada... Tinha muito o que contar dos anos vividos na Tchecoslováquia, das visitas à União Soviética e aos países de democracia popular [...].

[...] Não senti dificuldade ao enfrentar a plateia, constituída em sua maioria de simpatizantes do Partido. Conteí o que tinha a contar, lances de minhas experiências no mundo socialista, dando ênfase, é claro, à parte positiva do que vira: assistência social, estudos gratuitos, assistência médica, garantia de trabalho etc. Respondi, com sinceridade, a todas as perguntas que me fizeram sobre as restrições nesses países, a falta de democracia e de liberdade apregoadas pelos jornais do mundo capitalista, “reacionários”, dizia o pessoal do Partido [...]. Ao contrário do que esperavam, disse que realmente existia medo, medo de falar, comprometer-se, explicando ao mesmo tempo que a necessidade de defender o socialismo do inimigo levava as pessoas a desconfiar umas das outras, descobrir fantasmas e espiões onde não existiam, causando um clima de mal-estar e insegurança [...]. Daí a conclusão a que muitos chegavam de que não havia liberdade nem por detrás da “cortina de ferro” – designação essa por si só pejorativa (Gattai, 1992, p. 31-32).

O importante relato acima traz uma ideia do fracasso que foi o Regime Comunista no Leste Europeu enquanto utopia de liberdade, de igualdade e justiça para o povo. Zélia, ao deixar esse testemunho por escrito, nos faz refletir sobre o romantismo que parte da população possui quanto aos governos de extrema esquerda. E atesta o fracasso do marxismo – pelo menos até então – mostrando que um governo do povo e pelo povo, em um regime socialista, também não se mostrou a contento, já que muito sofrimento foi gerado para que se mantivesse erguido o regime.

Faço um adendo que, por esta tese se tratar de uma revisão literária da obra de Gattai, os temas aqui trazidos são a partir dos livros da autora, logo, a crítica política que há neste trabalho refere-se aos períodos vividos e escritos por Zélia Gattai, não havendo, pois, a intenção e nem a obrigação de uma contemporização de uma crítica feita aos partidos ou ideologias de direita, quando a autora não o fizer.

A autora segue tecendo sua opinião sobre suas convicções políticas, ao mesmo tempo em que permite que vejamos o que muito mobiliza as pessoas em assuntos políticos/ideológicos: a necessidade de se acreditar em algo, como ela mesma repete, utilizando frases que “aprendera nas lições do catecismo comunista” (Gattai, 1992, p. 32): “A vigilância e o controle empregados pelo Estado Socialista são necessários à sobrevivência do regime, vigilância e controle traduzidos pelos inimigos como falta de democracia e de liberdade” (Gattai, 1992, p. 32).

A explicação sobre a necessidade da rigorosa vigilância e de um controle permanente me fora repetida todas as vezes que não concordara com fatos que me pareciam inaceitáveis e eu acabara aceitando, acreditara em tudo, pois desejara e precisara acreditar. Trazia dentro de mim, arraigado, o que aprendera com meu pai [...].

Com meu pai aprendi o que seria um mundo socialista, um mundo de paz, liberto de injustiças, um mundo de fartura em que não mais existisse fome, um mundo de liberdade e democracia (Gattai, 1992, p. 32-33).

Zélia colocava uma “cortina de fumaça” sobre a então Cortina de Ferro para continuar acreditando que aquilo era o melhor que um povo merecia de seus governantes. A autora deixa clara a influência paterna em sua formação política – como já foi visto no capítulo 1 – para reforçar a sua ideologia acerca de como pensava politicamente aquele país.

A sinceridade trazida na sua fala, o relato de um engano é, *per si*, corajoso e empático. Sua característica de escrever a partir de suas impressões subjetivas vai muito além de uma narrativa factual, mas, sobretudo, emocional, de um período tão significativo da História da humanidade.

Considerando, claro, que a memória não é um documento, mas que, segundo Le Goff (1990), é parte da história, Zélia, em suas vivências e reflexões, documenta e, de certa forma, arquiva fatos, favorecendo discussões contemporâneas acerca dos temas destacados por ela. A memória em prol da libertação e não do aprisionamento, como também aponta Le Goff (1990) nesse mesmo livro; a memória sendo passiva de atualizações e novas reflexões:

Meu pai morreu há 51 anos, aos 54 de idade. Deixou de ver tantas coisas terríveis, perdeu de ver tantas belas nesse meio século transcorrido. Coisas vistas e julgadas pelos olhos e pelo coração da fiel discípula, sua filha caçula. Mas ele, o que teria pensado da bomba atômica e dessas guerras monstruosas... guerras entre irmãos a explodirem por toda parte? Que teria ele pensado dos crimes de Stálin, denunciados por Nikita Kruchov, em seu relatório no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, em 1956? Teria ficado, como eu, perplexo e desencantado? E sobre a revolução política que se desenrola hoje no mundo socialista? O que pensaria seu Ernesto? Pelo que o conheci, posso jurar que, como sua filha, ele continuaria apostando no socialismo, desconfiando cada vez mais dos ideólogos e dos dirigentes, homens incompetentes e ambiciosos, responsáveis pela deturpação do socialismo e o seu consequente fracasso (Gattai, 1992, p. 33).

Como alguém que conversa consigo mesma e se pergunta o que pensaria seu pai, voltando para dentro de casa, voltando para o colo de seu pai, que não deixa de ser também um chão, um porto; a autora leva sua leitora a refletir sobre as guerras, os regimes e os governos, sobre os políticos e a política dos homens. Abre um debate que não chega a acontecer em sua escrita, mas permite que tal discussão aconteça fora, dentro de cada leitora ou leitor.

O estudo da obra de Zélia Gattai permite a insurgência de subjetividades, o que Sueli Rolnik (2018) chamou de Micropolíticas. A inquietação, denominada por ela de Pulsão Vital, é responsável por causar um desconforto frente a algo que não deve ser reprimido, mas estimulado dentro de cada pessoa para que seja possível haver uma mobilização e alguma transformação no cenário global.

Essa inquietação, ou indignação, por fim, busca promover a transformação em “territórios” macropolíticos, que tangem a esfera maior, os quais incidem politicamente, socialmente, economicamente, culturalmente na sociedade.

Zélia revelou, em algumas passagens, o autoritarismo do Partido, fosse com ela ou com o marido, que dominou-lhes a vida com muitas atribuições em nome de uma “causa maior”:

A notícia da minha pobre palestra chegou rapidamente aos ouvidos do tesoureiro do Partido: “Disseram que você tem um bom papo [...]. Vamos organizar outras palestras [...]”.  
Agradava-me mais cumprir minhas quotas fazendo palestras... Acontece, porém que com a nova fonte de renda minhas quotas aumentaram e eu acabei acumulando as duas funções [...].  
Além das palestras a pagamento que eu realizava no Rio, em Niterói e até em São Paulo, deram-me outra tarefa [...] a de catequizar favelados, moradores do morro da Catacumba [...] (Gattai, 1992, p. 33-34).

Em um desses encontros no morro da Catacumba, Zélia foi perguntada se a tal da União Soviética ficava em São Paulo. Depois disso, o que reportou ao Partido, a autora foi dispensada dessa função. Esse fato traz uma luz sobre a discussão da amplitude que alcançam alguns movimentos que, ainda que se

digam do povo e para o povo, não conseguem sequer alcançá-lo na compreensão da essência do movimento.

Nesse sentido, os favelados aos quais Zélia se referiu estão tão à margem dos acontecimentos mundiais, que houve quem fizesse essa pergunta absurda acerca da localização da União Soviética, fato que abre um questionamento bem importante quando se está falando de política social.

O rompimento com o Partido foi também uma libertação para o escritor Jorge Amado, segundo Gattai, pois, além dos prejuízos de tempo para a escrita – o autor ficou dez anos sem escrever um livro – o próprio Amado também era censurado pelo Partido. Ao romper, Jorge também rompeu com uma forma antiga de escrever, já que havia exigências de engajamento em suas obras. Jorge se sentia obrigado a escrever histórias que falassem em questões políticas às quais ele estava imerso, como no livro *Seara vermelha*, por exemplo.

Ainda assim, o livro precisava passar pelo crivo do Partido: “Os originais do livro haviam sido entregues ao Partido para serem lidos pela Direção, que desejava dar seu parecer antes da publicação” (Gattai, 1992, p. 42).

A denúncia acima revela a tirania do Partido Comunista, bem como a censura da arte, da liberdade de expressão. Os livros de Jorge Amado eram censurados por questões políticas, “morais”, mas, segundo Gattai, o marido não cedia às considerações e publicava seus escritos na íntegra:

Tempos depois, os manuscritos voltaram às mãos de Jorge com várias observações, algumas de ordem política e muitas de ordem moral, anotações às margens das páginas, tais como “excesso de sexo etc.” Ao ler tais anotações, Jorge até achou graça e disse rindo: “Ao que tudo indica, trata-se de um camarada extremamente puritano [...]” e, obviamente, não modificou uma única palavra (Gattai, 1992, p. 42).

Segundo a autora, a obra *Gabriela, cravo e canela* foi uma libertação de Jorge Amado das amarras ideológicas que o continham:

Durante o exílio, o último romance de Jorge, *Os subterrâneos da liberdade*, reflete a posição e a experiência de uma fase de sua vida. *Gabriela, cravo e canela* reflete seu novo posicionamento político quando rompeu com as ideologias que o limitavam e passou a pensar pela própria cabeça. Sem abandonar a linha que traçou e segue desde o seu primeiro romance, a de defesa dos oprimidos (Gattai, 1992, p. 103).

É desse *Chão de Passagem* que Zélia traz uma grande reflexão sobre o socialismo, iniciada pela morte de Stálin e seguindo até a sua profunda decepção com o regime e seu desligamento do Partido Comunista. Um depoimento de quem

sempre esteve do lado subversivo, além do relato de quem viveu por dentro um regime socialista.

Beatriz Sarlo, em sua obra *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva* (2007a) defende a contribuição da subjetividade para a construção e a modificação da memória coletiva, o que ela chama de Guinada subjetiva, para que mais vozes sejam ouvidas, a fim de buscar o que mais pode se aproximar de uma verdade histórica. Neste contexto, as obras memorialistas são de suma importância.

Com sua forma de narrar, com detalhes das notícias e de como elas afetaram sua vida diretamente, a autora nos convida à reflexão, ainda que não faça essa proposta explicitamente. Contudo suas reflexões não são aleatórias e nem são divagações desimportantes; elas têm o cunho politizado e muito provavelmente intencional de Gattai.

As citações a seguir refletem tudo isso e serão seguidas de contextualizações que atestam mais uma vez a potência literária para a construção e a manutenção da memória e para a construção de pensamento crítico da História.

Eu dormia profundamente quando fui despertada, seu João me chamando: “Zélia, ó Zélia!” Acordei assustada, pois não era seu hábito bater em nossa porta... fiquei sabendo da notícia: “... O rádio deu ainda agorinha, Stalin morreu” [...]. Atrás dele chegou dona Eulália, com palavras para me consolar: “O pobrezinho se foi, hein? [...]”. Com suas palavras simples e sinceras, dona Eulália me tirava do choque, quase me faz rir, mas aquele não era momento para risadas. Acontecia o que eu nunca desejaria que acontecesse (Gattai, 1992, p. 42-43).

Por meio de seu João e dona Eulália, Zélia traz um personagem bastante relevante e controverso da História: Stálin. Alguém odiado e idolatrado, talvez com a mesma intensidade por simpatizantes ou não do socialismo, havia morrido. Com ele, sonhos e utopias estavam ameaçados. Zélia chega a se referir a Stálin como “pai”, ao descrever como a notícia de seu falecimento se espalhara por entre seus amigos e de seu marido:

Recebido no aeroporto de Santiago por Neruda e o escritor Volódia Teitelboim, da direção do Partido Chileno [...], ambos órfãos do pai que vinham de perder, Jorge, também contrito e órfão recebeu de Neruda um telegrama chegado do Brasil [...]. Convocavam-no para assistir ao enterro de Stálin. Devia voltar incontinenti para o Rio e viajar em seguida para Moscou [...].  
Militante disciplinado, o jeito era cumprir a ordem.  
Ao contrário do que se podia imaginar, não houve funerais nem pompas e nem representações estrangeiras nas exéquias do chefe das nações soviéticas, tudo fora **estranhamente** resolvido com grande rapidez (Gattai, 1992, p. 44, grifo nosso).

A expressão “estranhamente” denota uma denúncia comum à obra de



Gattai, que é a de algumas críticas veladas, deixando a leitora também intrigada com o fato narrado. A citação também conta do bastidor de artistas admiradores do político e de como essa notícia fora recebida à época. Jorge, que estava em viagem para o Chile, voltou do aeroporto, assim que chegou em seu destino, para o Brasil, pois, o Partido lhe ordenara que fosse ao funeral de Stálin. Contrariado, seguiria a ordem, mas, como ela mesma diz, não houve funeral.

JANEIRO DE 1956. O relatório de Nikita Khruchov, no XX Congresso da União Soviética, explodiu como uma bomba. Nosso pai, o que zelava pelo nosso destino a iluminar nossa estrada, o que pensava por nossas cabeças, o magnânimo, o magnífico Stalin, nos havia enganado a todos. Existiam campos de concentração na União Soviética, sim senhor! Prisioneiros na Sibéria! Antissemitismo, sim senhor! Os médicos judeus, acusados como traidores da pátria, não eram traidores coisa nenhuma! Tudo o que havíamos pensado ser calúnia do inimigo e havíamos negado, quando cobrados, era verdade.

Para Jorge e para mim, que tínhamos vivido em país socialista e tido contato estreito com os soviéticos, a revelação de Khruchov nos chocou profundamente, apesar de que não nos apanhou totalmente desprevenidos. As suspeitas e as dúvidas já viviam conosco havia algum tempo. **Desde o processo Slanski, na Tchecoslováquia, a prisão de London**, tempos dramáticos que vivemos, fomos perdendo a confiança aos poucos, já não tínhamos a certeza absoluta de antes. **Víamos coisas que nos pareciam erradas, levantávamos a suspeita, custávamos a aceitar as explicações, mas acabávamos aceitando.** A denúncia de Nikita Khruchov no XX Congresso vinha esclarecer muita coisa que não entendêramos.

Tudo se embaralhava na minha cabeça, perdera a graça, o entusiasmo, entrei em conflito comigo mesma, devia continuar a ter esperanças, a confiar no socialismo? Precisava de um tempo para refletir [...]. Não me sentia em condições de prosseguir trabalhando para o Partido e, na primeira reunião, pedi meu desligamento da comissão de finanças (Gattai, 1992, p. 74-75, grifo nosso).

A citação traz um período tão relevante quanto cruel da História mundial. Nela, é possível indiciar alguns fatos históricos importantes que, ainda que não possam ser aprofundados neste trabalho, é importante de serem comentados, pois exemplificam a obra indiciária da política e da história que é a de Zélia Gattai.

Após as denúncias Nikita Khruchov, exemplificando os crimes de Stálin, a autora manifesta decepção e crítica ao regime socialista confrontando-as com a idolatria que ela tinha ao ditador.

Os médicos judeus foram considerados traidores por Stálin, que os tornou presos políticos, acusando-os sem prova de que estes o queriam envenenar. Sobre esse fato, Cândida Ventura, ex-integrante do Partido Comunista Português, testemunha para o jornal on-line Público, de Portugal:

[...] encontrei um casal de médicos e, ao ver os olhos dele, vi os olhos de London. [...] disse-me que era um dos médicos do processo dos 'batas brancas' [uma das paranoias finais de Estaline]<sup>16</sup>, quando mandou prender todos os que o tratavam por suspeitar que o estavam a envenenar] (Ventura, 2008).

---

<sup>16</sup> Grafia de Stálin feita por Ventura (2008).

Outro crime importante que Zélia cita é o *Processo “Slanski”* (Bello, 1970), que também envolve London, citado aqui por Gattai e por Ventura. Slanski<sup>17</sup> foi um membro do partido comunista – secretário-geral – da União Soviética. Stálin, contrariado por Tito Josip, também membro do partido na Hungria, ter feito uma viagem ao ocidente, o ditador decidiu desarticular algumas células de seu partido, realizando uma série de acusações injustas a seus próprios membros, levando alguns à execução e outros à prisão perpétua.

Slanski participou da acusação de alguns de seus companheiros, incluindo London<sup>18</sup>, que fora condenado à prisão perpétua e anistiado depois, após a desestalinização da União Soviética. Slanski posteriormente também foi acusado, torturado para que confessasse seus “crimes” e condenado. Foi executado.

Por fim, ela confessa a antiga desconfiança, mas, como toda paixão, e claramente a relação de Gattai com o socialismo passa por um sentimento idealizado, fica difícil enxergar os defeitos. Ela demorou e, de seu Chão de Passagem, logo após o exílio, ela sofre um grande choque político e ideológico que a fez tomar uma decisão importante, a de deixar de trabalhar para o Partido.

Nesse mesmo “chão”, Zélia vivencia o bastidor, ainda na capital federal à época, das tensões que envolveram os governos Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros até a deposição de João Goulart, quando, enfim, se muda para Salvador com a família também em busca de tranquilidade.

A festa do aniversário de Neruda prometia ser boa. Ao mesmo tempo em que comemorava os seus 50 anos, ele iria receber das mãos de Ilya Ehrenburg [...] o diploma, a medalha e o cheque do prêmio Stalin que lhe fora outorgado havia meses [...].

O nome de Pablo Neruda, prêmio Stalin e a ida do escritor soviético Ehrenburg ao Chile **havia facilitado, tornado possível a saída dos intelectuais tchecos de seu país para uma viagem ao mundo capitalista** (Gattai, 1992, p. 59-61, grifo nosso).

Antes de viajarmos para Santiago, Jorge fora direto aos altos escalões do governo a fim de pleitear vistos para os Ehrenburg. Procurara o Ministro Oswaldo Aranha, a quem conhecia pessoalmente, pedindo-lhe sua intervenção junto ao Presidente. Consultado, Vargas lamentara não poder atender ao pedido. Era admirador de Ilya Ehrenburg, fora leitor assíduo de suas crônicas, escritas no *front*, durante a última guerra, **mas, na situação em que se encontrava, mal podendo manter-se no poder, diante da crescente campanha para depô-lo antes da realização de novas eleições, um golpe de Estado em preparação... Lamentavelmente não podia autorizar a entrada do escritor soviético no país. Um visto para Ehrenburg poderia ser a gota d'água de que necessitava seus adversários.**

<sup>17</sup> A escrita de seu nome também é vista com “y” – Slansky – contudo, usarei a mesma grafia que Zélia Gattai utiliza em seu livro *Chão de meninos* (1992).

<sup>18</sup> Artur London escreveu uma obra autobiográfica chamada *A Confissão*, em 1968, onde relata o que viveu.

**Oswaldo Aranha lastimou, mas, de fato, o Presidente tinha razão, não podia. Aliás, Getúlio se suicidaria dias depois da passagem de Ilya e Luba [sua mulher] pelo aeroporto do Rio** (Gattai, 1992, p. 64, grifo nosso).

A morte de Getúlio Vargas é tratada por Zélia a partir de uma linguagem muito própria e característica da autora, que é a das amigas e dos afetos. O aniversário de Pablo Neruda, amigo tão fraterno da autora, é de onde ela parte para tocar em um dos temas mais relevantes da história do Brasil, que foi a morte de Getúlio Vargas.

Sem muito se alongar, ela entra no íntimo de Getúlio – em seu chão – e mostra a afeição do político pelo escritor socialista Ilya Ehrenburg. A autora também testemunha a apreensão do então presidente com o golpe iminente, bem como o fim trágico que ele teve.

Novamente, a intelectualidade empírica da autora se revela e consigo a escrita de uma mulher imbuída da subjetividade e da necessidade de desnudar esses bastidores sob a ótica feminina. Dando a ver o clima tenso nos bastidores políticos do país naquela época, quando uma simples autorização para a entrada de um poeta “subversivo” poderia causar um mal-estar na presidência da república brasileira.

A denúncia de censura e de falta de liberdade das pessoas na exposição acima ultrapassa as fronteiras nacionais. A autora, ao citar que o aniversário de Neruda e o prêmio Stálin “havião facilitado, tornado possível a saída dos intelectuais tchecos de seu país para uma viagem ao mundo capitalista” reforça o autoritarismo dos países comunistas e de como um “governo pelo povo” não conseguiu se configurar sem que houvesse uma ditadura.

Ditaduras e tiranias denunciadas de forma velada pela autora que, no afã de contar o caso, ou por não intencionar que sua obra fosse uma crítica política propriamente, apenas relata o acontecido, mas o olhar contemporâneo para a sua obra permite que se leia através do rastro deixado por Zélia algo importante que seja questionado.

Ilya e Luba, por fim, não conseguem desembarcar no Brasil, não pôde sair do aeroporto o casal socialista em meio à tensão que gerava a Guerra Fria no mundo e consequentemente no Brasil.

Naquele ano de 1955 seriam realizadas, no Brasil, eleições presidenciais. Não suportando a carga e a pressão movidas contra ele e o seu governo havia um ano, Getúlio Vargas se suicidara. As mesmas forças políticas responsáveis pelo gesto extremo do Chefe da Nação atiravam-se à luta para tomar o poder, tendo à frente, como candidato à Presidência da República, o General Juarez Távora, apoiado por forças conservadoras. O outro pretendente ao Catete era Juscelino Kubistchek de

Oliveira, ex-Governador de Minas Gerais, que, por sua tradição democrática, era o candidato apoiado por liberais e democratas e pelos comunistas. No térreo de nosso edifício... fora instalado um comitê feminino pró-Juscelino... o comitê Sarah Kubistchek. Nos momentos de folga, em geral à noite, discretamente, eu aparecia por lá, ia dar uma ajudinha de livre e espontânea vontade, não era tarefa do partido nem eu fora convidada, ia de oferecida. Juscelino era meu candidato, confiava nele, motivo mais do que suficiente para sentir necessidade de ajudar de qualquer maneira sua campanha [...] (Gattai, 1992, p. 66).

O período retratado por Gattai foi intenso na vida política do país. O fantasma do comunismo sempre a “ameaçar” a “ordem” no Brasil, propiciava um clima para conflitos que, conforme traz a autora, não poupava nem as crianças. Ao narrar um ato acontecido com seu filho João na escola, ela denuncia a intolerância política com os candidatos e os civis esquerdistas.

Zélia foi chamada ao colégio, pois João engalfinhara-se com um colega de escola. João chegou em casa com o rosto arranhado e, ao ser indagado por Zélia, ele disse que havia brigado com um “Juarez”. Era assim que o chamava, “Juarez estupidez”, referindo-se ao candidato à presidência. Ao chegar lá e encontrar a mãe do colega do filho com muita raiva, falou:

— Coisas de crianças — justifiquei —, meu filho também chegou em casa todo arranhado e eu não vim reclamar [...].  
 — A diferença — interrompeu a mãe toda exaltada — é que meu filho arranhou o seu com decência, como um Juarez, mas seu filho atacou o meu com a maior violência, arranhou e até mordeu, mordeu como um comunista, um verdadeiro Juscelino [...] [disse a mãe do colega] [...].  
 — Seu filho, me desculpe, não é apenas político, ele é juscelinista fanático, um revolucionário! (completou a diretora) (Gattai, 1992, p. 67-68).

A perseguição à sua família continuou durante todo esse período no Rio de Janeiro, contudo a autora nunca deixou a sua militância de lado. Sem ceder à pressão, militou da forma que quis e como pôde pelos seus ideais democráticos.

No *hall* do seu prédio foi montado um comitê do Juscelino Kubitschek, do qual Gattai, conforme já dito, não era membro, mas participava sempre que podia na divulgação da campanha eleitoral de seu candidato:

Para usar uma expressão de Partido, eu executava trabalho de base e não de cúpula, fazia trabalho menor.  
 Com um balde cheio de alvaíade e um pincel, saía com Marylu Prado [...] íamos escrevendo o nome de nosso candidato no asfalto da Avenida Atlântica [...] João, no meio da rua, fazia parar o trânsito até que o trabalho estivesse concluído (Gattai, 1992, p. 69).

Em certa ocasião, foi Carlos Lacerda quem invadiu a privacidade de Gattai, o que ela traz em um relato de como sua vida era atravessada pela política, bem como de sua intimidade com figuras importantes neste cenário:

— Espia aqui, Zélia — Jorge me acordava cutucando com um jornal dobrado — leia. Era a Tribuna da Imprensa, jornal de Carlos Lacerda, cujo editorial desse dia era provar por a mais bê, que Juscelino andava mancomunado com os comunistas [...] O editorial da Tribuna da Imprensa dizia entre outras coisas que o Comitê Feminino da campanha Kubitschek, da rua Rodolfo Dantas, em Copacabana, era dirigido por uma comunista notória, Zélia Gattai, a mulher que vivia com Jorge Amado [...]: — Política suja e nojent! — retruquei [...]  
Decepção com Carlos Lacerda [...] Éramos conhecidos de tantos anos [...] Amizade cordial, sem nunca ter havido um senão para empanar nosso relacionamento [...] Agora ele vinha colocar meu nome no fogo, em seu jornal, com informações mentirosas [...] Quanto a ser a mulher que vivia com Jorge Amado, se o fato de meu casamento não ser oficializado ajudasse a derrotar Juscelino, então esse recurso [...] era [...] o único verdadeiro. Durante 33 anos, Jorge e eu vivemos maritalmente sem poder legalizar nosso casamento. Ele só foi oficializado na presença do juiz após a implantação do divórcio no Brasil (Gattai, 1992, p. 70-71).

A autora conhecia Carlos Lacerda de antes, ela cita a presença dele ainda na casa de seus grandes amigos, os Mendes de Almeida – como mencionado na primeira parte deste capítulo. Magoada que ficou à época, além do testemunho do que a imprensa era capaz de fazer com seus desafetos, sendo grande responsável pela crise política da época, que, dentre outras coisas, levou Getúlio ao suicídio –, Gattai também fala de um tema muito caro, que foi a Lei do Divórcio: Zélia e Jorge se divorciaram logo que saiu a Lei. Foi deles o segundo processo; o primeiro, foi do próprio autor da lei.<sup>19</sup>

Tal fato reafirma a subversividade de Gattai ao longo da vida. Uma mulher que se desquitava de seu primeiro marido e passa a viver com outro, ainda que não fosse casada. No Brasil dos anos 1945, isso era malvisto moralmente, como se fosse “fora da lei”. A passagem do episódio do divórcio na obra e na vida de Zélia, acarreta um grande ganho não só para ela, pioneira, mas para todas as mulheres que, a partir daí, puderam optar com um pouco mais de segurança pela sua liberdade.

Ao falar da lei do divórcio, a autora, num traço característico da escrita memorialista, marca a passagem do tempo, anacroniza sua narrativa, pedindo uma autorização à sua leitora para avançar no tempo de suas lembranças. Uma forma de, mais uma vez, trazer sua leitora para perto, para dentro de sua vida, como quem conversa, e não apenas teoriza sobre algo em um monólogo:

Por falar em casamento, me adianto no tempo, saio da ordem cronológica, que aliás

<sup>19</sup> Lei nº 6.515, de 1977, encampada pelo senador Nelson Carneiro (Brasil, 1977).

não tem sido tão cronológica assim, para contar uma pequena história acontecida no meu casamento com Jorge.

12 DE MAIO DE 1976

— Olhe, João – disse a meu filho –, se você tiver algum compromisso amanhã pela manhã, desfaça. Você vai assistir a um casamento às 11 horas [...]

— Casamento de quem?

— Meu casamento.

Meus netos, que também estavam presentes, arregalaram os olhos.

Bruno, cinco anos, quis saber:

— Você vai casar com quem?

— Com teu avô, ora!

Não acreditando no que lhe dizia, Bruno saiu na disparada [...]. “Acorda, avô, acorda depressa que a tua mulher vai casar com outro!”

Quanto à Maria João, três anos, verdadeiro azougue, colocou as duas mãos na cintura, sorriso já malicioso:

— Quer dizer então que você agora vai ser “Dona Zélia e seus dois maridos?” [...]

Às onze horas em ponto, na casa de Calasans Neto e Auta Rosa, em Itapuã, a cerimônia começou. Alfredo Machado e Glória vieram do Rio para nos apadrinhar. James e Luísa, Heloisa Ramos, Carybé e Nancy, Mirabeau Sampaio, Floriano Teixeira e Alice e Antônio Celestino lá estavam, firmes para testemunhar o ato (Gattai, 1992, p. 71-72).

Um acontecimento da intimidade do casal, mas que diz também da reafirmação do amor, do afeto, além de registrar o avanço constitucional que foi a Lei do Divórcio e como tal avanço impactou a vida do casal Gattai-Amado. No registro, a presença dos amigos e dos afetos de uma vida, quando o casal já estava no “Chão de casa”, vivendo em Salvador, tempo este que será abordado no capítulo 4 desta tese.

De volta ao cenário político de seu “Chão de Passagem”, pavimentado pelo olhar de testemunha ocular de Gattai, percebe-se o clima de otimismo com a democracia no Brasil de Juscelino. A autora testemunha a construção da nova capital federal. A descrição se dá a partir de quando ela foi a cicerone do casal Simone de Beauvoir e Jean Paul Sartre, o que torna o relato ainda mais interessante e subjetivo.

Solicitados a conhecer Brasília, construção audaciosa de uma cidade, no coração do Brasil [...] Sartre e Simone aceitaram com prazer o convite, interessados em ver de perto tamanho empreendimento [...] interessados também e sobretudo na arquitetura de Oscar Niemeyer. Rodamos em centenas de quilômetros e, estrada nova em folha, recém-aberta, rasgada na terra virgem, ligando Belo Horizonte à nova capital.

O projeto de transferir a capital da república do Rio de Janeiro para o interior do país rolava desde os tempos do Império, sonho de José Bonifácio, discutido, aprovado, proclamado artigo de lei em várias constituições republicanas e jamais realizado [...] Sartre e Simone visitaram a Pampulha, detiveram-se na igreja de Niemeyer, louvaram-lhe a beleza, impressionaram-se com a pintura e os azulejos de Portinari (Gattai, 1992, p. 87).

Na descrição acima, a autora fala com orgulho de artistas brasileiros, enquanto faz sua leitura acerca das impressões do casal francês. No registro,

Gattai se atenta ao detalhe de contextualizar minimamente a leitora no contexto político/histórico que envolvia aquela construção, trazendo o sonho de José Bonifácio de mudança da capital federal do Rio de Janeiro.

Dessa viagem, Gattai traz uma impressão bem interessante de Sartre acerca do Brasil. O motorista que os conduzia era também um contrabandista, que disse aos quatro – Jorge também estava na viagem – que eles teriam de ter paciência, pois teria de fazer algumas paradas para entregar os contrabandos.

Sartre e Simone ficaram na dúvida: Jorge estaria traduzido direito? Seria possível alguém declarar-se contrabandista com tanta sem-cerimônia? Só acreditaram mesmo quando o gaiato abriu o pacote para mostrar [...] relógios suíços, pulseiras, anéis, brincos de ouro e diamantes, tudo falso. Simone quis saber se ele não temia ser preso. Como resposta, puxou do bolso interno do paletó uma carteirinha que exibiu com um sorriso de vitória: “Não há perigo!” Sartre espiou, rápida olhada, espantou-se, disse a Simone: “*Un flic!*”

Creio que a viagem em companhia do chofer dublê de contrabandista e policial contribuiu para que Sartre não entendesse o Brasil – “não consigo entender este país surrealista”, repetia ou, quem sabe, para que melhor o entendesse (Gattai, 1992, p. 88).

A passagem é anedótica e cômica, ainda que caótica. Há que se concordar com Sartre, o Brasil é um país *surrealista*. O motorista que ciceroneia o casal famoso de filósofos, além de Jorge Amado e Zélia Gattai é um bandido, no caso, um bandido “de confiança”.

Ainda que engraçada, não deixa de ser chocante quando nos deparamos com situações tão controversas como essa narrada pela autora. O gesto nos faz acreditar ainda menos em um país dominado por bandidos disfarçados de policiais, por subpoderes como o das milícias que subjagam civis a leis próprias que extorquem dinheiro, imóveis, quando não, a vida de muitas pessoas imersas nas regiões onde tal criminalidade atua e o Estado não consegue dar conta de proteger seus cidadãos.

Da afirmação de Sartre é possível a construção de um artigo, mesmo um livro, somente com fatos que caracterizam o Brasil como *Surrealista*. Nós, pesquisadoras, sobretudo as que trabalhamos com a escrita memorialista, precisamos nos dedicar para que estas memórias não sejam esquecidas e nem “adulteradas” à medida em que o futuro se presentifica.

Contudo, precisamos ativar essa memória de maneira que ela nos traga as respostas para o presente. De forma que, questionando não o ocorrido, mas o que levou a ocorrer o fato passado, sejam possíveis transformações sociais importantes para que o que chamamos de sociedade ou de humanidade seja, de fato, para todos: humanos e não humanos.

Brasília ainda não fora inaugurada, mas o Palácio da Alvorada já estava construído. Nele o presidente recebeu os ilustres visitantes e sua comitiva. Sobre a terra vermelha, despida ainda de árvores, destacavam-se, em todo o seu esplendor, as construções projetadas por Oscar Niemeyer. Emocionado diante de tanta beleza, Sartre disse ao arquiteto que nos acompanhava na visita: “Depois da Renascença, nada se fez mais belo”.

A cidade, imenso canteiro de obras, foi percorrida em toda a sua extensão [...]. Sartre e Simone quiseram visitar também casas de candangos, dos operários que construíram a cidade, vindos de todas as quadrantes do país, sobretudo do Nordeste (Gattai, 1992, p. 89).

Recebida pelo presidente da República em sua grande obra de governo, Gattai traz ao público parte do bastidor da construção de Brasília. Com sua linguagem imagética, nos leva ao cenário do que viria a ser nossa capital federal.

Ela também registra a formação social de Brasília, construída em grande parte pela mão de obra nordestina, que fazia parte dos “candangos” que se aventuraram para o centro do país em busca de oportunidade de trabalho. O clima de otimismo pairava na futura capital federal.

Assim como Zélia, também peço licença às leitoras deste trabalho para colocar uma memória familiar da construção de Brasília. Izá Uhl Sidrim (minha tia-avó, hoje com 94 anos) foi com o marido e os filhos pequenos, de Fortaleza, pois o marido foi trabalhar na construção da capital federal e por lá se estabeleceu com a família. Segundo ela, a maior comunidade em Brasília era formada por trabalhadores mineiros por conta de Juscelino, mas a segunda maior era de cearenses.

Para tia Izá, a vida naquela época por lá era muito boa, as pessoas eram muito bem recepcionadas, trabalhava-se 24h por dia, dia e noite caminhões e tratores acordavam os moradores com o barulho, e o “cinturão verde” se encarregava da fatura de legumes para os candangos. Pelo depoimento dela, percebe-se o otimismo desta época, o mesmo que Zélia Gattai relata.

A euforia decorrente da grande vitória (da seleção de 58, com Pelé e Garrincha) coroava o clima de entusiasmo e de otimismo criado pelas realizações do governo democrático e progressista de Kubitschek; os brasileiros sentiam-se confiantes e felizes (Gattai, 1992, p. 89-90).

Com esta citação, encerra-se o governo JK nesta abordagem da obra de Gattai. Em seguida, a política passa a permear a sua vida com certa ameaça. Os ares de um governo repressivo registrados em sua obra deixam antever o que viria a ser o Brasil dos anos 1960 e 1970. Mais uma vez, a partir de dentro, seja de sua casa ou de si, tem-se os relatos/testemunhos de Gattai do que foi e no que



resultou tal período.

Uma escrita que somente Gattai poderia relatar, pois parte da vivência de uma vítima da política ditatorial que se instalou no Brasil. Relatos que ajudam a compor o arcabouço memorialístico do Brasil a partir da versão subversiva, perdedora. Nesse contexto, Zélia Gattai se insere como historiadora, guardiã e testemunha de um período que muitas vezes é minimizado ou relativizado pelos novos cursos extremistas à direita da História.

Escolhido Presidente da República em 1960 pela maioria esmagadora dos eleitores, Jânio quadros tomou posse em 1961...

Nem precisou arregaçar as mangas, pois, para começo de conversa, aboliu o paletó e gravata, liberou o funcionalismo público dos trajes formais, ele próprio dando exemplo, usando leve e confortável safári de mangas curtas. “traje adequado para nosso clima”. Adotou o sistema de estabelecer contatos através de bilhetinhos, um verdadeiro presidente bossa-nova (Gattai, 1992, p. 176).

A autora inicia a fala sobre o novo presidente trazendo o otimismo e a leveza que pareciam ainda permear o país. Aponta também para um novo costume na cultura da época no funcionalismo público, que foi a não-obrigação de paletós e gravatas.

Zélia indica ainda para um dos movimentos culturais mais revolucionários em nossa música, que foi o surgimento da Bossa Nova. Apresentada por João Gilberto e sua batida revolucionária no violão, o som que reduz o samba a um único instrumento, cortando os “excessos” característicos das músicas da época. Para Zélia, Jânio foi um verdadeiro presidente bossa-nova<sup>20</sup>, que aboliu os excessos no comportamento de seus funcionários.

O olhar de escritora de Zélia Gattai é um radar que aponta para direções importantes do estudo cultural, social, além do histórico e político. Caminhar pelos vestígios deixados nos chãos por Gattai é também buscar seus contextos, entender o bastidor de uma mulher que escreve a partir da coxa, de casa. E, ainda que não seja possível explorar tais contextos de forma aprofundada nesta tese, por uma questão de escopo, iluminá-los traz ainda mais a relevância desta autora, propiciando novas pesquisas a partir dela, em outras áreas.

Um dia Jorge foi procurado pelo escritor Raimundo de Souza Dantas, oficial-de-gabinete de Jânio, que lhe trazia um recado: O Presidente o esperava no dia seguinte, sem falta, às seis horas da manhã, em Brasília [...].

Na hora marcada, às seis em ponto, Jorge foi recebido pelo Presidente Jânio Quadros e teve a surpresa de saber que ele decidira nomeá-lo Embaixador. Oferecia-lhe a missão diplomática do Brasil junto à República Árabe Unida (Egito e

<sup>20</sup> Adjetivo com que ficou historicamente conhecido em relação a outro presidente: Juscelino Kubitschek.

Síria). Não era convite nem pedido, era uma ordem [...].  
 Jânio necessitava do apoio da inteligência brasileira para ajudá-lo em seu projeto de reformulação da política externa... Já havia convocado o escritor Rubem Braga [...], o pintor Cícero Dias [...] e vinha a nomear o próprio Raimundo de Souza Dantas [...], primeiro embaixador negro do Brasil [...].  
 Apanhado de surpresa, Jorge agradeceu a confiança e a honra, mas disse que não podia aceitar [...]. O impasse se manteve [...].  
 Diretor Presidente do Instituto Afro-Asiático, organismo do Governo Jânio Quadros [...] Eduardo Portella teve uma longa conversa com Jorge sobre a proposta de Jânio. Portella era de opinião de que, embora não aceitasse o cargo de embaixador, Jorge não devia ficar à margem do projeto pioneiro do presidente. Nem mesmo Juscelino, que fizera um governo progressista e democrático, ousara mexer na política externa, falar em Terceiro Mundo, tirar o Brasil da dependência dos Estados Unidos. Sua política externa fora tímida e conservadora, como a dos governos anteriores (Gattai, 1992, p. 176-178).

A citação mostra a tentativa de articulação do governo Jânio Quadros que envolvia intelectuais e artistas para uma busca de mudança da ampliação da imagem do Brasil na política externa. De forma direta, a tentativa de nomeação de Jorge Amado interviria na vida de Zélia, apesar de Jorge ter recusado o cargo de embaixador. Mesmo com a recusa, Zélia fala que o escritor deu a ideia – muito bem-recebida pelo presidente – de fazer uma embaixada itinerante nos países da África, em uma tentativa de resgatar nossas raízes. “A terceira reunião não houve, porque aconteceu a renúncia do Presidente Jânio Quadros” (Gattai, 1992, p. 178-179).

Nesta ocasião, com Jânio ainda na presidência, Jorge pleiteou junto a ele em uma dessas reuniões, que concedesse vistos à escritora alemã Anna Seghers, grande amiga do casal, e a seu marido, o doutor Rodolfo Schmidt – “professor de economia política na Universidade Karl Marx de Berlim (Gattai, 1992, p. 178)” – pois ambos estavam com dificuldades de conseguirem seus vistos.

Com atenção especial dedicada à cultura, o presidente concedeu os vistos ao casal, que inclusive estava no Brasil na época da renúncia de Quadros. A partir desse casal, de seu olhar e de sua reação, ou seja, a partir do outro, Zélia traz a História do Brasil dessa época, frente ao ocorrido.

O país inteiro perplexo, atônito, nós também. Anna e o professor (Rodolfo Schmidt, marido de Anna), sem nada compreender, a querer saber o que se passava... Ninguém era capaz de responder... De seu isolamento, Jânio falava em “forças ocultas” [...]. A boataria corria solta [...]. “Afim, é grave ou não?” queria saber o professor. “Se é grave como afirmam, por que riem e contam anedotas? [...]” Desanimado, ele percebia cada vez menos, não chegava a penetrar no espírito brasileiro, sobretudo na malícia do carioca, gozador mesmo nos piores momentos [...].  
 Nesse “surpreendente país surrealista”, assim Sartre denominara o Brasil em sua recente visita – aconteciam coisas que mexiam com a cabeça do professor Schmidt, mas não com a de Anna, criatura também surpreendente, que as podia assimilar; o Brasil para ela não era tão estranho quanto para seu solene marido (Gattai, 1992, p. 180-181).

Zélia observa um breve panorama do Brasil a partir do choque de culturas. O casal alemão, com formação sociocultural absolutamente diferente da nossa, sem entender como é possível ironizar em cima de algo tão grave, ainda retoma a impressão de Sartre acerca do Brasil, testemunhando o que, à época, causara uma grande tensão na política e na sociedade civil brasileiras.

Em seguida, a autora tece suas impressões acerca do ocorrido, imprimindo uma marca também de seu pensamento, que é a de suscitar discussões: a possibilidade de revisitar um determinado período tão marcante no Brasil do século XX, do qual a autora fizera parte.

Até hoje não se apurou devidamente a causa da renúncia. As interpretações são muitas, mas a que prevalece, para mim, é a de que Jânio não desejava realmente deixar o poder. Enganara-se ao pensar que sua renúncia deveria ser objeto de longa discussão parlamentar, o que lhe daria tempo para [...] possivelmente levantar a massa, como acontecera por ocasião da sua campanha eleitoral, quando ameaçara renunciar à sua candidatura e obtivera do povo resposta imediata.

Durante sete meses Jânio governara no grito [...]. As chamadas “forças ocultas” não podiam admitir um Presidente da República tão independente e audaz, que tivera inclusive o topete de condecorar um guerrilheiro, “comparsa” de Fidel Castro, o polêmico e temido Che Guevara!

Os entendidos em leis que o assessoravam não o alertaram, possivelmente não eram assim tão entendidos, ignoravam que a renúncia do Presidente da República é um ato unilateral, não dá lugar à discussão: renunciou está renunciado! Jânio caíra, vítima de seu próprio estratagema. Enganara-se, ou fora enganado? (Gattai, 1992, p. 181-182).

Ao deixar suas impressões por escrito, ela também se insere como fonte de pesquisa e de discussão para um contraponto da memória coletiva. Principalmente quando os relatos vêm de uma mulher em contraponto à memória patriarcal hegemônica.

Mulheres como: Leonilda de Figueiredo Daltro – baiana de origem indígena, uma das grandes mulheres que lutaram pelo direito ao voto das mulheres; Benedita da Silva, Marina Colasanti, Anna Maria Rattes, Comba Marques, a economista Hildete Pereira de Melo, Jaqueline Pitanguy – parlamentares e ativistas feministas que representaram centenas de milhares de mulheres do Brasil com suas demandas por direitos entregues ao presidente do congresso, Ulisses Guimarães, que inseriu boa parte delas na constituição de 1988.

Dentre tais mulheres, destaca-se Zélia Gattai que, escreveu uma obra que serve à nossa História como um arquivo e como indícios de que alguns acontecimentos dados como fatos precisam ser revistos sob a ótica da mulher subversiva. Um pensamento construído a partir de um grande testemunho – seu ou dos outros –, que abrange, em toda a sua obra, mais de um século de país.

Zélia relata, denuncia e questiona algo que, para ela, também já estava no passado, pois o livro *Chão de meninos* foi escrito mais de trinta anos depois do ocorrido. Seu olhar, ainda que distanciado, de testemunha ocular, se configura como uma faceta muito interessante em uma obra memorialista: a da vivência; mas não se configura em um diário, não é um dia a dia da vida de Gattai, mas um panorama com seus recortes e pormenores que, como pesquisadora, ocorreu-me fazer, elucidando a intelectual empírica que é Zélia Gattai.

Do *Chão de Passagem – a volta*, ela traz o “desfecho” do que acarretou a renúncia de Jânio Quadros até o Golpe Militar. Entra no pormenor do governo de João Goulart, com quem teve um contato próximo antes do golpe que ele sofreu.

João Goulart fora vice-presidente no Governo Juscelino Kubitschek e voltara a ser no de Jânio Quadros. Quando da renúncia de Jânio, Goulart encontrava-se em visita à China e teve que voltar às pressas, pois armava-se no país um complô militar para impedi-lo de assumir o poder.

Diante do perigo de um golpe, manifestações populares brotavam por toda parte exigindo a posse do vice-presidente. Corajosos, os manifestantes enfrentavam a polícia, que os atacava espancando-os sem dó nem piedade, prendendo-os, usando gás lacrimogênio para dissolver as manifestações. Nada, porém, os intimidava, continuavam nas ruas.

Anunciava-se para aquele dia a chegada ao Brasil do futuro Presidente [...] comentava-se a iminência de um golpe de Estado militar, com a prisão de João Goulart assim que pisasse os pés no país, a boca do lobo aberta à sua espera [...]. (Gattai, 1992, p. 191).

A democracia era mais uma vez alvejada no Brasil, havia a ameaça de um golpe, que se conseguiu segurar por alguns meses. Com uma linguagem coloquial, expressões metafóricas: “a boca do lobo a sua espera”, Gattai, narra a dinâmica entre polícia e manifestantes, uma polícia manipulada para uso da força com ordens ditatoriais, frente a manifestantes que batalhavam pela democracia, ainda sem saber que mergulhariam em vinte anos de forte repressão.

No Rio Grande do Sul, o governador Leonel Brizola comandava a “rede da legalidade”, movimento de resistência para garantir a posse de Jango e derrotar o golpe em andamento, lutando sem tréguas para o cumprimento da lei. Ao lado do governador, o povo gaúcho clamava pelas ruas seus anseios de democracia, liberdade e ordem, repudiando a tentativa de golpe, preparado pelas forças mais retrógradas do país (Gattai, 1992, 191-192).

O relato do cenário *macropolítico*<sup>21</sup> acima é pano de fundo para narrar um fato que decorreu deste cenário global, que agiu no âmbito da *micropolítica*<sup>22</sup> em Gattai. O fato a seguir tem a ver com a subjetividade da autora, algo que lhe movia

<sup>21</sup> Aqui, novamente usado o termo e conceito cunhados por Suely Rolnik (2018).

<sup>22</sup> Aqui, novamente usado o termo e conceito cunhados por Suely Rolnik (2018).

desde pequena e, segundo sua filha, era uma de suas prioridades: lutar “pela paz entre os homens, pela igualdade de direitos e pela liberdade” (Amado, 2022).

Um comício estava marcado para aquela tarde na Cinelândia... Prevendo a violência da polícia, que naquela tarde estaria mais feroz do que nunca, Jorge me pediu que não fosse devido ao meu estado. Eu me encontrava no segundo mês de gravidez, não devia me expor. Seria prudente também deixar João em casa, o menino era novo demais para começar a levar cassetete da polícia.

Ficara acertado que nosso amigo Letelba viria nos apanhar para a manifestação. Ao ver-me triste e frustrada, ele tratou de me animar... assistiria ao comício da janela de seu escritório de advocacia, na Cinelândia, não correria nenhum risco, João poderia ir conosco. [...]

A Cinelândia transformara-se numa praça de guerra. Fileiras de camburões estacionados em frente ao Teatro Municipal esperavam os manifestantes, intimidando-os.

Aos poucos o povo foi chegando, invadindo a praça por todos os lados, ostentando faixas de boas-vindas ao novo Presidente, palavras de ordem sem provocação. Não era preciso, no entanto, que houvesse provocação para a polícia atacar, pois lá estava para dissolver a massa. Tinha ido para isso.

Batalha de armados contra desarmados, naquela praça repleta, **repetiam-se antigas cenas de violência: o povo indefeso, jovens imberbes, homens e mulheres levando empurrões e pontapés, os cassetetes baixando, tirando sangue... Gás lacrimogêneo sufocando, cegando [...]**. Diante de meus olhos um juvenzinho, quase menino, era arrastado por dois brutamontes: enquanto um lhe torcia o braço a ponto de parti-lo, o outro dava-lhe murros e pontapés [...]. Impotente para impedir tamanha barbaridade, **revoltada, desesperada, não me contive e, debruçando-me na janela, comecei a gritar com toda a minha força, a chamá-los de covardes, bandidos, assassinos...**

Voltei para casa sentindo dores e naquela mesma noite fui internada no hospital. **Perdi a criança** (Gattai, 1992, p. 191-193, grifo nosso).

Por entre a História do Brasil, o relato interno, dessa vez, é mais íntimo do que o *chão*, o ventre. Gattai, para as repressões que frequentemente assolaram o país no século XX, perdeu seu pai e seu filho. Uma vivência de forma bastante dolorida, um relato do que as ditaduras fazem intrinsecamente com o indivíduo, para além das estatísticas que a história parcamente relata.

A ação policial covarde viria a se repetir muitas vezes nos anos seguintes, com a Ditadura Militar propriamente instaurada no país. Mortes, torturas, sumiços de desconhecidos e de pessoas conhecidas, como foi o caso de Rubens Paiva, cuja luta por respostas sobre seu desaparecimento foi colocada por seu filho em seu livro de leitura imprescindível: *Ainda estou aqui* (2015). São os testemunhos, característicos das obras memorialistas e tão caros à compreensão da memória coletiva.

A incidência da censura invadia a casa de Zélia ao mesmo tempo em que invadia a cultura brasileira. Ainda no início do golpe militar de 1964, um fato que a atinge não somente como uma pessoa política de esquerda, mas como esposa, bem como enquanto família, já que o sustento dos Gattai-Amado era tirado da

produção cultural de Jorge Amado.

Em fins de 1963, houve a pré-estreia de *Seara Vermelha* no Rio de Janeiro [...] o filme agradou a todos que a ele assistiram, foi aplaudido pela crítica. Entraria em circuito, em vários estados, somente em março de 1964 [...] Estreado havia uma semana, casas cheias, o filme foi proibido. Condenado pela ditadura instalada no Brasil com o golpe militar de 31 de março, que, entre outras misérias, tornava a censura implacável. Para eles, um filme de seca e de retirantes, de miséria, tirado de um livro de Jorge Amado, só podia ser subversivo. Pau nele! (Gattai, 1992, p. 203-204).

A expressão “pau nele!”, tão coloquial, denota, inclusive, uma revolta de Zélia no momento da escrita, anos depois, mas a sensação é a de como tivesse acontecido há pouco.

A ênfase política do período que a autora viveu no *Chão de Passagem* encerra-se com o início de um dos momentos mais tristes da história do Brasil. Período de retrocesso, de violência, de injustiça, que marcaria para sempre nossa história, que foi a Ditadura Militar.

Zélia participa dos momentos finais antes do Golpe, está presente em uma das últimas reuniões políticas realizadas por João Goulart, juntamente com outros artistas e intelectuais convocados pelo então presidente, e traz para suas leitoras um bastidor dos momentos finais antes de o Brasil ser mergulhado em uma ditadura. A leitura desse relato causa sensações de impotência e tristeza, pois o desfecho já é sabido.

Ela fala de suas impressões de Goulart ao encontrá-lo naquela noite, uma fala que atesta mais uma vez a intelectualidade empírica de Zélia, reforça o conjunto de vozes e personagens que formam uma única história, a da própria autora, a que somente ela poderia contar, mas que é tão relevante a compreensão de um cenário macropolítico brasileiro:

Um telefonema de Di Cavalcante nos convocava para uma reunião naquela noite em seu apartamento, no Catete. Encontro muito importante, dizia, de mistério na voz [...]: tratava-se de um encontro de intelectuais com o presidente João Goulart. Desde que tomara posse, o governo democrático de Goulart sofria pressões, boatos sobre o golpe de Estado era o que mais se ouvia de Norte a Sul do país, Jango apoiando-se cada vez mais nas forças de esquerda, piorando cada vez mais sua situação frente aos conservadores [...]. As pessoas convocadas para a reunião lá estavam todas: o dono da casa, claro, Antonio Callado, Paulo Francis, Alex Vianny, Mário Pedrosa, Adalgisa Nery, Mário Gruber, Joaquim Pinto Nasário, Samuel Wainer, Werneck de Castro e nós. Era a primeira vez que eu via João Goulart de perto e o achei muito bem-disposto, risonho, alegre, quando eu imaginava encontrá-lo acabado, triste, devido à carga atirada contra ele [...]. Confiante, João Goulart contava vitórias, exibia força: “[...] promovi quarenta generais, gente minha, da mais inteira confiança [...]”.

De nada adiantara o apoio dos intelectuais e dos sindicatos, de nada adiantara o apoio das esquerdas, de nada adiantara o apoio firme de Brizola no Rio Grande do Sul, de nada adiantara os quarenta generais que, ao contrário do que pensara, não era gente dele; em 31 de Março de 1964, seria dado o golpe militar, João Goulart, deposto, partiria para o Uruguai.

Mais uma ditadura se instalaria no Brasil [...] (Gattai, 1992, p. 216-217).

Assim, encerro a política que foi muito marcante na obra de Zélia neste período e que faz de sua obra uma fonte muito importante de pesquisa da memória do país.

Contudo, permeando todo esse contexto político/histórico, o “Chão de Passagem - a volta” é palmilhado por muitas pessoas: amizades, personagens interessantes que figuram em sua obra e que fazem dela também uma fonte de pesquisa cultural. Os “outros”, que estiveram na vida e na obra de Gattai nesses dez anos no Rio de Janeiro: suas falas, seus causos, suas particularidades vivenciadas com Zélia traçam um panorama do que se vivenciava culturalmente na cidade do Rio de Janeiro, ou fora dela, pois as viagens foram muitas.

Tais viagens dizem não só das amizades e dos afetos, mas de sua capacidade de criar “chão”, de sentir-se em casa, mesmo estando em trânsito. Talvez um espírito nômade, livre, ávido em busca de vivências, uma possível herança de seus avós imigrantes, das quais a autora traz outros chãos, sempre permeadas de encontros.

São pessoas conhecidas do grande público, outras conhecidas somente do núcleo familiar da autora, mas que também compõem o coro de falas que contam a história de Zélia Gattai a partir do momento em que ela os narra.

Em Santiago, durante o Congresso Continental de Cultura, como esperávamos, tivemos a alegria de rever velhos amigos. Lá estavam Nicolás Guillén, nosso compadre Nicolás [...]. René Depestre [ ...] Alfredo Varela, companheiro de tantas viagens [...] a poetisa Antonieta Dias de Moraes [...]

Pablo Neruda, anfitrião dos amigos em geral e nosso em particular, nos hospedou em sua casa, a casa de Los Guindos, a nós e ao grande muralista Diego Rivera [...] eu o via pela primeira vez e, admiradora de sua arte, de seus murais espetaculares, me emocionara diante daquele homem de estatura gigante, gigante como sua obra. Impressionaram-me seus imensos olhos saltados, olhos de sapo, segundo sua própria definição, “*sapo rana*” (Gattai, 1992, p. 48).

Pablo Neruda, sem dúvida, o personagem afetivo que mais aparece na obra de Gattai, além de Jorge Amado. Com ele, Zélia rodou o mundo, e as histórias advindas dessa convivência merecem destaque.

Hospedada em sua casa, Zélia ficara responsável por cozinhar uma feijoada para os convidados de Pablo e, ao relatar esse fato, ela passeia por uma questão machista muito importante acerca do poeta em relação à sua então companheira,

Delia del Carril.

Segundo Gattai, Pablo apelidara Délia de “*hormiga*” porque ela lhe dava finos beliscões quando o marido estava de olho em outras mulheres. Zélia conta essa história com bom humor. Porém, a *Leitura Femina* sobre os escritos de uma mulher, como já teorizado, permite enxergar o que está por trás do fato narrado e que, à luz das demandas contemporâneas, é vultoso que seja elucidado.

Aplicando, portanto, o conceito de *Leitura Femina* à crítica da obra de Gattai, destaco dois trechos a seguir que exemplificam o conceito proposto. Ambos dizem respeito à Delia Carril e a opressão sofrida por ser companheira de Pablo Neruda:

Pessoa adorável, Delia vivia em função do marido [...]. A casa vivia cheia de mulheres [...] adoradoras do poeta, a adivinhar-lhe os pensamentos, a saborear-lhe as palavras, a servir-lhe de tudo que pudesse lhe dar prazer, sempre às ordens para colaborar nos jantares e almoços improvisados, levando pratos quentes, vinhos, guloseimas, frutas, queijos, doces [...]. Muito paparicada também, Hormigueta pra cá, Hormigueta pra lá, Delia tratava todas com carinho e não fazia cerimônia ao pedir-lhes favores [...] (Gattai, 1992, p. 49-50).

No trecho, Gattai não faz crítica ao amigo, contudo uma *Leitura Femina* e contemporânea pode permitir que passe incólume um relato tão caricato de nossa sociedade machista, que é a do marido traidor e do quanto é comum a mulher suportar essas “coisas de homens” em prol da família, da sociedade e da segurança cultural e economicamente imposta pelo machismo que um casamento com um homem traz.

Porém, mesmo sem tecer comentários, Gattai deixa o rastro de seu feminismo, deixa o indício para que sua leitora entenda o recado de “emancipação” da amiga Delia em um comentário anacrônico de seu livro a fim de, quem sabe, redimir e empoderar a memória da amiga:

Somente depois de separar-se do marido, separação dolorosa para ambos, aos setenta e poucos anos, Delia del Carril começou a pintar profissionalmente. Talvez já tivesse pintado antes, não sei. Morreu aos 101 anos, pintora e gravadora consagrada (Gattai, 1992, p. 50).

A *Leitura Femina* deste trecho indicia para nós mulheres o quanto um relacionamento pode ser opressor e pode cercear talentos, vontades e oportunidades das mulheres. Ao deixar claro que “somente depois de separar-se do marido” Delia tornara-se uma pintora e gravadora famosa, Gattai “grita” enquanto “sussurra” nos ouvidos de suas leitoras, que fiquem atentas aos sinais, aos códigos de opressão de um relacionamento possivelmente abusivo.

De novo, Gattai nunca se intitulou feminista, não gostava do termo, não



hasteava bandeiras [...]. Mas nem precisava: está tudo dito em suas obras, seja pelo relato de momentos em que claramente rompeu com os padrões, seja pelos relatos como estes dois acima, que deixam vestígios de quem foi Zélia Gattai.

Volto a tempo de não perder o evento de Gattai na casa de seus amigos em Los Guindos.

Gattai apresenta os amigos da casa de Neruda e Delia para os quais ela estava cozinhando a feijoada. “Na casa de Los Guindos eram infalíveis as presenças de Nicanor Parra, poeta de sua admiração, Rubem Azocar, romancista de sucesso, pessoa da intimidade e carinho dos donos da casa [...], Jorge Edward, em quem Pablo depositava grandes esperanças” (Gattai, 1992, p. 52). Além de Salvador Allende, entre outros citados por Zélia com pequenas considerações em uma linguagem generosa pela qual lança luz sobre muitos outros.

“...Nesta casa, comadre [disse Pablo], nunca se sabe quem vem... há sempre gente chegando para comer... aumenta um pouco a tua feijoada...” (Gattai, 1992, p. 52). A autora vai ilustrando um chão que não era seu, mas que, de passagem por ele, também fora seu chão, pois ficou responsável por alimentar mais de cinquenta pessoas com a sua feijoada.

Além do apartamento na *Rodolfo Dantas*, outro lugar se fez chão para as histórias vividas por Zélia. O casal Gattai-Amado comprou um apartamento no hotel Quitandinha, em Petrópolis: “[...] por uma bagatela, 15.000,00 cruzeiros, **se não me falha a memória** [...] resolvemos comprá-lo” (Gattai, 1992, p. 56-57, grifo nosso).

Como a narrativa de Gattai se parece com uma grande conversa, o falar cotidiano de quem conta uma história também aparece, como este grifado na citação. A memória embaralhada, reeditada e distanciada, que falha, mas que, mesmo assim, é uma fonte de pesquisa fundamental para a compreensão do presente a partir do passado.

O intuito com a compra do apartamento no Quitandinha era o de Jorge ter um lugar sossegado para escrever, mas lá hospedaram-se vários amigos e criaram-se várias memórias.

Nosso apartamento no Quitandinha serviu à lua-de-mel de vários casais amigos nossos. Astrud e João Gilberto iniciaram a série. Seguiu-se a lua-de-mel de Helena Inês e Gláuber Rocha. A lua-de-mel do cineasta e da atriz apenas começou lá na serra. Gláuber adoeceu e o casal voltou a ser nossos hóspedes no apartamento da Rodolfo Dantas e lá permaneceram até o restabelecimento de Gláuber, ocupando nosso quarto e nossa cama, pois Jorge encontrava-se em viagem (Gattai, 1992, p. 59).

A citação traz a proximidade da autora com o cineasta e do acolhimento que

dá aos amigos. “Foi-nos dada a terrível provação de assistir sua agonia em Lisboa, em 1981” (Gattai, 1986, p. 127). É de Zélia Gattai o último registro fotográfico de Glauber Rocha, quando estava no hospital em Lisboa e foi visitado pelo casal Gattai-Amado.

Essa foto tirada por Zélia e que retrata Glauber e Jorge está no livro da autora *Reportagem incompleta* (Gattai, 1986, p. 127), livro de fotos memorialístico de Zélia, organizado por Arlete Soares. Ao fotografar, o intuito de Zélia era o de registrar o quanto a vida de Jorge era repleta de pessoas interessantes. Talvez não tenha percebido, ou talvez o tenha, que, ao estar por trás da câmera, inseria-se ela mesma na história e nos fatos históricos vividos pelo marido.

De João Gilberto, ela mostra um acontecimento bem engraçado de seu casamento com Astrud, relacionado a Zélia e a Vinícius de Moraes. Curiosidades que só quem esteve presente no cotidiano poderia relatar e que a pesquisadoras, pesquisadores e fãs interessam bastante:

— João Gilberto, o papa da bossa nova, estava noivo, trouxera Astrud, a noiva, para a conhecermos e dela ficamos igualmente amigos [...]

[...] Eu quis saber onde seria a lua-de-mel, e eles ainda não sabiam. Sugerimos que fossem para o nosso apartamento no Quitandinha [...] Astrud e João ficaram de pensar e até decidirem João me deu vários telefonemas querendo saber detalhes sobre o apartamento e seu funcionamento... por fim, decidiram passar a lua-de-mel no Quitandinha.

Agora, os telefonemas diários de Joãozinho já eram por outro assunto, estava querendo muito saber se iríamos ao casamento:

— Claro que vamos!

— Mas Jorge vai mesmo?

— Vai, João!

— Posso contar com vocês?

— Claro que pode, João! [...]

A cerimônia seria realizada ao meio-dia. Chegamos ao cartório 12 em ponto. João Gilberto nos esperava na porta...

— Eu estava aflito, temendo que não viessem...

— ...e nós somos tão indispensáveis assim?...

Encabulado, João disse:

— ...é que vocês vão ser meus padrinhos de casamento...

Antes de viajarem para Petrópolis [...] Joãozinho me pediu um favor: “Quero que você telefone ao Vinícius e diga que não fiquei magoado com ele por não ter vindo ao casamento. Sei que ele acorda tarde, perdeu a hora e agora deve estar morrendo de remorsos... Diga a ele que não tenha remorsos... Eu entendo...” Ao telefonar para Vinícius de Moraes, a primeira coisa que ele me disse foi: “... Acordei tarde, estou morrendo de remorsos!” (Gattai, 1992, p. 58-59).

Os relatos de amizades que cruzaram seu caminho neste curto período no Rio de Janeiro, seja na capital, seja no hotel Quitandinha, seja em viagens internacionais, são tantos, que fica difícil trazer tudo o que há de interessante em uma única tese como esta. Portanto, encerro o tema das amizades e dos afetos de Gattai com um personagem com quem a autora construiu uma linda amizade,

seu compadre Pablo Neruda, que muito já foi mencionado nesta tese, mas é sempre interessante rememorar.

A descrição é de um evento que reúne muitas pessoas organizado por ela para angariar fundos para o jornal de Jorge, o Paratodos:

– O telegrama só tinha uma palavra: *camarones*, sem assinatura. Nem era preciso; sabíamos de quem era o telegrama e do que se tratava. Neruda ia chegar e recomendava que providenciássemos camarões dos graúdos, os *camarones* fritos com casca, que ele amava... Escrevera a Vinicius pedindo-lhe que estivesse no cais à sua espera e avisasse a Moacir Werneck de Castro. Ao embarcar, mandou-nos o telegrama curto e expressivo. Chegaria com Matilde, sua nova mulher (Gattai, 1992, p. 104).

À época, Zélia exercia mais um de seus trabalhos não remunerados, ajudava o marido em seu jornal. A autora era responsável por conseguir patrocínios para a produção do quinzenal. Interessante observar que, apesar da dependência que Zélia fazia questão de ter de Jorge, a autora exercia uma liberdade que lhe é peculiar desde bem nova, mostrando que era uma mulher comunicativa e de amplo conhecimento, embora usasse suas habilidades profissionais majoritariamente para a promoção de seu companheiro.

Para o jornal, viajava, ficava dias longe percorrendo vários estados, encontrando com amigos, hospedando-se na casa deles. Sempre tinha pouso, sempre tinha chão: [...] Jorge me esperava no aeroporto, no Rio, um pouco espantado com minha demora. “Resolveu desertar de vez?”, reclamava rindo, satisfeito de me ver de volta” (Gattai, 1992, p. 82).

Voltando ao telegrama de Pablo:

[...] Foi aí que me ocorreu a ideia de aproveitar a presença de Pablo para organizar uma noite de poesia a preço alto, numa residência particular, a escolher [...]. Havia apenas um problema, Pablo, àquelas horas, já estaria em alto-mar, não havia possibilidade de consultá-lo [...]. Ocorreu-me ainda uma ideia, dividir com ele a arrecadação, sabia das durezas de meu compadre, e ele ficaria encantado de ter uns cruzeiros para suas comprinhas brasileiras [...]. Em minha longa carreira de vendedora de bilhetes e rifas, nunca tive tanta facilidade de passar entradas para um festival [...]. Os bilhetes estavam esgotados e havia gente a telefonar (Gattai, 1992, p. 104-105).

Confiante na amizade que tinha com Pablo, organizou o evento sem consultá-lo:

No cais do porto, Vinicius, Moacir, nós e as crianças. Do tombadilho, Pablo e Matilde acenavam.

“*Contame cuentos comadre* [...]”, disse-me Pablo sorridente, repetindo o que sempre me dizia ao nos encontrarmos. “*Para ti, compadre, tengo um cuento muy bueno* [...]”, A história boa [...] era a que ele tinha um recital no Rio, naquela noite

mesma, em benefício do Paratodos [...] Ficou um instante calado, cara de quem não gostou [...] “*No, no puede ser*”. Completamente desfeita [...] Os bilhetes estavam todos vendidos [...] Ai, que vontade de chorar! [...]

Novamente Pablo se aproximou, vinha com Paloma pela mão, já não tinha cara feia, sorria: “*Comadrita*”, voltava ao assunto, “*¿como quieres que haga un recital si no tengo mis libros* [...]”? Os livros, compadre? Ora, compadre, se o problema é só esse...” (Gattai, 1992, p. 105-106).

Neste trecho, há algo bastante comum à escrita de Gattai: a intimidade com as pessoas de seu carinho e a maneira imagética e afetuosa de narrar: autora traz o jeito de falar do outro, as brincadeiras internas, a linguagem própria de cada relação na humanização de sua escrita na qual as emoções pululam. Ao trazer Pablo de mãos dadas com Paloma a autora cria a imagem afetuosa da cena. Ao exclamar “Ai que vontade de chorar!”, é como se a autora nos estivesse contando do mais íntimo de suas emoções.

“*Quiero decir los versos más tristes esta noche...*” No apartamento superlotado, um clima de emoção, silêncio absoluto, olhos grudados no poeta, ouvidos atentos a ouvir seus versos, voz plangente, cheia de emoção...

Os poemas se sucediam, poemas políticos, versos de amor, cada qual mais belo... quando, de repente, notou-se um movimento no *hall* da entrada... Sensível ao mínimo ruído quando declamava, Pablo suspendeu a leitura. Voltou-se para a direção do burburinho [...]

Abrindo espaço entre as pessoas ali comprimidas, aproximava-se, encabulada, Amália Rodrigues. Vinha de seu próprio recital, por isso tão tarde [...] Ao ver em sua frente aquela formosura, a grande dama do fado português por quem nutria a mais profunda admiração, Neruda levantou-se, estendeu-lhe a mão e Amália a beijou, emocionada. “*Quédese...*” O poeta apontava-lhe a primeira fila a sua frente. Em seguida, fez-se lugar, e ali sentada, Amália Rodrigues permaneceu a ouvir poemas de sua paixão, olhos perdidos no poeta, mãos postas como se orasse num altar. (Gattai, 1992, p. 106-107).

Em quatro páginas de uma das obras de Zélia, a leitora tem contato com Pablo Neruda, Vinícius de Moraes e Amália Rodrigues em fatos que dizem do bastidor de suas vidas, suas intimidades, ao mesmo tempo em que, naquela mesma época, brilhavam em suas vidas públicas das quais se tinha notícias em jornais, televisão e revistas.

São personagens, estes e tantos outros, que dificilmente se encontrariam no mesmo livro, mas que, ao perpassarem pela vida tão rica em amizades que foi a de Gattai, se cruzam em sua literatura memorialista, brindando a leitora com esses encontros.

Os escritos de Gattai permitem uma visita ao passado a partir de uma voz única: uma voz feminina com o repertório que adquiriu ao longo da vida e que ela soube deitá-los no papel de forma bastante enunciativa. Uma leitura que emociona, surpreende, além de informar, bem como formar pensamentos críticos.

É sabido que a memória coletiva é também enviesada pelo Estado, pelo poder, pela mídia, como documenta Le Goff em seu livro *História e memória* (1990). Desse modo a construção da memória coletiva precisa dar voz à subjetividade de seus personagens a fim de que se conheça outro tempo da memória que não o histórico, o cronológico, o factual, mas o tempo emocional da história, o tempo da vivência, o tempo que desconfia do fato narrado pelo arconte patriarcal, o tempo narrado por quem esteve à margem, mas que também testemunhou a História.

Gattai traz um bastidor somente possível para ela, por ter se aventurado a viver o que escolheu viver: as dores e as delícias de suas escolhas a colocaram em um lugar de testemunha ocular da história política mundial e cultural do Brasil no século XX, bem como suas obras dão voz à memória da memória de seus pais, avós, tios, perpetuando suas experiências e servindo de fio condutor com o passado dos imigrantes no Brasil.

Seu tempo de passagem no Rio de Janeiro finda no ano de 1963. A decisão da mudança do Rio de Janeiro para a Bahia chateou por demais a dona Eulália: “O que é que vão fazer lá na Bahia? Que graça vocês acham naquilo? [...] Morar na Bahia, eu? Deus me livre! Tu tá doida? Aquilo é só mato... Qual é o divertimento que tem? Diga!” (Gattai, 1992, p. 214-215). A mudança veio por ventura de uma oportunidade na vida do casal Gattai-Amado:

Chegava dos Estados Unidos a proposta da Metro Goldwyn Meyer, interessada em filmar *Gabriela* [...]. Pagariam alto, talvez o suficiente para concretizarmos nosso plano de comprar uma casa na Bahia (Gattai, 1992, p. 211).

Diz Jorge: “Comprei essa casa com o dinheiro do imperialismo americano” (Gattai, 1999, p. 11), o que, para um casal comunista, parecia ser absolutamente contraditório e cômico.

A crescente violência no Rio de Janeiro também foi um forte fator de decisão para a mudança da família para Salvador. A autora relata o início do que hoje é, sem dúvida, o maior problema da segurança no Rio de Janeiro, que são as drogas e a sequência de violências que se desencadeia a partir delas, desde o tráfico à violência policial de combate ao comércio ilegal:

João criava asas, e o ambiente no Rio de Janeiro, sobretudo em Copacabana, não era dos mais recomendáveis para rapazes de sua idade [...].  
Deparávamos, Jorge e eu, com um novo problema a enfrentar: a proteção de nossos filhos contra a violência que se alastrava, o fantasma da droga que surgia, ameaçador, em grande parte responsável pelo número de assaltos e crimes. A

maconha andava na moda e era oferecida aos meninos nas portas dos colégios (Gattai, 1992, p. 211-212).

Zélia, então, em uma estratégia narrativa interessante de iniciar e terminar o livro com o mesmo trecho, retomando o que antecipara no início, após contar em ricas histórias a sua segunda estadia no Rio de Janeiro. A autora possibilita à leitora a compreensão de um fechamento de tempo de sua vida. Encerra o “Chão de Passagem – a volta” narrando o mesmo medo que a invadiu, o do início do livro *Chão de meninos*, mudando apenas o título dos capítulos, bem como o final, que fala de uma *última vez*:

Abril de 1963

Acordei num pulo, sobressaltada com o toque do telefone. Por que tanto susto se estava ali à espera da chamada? [...]

Do outro lado do fio, João Jorge me falava: “Mãe, pode vir [...]

Tratei de recomendar: “Aguarde dez minutos antes de descer, meu filho, não fique esperando na rua...” (Gattai, 1992, p. 9).

Despedida

Acordei num pulo, sobressaltada com o toque do telefone. Por que tanto susto se estava ali à espera da chamada? [...]

Do outro lado do fio, João Jorge me falava: “Mãe, pode vir[...]

Tratei de recomendar: “Aguarde dez minutos antes de descer, meu filho, não fique esperando na rua [...]

Pela última vez iria apanhar João à noite, dava adeus aos sobressaltos[...]

Teríamos na Bahia um chão menos violento, menos ameaçador, mais seguro para nossos meninos (Gattai, 1992, p. 218).

E com o anúncio de que na Bahia haveria um “chão” menos violento para seus filhos, Gattai apresenta seu lugar mais sólido, sua permanência mais duradoura, seu chão definitivo na rua Alagoinhas, número 33, no bairro Rio Vermelho, a ser abordada com sua fartura de casos e causos no capítulo 4 desta tese.

### 3 Chão de exílio

Nesse porto de Gênova eu desembarcara em 1948, com uma criança nos braços. No peito muito amor e muita coragem. Houve quem me tachasse de irresponsável, ao ver-me sair mundo afora ao encontro de meu companheiro com um filho pequeno. Agora, em 1952, neste mesmo porto de Gênova, ao partir de volta para casa, eu já não era a moça ingênua que lá aportara, cheia de ilusões, sectária, limitada, com uma visão idealista do mundo. Vivera um tempo longo de saudade e de nostalgia, um tempo dramático de guerra-fria, macarthismo, stalinismo, injustiças, desconfiças, acusações e delações: o medo desenfreado condicionando a existência das pessoas. Passara a conhecer melhor a vida [...] apanhando para aprender: eu apanhei bastante.

Zélia Gattai

O capítulo “Chão de exílio” expõe uma Zélia Gattai cuja escrita ultrapassa as fronteiras do Brasil e invade o mundo. Trata-se de um período bem curto de sua vida, foram aproximadamente cinco anos desde a partida do Rio de Janeiro, em 1948, até a volta da Tchecoslováquia, em 1952.

Contudo o cenário político e cultural deste período, conforme ela mesma cita, foi palco de muitos conflitos ideológicos e políticos, o que fez deste momento da vida de Gattai um registro importante da História do pós-Guerra no mundo: tanto no hemisfério ocidental quanto no oriental; onde, em ambos, ela fixou chão.

Registrando as contradições do regime que se ampliava em territórios do Leste Europeu a partir de suas vivências, Gattai deixa um extenso relato e um arquivo de uma voz feminina, estrangeira e exilada, ora no centro dos acontecimentos, ora – na maior parte do tempo – nos bastidores, enquanto o marido era protagonista naquele cenário.

É justamente a visão “descentralizada” dos fatos, o olhar de quem está mais observando do que atuando, de quem não decide os fatos, mas se posiciona e, por sua obra, tece seu parecer do que viu e viveu naquele período tão profícuo. É neste lugar que se encontra a grande riqueza da obra de Gattai que dá conta deste período de sua vida

Este capítulo, “Chão de exílio”, se propõe a revelar mais que a “História a contrapelo”. Há, inquestionavelmente, teor cultural e político sob a escrita própria de uma intelectual empírica de Zélia Gattai. Cumpre, nesse sentido, trazer à tona essa fortuna histórica para demonstrar que as narrativas de autoria feminina possuem grande valor para a sociedade e para o universo acadêmico.

Gattai traz relatos e experiências suas que atestam as dificuldades das pessoas naquele período em transição, de implantação e consolidação de um

mundo dividido em dois. Traz também o sectarismo e o silenciamento, tão comuns em regimes opressores.

Por meio de sua subjetividade, são evidenciadas versões e sensações de quem foi mais uma vez testemunha ocular de um período relevante da História, quando utopias foram construídas ao mesmo tempo em que uma ditadura cruel se instalava nos países socialistas.

A autora escreve suas memórias deste período principalmente em dois de seus livros memorialistas, que são: *Senhora dona do baile* (escrito em 1984, cuja edição estudada nesta tese é a de 2009) e *Jardim de inverno*, de 1988.

O primeiro é ambientado na França, onde a autora fixou residência em seu primeiro exílio e fundou seu *chão* no hotel Saint-Michel, que, sob o comando de madame Savage, abrigava muitos brasileiros exilados naquela época.

A princípio, quando embarcou do Brasil, Zélia iria morar na Itália com o marido que havia ido meses antes na esperança de que a esquerda vencesse as eleições naquele país. Contudo em um registro político/histórico, a autora relata o momento da vitória da direita na Itália e, com isso, a impossibilidade de ficarem por lá.

“A IGREJA VENCEU!” dizia a manchete do jornal salazarista. Decepcionada, mais do que isso, triste e preocupada, eu começava a ver as coisas se complicarem para o meu lado. Perdi a graça [...]. Jorge devia estar chateado ao infinito! (Gattai, 2009, p. 32).

“Agora, diante da derrota, as condições mudavam e devíamos, por consequência, tomar novo rumo, uma confusão” (Gattai, 2009, p. 37).

Essa notícia chegou à Zélia enquanto ela ainda estava em trânsito no navio entre o Brasil e a Itália. Além da incerteza com que partira do Brasil, gerada pelo desconhecido que o exílio lhe guardava, somava-se mais uma: a de não saber mais onde iria morar com seu filho ainda bebê e seu marido.

Optaram, então, pela França, “país que aprendera a amar através de sua literatura, país da liberdade, da igualdade e da fraternidade”. (Gattai, 1988, p. 10).

Na França, Gattai viveu por aproximadamente dois anos. De lá, após uma delação feita por uma funcionária “de confiança”, a autora também foi expulsa com a família. Com a expulsão pelo governo francês, Zélia fez uma mudança drástica



em sua vida e passou a dividir seu chão com muitos outros exilados do mundo capitalista.

Ela foi morar com a família em Dobris, no Castelo dos Escritores, e é deste cenário que partem as histórias do livro *Jardim de inverno*.

Além dos dois “chãos” acima, seus relatos nos levam a um passeio pelo mundo socialista, pois traz a memória das viagens pela China, Birmânia, Armênia, dentre muitos outros países que conheceu em viagens com amigos como Pablo Neruda, Nicolás Guillén, dentre outros que povoaram o período de desterro da autora. Contudo, há muitos registros de momentos férteis em amizades e afetos que a ajudaram a lidar com a saudade e as incertezas.

Quando se viaja com amigos, sobretudo quando esses amigos são pessoas dotadas de inteligência superior, de finura de trato, de humor, de talento, de sensibilidade sutil, a viagem se transforma em festa, alegria permanente. Todas as coisas que sucedem tomam cor e sabor; cada acontecimento, cada palavra, serve para aumentar o prazer da boa convivência.

Neste livro conto de viagens que fizemos em companhia de Pablo Neruda e Nicolás Guillén, dois poetas imortais, dois amigos inesquecíveis. Pablo, grande poeta das Américas, o poeta político de *O Canto Geral*, o poeta de amor dos *Vinte Poemas de Amor e Uma Canção Desesperada*... Nicolás Guillén, o grande poeta da raça negra do Caribe, autor de *Sóngoro Cosongo*, orgulho de Cuba [...]

Somente agora ocorre-me dar aos meus compadres as credenciais que os fizeram famosos e amados, figuras excepcionais de nosso tempo. Quis mostrá-los como eram na convivência cotidiana, simples e humanos. A simplicidade é inerente à grandeza; essa verdade eu a aprendi vivendo e convivendo com alguns dos homens maiores de nossa época (Gattai, 1988, p. 187).

No chão do exílio, os registros dos afetos são muitos e bastante intensos. O outro também é pouso, colo e casa para Zélia longe do convívio da família – principalmente de seu filho Luiz Carlos – e que se vira obrigada a criar lares em terras desconhecidas, em outras línguas.

Pablo Neruda e Nicolás Guillén além de Ilya Ehremburg, Jan Drda entre tantos outros aparecem como pilares emocionais da autora neste período, atestando a importância das relações em sua vida. Seus relatos sobre os amigos provam mais uma vez o quanto ela faz de seus livros um espaço para reconhecimento da importância do outro.

Ainda que a condição de estar exilada possa remeter a um lugar incômodo, deslocado, longe, impessoal, difícil, de muita solidão; e, claro, tudo isso é verdade, na vida de Zélia Gattai; percebe-se que ela foi capaz de criar chãos em terrenos que não eram seus, referindo-se, inclusive, a seu quarto de hotel como “casa”: “Um dia, já próximo da abertura do congresso, Jorge entrou em casa [...]” (Gattai, 2009, p. 316).

A autora foi capaz de criar laços afetivos, vínculos eternos, como o de ter uma filha nascida neste período, na Tchecoslováquia – Paloma nasceu em 1951.

É a partir, portanto, deste chão, que parte de uma viagem de navio do Rio de Janeiro à Gênova, percorrendo o trajeto contrário de seus pais, tios e avós – imigrantes italianos, que se inicia o capítulo 3 desta tese.

O encerramento se dá com o retorno ao Brasil em um momento político de abertura, quando o país vivia um arrefecimento da repressão aos comunistas e Getúlio Vargas acabara de ser eleito presidente pelo voto popular. A vida dos comunistas no Brasil já podia transcorrer em menor perigo.

Para uma abordagem mais didática das duas obras principais propostas para este capítulo, este será dividido em duas partes: “Chão de exílio: Paris” e “Chão de exílio: Dobris”.

### 3.1 Chão de exílio: Paris

— *Vous avez quinze jours pour quitter la France.*

Meu sangue anarquista subira à tona e antes que Jorge me impedisse, fui direta ao assunto, sem fazer cerimônia:

— *Foutus à la porte, comme ça? Sans un mot?* Ninguém pode ser posto no olho da rua assim, sem mais nem menos...

— *Vous voyagez trop!* — Viajávamos demais!

Zélia Gattai

O trecho acima diz respeito à expulsão de Zélia e sua família da França, em 1950, momento em que o casal foi chamado à delegacia para ser informado de que deveriam sair do país.

Sua expulsão se deu sob a justificativa de que ela e o marido viajavam demais. A questão era que eles viajavam demais pelos países da então União Soviética, ainda no início da Guerra Fria, o que ficará comprovado neste subcapítulo 3.1.

Apesar de a autora ter pavimentado um chão para si na cidade de Paris, naquela cidade, o primeiro período de dois anos no exílio foi enriquecido por experiências fecundas para a autora que geraram uma fortuna histórica relevante para o debate político e cultural do século XX.

Seus registros desta fase da vida reforçam o perfil intelectual empírico de Gattai, trazendo fontes de conhecimento e questionamentos acerca do que se deu por trás da Cortina de Ferro.

Entre momentos de deslumbramento com o novo regime político, o qual idealizou desde a infância, principalmente sob influência de seus pais – e

momentos de questionamento com as repressões que começava a perceber, Gattai nos permite um percurso pelos rincões de um mundo tão temido e contestado pelo ocidente.

Portanto, este subcapítulo remeterá à vida da autora quando a sua casa foi o hotel *Saint Michel*, mas seu trânsito se deu por outras paragens, principalmente no universo socialista. Contudo, registros importantes da vida na capital francesa também serão comentados aqui.

Lembraram-me Lalu e seu João, pais de Jorge: “Cuide bem do meu filho...”, dissera Lalu; “Deus te acompanhe, minha filha...”, dissera seu João. Antes mesmo que o navio tivesse zarpado, apenas levantada a escada, meus sogros desapareceram de minha vista. Ainda um adeus com a mão, um lenço enxugando os olhos e depois se foram [...]. O navio afastara-se lentamente e eu vira a paisagem do Rio de Janeiro cada vez mais longe. O bondinho entre o Pão de Açúcar e a Urca parecia solto no espaço [...] depois foi a vez da praia de Copacabana [...]. A cidade do Rio de Janeiro parecia se movimentar afastando-se [...]. Um pungente apito de despedida [...]. Em meio a tanta gente e tanta animação, eu me sentia desprotegida (Gattai, 2009, p. 33).

Com uma narrativa que ambienta a leitora em sua despedida, Zélia vai geograficamente descrevendo sua partida do Rio de Janeiro ao mesmo tempo em que sua escrita sensível deixa transparecer a sensação de insegurança e tristeza que a acometia.

Deixando seu chão de passagem com um filho de alguns meses de vida no colo e com outro ainda pequeno deixado em seu chão de infância, a autora desafia os padrões definidos para uma mulher e principalmente para uma mãe, e reafirma um traço de sua personalidade que requer muita coragem: a de priorizar-se.

Quando me dispus a viajar com uma criança nos braços para um mundo desconhecido, uma Europa saída da guerra, uma Europa meio destruída, cheia de dificuldades, sufocada pela Guerra Fria, a sombra da bomba atômica presente em toda parte, ameaçando a humanidade, tomei a deliberação de enfrentar e vencer as barreiras que encontrasse pela frente e que, certamente, seriam muitas. Tínhamos pouco dinheiro, saberia fazer economia; aguentaria firme, não viveria me lastimando, não seria chata nem amarga [...] Jamais choraria nas vistas de Jorge as saudades de Luiz Carlos, meu filho que ficara no Brasil. Não daria a Jorge motivos de queixa e de arrependimento. Eu o amava, nada seria sacrifício, estava disposta a ser feliz (Gattai, 2009, p. 40-41).

A descrição geopolítica apresenta o chão por vir de Gattai, anunciando um dos períodos mais fecundos do ponto de vista político e histórico de sua obra memorialista, que foram os anos no exílio.

Importante observar que a bomba atômica tinha acabado de “encerrar” a Segunda Grande Guerra e colocar uma cortina de medo mundial denominada Guerra-Fria, pois a ameaça de um novo ataque atômico poderia pôr fim à humanidade.

Porém, um mundo sem memória é um mundo em perigo e a ameaça atômica respeitada durante a Guerra-Fria parece ter sido esquecida. Em pleno século XXI, a bomba atômica volta a ameaçar a humanidade com a guerra entre Rússia e Ucrânia.

A preservação da memória, portanto, e a sua recorrente ativação no presente são fundamentais para a construção de um futuro saudável na Terra. A preservação da memória enquanto arquivo e enunciado, para evitar o “mal de arquivo” de que falou Derrida (2001), ou seja, o apagamento de uma memória que se quer recalcar, oprimir em prol do arconte que detém a voz de comando e de poder da narrativa histórica.

Derrida também advoga que o processo de arquivamento se dá entre a “casa” e o “museu” (Pedrosa *et al.*, 2018, p. 18), entre o privado – o que é vivenciado – e o que é publicado, conhecido, difundido, tendo a subjetividade um papel preponderante na construção do que se entende como verdade histórica.

Isto posto, a obra memorialista de Gattai pode ser estudada a partir de um olhar arquivista, uma fonte de indícios, fatos e versões por um olhar subversivo. Um olhar por vezes combatido pelo mundo ocidental, reprimido, censurado, exilado ou mesmo assassinado.

Ainda sobre esta citação, há novamente um registro do que é bastante comum nos apontamentos de Gattai. Se, por um lado, a autora priorizava-se frente aos filhos; por outro, muitas vezes, ela se submetia diante do marido. Quando afirma: “Jamais choraria nas vistas de Jorge as saudades de Luiz Carlos, meu filho que ficara no Brasil. Não daria a Jorge motivos de queixa e de arrependimento”, denota-se um machismo tão presente na sua relação, não necessariamente imposto por Jorge Amado, mas o machismo estrutural que rege as relações, que determina que a mulher precisa estar sempre em ótimo estado para servir ao homem.

Uma relação na qual a mulher “morde a língua com os seus próprios dentes para [...] ela mesma [criar] uma linguagem [e uma vida] na qual possa estar dentro” (Courtivon; Marks, 1980 *apud* Nye, 1995).

Em outros momentos, ela também relata o mesmo silenciamento, a reclusão, o pudor em relação às suas emoções frente ao marido. Pelo mesmo motivo: a saudade de seu filho deixado em São Paulo havia dois anos. No exílio, passou mais de quatro meses sem notícias de Luiz Carlos e, quando recebeu cartas que traziam notícias dele, comportou-se da mesma forma descrita no episódio anterior:

A surpresa anunciada era um monte de cartas do Brasil, trazidas de Paris, por Scliar. Fui direta à de Vera, a que me daria notícias de Luiz Carlos, meu filho. Minha boa irmã! Cuidava do menino com carinho e me tranquilizava: “Quanto a Luiz Carlos, não se preocupe, ele está forte e bonito” [...] “Tua carta fez sucesso! Chegou bem no dia do aniversário dele, assim como você queria” [...] “Logo que Luiz apagou as seis velinhas do bolo, eu dei um beijo nele por você...” Ao ler essa última frase, não aguentei mais, saí correndo, me tranquei no banheiro para chorar. **Jorge estava satisfeito e eu não queria que ele me visse chorando** (Gattai, 2009, p. 137).

A consciência da estrutura machista nos relacionamentos heterossexuais é tão vital quanto libertadora para as mulheres. Contudo, é algo bastante difícil de ser conquistado, pois existe uma cultura e uma indústria que se beneficiam desse machismo.

O capitalismo principalmente é beneficiado pelo trabalho doméstico não remunerado da mulher, assunto já abordado nesta tese. É uma problemática imensa e complexa, e é fundamental que seja debatido dentro do espaço acadêmico, onde novos pensamentos estão para serem formados.

Alguns relatos de Zélia Gattai denunciam e exemplificam a divisão patriarcal dos trabalhos domésticos por gênero na sociedade, sendo praticamente exclusividade da mulher cuidar dos filhos. No relato abaixo, a autora fala das dificuldades já enfrentadas no seu primeiro dia de exílio:

Eu não me refizera completamente do trauma sofrido no Brasil quando, após a viagem de Jorge, nossa casa foi invadida e depredada pela polícia. Por isso, na hora do embarque para Praga pedi que Jorge passasse na minha frente pelo controle policial dos passaportes [...]. Aproximávamo-nos do gigante [o policial] e eu me sentia cada vez mais inquieta. Afinal de contas, estávamos ou não num país onde os comunistas acabavam de ser derrotados [na Itália]? Conhecido por suas ideias, expulso recentemente do Parlamento brasileiro, Jorge acabara de fazer uma conferência em Módena para operários do Partido e agora viajava para um país onde os comunistas estavam chegando ao poder [...]. Poderiam querer repatriá-lo (Gattai, 2009, p. 64-65).

Gattai ainda não havia fixado residência em Paris e já partiu para uma viagem à Praga. Foi convidada para as comemorações do 1º de maio. Traumatizada com a violência que sofreu, a autora denuncia aqui o quanto o mundo parecia um campo minado, onde comunistas e capitalistas tinham medo de pisar em territórios proibidos.

A Tchecoslováquia encontrava-se num regime de grande austeridade, os gêneros de primeira necessidade eram escassos e racionados. Um regime de restrições iguais para todos, sem privilégios nem mordomias: do povo trabalhador aos intelectuais e ministros do Estado, todos possuíam as mesmas cotas de racionamento

Perguntei a Kuchválek onde poderia comprar sabão [...]

Notei pela expressão do rosto de meu amigo que lhe pedira algo muito difícil. Acertara. Sabão [...] figurava na lista das inúmeras coisas racionadas, eu não

poderia encontrá-lo em parte alguma (Gattai, 2009, p. 77).

A autora começava a vivenciar o regime socialista do qual havia sido defensora e entusiasta a vida inteira.

Registrando as dificuldades do regime e, segundo ela, a “grande austeridade” do mesmo, e deixando transparecer o seu entusiasmo com a “igualdade entre os povos”, Zélia narra suas vivências, constatações e impressões de modo a envolver a leitora em suas sensações, sejam de aprovação, reprovação ou de dúvida em relação a tudo o que viveu na época.

Sem se preocupar com a crítica ou algum juízo de valor sobre o que vivia, Gattai, em sua obra, sempre pareceu ser mais fiel ao que sentia enquanto vivia, ao que pensava na época, o que enriqueceu seus livros com algo mais perto de uma verdade subjetiva, do que de conclusões, análises e questionamentos. Reforçando, assim, o empirismo de sua intelectualidade.

Zélia direciona, de certa forma, quem a lê, mas “levando-a pela mão”, a passar pelo que ela passou antes de chegar à própria conclusão sobre o fato por ela narrado. Se é que há alguma conclusão a que se chegar. Entre altos e baixos acerca das impressões do mundo socialista, Gattai não se furta a relatar seu sectarismo que, mais à frente em suas narrativas, irá ponderar.

Abaixo, uma fala entusiasmada com o que viu em Zlin, contrapondo a dificuldade oriunda do racionamento:

O programa de Zlin era intenso [...]. Interessada nas primeiras realizações socialistas, eu queria ver tudo. Começamos pela creche de uma fábrica: num pavilhão erguido no jardim, no maior asseio, enfermeiras cuidavam das crianças enquanto as mães trabalhavam.

Eu não cabia em mim de entusiasmo. Era exatamente isso que eu idealizara sempre: creches para todas as crianças cujas mães necessitavam trabalhar fora de casa. Encontrava-me diante de uma, a primeira que visitara num país socialista (Gattai, 2009, p. 89-90).

O entusiasmo com o que via, a confirmar o que ela acreditava, a fazia disfarçar o estranhamento que sentia em algumas situações. Por exemplo, quando em uma visita a uma escola onde havia quadros de dois presidentes pendurados na parede – tanto o deposto quanto o presidente que assumiu dentro do novo regime – Zélia registra a sua inquietação:

Antes de partir, fomos conversar com a diretora. Ao entrar em sua sala, uma coisa me surpreendeu: dois retratos pendurados na parede: o do ex-presidente Benes e o do atual, Klement Gottwald... A diretora, mulher de meia idade, percebendo meu interesse pelos dois retratos, esclareceu:

— Trazemos o presidente Gottwald no coração, mas Benes continua aí pendurado porque foi um bom presidente, um homem de bem.

Kuchválek interrompeu-a para traduzir e aproveitou a ocasião para chamar a nossa

atenção para a franqueza e a liberdade com que ela expunha seu pensamento. A primeira parte da frase: “trazemos o presidente Gottwald no coração”, cheirou-me a coisa forçada, expressão decorada, mas tratei de afastar de mim o mau pensamento...

A diretora ainda não dissera tudo que desejava dizer:

— Havia um terceiro retrato aqui [...] o de Tomás Bata, fundador dessa fábrica, da creche, do clube recreativo para os operários, das escolas, dos serviços médicos. Tomás Bata foi um homem progressista, bom, conquistou a estima dos operários dando-lhes dividendos dos lucros da empresa, oferecendo-lhes casas confortáveis para morar, creches [...]. Tomás Bata morrera havia muitos anos e sua memória merecia respeito de todos, apesar de seu retrato ter sido retirado das paredes.

Um capitalista generoso? Isso existe?, perguntei-me um pouco incrédula. Estava por demais desconcertada com a revelação de que as conquistas sociais dos operários de Zlin não provinham, como eu imaginara, do regime socialista, ainda incipiente na Tchecoslováquia, e, sim, já existiam no antigo regime capitalista. Resistindo a acreditar no que ouvira, procurei satisfazer o meu radicalismo, concluindo que Kuchválek tinha razão: o velho Bata era mesmo um sabidório (Gattai, 2009, p. 90-91).

Para além das impressões sectárias da autora, a citação traz um registro histórico importante do povo soviético no pós-Guerra. O que era apregoado como uma democracia do povo já começava a se instaurar com um regime autoritário, que gerava medo em alguns – como na diretora – enquanto outros, ainda ludibriados – como Kuchválek – buscavam defender o novo regime a todo custo. Manter os retratos do antigo presidente e do antigo dono da fábrica era uma forma de resistência ao novo regime.

Antes de mudar-se definitivamente para Dobris, a essa altura, ainda sem saber que um dia viria a morar ali, Zélia precisou hospedar-se no Castelo dos Escritores [*zámeček*], pois Jorge fora convocado para uma reunião em Varsóvia por Pablo Picasso e outros para conversar sobre um congresso da paz contra a bomba-atômica.

A partir dessa história, a fala da autora indicia alguns temas importantes de serem articulados com o contemporâneo. Para fins didáticos, os comentários serão feitos em sessões:

Jorge fora convocado às pressas, por amigos franceses, entre os quais Aragon, Pablo Picasso, Paul Éluard, para comparecer a um encontro em Varsóvia, durante o qual escritores, cientistas e artistas, naquele mesmo mês de julho, colocariam as bases de um congresso mundial de intelectuais pela paz, contra a ameaça atômica (Gattai, 2009, p. 96).

Na continuidade dessa citação, exposta a seguir, veremos que Gattai apresenta uma fala na qual se ressentia da exclusão que sofrera por ser mulher. Contudo o breve relato também registra o ambiente fervoroso de resistência e cultura no qual ela – poucas vezes - mas o marido – quase sempre – estavam imersos. Está presente o apontamento da convivência com pessoas que, cedo ou

tarde, também cruzaram seu caminho, coisa que Zélia registrou com ênfase, certamente por considerar importante atestar que os comunistas lutavam pela paz.

Saber como os grandes feitos se deram, como foram pensados e executados, é tão ou mais relevante do que o feito em si. Antenada com o mundo como era Zélia foi, certamente ela tinha essa consciência e, por isso, selecionou tais fatos para compor a sua narrativa.

Achei o Zámek Dobris terrivelmente triste naquele fim de tarde [...]. Quando teria notícias de Jorge? Quantos dias permaneceria ali, isolada, enclausurada à espera? E na Polônia, haveria mulheres bonitas se insinuando? Essas jamais faltavam [...]. Senti vontade de chorar, mas me contive. Amável, carinhoso, Jorge lia meu pensamento, procurava me consolar [...]. Calada ouvi, calada continuei, e, na despedida não quis acompanhá-los ao portão, não queria dar vexame [...]. Não me contive mais, coloquei o menino no berço, atirei-me a corpo morto no amplo e macio leito, dei vazão ao pranto (Gattai, 2009, p. 99-100).

Zélia não viajou com Jorge, coisa que, para sua personalidade curiosa e ativista, gostava muito de fazer. Em seus livros, deixou registrado algumas vezes seu descontentamento em não poder acompanhar Jorge, pois precisava ficar com a criança.

Na citação acima, a Escrita Feminina de Zélia se apresenta com muita clareza, designando o lugar resiliente ao qual muitas vezes uma mulher se submete ou é levada a submeter-se.

Se à época ela calou-se, anos depois, ao escrever este relato, ela fez questão de deixar registrado, de falar sobre esta condição que o patriarcado definiu para a mulher: desde não permitindo que crianças fossem a determinados locais até designando à mãe a função de cuidar desta criança sempre que ela não pudesse ir.

É claro que há lugares impróprios para uma criança. É claro também que a mãe precisa cuidar de seus filhos ou filhas. Contudo, a opressora organização social, estruturada a partir de responsabilidades atribuídas exclusivamente às mulheres, lembra Silvia Federici (2019), comprometeu fortemente a sua luta pela liberdade econômica, pois não seria possível conciliar as obrigações domésticas de cuidado com um trabalho formal que lhe renderia dinheiro. Enquanto o homem é remunerado, reconhecido, homenageado, a mulher executa a tarefa não remunerada do trabalho do lar.

É importante, porém, que se pondere as escolhas de Zélia Gattai. Durante um período de sua vida, a autora passou a trabalhar como *marchand*. Tudo começou para ajudar um amigo pintor pouco conhecido que queria se casar e comprar uma casa. Pedindo dinheiro a Jorge e Zélia, ela teve uma ideia:



Pedi a João (o pintor) que trouxesse os quadros. Eu mesma faria uma exposição aqui em casa, convidaria a sociedade baiana, venderia os quadros, obtendo o dinheiro para o primeiro pagamento (da casa) [...] Carybé, Mirabeau e Norma me ajudaram a fazer a lista de prováveis compradores [...] quase todos compraram [...]. Aproveitei uma viagem ao Rio [para] [...] vender também lá os quadros do artista [...]. Vendi todos os quadros que levei [...].

De repente, não mais que de repente, me vi transformada em *marchand de tableaux*, vendendo quadros dos mais importantes pintores da Bahia. Viajava constantemente para o Rio e São Paulo, onde, de sociedade com minha cunhada Fanny [...] expúnhamos e vendíamos os trabalhos em seu apartamento [...]

Começamos a ganhar dinheiro, Fanny e eu. Vendi vários Carybé, Floriano Teixeira, gravuras de Emanuel Araújo Adelson do Prado, Ana Lúcia [...].

Não foi de repente que eu desisti de vender quadros. Quando me dei conta, estava tão envolvida na nova atividade que já não me sobrava tempo para nada, nem para me ocupar de Jorge, como fazia há mais de vinte anos [...] Jorge não se queixava, mas senti que ele não estava contente [...] Ora, se tudo o que eu desejava na vida era fazer Jorge feliz e ser feliz com ele, por que diabo eu me metera naquela empreitada [...] arriscando até a estabilidade de nosso amor?

O dinheiro que eu estava ganhando não significava [...] absolutamente nada, diante do mundo que Jorge me oferecia (Gattai, 1999, p. 158-160).

A citação esboça o quão Zélia era capaz de ganhar seu próprio dinheiro, mostra que ela tinha como escolha trabalhar, mas escolheu voltar-se novamente para o lar, para o marido, para as ocupações “de esposa”. A meu ver, o feminismo também está na possibilidade da escolha. O machismo é perigoso onde não há liberdade, onde não há escolha para a mulher.

No caso de Zélia, ainda que em alguns momentos o lugar de reclusão destinado à mulher tenha sido apontado, vê-se que sua vida conjugal não foi propriamente uma vida oprimida. E, por sua literatura, ela encontrou uma via para registrar seu incômodo frente às situações que a desagradaram. Ainda que não problematizasse ou nomeasse o que estava lhe acontecendo como “machismo”, ou não se colocasse como uma “mulher feminista”; ainda assim, a Leitura Femina contemporânea percebe claramente o dito e o não dito e compreende a denúncia desse relato. Sua obra, acredito, foi seu grande manifesto:

Jorge voltara à Tchecoslováquia apenas para me buscar, pois devia continuar em Varsóvia, onde tinha muito a fazer na preparação do Congresso da Paz, em Wroclaw. Os organizadores estavam felizes, pois Irène Joliot-Curie e Sir Julian Huxley haviam aceitado fazer parte da presidência do congresso. Irène Joliot-Curie recebera, em 1935, com seu marido Frédéric Joliot-Curie o Prêmio Nobel de Química, por terem demonstrado a existência do nêutron e descoberto a radioatividade artificial [...]. Sir Julian Huxley, renomado biólogo por suas pesquisas sobre a genética e a evolução, exercia o alto posto de diretor na UNESCO, desde 1946 (Gattai, 1999, p. 106).

As personagens e personalidades que dividem a obra de Gattai com ela denotam duas características principais da escrita de Zélia: a de dar espaço para outras falas, outros feitos que não os seus; ao mesmo tempo em que a escrita

generosa de Zélia amplifica vozes outras, essas pessoas cancelam a relevância do que ela está relatando.

Na citação, dois prêmios Nobel e um biólogo renomado reforçam a importância do evento do qual ela participaria. Em seguida, Zélia traz descrições das destruições pela tropa nazista na recém-terminada guerra.

A autora pôde ver e sentir *in loco* o que sobrou de Varsóvia e de seus moradores, além de elucidar acontecimentos políticos e históricos cotidianos daquele local, como a barbárie cometida contra judeus, isolados em um bairro para serem todos executados:

Terrivelmente impressionado com Varsóvia, Jorge jamais imaginara ver tanta destruição em sua vida.

— Vá se preparando — me disse — para ver o inimaginável [...].

Sentia-se ainda no quarto um longínquo cheiro de fumaça. Varsóvia era só ruínas. Ao visitar Lídice, eu pensava ter visto tudo de que era capaz o bestialismo nazista. Pensara também saber tudo sobre a destruição de Varsóvia, sobre o gueto, onde milhares de judeus haviam sido esmagados... Andando agora, pelas ruas de Varsóvia, onde não restara uma única casa inteira, entre escombros, eu me dava conta de que não sabia nada [...] onde sobraram três paredes cobertas, ali habitava alguém [...]. Pelas ruas transitavam aleijados, mutilados de guerra, tantos como eu nunca imaginara ver: gente de muletas, sem pernas, sem braços [...]. Todos eles atarefados, dando sua contribuição na remoção dos entulhos, num trabalho sem fim.

Para os que chegassem de outros países era indispensável, obrigatória, uma visita ao gueto de Varsóvia, ninguém podia deixar de ver a que ponto chegara a crueldade nazista. Durante a guerra, naquele bairro que fora cercado de correntes, os judeus haviam sido isolados, marginalizados, ali não entrava ninguém que não fosse judeu, dali nenhum judeu saía vivo. Milhares de homens, mulheres e crianças, relegados à condição de animais, sem possibilidade de sobrevivência, padeciam aglomerados no gueto infecto.

Em 1943 os judeus se levantaram numa rebelião heroica e suicida. Como represália, o bairro inteiro foi arrasado pelos comandados de Hitler, restando, do gueto, apenas ruínas...

Junto aos nossos pés, misturada a fragmentos de óculos, dentaduras e bonecas, havia uma chupeta descorada, suja. Jorge e eu nos entreolhamos, algumas pessoas choravam; uma angústia imensa me invadiu, angústia e revolta. Revolta que fortaleceu a **minha decisão, inabalável, de lutar contra a guerra e pela paz entre os homens, contra toda e qualquer discriminação racial** (Gattai, 1999, p. 107-108, grifo nosso).

Em meio à descrição do horror da guerra como testemunha ocular, trazendo-nos detalhes da devastação antissemita de Hitler de Gattai afirma para quem a lê um traço de seu perfil ideológico, que pautou a sua vida mesmo em outros momentos de censura, como na luta para tentar impedir o golpe de 1964 que lhe valera a perda do bebê que gestava, fato já mencionado no capítulo 2. A missão que designara para si: “a de lutar contra a guerra e pela paz entre os homens”.

A passagem destacada neste trecho termina com a impossibilidade de Zélia participar do congresso, pois precisava cuidar da criança. A autora demonstra

claramente o seu desgosto em não poder estar à frente de um movimento político que reforçaria a sua “decisão inabalável”:

A data do congresso se aproximava [...] e eu me preparava para acompanhar Jorge, quando soube da novidade: eu não poderia ir à Wrocław. Lá não havia condições para a criança [...]. “Em compensação”, me consolava Jorge, “você vai descansar nas montanhas, numa casa do Comitê Central do Partido Polonês, até o final do congresso”. (Gattai, 2009, p. 96-109).

Não adiantava me aborrecer, o melhor era levar a coisa na “esportiva”. Bem que eu tinha vontade de ir a Wrocław, encontrar-me com brasileiros que tomariam parte no congresso, conhecer muita gente interessante, assistir aos debates que tanto me interessavam! Mas não podia ser (Gattai, 2009, p. 117).

Resignada, a autora registra sua vontade e seus motivos, seu interesse pelo mundo do lado de fora da casa, “do lar”, do interno, do espaço de reclusão. Mas é justamente dessa impossibilidade de estar nos palcos e precisar ser bastidor que vem a grandiosidade do relato de Gattai. Versões que somente ela poderia relatar.

É de onde ela, que sempre esteve atenta com o que sucedia à sua volta, principalmente com universo político, revela o pormenor dos grandes feitos ou dos grandes fatos que traçaram o panorama histórico do século XX.

Essa estadia da autora nas montanhas, em uma residência que abrigava sobreviventes dos campos de concentração para que pudessem se alimentar e recuperar a saúde perdida nos anos de martírio é das memórias políticas e históricas mais importantes da obra de Gattai.

O relato que dá voz ao subalterno<sup>23</sup> fala por quem durante anos perdeu a dignidade humana tendo todos os seus direitos usurpados. Zélia Gattai, ora é a própria subalterna, ora é “a mulher intelectual... [que] tem uma tarefa circunscrita que ela não deve rejeitar com um floreio” (Spivak, 2010). Tarefa esta de falar por quem não tem voz.

Apesar de haver uma crítica contundente de Spivak ao narrador branco que, ao dar voz ao subalterno, classifica-o, enquadra-o em uma lógica a partir de seus conceitos de homem branco, Zélia Gattai não se propõe a categorizar, muito menos a julgar os personagens citados em sua obra. São unicamente memórias

---

<sup>23</sup> O conceito de “subalterno” utilizado aqui é o de Gayatri Spivak (2010), pelo qual ela afirma, através de uma pesquisa sobre as mulheres e suas mortes, que não há espaço nenhum para a “mulher” falar: “Não há valor nenhum atribuído à “mulher” como um item respeitoso nas listas de prioridades globais” (2010). O termo “subalterno” conceituado por Spivak pode ser estendido a outras classes em determinados momentos da história ou a outros países, como muitas vezes foram os judeus os subalternos ou os refugiados de guerra que tentam chegar aos Estados Unidos, por exemplo. No Brasil, exemplos de “subalternos” sobram, tais como a mulher negra, o homem negro, a população LGBTQIA+.

suas, de conversas, de vivências, que trazem um olhar afetivo e crítico acerca do fato narrado.

A autora tomou consciência da voz importante que tinha para fazer conhecer, no mundo ocidental, o que somente quem esteve do outro lado, fosse testemunhando, fosse ouvindo relatos de sobreviventes, poderia revelar.

As pessoas com quem eu ia conviver eram impressionantemente magras. Dona Anna contara que elas vinham de passar longas temporadas em hospitais e que ali nas montanhas – dizia com grande satisfação – já haviam engordado muito [...]. Ao vê-las, lembrei-me dos documentários [...] sobre os campos de concentração e suas vítimas. Nunca imaginara que um dia iria ver algumas tão de perto e conviver com elas sob o mesmo teto (Gattai, 2009, p. 119).

Nesta passagem pelas montanhas, a autora nos apresenta Monika, uma das personagens que considero mais emblemáticas em toda a obra de Gattai. Por via da voz que Zélia dá a ela, Monika conta dos horrores de um dos lugares mais terríveis que o ser humano já criou contra outro ser humano, que foram os campos de concentração.

A mistura de falas e escutas femininas nas conversas com Monika contam para além dos testemunhos da guerra; falam também das sensações, do cotidiano de um campo de concentração vivenciado por uma mulher; evocam novamente a Partilha do Sensível, de Rancière, por via da fala de duas mulheres: a que vivenciou, que se configura como uma “testemunha muda” de Rancière e a que deu voz à dor da outra, sendo Zélia esta mulher que sai da mudez ao se colocar em livro.

À sombra de um caramanchão, todas as tardes, Monika me contava fatos que lhe vinham à memória desordenadamente. A única que restara de numerosa família judia, queixava-se de não ter lhe ficado ninguém: nem marido, nem mãe, nem pai, nem irmãos, nem tios, nem sobrinhos [...]. **Não sobrou nem um retrato. Estava sozinha num mundo de recordações e saudades [...].**

Tinha uma ideia fixa: deixar seu testemunho num livro que estava escrevendo, uma denúncia do inferno dos campos de concentração. **“Nada mais me interessa da vida [...] sou um cadáver que fala”** (Gattai, 2009, p. 125, grifo nosso).

O testemunho para além da terrível estatística que nos chegou e ainda nos chega pela mídia acerca da matança nos campos de concentração nazistas. Uma fala que possibilita minimamente a compreensão da dor de não sobrar nenhum retrato do que foi sua família ou ainda, alguém que se considera um cadáver que fala.

Luiz Antônio Simas e Luiz Ruffino (2019, p. 5) sentenciam que “o contrário da vida não é a morte, mas o desencanto”. Na fala de Monika, vê-se um exemplo do contrário da vida, um exemplo do desencanto após a barbárie, exemplo do que

sobra da vida, mas que, com os restos, resiste pela palavra, pela escrita, pela denúncia e pela esperança de servir de exemplo para que tamanha barbaridade não mais ocorra.

Não era somente Monika quem escrevia suas memórias, os demais hóspedes da casa de repouso andavam de caderno em punho [...] escrevendo. Segundo minha amiga, todos tinham um objetivo, um dever a cumprir: contar, divulgar a experiência vivida como prisioneiros do campo: “Uma forma de lutar pela paz [...]” (Gattai, 2009, p. 125).

A escrita de Monika, assim como muitas vezes a de Gattai, exemplificam o que já falamos a partir de Leonor Arfuch (2018), a escrita que se dá pelo trauma e pela necessidade de falar sobre uma dor para que todos saibam e jamais se esqueçam. Nas montanhas onde Zélia estava esperando pelo marido, a autora tem acesso a testemunhos dos horrores da Guerra. Enquanto o marido e os demais intelectuais fomentavam um congresso em favor da paz, Gattai colhia, para uma escrita que provavelmente nem sequer sabia que um dia viria a produzir, informações que interessariam ao mundo.

Monika recorda para Zélia outros acontecimentos que, para quem lê a sua obra, trazem uma sensação até de celebração, motivada por um sentimento controverso, a vingança. Porém, no relato a seguir, ela parece justificada.

Traço marcante da escrita memorialista de Gattai que mescla relatos e sensações, emoções e registros históricos, permite uma leitura empática e pormenorizada do que ocorreu na Segunda Guerra Mundial com mulheres que estiveram encarceradas:

A meu lado, enquanto João se distraía com brinquedos espalhados pelo chão, Monika recordava, entre outros, o caso das francesas, suas companheiras de prisão. Acabadas de fome, no dia da libertação, conseguiram juntar forças para arrombar a despensa onde as carcereiras nazistas guardavam suas iguarias e, desvairadas, afundaram as caras nos enormes potes de marmelada, comendo [...]. Pior ainda quando as carcereiras, num requinte de maldade, vinham comer na frente das prisioneiras famintas aquelas finas iguarias reservadas às suas panças arianas. “Elas eram piores do que os homens, mais cruéis” (Gattai, 2009, p. 125-126).

O testemunho de que as mulheres eram ainda piores do que os homens mostra o quanto o mal pode ser banalizado, como bem falou Hanna Arendt, levando à falta de sororidade com mulheres já tão vulnerabilizadas.

A extrema falta de sororidade no campo de concentração, a impiedade de mulheres em relação às encarceradas incitam a pensar sobre algumas questões acerca dos desafios das causas feministas. A existência de mulheres que reproduzem a opressão masculina contra mulheres ainda é um problema.

A falta de consciência dos que sofrem em seus relacionamentos com homens, seja dentro de casa ou fora dela, faz com que poucas consigam se rebelar contra a opressão masculina, já que pensam ser aquela forma de tratamento algo normal. Agravada pelo machismo e pelos discursos que buscam difamar a luta feminista, que rotulam as mulheres de mal-amadas, histéricas etc., esta realidade faz com que mulheres rechacem o termo feminismo e terminem por corroborar com o machismo.

A leitura contemporânea da obra de Gattai não deixa dúvidas da relevância da voz feminista da autora deixada pelos relatos de suas atitudes, seus pensamentos.

Assim como Zélia, retomo o fio da meada da última citação para dizer que fiz questão de registrar o relato da “vingança”, pois não há como pesquisar Zélia Gattai e não se sentir em sua “roda de conversa”, ou não mergulhar em suas sensações e emoções. A vingança narrada por Gattai faz com que nós também nos sintamos vingadas com a empatia gerada pelas mulheres encarceradas.

A narrativa em primeira pessoa, a Escrita Feminina e a Leitura Femina impossibilitam a isenção e a não vibração com um fato tão pouco conhecido, mas que redime minimamente mulheres tão sofridas em campos de concentração:

Havia também a história da francesinha, cabeleireira em Paris, que lutara na Resistência, cuja profissão fora descoberta pelas guardas nazistas que a obrigavam a penteá-las, cuidar de seus cabelos diariamente. Para a prisioneira não podia haver maior castigo do que cuidar das cabeças loiras daquelas malditas que perseguiam e torturavam as prisioneiras [...]. Mas, como diz o ditado, “nada como um dia depois o outro”, e seu dia de revanche chegou: quando as tropas de libertação invadiram o campo [...] os soldados aliados puseram as carrascas enfileiradas em fila, chamaram as prisioneiras e lhes deram carta branca para que desabafassem, se vingassem [...]. A francesinha não teve dúvidas, apanhou a tesoura e pelou a cabeça de todas, uma por uma. Para rematar o serviço, cuspiu-lhes em cima. —Todas nós cuspimos, enchemos de tapas na cara das malditas, demos-lhes pontapés a torto e a direito, na ânsia de desforra [...]. (Gattai, 2009, p. 126-127).

Por fim ela encerra o subcapítulo “Monika” com um fato bastante doloroso, o de como Monika perdeu a irmã para a câmara de gás. Mais uma vez, a denúncia da terrível capacidade humana de ser cruel, de escravizar outros humanos de outra cor, credo, classe social.

A história mais triste de Monika foi de como perdera sua irmã, última parenta que lhe restara, asfixiada na câmara de gás. Trabalhavam no campo, plantando e colhendo, trabalho duro que começava no nascer do dia, sob a vigilância dos guardas armados, a fim de impedi-las de comer as batatas [...]. De volta ao acampamento, certa noite, receberam uma ordem para que se pusessem em fila. Todas elas sabiam o que isso significava: muitas delas seriam sacrificadas na câmara de gás, para dar espaço às prisioneiras recém-chegadas, em melhores condições físicas para o trabalho. Naquele dia seriam cem as vítimas. A guarda foi

contando as prisioneiras postas em fila, até chegar o número 100, que era Eva. Monika ainda tentou trocar de lugar com a irmã, mas ela não aceitou. “Desmaiei e, ao voltar a mim, Eva já não estava [...]”. (Gattai, 2009, p. 127).

“Eu lhe prometi repetir sua história sempre que tivesse oportunidade. O que faço mais uma vez aqui” (Gattai, 2009, p. 127). Não só a história de Monika, mas a de tantas outras personagens. Aqui, como-me à Zélia e repito a história de Monika para que não seja esquecida.

As consequências da Guerra e de seus campos de concentração reverberavam depois do fim. Em uma passagem de seu chão, ainda em trânsito, ainda incerto e, neste momento, um chão de espera, pois havia de aguardar o marido que estava em viagem, Zélia passa por uma situação aflitiva com seu filho e descobre ser consequência do campo de concentração de Varsóvia.

Sua narrativa parte de um fato ocorrido dentro de “casa” e se expande para contar da história do mundo, registrando detalhes que reforçam a importância da memória subjetiva na confecção dos arquivos da História a fim de transmitir a intensidade do ocorrido.

Nem sei quanto tempo eu dormi. Acordei sobressaltada com o choro nervoso de João [...]. Acendi a luz, assustada, Que horror! Quase desmaiei. Estávamos – João e eu – em meio a um mar de percevejos. Percevejos gordos e lentos circulando [...] sobre nossos corpos. Agoniada, cheia de nojo, sacudi os lençóis e fui esmagando, feito doida, os que encontrava pela frente [...].  
Só depois fiquei sabendo que aquela praga se estendia pela Polônia afora, uma das heranças da guerra. Os percevejos haviam se proliferado no gueto de Varsóvia e nos campos de concentração. (Gattai, 2009, p. 122).

Desloca-se no enredo, então, para uma viagem à Polônia, quando visitou o campo de concentração de Auschwitz, exposta na citação a seguir, para corroborar com o início do episódio dos percevejos.

Beatriz Sarlo, no livro *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva* (2007), como já foi mencionado, aponta como vantagem da guinada subjetiva o deslocamento da voz narrativa para as margens, para o que ficou obscurecido na História.

Gattai personifica a guinada subjetiva de Sarlo em dois aspectos principais: o fato de ser uma narradora mulher já a coloca como uma escritora que fala a partir da margem. Além disso, Gattai escreve sobre quando esteve no exílio, o que já denota um lugar de margem, um lugar onde se é obrigada a estar por ser proibida de estar no “centro”.

Muito já se escreveu sobre Auschwitz, e os relatos de Gattai que, de alguma forma, teve sua história atravessada pelo campo de concentração, corrobora com

o que se ouve falar, trazendo o detalhe da miséria humana que existia nesses campos, o pormenor, aquilo que por vezes passa despercebido pela História.

Compreendi ainda melhor o problema quando visitei com Jorge, uma semana depois, o campo de concentração de Auschwitz [...] onde, nos anos de 1940 a 1945, foram assassinados mais de quatro milhões de prisioneiros [...] a maioria constituída de Judeus.

A funcionária que nos mostrava o campo, ela própria ex-prisioneira de Auschwitz, se empenhava em nos mostrar tudo em seus mínimos detalhes. Depois de percorrermos as dependências, salas com montanhas de óculos, de dentaduras, de cabelos, de mamadeiras, as câmaras de gás e o paredão de fuzilamento, ela nos perguntou se sabíamos por que as paredes eram de cor marrom-escura [...].

— As paredes escureceram com o sangue de milhões de percevejos esmagados por nós [...] (Gattai, 2009, p. 122).

**Para quem se propunha a lutar pela paz**, nada como ver de perto os horrores de um campo de concentração [...]. Continuo afirmando, cada vez com maior convicção, que as coisas vistas pelos próprios olhos adquirem outra dimensão, **a verdadeira**. Chorei diante das montanhas de chupetas e mamadeiras. A câmara da morte, onde o gás matara por asfixia milhões de inocentes, cortou-me a respiração (Gattai, 2009, p. 146-147, grifo nosso).

No último trecho da citação, há dois pontos que precisam ser destacados: o primeiro diz respeito ao que a autora coloca como filosofia de vida ou como propósito na vida, que foi “lutar pela paz”. Considero sua obra memorialista é a sua grande luta.

O segundo ponto diz respeito às limitações dos relatos memorialistas quando tomados como arquivos. Quando Zélia Gattai afirma que adquire a dimensão “verdadeira”, ela incorre no erro que Leonor Arfuch chama atenção em seu livro *La vida narrada: memória, subjetividade y política* (2018), de que a experiência de quem vivenciou certa condição de vida é impossível de ser repassada pela fala pelo outro.

Portanto, no caso do relato de Gattai, é possível, claro, considerar o impacto de alguém que viu *in loco* um cenário de guerra ainda recente, e esse testemunho é muito importante que seja registrado na História política mundial para que se evitem outras barbáries.

Porém, o que Gattai chama de “verdadeira” é uma verdade para ela. Uma verdade subjetiva, mas que não pode ser tomada como a verdade da funcionária à qual Zélia se refere, uma sobrevivente de Auschwitz.

Os relatos de Gattai por vezes se assemelham à escrita afetuosa de Ana Maria Machado: “Para mim (a narrativa) é aquela mesma fala no ouvido do leitor [...], faço em romances ou poemas – um chamado para que ele venha pensar comigo” (Machado, 2007, p. 11). A escrita de Zélia não é impositiva, nem reivindica



verdades absolutas, mas não deixa de ser contundente e compromissada com o fato narrado e o tempo vivido.

Como verdadeiro, sem dúvida, é o relato da mulher que foi Zélia em meio ao cenário da Guerra-Fria em um universo onde o comunismo avançava no Leste Europeu e ela, desterrada de seu país natal, acusada de comunista, vivenciava “as dores e as delícias” do novo regime.

Atenta, ora questionando, ora deslumbrando-se, Gattai conduz sua leitora ao tempo presente da narração. Ora antecipando sua conclusão acerca do que viu, já com o distanciamento da escrita tardia em relação ao fato, mas sem perder a cronologia do fato narrado, Gattai escreve suas memórias como uma novela: com início, meio e fim, sem antecipar o desfecho, mesmo que este seja conhecido, elaborado e reeditado a partir do distanciamento de anos entre o vivido e o narrado.

Em Moscou] Visitáramos fábricas, escolas, creches, bibliotecas, museus e, sobretudo, tivemos bastante contato com intelectuais, artistas e gente do povo; vimos coisas extremamente positivas que nos foram mostradas no correr daqueles dias. Não vimos coisas negativas nem acreditávamos que elas pudessem existir. Certos detalhes, como por exemplo, o grande número de gente embriagada e de pequenos ladrões, não chegaram a nos impressionar. Talvez não quiséssemos sequer pensar que existiam coisas negativas. Regressávamos mais convencidos do que nunca da necessidade de paz no mundo; reforçados em nossa confiança no socialismo (Gattai, 2009, p. 297).

As contradições do novo regime e os indícios de fracasso que estavam à vista são enunciados que nos levam não somente pela via dos fatos, mas a das sensações recalcadas, como quando afirma: “Certos detalhes [...] Talvez não quiséssemos sequer pensar que existiam coisas negativas” (Gattai, 2009, p. 297).

Possivelmente, pela circunstância em que se encontrava – impossibilitada de viver no Brasil por perseguições políticas, e ainda influenciada pela ideologia socialista que aprendera com seu pai, Zélia precisasse manter viva a esperança no regime, pois, naquele momento, não havia outra saída para ela e sua família.

Conforme mencionado na primeira citação deste capítulo, o casal Gattai-Amado morava na França, mas atravessava continuamente a Cortina de Ferro. Em uma dessas viagens, Zélia voltava sozinha de trem, já que o visto de passagem de Jorge Amado pela fronteira da Alemanha Oriental e Ocidental foi negado a ele e concedido somente a ela. Ele seguiu de avião e Zélia no trem com as bagagens. No relato a seguir, ela conta a breve história de sua companheira de cabine e mais uma vez reforça a sua crença utópica no regime de Stálin, não enxergando os óbvios desgostos que o tal regime causava às pessoas:

Viajava comigo, na mesma cabine, apenas uma passageira. Pessoa reservada, de boa aparência, cumprimentou-me educadamente e em seguida mergulhou na leitura de um livro [...].

Paramos no lado tcheco da fronteira. Dois soldados apareceram pedindo os documentos e me perguntaram se eu tinha algo a declarar [...] respondi que não levava nada de caro, apenas bijuterias de metal e pedras dos Urais. Eles quiseram vê-las [...] os guardas, durões, resolveram que eu devia acompanhá-los até o departamento de polícia na estação, onde as “joias” iam ser examinadas por um perito [...] A composição partiu, a fronteira tcheca ficou pra trás e na fronteira alemã tudo se passou tranquilamente [...]. Minha companheira de viagem, que se mostrara até então muito reservada, botou o livro de lado, soltou uma sonora gargalhada e agradeceu-me:

— A senhora salvou minha pele [...]. Os soldados tchecos, preocupados com sua bagagem, esqueceram-se da minha [...]

Fiquei sabendo, então, que ela estava fugindo da Tchecoslováquia levando tudo que possuía: joias de valor e preciosas peças de arte. Casara-se por procuração com um francês que mal conhecia, somente para obter permissão de viajar [...].

Não lhe perguntei por que abandonava o país. Cada qual sabe de sua vida (Gattai, 2009, p. 312-313).

A fala carrega a tensão do que era o trânsito entre os países europeus em meio à instalação da Guerra Fria. Mostra o desespero de alguns para se verem livres do comunismo e do que uma ditadura trazia como consequência. E mostra o sectarismo da autora, ainda deslumbrada com os feitos de Stálin.

Em outra de suas viagens, Zélia contrapõe o período ditatorial do qual foi vítima no Brasil com a monarquia romena. Comparava o que via dos destroços de um castelo que serviu de cárcere para presos políticos com o que viu em São Paulo, já em 1945, quando da prisão, do adoecimento e da morte de seu pai. Uma reflexão particular que nos leva pensar em como as atrocidades humanas se perpetuam.

Histórias de décadas sendo ativadas pelo passado de Gattai, que hoje podem ser acessadas a partir do contemporâneo, mostrando-nos que as barbáries de guerras se repetem em outros países, com outras mortes, outros anônimos que virarão estatística no futuro.

Essas passagens mostram que o ser humano não aprende sobre humanidade com o caos. Que, como falou a professora Patrícia Paterli no colóquio *Revolução Escrita* (PUC-RIO, 2023), o máximo que se consegue entre períodos violentos é uma trégua. Contudo, essa trégua está permeada de tensões:

Um de nossos primeiros programas em Bucareste, creio que o primeiro, foi visitar as ruínas de Doftana; Doftana é o nome de um castelo que fora construído havia muitos séculos, no alto de uma colina e que servira de cárcere a presos políticos durante a monarquia. Ana Pauker, antiga lutadora revolucionária [...] ali estivera presa. O castelo desabara com um terremoto, antes da guerra, e os homens ali aprisionados perderam suas vidas sob os escombros. Restaram de pé apenas algumas celas, por acaso, as câmaras de tortura onde os prisioneiros eram

emparedados. Diante dessas celas, comparei-as às que vira em 1945, em São Paulo. A guerra terminara, nazistas e fascistas haviam sido derrotados e a ditadura do Estado Novo chegara ao fim. As comportas da opressão explodiam e o povo vinha às ruas; a polícia política era desmascarada, as torturas de presos políticos chegavam ao conhecimento público, as prisões se esvaziaram e seus portões se abriram, franqueados a quem quisesse ver com os próprios olhos o que se passara lá dentro. Eu tivera um pai encarcerado por longo tempo. Ele adoecera na prisão e morrera logo depois de ser posto em liberdade. Fiz questão de ver de perto a cadeia que diziam ser a mais terrível de todas: a “masmorra de Cambuci”; lá estavam os monstruosos cubículos, quatro apertadas paredes onde apenas cabia um homem de pé, sem se mover [...] uma gota d’água caindo do alto, sem parar [...] Essa prisão romena, tombada como monumento nacional, não era mais terrível do que as do Brasil, elas se igualavam (Gattai, 2009, p. 372).

Através da empatia gerada pela dor vivida com seu pai, a autora evocou a memória coletiva do que foi a ditadura no governo de Getúlio Vargas, as censuras e ameaças que vivenciou. São alguns registros históricos e políticos do Brasil e do mundo, fatos que se cruzam também ideologicamente – ambos ditatoriais, fascistas e usurpadores dos direitos humanos.

Os registros de Gattai são também arquivos, memórias do Brasil e do mundo, que corroboram com a história que não é divulgada, e que, pelo menos a do Brasil, insiste em ser apagada, esquecida, questionada ou desvirtuada.

Com uma escrita que faz palanque para outros personagens, Zélia traz a lutadora Ana Pauker, que, nesse texto, tanto reforça os absurdos cometidos contra todo tipo de pessoas, como evidencia a característica reparadora da escrita de Zélia, como se buscasse não deixar ser esquecido, ou, ainda, fazer justiça.

A autora reforça os abusos da Ditadura Vargas, impetrados contra “subversivos” como seu pai, e pontua a abertura política de 1945. Seu relato passional, imbuído de emoção vista a escolha de palavras como “monstruosos” e “terrível”, testemunha também o trauma, a dor e a revolta contra um período cruel da história nacional, e que viria a se repetir vinte anos depois, em 1964.

Em meio a tantos escritos de foro político e histórico, como é a escrita de Zélia Gattai, evidencio um fato contado por ela que mostra sua irreverência e sua personalidade destemida e que dá nome ao livro *Senhora dona do baile*.

Um evento na Romênia onde dançou com o primeiro-ministro, Petru Goza, e sentiu-se, como ela mesma disse, a “senhora dona do baile”:

[...] participaríamos de uma recepção no palácio do governo, onde estariam reunidas personalidades do Partido, escritores, artistas de toda a Romênia [...]. O baile se iniciara com uma polca. O compasso binário da música, com segmentos alegres, mexeu comigo, fez-me cócegas na sola dos pés [...] quando Petru Groza se aproximou, puxou-me pela mão: “Vamos dançar?”

[...] não hesitei, saí a dançar com Petru Groza.

Pé-de-valsa de primeira, o presidente não só era um exímio bailarino, como também um mestre na arte de conduzir a dama [...] [eu] rodopiava acompanhando meu par,

sem errar o passo, em meio à roda que se formara em nossa volta, na alegria da polca, sentindo-me a própria senhora dona do baile (Gattai, 2009, p. 384).

Das narrações de suas viagens, que descortinam mundos, Gattai volta para dentro de casa, melhor dizendo, para dentro de si e propicia novamente o questionamento sobre o papel da mãe na sociedade:

Mais do que qualquer outro motivo, porém, a ansiedade de chegar a Sôfia vinha da certeza de encontrar, no hotel, notícias de João; havia mais de um mês que não sabíamos dele, e Misette ficara de nos escrever para Bulgária (Gattai, 2009, p. 397).

Zélia optou por viajar sem o filho, ficando mais de um mês sem ter notícias da criança, que ficou sob os cuidados da babá, subvertendo o papel que se pretende para as mães: o de se colocarem sempre em segundo lugar perante os filhos visando a manutenção da paz familiar.

Zélia subverteu e fez chacoalhar algumas vezes o discurso da maternidade utópica, do amor incondicional. Deve ter sido bastante julgada – ainda hoje seria –, mas parece não ter deixado com que isso atrapalhasse seus planos. Diz ela: na França, “aluna da Sorbonne, eu continuava a cursar a escola da vida como sempre fizera, desde menina, nela aprendia mais e melhor do que nos livros” (Gattai, 2009, p. 157). Sua escola da vida foi um caminho permeado por escolhas e por resignações.

Além dos enunciados políticos e históricos tão profícuos relatados até aqui neste capítulo, o enaltecimento das amizades aparece em muitas trocas de afetos. Pessoas que certamente ampararam Zélia nesta fase, em que a solidão e a saudade foram companheiras.

Jorge e eu tínhamos por princípio aproveitar a nossa estada em Paris para viver ao máximo a vida dos franceses. Não queríamos permanecer isolados num gueto de brasileiros. Estávamos exilados, não podíamos regressar ao nosso país, buscávamos tirar o maior proveito da situação, diminuindo o lado negativo, ampliando as vantagens de permanência na Europa (Gattai, 2009, p. 334).

Ainda que exilada, na condição de vulnerabilidade que o exílio traz: outra língua, outra cultura, outros acordos sociais e civilizatórios; Zélia parecia tirar proveito do que essa nova vida imposta tinha a lhe oferecer, fosse com amigos, fosse viajando, fosse aprendendo outra cultura estudando na Sorbonne.

Foi neste período que se deu uma das histórias que considero mais divertidas e, ao mesmo tempo, um registro do quão os afetos são personagens na obra de Zélia: o batizado de João Jorge.

Certamente a autora também guardou esse fato com carinho, pois narra em

detalhes a festa de arromba que sagrou Nicolás Guillén, Pablo Neruda e Ilya Ehreburg como padrinhos e madrinha do menino:

Guillén andava encantado com o “Bandido” – aprendera com Jorge a chamá-lo (a João Jorge) assim, achando graça no apelido.

Segurou o menino que passava por ele:

— *Venga, vamos hacer caballito* – Sentou João em seus joelhos, mas, de súbito parou: — *Soy tu padrino, Bandido. Yo estaba en Río cuando naciste [...]. De ahora en adelante eres mi ahijado.*

Ao ouvir Nicolás proclamar-se padrinho de João, Pablo não perdeu tempo:

— *Pues yo seré tu madrina: — Vem, Juan, dar um besito em tu madrina.*

Precisávamos oficializar, o quanto antes, o compadrio e marcamos logo a data. A festa do batizado simbólico seria a 8 de maio. Ehrenburg lamentou não estar presente, mas queria que o considerássemos também padrinho e madrinha de João. Não fazia por menos (Gattai, 2009, p. 336).

Uma festa com muita gente no hotel *Saint Michel* sagrou o batizado de João Jorge, com direito a verso de Nicolás Guillén para o afilhado e batistério de Neruda, que batizou o menino com o sobrenome de todos os presentes e também dos bisavós de João: João Jorge Amado Gattai Da Col Faria Leal Guillén Neruda [...].

Momentos de afeto como esse, penso, quando se está longe dos seus de sangue, são guardados na memória para sempre como bençãos.

O mesmo sucedeu com o batizado de Paloma, evento que Zélia conta em seu livro em que trata do exílio na Tchecoslováquia, retomando a história do batizado acima. Isso é comum na obra de Zélia, um resgate de memória já antes narrada em outro livro.

Em algumas poucas vezes as memórias se contradizem, coisa da ilha de edição de nossas memórias, como sentenciou Wally Salomão, o que impossibilita de tomar a memória como verdade, mas que não a desmerece enquanto fonte de pesquisa histórica.

Voltemos ao batizado de Paloma, que atravessou a ordem cronológica deste capítulo por afinidade com a citação anterior.

Quando João Jorge completara um ano em Paris, Guillén tomara a frente de Pablo, declarando-se padrinho do menino – afinal de contas, fora ele a primeira visita que João recebera ao nascer, na maternidade, no Rio de Janeiro. Pablo não se dera por vencido, não perdera tempo, e, na hora elegera-se a madrinha. Desta vez, Neruda antecipara-se a Nicolás: “Eu vou ser padrinho de Paloma...” O outro nem se abalou. “... Que coincidência! Eu também vou ser padrinho de Paloma...” Ehrenburg, que por acaso estava presente [...] divertia-se assistindo ao duelo dos dois poetas, na disputa da padrinagem da criança, e resolveu entrar no páreo: “Então ela vai ter três padrinhos... comigo serão três... e vamos fazer uma grande festa! Aguardem a minha volta.”

[...] Festa de arromba, como desejara Ilya, a do batizado de nossa filha Paloma, sem padre nem orações religiosas [...]. Ela permaneceria pagã ou elegeria, por sua

livre e espontânea vontade, a religião que lhe tocasse o íntimo... sem imposições, democraticamente, assim como Jorge e eu, coerentes com nossos princípios, achamos que deve ser... De nossa parte, naquela noite de trégua, saudamos com nossos amigos a alegria da chegada da nossa filha, realizando um alegre batizado de paz e amizade (Gattai, 1988, p. 142-145).

Paloma me contou, em entrevista, que não via seus padrinhos com frequência, mas que foi engraçado quando, certa vez, tivera de escrever uma carta para os padrinhos como tarefa da escola, e sua carta fora escrita a Neruda e Guillén.

Quando eu lhe perguntei sobre Ilya ser seu padrinho, ela me disse que não, que eram apenas Neruda e Guillén. Traço importante da memória e da escrita memorialista: os fatos mudam, se perdem, são recontados e recriados, ampliados ou esquecidos.

Corroborando com a afirmação acima, a pesquisadora Sheila Silva (2016) aponta, a partir da teoria de Márcio Selligmann-Silva (2003) – em seu estudo que relaciona a memória e a história em narrativas de catástrofes: a memória não é singular; ao contrário, é plural, na medida em que apresenta-se sempre uma tensão entre as várias leituras acerca do fato ocorrido. Cada indivíduo oferece uma versão distinta do que vivenciou ou do que ouviu falar. Não há como haver um mesmo relato sobre um fato ocorrido, dado que a memória é subjetiva, seletiva e trabalha entre a lembrança e o esquecimento.

Zélia teve durante a vida uma capacidade enorme de fazer e manter amizades. As portas de sua casa, de todos os seus “chãos” e de sua vida estavam abertas para muita gente, o que será bastante evidenciado no capítulo 4 desta tese, quando, finalmente, fixa residência em Salvador até o fim de sua vida.

Uma dessas amigas da vida foi a escritora alemã Anna Seghers, já mencionada nesta tese, mas que volto aqui a falar dessa amizade tão cara à autora. Um relato do cotidiano delas, aparentemente banal e simples, mas que, juntamente com os relatos históricos e políticos de Zélia, definem seu perfil de escritora “da casa e do mundo”.

Traço esse que faz a sua obra tão densa quanto leve; tão pessoal quanto universal; tão aparentemente sem relevância – já que Zélia sempre esteve à sombra do marido – quanto grandiosa para quem se debruça sobre ela.

Logo que Anna Seghers chegara a Paris, sabendo da admiração que eu tinha por ela, Jorge inventou que eu devia entrevistá-la para uma revista no Brasil. E eu lá sabia entrevistar alguém? Com que cara eu ia me apresentar diante de uma pessoa tão famosa, tão importante, tão séria, tão cheia de sabedoria? Eu não era jornalista [...]. Mas Jorge, que já a conhecia, insistiu, eu acabei entregando os pontos e lá me fui, tremendo feito vara verde, ao encontro de Anna Seghers [...]. Só que [...] encontrei um anjo, criatura simples, risonha [...]. Nos tornamos amigas desde esse

dia.

Certa ocasião, muitos anos mais tarde, Anna Seghers veio nos visitar no Rio de Janeiro... todas as manhãs, fazia um passeio a pé... numa dessas ocasiões, descobriu que no largo do Machado, esquina com a rua do Catete, ia ser aberta uma lanchonete. Entusiasmada, ela nos telefonou convidando-nos para a inauguração, no dia seguinte [...].

— O proprietário é teu amigo, Anna? [...] [quis saber Jorge]

O proprietário não era amigo de Anna [...].

— Colocaram na porta um aviso, anunciando a inauguração e convidando o público em geral [...]. O público em geral, imagine! Maravilhoso, não? [...]. Tragam as crianças, eles vão gostar [...]. Nós somos o público em geral, não?

[No dia da inauguração] [...] Os olhos de Anna brilhavam [...] Encarando-me, de repente, ela ergueu as sobrancelhas e perguntou: Hem? [...] “Formidável”, respondi. Assim era Anna, cheia de amor pelas coisas simples da vida (Gattai, 2009, p. 340-341).

Outra característica de Gattai aparece neste relato: a coragem de se propor a fazer algo novo, principalmente quando estimulada pelo marido. Foi assim ao se tornar escritora também: a aprovação de Jorge foi fundamental para que ela se permitisse iniciar.

O olhar feminista tende a questionar o porquê desta submissão e da necessidade dessa chancela. Porém, a *Leitura Femina* permite que se compreenda a postura de Zélia. Gattai era tão vítima do machismo quanto qualquer outra mulher, as inseguranças que temos nos tornam, por vezes, reféns do incentivo de um homem: ainda mais quando este homem é seu marido, ainda mais quando o marido é Jorge Amado.

Conforme mencionado anteriormente neste capítulo, não se pode falar de relacionamento abusivo ou opressor no casal Gattai-Amado; ao contrário, ela se refere a ele com muito amor, muito carinho e gratidão. A escolha de Zélia por viver com Jorge se deu também pelas oportunidades que ela teria e teve ao lado dele: as vivências políticas dentro do ideal que ela acreditava, as pessoas ilustres que conheceu, de quem se tornou amiga, as viagens pelo mundo com suas dores e delícias.

Estar com ele foi uma escolha, e escolher estar ao lado de uma “estrela” é também saber que será bastidor. Mas Zélia não se posicionou apenas como acompanhante de Jorge. Isso fica claro em sua obra, isso foi dito na entrevista que fizemos com seus filhos. Sua obra literária é também prova de uma mulher que reconhecia o seu valor e sua importância no cenário – ou nos chãos – por onde andou.

Apesar dos muitos afetos vivenciados em Paris, foi lá também que a autora sofreu uma grande traição que lhe custou a expulsão da França e a fez ficar impossibilitada de voltar àquele país por mais de dez anos.

A *Blanchisseuse* prestava serviço a muitos moradores do hotel *Saint Michel*, e Zélia era uma de suas freguesas. Seus clientes não perceberam que ela, de nacionalidade romena, era uma infiltrada do governo francês e estava vigiando os passos dos comunistas que habitavam o hotel.

Perguntei a (Carlos) Scliar [que, exilado, morava no mesmo hotel que Zélia]<sup>24</sup> pela lavadeira, tinha roupa para mandar lavar; ele me disse que ela estava aflita à nossa espera, perguntara por nós. Achei que a ansiedade da *Blanchisseuse* não seria tanto pelo dinheirinho que devia lhe fazer falta quanto pela curiosidade de ouvir notícias frescas de seu país, pois sabia que estivéramos na Romênia (Gattai, 2009, p. 417).

Sem desconfiar, Gattai não imaginava o que sucederia nos dias seguintes ao seu retorno à terra da Igualdade, Liberdade e Fraternidade.

Era ainda muito cedo, dormíamos, Misette nem acordara, quando bateram à porta. Dois policiais pediam-nos documentos [...] tudo se encontrava em ordem, estávamos absolutamente em dia com as leis francesas.

— Por favor, nos acompanhem à Prefeitura de Polícia, disse um deles.

Na prefeitura de Polícia nos deixaram à espera, numa sala com bancos de madeira encostados às paredes; calados, sem compreender o motivo do estranho convite àquela hora da manhã, aguardávamos impacientes. Pelas paredes, só se viam inscrições em grafite [...] até que cheguei a uma em italiano: “*Sono entrato in galera*.”

— Ora veja! — comentei com Jorge, rindo — O italiano, coitado, achou que estava preso. Escreveu a data de sua entrada na prisão.

— E você o que é que está achando? Que não está presa? Não está vendo as grades nas janelas e o soldado armado na porta?

Caí das nuvens. Como pudera ser tão ingênua? Mas por que diabo iam nos prender?

— Vou tirar isso a limpo já — disse a Jorge.

— Sente aqui quietinha. Não procure confusão, por favor [...].

— *Vous avez quinze jours pour quitter la France*.

Quinze dias para sair da França? Bastante chocado com o que acabava de ouvir, Jorge perguntou ao homem:

— Podemos saber qual motivo? Nossos documentos não estão em ordem? [...].

Meu sangue anarquista subira à tona e antes que Jorge me impedisse, fui direta ao assunto, sem fazer cerimônia:

— *Foutus à la porte, comme ça? Sans un mot?* Ninguém pode ser posto no olho da rua assim, sem mais nem menos...

— *Vous voyagez trop!* — Viajávamos demais! (Gattai, 2009, p. 419-420).

Interessante a referência que Zélia faz a suas origens políticas, cultura que a formou, justificando sua atitude corajosa frente ao perigo que estavam enfrentando com a polícia de Paris. A expressão “viajavam demais” certamente referia-se às idas aos países comunistas, bem como à convivência com outros

<sup>24</sup> No hotel *Saint Michel*, onde Zélia Gattai fez seu chão em Paris, moraram muitos brasileiros exilados naqueles anos. Madame Salvage, referida na obra *Senhora dona do baile* por Zélia com gratidão, carinho e com alusões a seu perfil de mulher firme, foi abrigando os brasileiros amigos entre si. Quando precisava, botava algum hóspede para fora do hotel a fim de abrir vaga para os que chegavam do Brasil.



comunistas, como Pablo Neruda, Pablo Picasso, Jean Paul Sartre, entre muitos outros.

Jorge Amado foi um dos idealizadores do Congresso Mundial Pela Paz, que reuniu vários intelectuais de esquerda em Paris, ou seja, um evento que incomodou o governo francês. Um dos participantes foi Pablo Neruda que, perseguido em seu país, contou com a ajuda de muitos amigos artistas, escritores para conseguir estar presente no Congresso.

Naquela tarde Jorge comparecera a uma reunião onde os amigos mais chegados de Pablo (Neruda) – Ehreburg, Aragon, Picasso, Alfredo Varela, Paul Éluard e outros – punham de pé um movimento de solidariedade ao poeta, visando obter sua saída do Chile, talvez ainda a tempo de vir ao congresso. Na reunião, ficou decidido o envio de um telegrama ao presidente do Chile, Gonzáles Videla, protestando contra a perseguição ao autor de *Vinte poemas de amor e uma canção desesperada* [...] (Gattai, 2009, p. 314).

A investida não comoveu o presidente Gonzáles Videla e:

Com a ajuda de amigos e camaradas, Pablo atravessara a cordilheira dos Andes e entrara clandestinamente na Argentina. Procurara o escritor Miguel Ángel Asturias, seu amigo, na ocasião, embaixador da Guatemala em Buenos Aires. Asturias fornecera ao poeta um passaporte diplomático em nome de Antonio de tal [...]. (Gattai, 2009, p. 214-217).

Neruda teve de ficar escondido em um apartamento de conhecidos, mas para ele era uma tortura, e essa angústia de Neruda é trazida pelas memórias de Zélia, que consegue nos mostrar fatos íntimos de um momento importante da política mundial:

*“Tengo ganas de caminhar...”* A frase, dita em cadência de poesia, fora argumento definitivo para dobrar, comover e obter o beneplácito dos amigos para a arriscada saída noturna.

Eu dormia a sono solto quando Jorge chegou e me acordou:

— Que horas são?

— Pouco mais de duas [...] levante depressa, se vista! Neruda quer te ver.

Pablo e Nicolás vieram ao meu encontro para me abraçar [...] *“Soy don Antonio!”*

*“Mucho gusto, don Antonio!”* respondi também rindo” (Gattai, 2009, p. 318).

O afeto presente nas lembranças de Gattai traz a vida por traz da fama de grandes ídolos.

Daquele I Congresso Mundial da Paz resultara a fundação do Conselho Mundial da Paz, organismo formado por personalidades do mundo inteiro.

**Segundo a opinião de muitos**, esse órgão seria apenas um instrumento da política externa soviética. Para nós, era um órgão que se propunha a lutar pela paz, mantendo uma vigilância permanente contra as ameaças de guerra (Gattai, 2009, p. 327, grifo nosso).

Na citação, a autora traz a opinião popular sobre o que se pensava dos movimentos organizados pela esquerda. Zélia faz questão de deixar registrado o que os movia, a ideologia que movia ela e seus amigos, políticos, artistas e muitos outros que, à época, idealizaram um mundo com mais igualdade entre os povos e longe da ameaça atômica.

Retomando o momento da expulsão, Zélia se apercebeu da traição que sofreu em Paris no mesmo dia em que foi chamada à polícia. Delações eram comuns em tempos de repressão e censura, que valeu a vida de tantos, tantas vezes na história e Zélia Gattai foi vítima dessa traição durante a Guerra-Fria, o que lhe custou mais uma mudança de vida, mais uma mudança de chão.

Tantos movimentos em prol de uma ideologia temida e as tais viagens que atravessavam a então Cortina de Ferro foram cabais para a expulsão de Zélia do território francês.

Subíamos no boulevard Saint-Michel, de volta pra casa, quando, de súbito, a figura de *Blanchisseuse* veio-me à cabeça: estaria ela metida nisso tudo? Com certeza. Começava a ver as coisas claras: durante toda a nossa estada na França, lidáramos com uma alcaguete da polícia política [...].

Essa suspeita seria confirmada tempos depois. Além de nós dois, vinte brasileiros, todos conhecidos nossos, que estavam ou tinha estado em Paris, entre os quais o físico Mário Schenberg, o pintor Carlos Scliar e Jacques Danon, tiveram cancelados seus *permis de séjour*.

Durante dezesseis anos fomos impedidos de entrar na França, país de nosso amor (Gattai, 2009, p. 421-422).

Em *Jardim de inverno*, Zélia inicia a narrativa com um desfecho feliz de sua expulsão da França. Visivelmente emocionada, ela relata a reparação feita ao marido pelo presidente da França, *François Mitterrand*. Naquela ocasião, a França retratou-se com Jorge Amado.

Com o machismo incidindo fortemente sobre as mulheres e seu poder de anular a presença feminina como narradora da história, como foi mencionado nesta tese pela escrita de Andrea Nye (1995) Zélia Gattai ficou na plateia:

PARIS, 6 DE SETEMBRO DE 1984. Três pancadas no chão, secas e compassadas, precederam a voz forte e solene do *huissier* a anunciar: "Monsieur le Président de la République!"

Quem conversava deixou de conversar, quem andava parou de andar, fez-se silêncio. Ao fundo do salão denominado "**Jardim d'Hiver**". abriu-se uma porta [...] e por ela o Presidente François Mitterrand entrou [...].

Nessa tarde de outono, no Palais de l'Elysée, o Presidente da França faria a imposição da Legião da Honra, no grau de Comendador, ao brasileiro Jorge Amado. A interdição [a entrada na França] foi revogada no começo de 1965, graças à intervenção do escritor Guilherme Figueiredo, que levou o fato ao conhecimento do Ministro da Cultura, André Malraux [...]. Malraux, escandalizado, tomou providências imediatas para que fosse anulada a interdição. A partir daquele ano, as portas da

França se abriram novamente para Jorge Amado e sua família.

A cerimônia no Elysée começara. Jorge não escondia sua emoção. De repente nossos olhares se encontraram e sorrimos. Para ele e para mim, aquele ato tinha um significado muito especial: naquele dia, ali, na solenidade festiva, em meio a tanto carinho, se daria a reparação pública e completa da injustiça e da violência que sofrêramos nos finais de 1949 (Gattai, 1988, p. 9-11, grifo nosso).

Iniciaremos as reflexões a partir desta citação com uma metáfora acerca do local onde a autora estava, no “Jardin d’Hiver” com o título de sua obra citada: *Jardim de inverno*. Possivelmente o nome do livro tenha sido escolhido a partir desta citação. Mas jardim de inverno também alude a uma contradição. Se por um lado jardim remete um lugar com espaço, diversão e encontro; a palavra inverno pode remeter a frio, reclusão e tristeza. Essa contradição foi a vida de Gattai neste período de exílio. Em meio a tanto sofrimento, “seu inverno”, ela encontrava e criava seus chãos, com o que tinha direito dentro do possível, inclusive com a existência de “jardins”.

A última citação ilustra como foi a vida de Gattai e que ainda hoje se reverbera quando se fala em seu nome: Jorge Amado estava no palco, e Zélia Gattai, na plateia, o lugar do silêncio naquela ocasião. Quando falo do meu objeto de pesquisa e cito o nome “Zélia Gattai”, a imensa maioria desconhece quem ela seja. Quando cito que ela foi casada com Jorge, as pessoas se lembram dela.

Intimamente, meu objetivo principal ao pesquisar Zélia Gattai é tirá-la deste lugar de “atrás de alguém”, como se ela fosse lua que precisasse da luz do sol para brilhar.

Zélia não precisa. Nem sua obra precisa de chancela para ser reconhecida como algo de valor, relevante para a Literatura, para a História, para a Política do Brasil e do mundo.

A seu modo, ainda que Gattai afirme que “O escritor é o Jorge, ele cria, eu só escrevo o que vivi” (Amaral, 2010), Gattai pretendeu-se escritora e também uma pensadora de seu tempo.

Artières (1998, p. 11) ao falar sobre a “intenção autobiográfica”, afirma que “[...] não arquivamos nossas vidas [...] de qualquer maneira [...] manipulamos a existência: omitimos [...] sublinhamos, damos destaque a certas passagens”.

Pela teoria de Artières (1998) é possível compreender a intenção de Zélia de inscrever-se na História, de contribuir com sua leitura a “contrapelo” do que estava sendo escrito oficialmente.

Possivelmente sua intenção não foi apenas a de registrar o que acontecia no universo dos subversivos, dos comunistas, dos ilegais, mas também registrar

o seu universo, a sua vida, para que ela não desaparecesse por trás do grande escritor.

Sem dúvida um marco histórico, cultural e político relevante o da entrega do título de Comendador na França a Jorge Amado. Uma reparação não somente a ele, mas a Zélia e aos demais que foram expulsos de países por questões político/ideológicas. Contudo, julgo importante fazer uma ressalva ao evento ter deixado Zélia Gattai na plateia, quando ela, esposa de Jorge Amado, também sofrera a mesma injustiça que ele.

A linguagem coloquial, sensível e emocionada da autora, aproxima a leitora do sentimento da narradora. Frases como: “De repente nossos olhares se encontraram e sorrimos” (Gattai, 1988, p. 11), dão uma dimensão bastante subjetiva e emocionada desse marco reparador na História do Brasil e da França.

Após um desvio cronológico enorme, volto à expulsão de Gattai do “Chão exílio – Paris” que dará início à sua vida no mundo comunista e que será abordada no subitem 3.2 deste capítulo.

A princípio calada, sem saber o que dizer, madame Salvage segurou-nos pelas mãos [...]. Ofereceu-nos dinheiro [...]. Emocionados ao infinito, agradecemos a generosa oferta, mas não aceitamos [...]. Jorge proibiu todo mundo de nos acompanhar ao aeroporto. Estávamos comovidos demais [...]. [...] Deixáramos a França na *conciergerie* do *Grand Hôtel Saint- Michel, 19 rue Cujas 5eme*; Lá ficara a nossa França na pessoa de Madeleine Salvage, que pusera as economias de sua vida à disposição de um casal de estrangeiros, refugiados, perseguidos, hóspedes de seu hotel e que acabaram se tornando seus amigos (Gattai, 2009, p. 423).

A autora termina esta obra enaltecendo a amizade. Ela personifica a França e a compara com madame Salvage: uma mulher generosa e acolhedora, o que a França não foi com ela.

Gattai destaca o seu chão na França com o endereço do seu lar, local que a acolheu em meio à censura que existia no Brasil e a saudade que ela sentia ao ter deixado seus entes por lá. Neste relato, destaco a característica da Escrita Feminina de Gattai, na qual as emoções brotam dos fatos carregados por suas palavras. Em meio à dureza de outra mudança, de outro exílio, o afeto e a casa roubam a cena.

“Uma voz feminina anunciou nos alto-falantes

— Attention! Passagers pour Prague, présentez vos passeports” (Gattai, 2009, p. 423).

### 3.2 Chão de exílio: Dobris

Em janeiro de 1948, premido por circunstâncias políticas, Jorge fora constrangido a sair do país. O Brasil sofria um retrocesso na vida política. A democracia conquistada a duras penas, após dez anos de ditadura, escapava-nos entre os dedos. O Partido Comunista Brasileiro obtivera sua legalidade em princípios de 1945. A legalidade do Partido, no entanto, durou pouco mais de dois anos.

As perseguições não se fizeram esperar, ameaçando ainda uma vez a liberdade de Jorge, preso várias vezes anteriormente, não lhe dando outra opção senão sair do Brasil. Escolheu a França para viver, país que aprendera a amar através de sua literatura, país da liberdade, da igualdade e da fraternidade. Não pude viajar com ele: acabara de dar à luz, João Jorge estava apenas com um mês [...]. Aguardei no Rio de Janeiro a hora certa de ir ao seu encontro. Moramos em Paris quase dois anos, vivíamos felizes até que um dia, sem essa nem mais aquela, fomos postos para fora. Estávamos em plena guerra-fria, e intelectuais de esquerda, como, por exemplo, o poeta Pablo Neruda [...] o pintor Carlos Scliar, sofreram igual violência, postos para fora [...]

Zélia Gattai

Retomando temas de seus livros escritos anteriormente, a escrita memorialista de Zélia Gattai relembra à leitora do que houve em sua vida ou mesmo a situa caso tenha iniciado a leitura da obra a partir daquele ponto, daquele livro.

A citação que dá início ao *Jardim de inverno* traz um tema amplamente explanado em *Um Chapéu para viagem*, o qual foi trabalhado no capítulo 2 desta tese. Questões políticas de perseguição e censura levaram Jorge Amado a deixar o Brasil, enquanto Zélia, recém-mãe novamente, só pôde encontrá-lo meses depois.

A “democracia que escapava entre os dedos”, traço da escrita sensível e corriqueira de Gattai, aproxima a leitora da sensação de angústia vivida na época, ainda que a autora tenha escrito esta obra quarenta anos depois do ocorrido.

Interessante apontar que os onze livros memorialistas de Gattai seguem uma ordem cronológica de escrita de acordo com as vivências rememoradas. Desde *Anarquistas graças a Deus*, seu primeiro livro, escrito em 1979, aos sessenta e três anos de idade, até o *Vacina de sapo e outras lembranças*, de 2006, a autora traça uma trajetória literária praticamente linear, que vai da sua infância até à dolorosa perda de seu companheiro de vida, seu marido, quando ela registra todas as tentativas de cura para a doença ocular que tirou a visão de Jorge, até à depressão que o acometeu.

Sua obra, portanto, é uma vasta contação de uma história, a de sua vida quase inteira, já que tanta coisa ficou de fora, episódios que a autora certamente não quis registrar ou, talvez, preferisse até esquecer. Um exemplo é a relação com o filho mais velho, Luiz Carlos, que é mencionada, mas, jamais, aprofundada.

Paloma Gattai, em entrevista para esta tese, mencionou a dificuldade de aceitação de Luiz por Jorge Amado, contou do encontro que tiveram na Bahia e que Zélia teria dito ao filho que se ele fosse à Bahia seria para se encontrar com Jorge, que ela não iria mais “esconder” o marido do filho. Paloma conta do nervosismo de Jorge Amado pela chegada de Luiz Carlos, que ordenou que todos os filhos e os netos estivessem presentes. Paloma foi do Rio de Janeiro para a Bahia e falou que seu pai ensaiou vários assuntos para falar com o filho de Zélia. No final da estadia, os dois se deram bem, afinaram-se jogando um jogo de que ambos gostavam.

Os detalhes da relação de Zélia com seu primeiro marido e com seu filho foram suprimidos de sua obra memorialista. Algumas memórias talvez ela tenha querido subtrair de sua vida. Certamente não conseguiu de todo, pois as referências a Luiz Carlos são feitas sempre com saudades e com dor.

Outra razão para a supressão dessas memórias pode ter sido a intenção literária da autora. Sua obra não é uma confissão, mas o que ela considera de relevante em sua vida que possa despertar interesse nas leitoras.

Casos de foro íntimo, como a relação com as irmãs na infância, por exemplo; casos de foro político, histórico; casos acerca de suas amizades e das pessoas que encontrou. Ao fim, todas essas histórias traçam um perfil intelectual de Gattai, atestam a sua luta pela liberdade em relação aos homens, como algumas vezes ela mencionou. O que ela não mencionou, possivelmente, ou não corroborava com sua intenção, ou devia ser dolorido demais para ser revivido em palavras e registrado para o público.

Então, resgato o fio da meada dizendo que Zélia, ao resgatar o fio de sua meada deixado em livro – algo que faz constantemente em seus livros –, reforça uma característica sua de cuidado com quem a lê e de proximidade com suas leitoras e leitores.

Sua linguagem muitas vezes coloquial, como quando fala “sem essa nem mais aquela” para mostrar como se deu sua saída da França, se assemelha a uma “conversa de comadres”, é como se estivéssemos a seu lado ouvindo o que lhe ocorreu. Contudo, sua maneira de narrar em nada tira a seriedade, a profundidade e a relevância de seus relatos.

Em um pequeno trecho, ela resgata duas de suas obras, *Um chapéu para viagem* e *Senhora dona do baile*, para, finalmente, iniciar a escrita de sua jornada nos anos de exílio na então União Soviética, amplamente desenvolvida em *Jardim de Inverno*.

A autora descreve seu novo chão a partir do outro, dos novos personagens

que dividirão a vida e a obra com ela. Por esse outro, Zélia adverte o que viria a ser os anos de exílio em Dobris para ela: um período de contradições, dúvidas e sectarismo acerca do novo regime político implantado e disseminado pelo Leste Europeu no pós-Guerra.

Ao longe avistei pane Marie [...]. Sorridente ela se aproximava [...] lépida para seus oitenta anos confessados [...]. Pelo formato do embrulho, deduzi tratar-se do retrato emoldurado da Princesa Colorado Mansfeld, ex-proprietária do castelo de Dobris [...].

Na véspera, pane Marie se referira a ela [...].

Lavadeira da princesa, de antiga e estreita intimidade com as finas lingerie da patroa, *pane Marie* merecera não apenas uma cópia do retrato emoldurado como também, oh, suprema honra!, dedicatória de próprio punho [...].

Os Príncipes Colorado Mansfield haviam dividido as habitações do castelo com os invasores nazistas durante a ocupação na Tchecoslováquia, mas não se dispuseram a compartilhá-lo com os novos intrusos. O governo socialista destinara aos escritores o belo *zámek* [...]. Inconformados [...] os príncipes preferiram partir. (Gattai, 1988, p. 14-16).

O chão que Zélia habitaria era um castelo (*zámek*) que pertenceu a príncipes e princesas. Na tonalidade de sua fala, a autora deixa aflorar uma crítica aos proprietários que dividiram o espaço com nazistas, mas preferiram não fazê-lo com comunistas. Marie, a fiel empregada da princesa, tão submissa em sua função de lavar as roupas íntimas da moça, alegrou-se com o presente que ganhara, um retrato da própria princesa com sua assinatura.

Tal passagem faz evocar o filme *Que horas ela volta?*<sup>25</sup> (2015), no qual a empregada se sentia parte da família, amava o mimado filho da patroa, porém o seu lugar de submissão e de não pertencimento àquela classe social era sempre reforçado. Zélia denuncia sutilmente, quando diz “Oh, suprema honra!”, esse abuso da exploração do homem pelo homem, o que teoricamente era combatido pelo regime no qual estava imersa naquele momento.

Palmilhando seu novo chão e demarcando a passagem do tempo pelas estações do ano, Gattai também registra a tristeza e a angústia que sentia, ainda mais longe de sua terra Natal, longe de sua casa e, agora, em uma “casa” ainda mais *sui generis* do que o quarto do hotel *Saint Michel*: um castelo dividido com tantas outras pessoas também exiladas e que não tinham para onde ir.

Partindo mais uma vez de seu próprio mundo para narrar o entorno, como as andanças com o filho, Gattai apresenta a decoração do castelo, ambientando-nos espacialmente, bem como por suas sensações:

Nas andanças com João Jorge por ali tudo, fui tomando intimidade com o castelo,

---

<sup>25</sup> Escrito e dirigido por Anna Muylaert.

descobrimos seus segredos, seus meandros; já identificava seus habitantes, conhecia mais de perto a cidade.

Certa manhã, ainda no final do outono, nos deparamos com uma grande movimentação no jardim, homens carregando tábuas, munidos de martelos e pregos, pregavam as tábuas em torno das esculturas de pedra que enfeitavam o jardim.

Em três tempos, o enorme touro atacado por cães, os cavalos, a figura de Hércules desapareceram [...].

De repente, tudo ficou triste e desolador com aqueles monstros levantados em meio aos canteiros [...] providência tomada a fim de evitar rachaduras nas esculturas decorrentes do frio. (Gattai, 1988, p. 13-14).

“Triste e desolador” era também seu estado de espírito, como ela descreve no trecho a seguir. No mesmo fragmento, ela cita o jardim de inverno do castelo, que dá nome a seu livro, lugar que para ela era um refúgio, fonte de alimento, mas que remetia também à escassez e à solidão:

Ao voltar dos passeios no bosque, eu costumava passar pelo jardim de inverno e pela estufa... Acompanhava com maior interesse o crescimento lento dos legumes. Ai que desespero! Como demoravam a tomar corpo as cenouras, os nabos e os rabanetes [...]. Algumas vezes eu perdia a paciência e tentava convencer o jardineiro a arrancar os legumes da terra antes de estarem completamente formados. Jamais consegui demover o testarudo de seu princípio: tudo tem seu tempo certo. O jeito era me resignar, e eu me resignava.

Não somente o interesse de acompanhar o desabrochar das flores e o crescimento dos legumes me levava com certa constância às plantações de *pan* Hruby. Lá dentro, abafada pela ausência do ar puro, em meio a flores se abrindo no calor artificial, eu imaginava coisas, sonhava, procurava me encontrar. Aconteceu mesmo ocorrer-me um dia a ideia de comparar o nosso exílio a um cativeiro, imenso e abafado jardim de inverno. Voltar para nosso país seria a melhor coisa do mundo, claro que seria. Mas, naquela ocasião, o Brasil não era um fresco jardim. Longe disso.

Essas reflexões só podiam ter uma explicação: saudades, saudades imensas de meu filho que ficara no Brasil, saudades de minha gente, de minha terra (Gattai, 1988, p. 20-21).

Antes de prosseguir, faço uma reflexão acerca da característica também poética e da obra de Gattai, para além dos registros da memória. Jardim de Inverno é o nome do livro e este nome aparece em dois contextos distintos já mencionados. No primeiro, Jardin d’Hiver aparece como um lugar de reparação de uma injustiça, onde Jorge Amado recebera o grau de Comendador pelo presidente da França em reparação ao que lhe ocorrera quase trinta anos antes.

No segundo caso, o termo “jardim de inverno” aparece como o lugar que frequentava enquanto esteve exilada, uma espécie de chão seu, onde lá fazia reflexões sobre sua situação e, certa vez, comparou seu exílio a um abafado jardim de inverno.

Juntando duas sensações, duas emoções antagônicas: a de libertação e a de reclusão, ela dá o título do seu livro aludindo ao que tantas vezes foi a sua vida,



alternando momentos de grande privação com vivências riquíssimas e cheias de afeto.

Naquela época, logo após a Segunda Guerra, bem como com as sanções feitas pelos países capitalistas aos países do bloco socialista, “havia falta de tudo” (Gattai, 1988, p. 19), relata a autora. Preocupada com a alimentação do filho e do marido – igual preocupação, ambas afligiam Zélia –, ela se esforçava para conseguir alimentos. O termo “resignada”, que utiliza para falar da espera pelos legumes, ganha amplitude frente ao que ela viveu neste período, quando tantas vezes foi preciso resignar-se.

Resignada também teve que ficar ao deixar o filho com o ex-marido, pois não havia uma lei que amparasse a mãe desquitada. Resignada ao deixar o Brasil. Resignada ao ter de deixar a França. Porém, o adjetivo “resignada” não é algo que defina Zélia Gattai. Na citação, vê-se o inconformismo e a tentativa de conseguir o que almejava, que eram os legumes. Mas não só. Zélia fez escolhas que a colocam bem distantes de uma mulher resignada, ainda que precisasse, por muitas vezes, perder batalhas, mas não a guerra.

Além das dificuldades inerentes às adaptações com a mudança, bem como com as condições econômicas e políticas de onde se encontrava, Zélia ainda perdeu o apoio de Misette. Inicialmente ela fora babá de João Jorge e era quem dividia com Zélia os cuidados com o menino. O pai, pelos relatos de Zélia, não participava dos trabalhos com a criança.

Zélia nunca apontou em sua obra uma crítica a Jorge por todo o trabalho doméstico recair sobre ela, porém, não se furtou a apontar seu desgaste com as atribuições com as quais precisou lidar sozinha, sem rede de apoio familiar.

O outono partira, o inverno chegara, a neve caía e cadê o visto de Misette? [...] No silêncio do castelo imenso e deserto [...] Jorge começara a escrever um romance [...].

Tratei logo de conseguir uma máquina de escrever, indispensável para o meu trabalho de passar a limpo e tirar cópias dos originais do livro [...]. O pior é que eu só podia trabalhar à noite, depois de adormecer João, já cansada de correr atrás dele o dia todo.

Misette me fazia falta, e enquanto ela não chegasse eu teria que me virar sozinha. Chovesse ou fizesse sol – e fazia muito frio no início daquele inverno – eu pulava da cama ao primeiro resmungo do meu filho [...]. Rápida [...] saíamos do quarto num passo de gato, evitando fazer barulho para não despertar o pai. (Gattai, 1988, p. 13).

Misette jamais conseguiu o visto para sair da França e ir morar com Zélia, Jorge e João em Dobris. A autora é bem clara ao dizer que “teria que se virar sozinha” – como acontece com muitas mães – bem como ao dizer o quanto se

preocupava em não atrapalhar o pai da criança em seu sossego. O que se vê é mais um exemplo típico de como pai e mãe são posicionados dentro das relações. Ser pai é uma escolha, ser mãe é uma obrigação.

Além dos cuidados com a criança, Zélia acumulava o próprio trabalho com o trabalho do marido. Datilógrafa de seus originais, a autora tinha tripla jornada de trabalho, tendo somente a noite para trabalhar para Jorge Amado, já que durante o dia trabalhava para a preservação da família, ou seja, cuidava de João Jorge.

O novo chão de Gattai era compartilhado e, portanto, muitas pessoas passavam por lá ou mesmo viviam lá. As novas amizades e os afetos se multiplicaram em Dobris. Seus relatos trazem histórias particulares de escritores, artistas e anônimos que dividiam com Zélia a angústia do exílio e, assim como ela, precisaram fazer de Dobris seus novos lares.

Seu novo chão, ainda que compartilhado, desenvolvia sua rotina, seus costumes, formava-se uma grande família.

Ninguém trabalhava nos finais de semana. Nem Jorge, nem os escritores que se encontravam escrevendo no castelo. Nem Jan Drda - Presidente da União dos Escritores Tchecos -, empenhado na ocasião em começar um romance. Nesses dois dias, a monotonia era quebrada com o movimento de hóspedes chegando: escritores com suas famílias, artistas de cinema e homens de governo. Um dos frequentadores do castelo era o Primeiro-Ministro Antonín Zápotocký, anos mais tarde eleito presidente da república [...] se jogavam em partidas de baralho, se faziam competições de mímica, conversava-se [...]. (Gattai, 1988, p. 25).

Didi-Huberman, em seu livro *Os levantes* (2017), afirma que a perda é a principal força motriz de um levante. Ela é capaz de promover um luto coletivo que une as pessoas pela solidariedade por sentirem a mesma dor. Trazendo esta teoria como metáfora de análise da convivência em Dobris, percebe-se que as pessoas com a mesma dor – a dor do exílio – são capazes de se organizar em sociedade e construir afetos que permitam amenizar o sofrimento.

As pessoas conseguem se divertir em meio ao luto, em meio à incerteza de futuro, em meio à saudade de casa. Como Gattai conta, das partidas de baralho, das conversas e dos jogos de mímica. De alguma forma, são também “levantes”, uma forma de resistir e não sucumbir ao sofrimento da injustiça cometida contra eles.

Zélia parte do afeto para abordar em seu livro uma forma de reparo da imagem de pessoas que se tornaram queridas para ela, o caso de Arthur London e Lise. Sobre London ela também fala em *Chão de meninos*, ao contar da decepção que teve com o Partido após as revelações de Nikita Kruchov acerca dos crimes de Stálin.

Em *Jardim de inverno*, a autora traz mais um pouco da intimidade do casal Lise e Arthur London e do sofrimento de ambos pela subversividade na Guerra Civil espanhola, bem como pela perseguição que sofreram por muitos anos por sua ideologia política. Arthur e Lise London também eram frequentadores do chão de exílio de Zelia.

Vez ou outra aparecia ainda um casal de amigos, o Vice-Ministro das Relações Exteriores, Arthur London, e Lise, sua mulher, com dois filhos menores. Arthur era conhecido por Gerard, nome de guerra adotado na clandestinidade, durante a resistência à ocupação nazista na França. Filha de espanhóis, francesa de nascimento, Lise também lutara como resistente, terminando, ela e o marido prisioneiros dos nazistas e deportados para os campos de concentração. Soldados na Guerra Civil da Espanha, desencadeada em julho de 1936, o casal lutara contra Francisco Franco e seus aliados Hitler e Mussolini, tinha muito o que contar, guardava recordações ainda vivas dos momentos de entusiasmo e também de grande tristeza no final.

O fuzilamento de Frederico García Lorca, por um pelotão das tropas franquistas, logo no início do conflito – em agosto de 1936 –, comoveu o mundo, causou revolta, provocou protestos veementes. Insuportável admitir o assassinato do grande poeta, insuportável ver a Espanha transformada em campos de experiência nazista [...] bombardeios e destruição de cidades, Guernica, por exemplo, arrasada pela aviação alemã a 16 de Abril de 1937 e sua população massacrada.

Brigadas internacionais foram organizadas, integradas por voluntários do mundo inteiro. Homens e mulheres partiram para as trincheiras da Espanha, Arthur e Lise London entre eles. Poetas e escritores como Pablo Neruda – na época, Neruda era diplomata na Espanha, vivia em Madri –, Raúl González [...] Ilya Ehreburg, Ernest Hemingway [...] Saint-Exupéry [...] e muitos outros engajaram-se na defesa da República Espanhola. No Brasil, em São Paulo, eu não perdia o programa de rádio transmitido diariamente ao meio-dia, dedicado à Guerra Civil da Espanha, e muitas vezes ouvi emocionada, lágrimas nos olhos, crônicas e poemas escritos por esses homens admiráveis.

Naquela época eu não ia nunca imaginar que um dia Ilya Ehreburg e Pablo Neruda viessem a ser meus amigos, meus compadres, padrinhos de meus filhos. (Gattai, 1988, p. 25-26).

Após narrar um trecho da história mundial, a autora centraliza a partir de si o fato narrado. Comum em sua escrita, cita o mundo ao falar de si. Conforme afirma Diana Klinger em *Escritas de si e escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica* (2007), escrever sobre a sua vida é também falar da vida de alguém.

Klinger cita Silviano Santiago que afirma que a escrita autobiográfica pós ditadura militar deveria ser analisada sob a ótica do depoimento, sendo imprescindível observar a “garantia da experiência do corpo-vivo que está por detrás” (Santiago, 2002, p. 36 *apud* Klinger, 2012, p. 24). Assim se dá a escrita de Gattai. Iniciada em 1979, provavelmente influenciada pelo contexto literário de escritas memorialistas, a autora encontrou uma via para deixar registrados fatos, a partir da sua intimidade, da sua vida e da vida, que, sabia, tinha um grande valor para estudos futuros.

Na citação, Zélia resgata Lise, London, Neruda, Ernest Hemingway, Saint-Exupéry e narra, ainda, a tragédia com Federico García Lorca, fazendo de sua literatura um lugar também de preservação da memória, um lugar de reparação e de resistência ao esquecimento.

Neste subcapítulo 3.2, concentrar-me-ei no que de mais relevante considero no livro *Jardim de inverno*: a revisão literária da obra de Gattai sobre temas políticos abordados pela autora. Penso que foi este o legado principal que ela pretendeu deixar neste livro, pois são muitos os relatos em que ela registra seus incômodos, mas deixa claro que, à época, ainda encantada com o socialismo, não o criticava:

E Misette? [...] Jamais imaginávamos que fosse tão difícil e complicado conseguir-lhe o visto. Perguntávamos [...]. Tínhamos a impressão, quase certeza, de que as pessoas não queriam se envolver no assunto [...] Medo de quê, meu Deus do céu? Decidimos não perguntar mais nada, não criar constrangimentos (Gattai, 1988, p. 33).

Por ser francesa, certamente Misette era uma *persona non grata* na Tchecoslováquia naquela época, mas Zélia não podia admitir para si que enfrentava outra ditadura quando imaginou um mundo de liberdades para os homens em um regime do povo.

Lojas vazias de mercadorias, vitrines também vazias, apenas decoradas com bandeiras e retratos de líderes. O povo resmungando nas filas intermináveis [...]. Buscávamos explicações para as dificuldades da vida na Tchecoslováquia, para a situação aflitiva em que o povo vivia, sofriamos sem nos queixar nem criticar... buscávamos e encontrávamos explicações. O país sofrera o peso da guerra e da ocupação nazista [...]. Mas a França também acabara de sair da guerra e da ocupação nazista e, no entanto, lá encontrava-se de tudo. Em troca, argumentávamos, a França não realizava uma transformação política e social profunda como acontecia na Tchecoslováquia, que escolhera a via do desenvolvimento socialista. Era preciso analisar a situação à luz dos interesses da classe trabalhadora e compreender que a construção de uma sociedade justa exigia sacrifícios. Fazia-se necessário, pois, ter compreensão e paciência, sobretudo muita paciência, e colaborar com o governo, pois não tardaria a chegar o dia da recompensa: em vez de carência haveria fartura, abundância para todo o povo. Em lugar de constrangimento e medo, haveria descontração e liberdade total, assim como deve existir num regime socialista. Convencidos, íamos em frente (Gattai, 1988, p. 44).

A consciência crítica indagava as contradições. Contudo, seu sectarismo à época não permitiu que titubeasse em sua ideologia, além do medo de falar em tempos de ameaças ditatoriais.

Tempos depois, mais amadurecida politicamente e com mais informações do que de fato ocorria enquanto estava morando na URSS, a autora encontrou na literatura uma forma de denunciar o que aconteceu ao povo soviético, o que afligia

o dia a dia daquelas pessoas. A carência de produtos, as dificuldades e a doutrinação imposta de forma quase coercitiva, com bandeiras de líderes ditadores. O medo, a desconfiança, a censura já rondavam a população, mas Gattai só admitiu o que percebia tempos depois.

A corrupção já estava clara, a desigualdade de oportunidades entre os políticos e o povo era alarmantes, porém o povo já estava coagido. O fato é que o sistema ditatorial se impõe de forma rápida. “Organiza” opressores e oprimidos dando a cada um direitos e deveres de modo a não se discutir, pois as consequências, ainda que parcialmente veladas neste período, vêm.

O casal Gattai-Amado foi roubado pelo governo Tcheco, mas tiveram de aceitar. Não sem que Zélia contestasse. Seu perfil inconformado não a deixava resignar-se antes de tentar outra opção.

Para não dizer que só havia lojas vazias em Praga, havia uma, e essa muito grande, a Darex, sortida do bom e do melhor. Lá podiam-se encontrar: verduras, legumes e frutas [...] licores e vinhos [...] tecidos, confecções, [...] e até automóveis. Nessa loja, no entanto, só se podia comprar com cupons especiais, aos quais tinham acesso apenas as altas autoridades do governo e do Partido, e quem possuísse divisas. Por isso, os mais assíduos fregueses, além dos governantes, eram os diplomatas.

[...] Jorge não tinha, no entanto, o direito ao privilégio de comprar na Darex, pois recebia em coroas e não em divisas...

Certa vez chegou um aviso bancário: havia dólares para Jorge, enviados por uma editora da Áustria que publicara *Terras do Sem Fim*. Pulei de contente: “Agora, sim, vamos receber os cupons Darex.” Mas, conversão feita, o banco pagou a Jorge em coroas [...]. Jorge reclamou. Afinal de contas, as divisas haviam entrado no país [...] “O Estado precisa de divisas [...]”, declarou o funcionário encerrando o assunto.

Desapontados, abrimos com Kuchválek (amigo e tradutor de Jorge e Zélia em algumas viagens), relatando-lhe as nossas dificuldades. Kuchválek, prudente, mostrou-se reticente [...] “é preciso ter paciência [...] isso é uma questão de consciência política [...] eu a conhecia [a autora se refere à frase “é uma questão de...”] de longa data, ela servia de rolha para tapar a boca dos comunistas que se atreviam a expor suas razões e a discutir resoluções (Gattai, 1988, p. 45-46).

Criticar, naquela época, tanto poderia ser uma ameaça como esboçar falta de consciência política e falta de engajamento com a causa em questão. Apesar do seu sectarismo declarado à época, Zélia parecia exercer um pensamento crítico sobre o que ocorria em seu entorno.

Com uma vida toda inserida nos movimentos de esquerda no Brasil e participando das manifestações do Partido, a autora conhecia seus meandros, as formas de comandar e de obter a fidelidade de seus membros.

A criação anarquista que recebeu de seus pais, ainda que com todo o machismo que incidiu sobre ela, como o fato de não ter podido continuar os estudos, influenciou Zélia ao livre pensar, a questionar e a fazer suas escolhas,

por mais difíceis que fossem. O pensamento em sua casa era livre, os assuntos eram debatidos e sua mãe parecia ser uma mulher bastante lúcida a seu tempo.

A decisão de ter iniciado sua escrita somente aos sessenta e três anos, em 1979, quando já estava estabelecida em sua casa na Bahia, quando o país já não cassava mais os comunistas, quando não havia mais censura sobre os subversivos, parece a mim também uma escolha bastante consciente. A autora sabia que tinha muito a contar e contou, quando, provavelmente, sentiu-se livre para isso.

A escrita tardia de Gattai tem outro ponto relevante: o distanciamento do fato vivido, podendo ser escrito com o tempo necessário para que se percebesse o desenrolar das ações do momento, com uma visão, talvez, menos apaixonada e mais realista do que aconteceu. Mesmo buscando trazer as emoções do momento vivido, buscando demonstrar as dúvidas e contradições que percebia acerca do comunismo, por exemplo, é relevante registrar a construção do pensamento de Zélia a partir do vivido, de como ela amadureceu seu pensamento e suas críticas com o passar dos anos.

Falando sobre o caso dos dólares que foram para o governo que “precisava de divisas”, ela comemora a sua vitória parcial:

Ninguém está criticando o governo, Kuchválek, pode ser muito bem que um funcionário do banco, um espertinho, tenha desviado os cupons para seu bolso [...]. Ou aqui é terra de santo? [...]. Protestar, alertar contra o que está errado, mesmo as coisas pequenas, meu amigo, é uma forma de ajudar o governo... Certamente impressionado com meu discurso, Kuchválek nos aconselhou a levar o caso à União dos Escritores [...]. O assunto, estudado durante semanas, foi resolvido: deram-nos, por muito favor, cinquenta por cento do valor da remessa em cupons Darex, o que considerei uma vitória (Gattai, 1988, p. 46).

A cultura na então URSS também sofria séria censura, a literatura tinha que ser engajada com as causas do Partido. Esposa de um escritor, tendo sua renda advinda exclusivamente da literatura de Jorge Amado neste período, Zélia vivenciou mais uma vez a violência ideológica cultural de um regime ditador. Se, no Brasil, os livros de Jorge foram censurados pela extrema direita, também eles o foram pela extrema esquerda na antiga URSS.

Vivíamos num tempo em que a literatura e a arte nos países socialistas eram dirigidas e orientadas por uma ideologia dogmática, coincidente com o stalinismo que as limitava ao impor-lhes regras políticas e morais. O resultado foi uma literatura e uma arte reduzidas em sua força criadora, literatura e arte anêmicas, posta a serviço da política dos partidos comunistas no poder. Era a época das teorias

Jdanov<sup>26</sup>, sobre o realismo socialista e o formalismo. Uma literatura insípida e uma arte acadêmica ganharam foros de literatura e arte revolucionárias, tudo o mais era objeto de crítica violenta e de censura rígida.

O amor, ora, o amor! Coisa secundária com a qual não se devia perder tempo. Sexo? Nem falar! [...]. O patrulhamento ideológico, naquele tempo, adquiria aspectos cruéis e revoltantes: denúncias, proibições de livros, de músicas, de filmes, o silêncio imposto a muitos criadores. Esses “linhas-duras” medíocres, em geral faltos de talento, conseguiam assim manter-se em posições de comando à frente de uniões de escritores, de editoras, dos teatros, das produtoras de filmes. Os livros de Jorge não escapavam à tesoura e ao remanejamento. Ainda assim, sobrava o que ler um sopro de vida [...] mesmo podados, representavam uma abertura [...]. (Gattai, 1988, p. 46-47).

A autora faz na citação uma crítica contundente aos regimes ditatoriais de esquerda da época, isenta de passionalidade partidária. Mais uma vez, ela narra a partir de seu próprio universo – a censura das obras de Jorge – para denunciar injustiças na esfera política mundial. Utiliza sua linguagem intimista com traços da oralidade – “O amor, ora, o amor! Coisa secundária com a qual não se devia perder tempo. Sexo? Nem falar!” – o que torna a verve de sua experiência ainda mais sensível à leitora.

Zélia avança no tempo da narrativa para trazer um reconhecimento importante e bonito das obras de seu marido:

Em 1968, Jorge recebeu na Bahia uma visita inesperada. O cineasta Roman Polanski, de passagem pelo Rio de Janeiro, fez-lhe saber que gostaria de visitá-lo. Tomou um avião para Salvador [...] direto para a casa da rua Alagoinhas, onde o esperávamos [...].

Viera à Bahia, disse Polanski, para agradecer a Jorge Amado o prazer que a leitura de seus livros lhe havia proporcionado quando ele era um jovem em começo de carreira, na Polônia. Explicou que, dos livros estrangeiros traduzidos para o polonês, naquela época, os de Jorge eram dos raros que tinham algo a lhe dizer. Despediu-se, voltou em seguida para o Rio, viajava à noite para os Estados Unidos (Gattai, 1988, p. 47-48).

Essa passagem sensível traduz a resistência da literatura em momentos sombrios e de como ela pode influenciar pessoas e contribuir, ainda que minimamente, para a formação das pessoas. Reitero ainda a relevância da literatura memorialista, que permite que se tome conhecimento de fatos aparentemente banais, mas cuja simbologia é bastante contundente.

Da visita de Polanski, Paloma Gattai traz uma lembrança tão interessante quanto divertida. Nesse dia ela não estava na Casa do Rio Vermelho, mas conversou com sua mãe por telefone logo após o cineasta ter ido embora.

---

<sup>26</sup> Presidente do Partido Comunista da União Soviética que defendia uma arte voltada para a política e para as ideologias partidárias.

À noite, conversando com sua mãe, Paloma perguntou-lhe como havia sido a visita. Zélia disse que havia sido ótima, que Jorge e Polanski conversaram bastante e que ele não havia ido sozinho. Curiosa, Paloma quis saber quem era o rapaz que acompanhava o cineasta. Zélia disse que se tratava de um ator desconhecido, a quem ela dera o apelido de chapeleiro, porque não tirava o chapéu. Deixou-o aos cuidados de Zuka – o jardineiro –, enquanto ela e Jorge ciceroneavam Roman Polanski.

“Mamãe, e a senhora sabe o nome dele? Sei sim, minha filha, vou te dizer: Jack Nicholson.” (Amado, 2022). Paloma se assustou. Disse para a mãe que Jack Nicholson era um ator muito famoso. Zélia, que, segundo Paloma, só considerava famoso quem ela própria conhecia, disse que a filha estava de gozação com ela. E foi assim que Jack Nicholson passou incólume pela Casa do Rio Vermelho.

A autora retoma à época do exílio, que segue deixando rastro de denúncia. Desta vez, comenta de um costureiro que procurou em Praga. Homem de pouca conversa, preferia não falar de como sua vida foi transformada pelo novo regime.

Trabalhava pouco ultimamente, cada vez menos: “Não tenho auxiliares e os vestidos que saem de minhas mãos são desenhados, cortados, provados, costurados e arrematados por mim.” [...] Ele podia, dentro do novo regime, trabalhar por conta própria sem, no entanto, dispor de assalariados, não tinha o direito à “exploração do homem pelo homem”. Falava com voz neutra, sua explicação não deixava transparecer desgosto ou queixa.

Suas clientes, as grandes clientes, princesas, marquesas e damas da alta sociedade que pagavam o que ele pedia, haviam partido para outras plagas – França, Itália, Suíça, talvez o Brasil – em busca de pouso seguro, de garantia para suas fortunas [...] ele não quis deixar o país mas, sobretudo, não quis abandonar o belo apartamento que comprara com dinheiro de seu trabalho [...]. O costureiro era um homem triste, porém, **suponho**, cheio de esperanças (Gattai, 1988, p. 82, grifo nosso).

O registro *in loco* é da nova forma de trabalho que se deu naquela época. As pessoas não podiam ter funcionários assalariados, não poderia haver a “exploração do homem pelo homem”, conforme advoga o marxismo. O maior assombro para o capitalismo, isto é, não poder gerar empregos, era atestado por Gattai.

Ela, nesta passagem, não faz uma crítica ao costureiro, mas faz uma ironia com suas antigas clientes que buscavam “pouso seguro, de garantia para suas fortunas [...]” (Gattai, 1988, p. 82). Para o costureiro, ao contrário, confere-lhe a esperança que ela mesma tinha no regime, ainda que o percebesse triste. Ao usar a palavra “suponho”, ela empresta para ele o seu próprio sonho, o de que o comunismo fosse um regime mais justo para as pessoas.

Esses relatos das dificuldades pelas quais muitas pessoas passavam



permeiam todo o livro *Jardim de inverno*. Anônimos, como o costureiro, famosos como o próprio Jorge Amado, dentre tantos outros, como poeta haitiano René Depreste cuja família também fora expulsa da França e enfrentava um mal momento na então Europa Oriental.

Depreste fora expulso da França com sua mulher, Edith, judia romena... vítimas como nós, Neruda e tantos outros amigos, da guerra-fria, do macarthismo [...]. A situação do casal, em Praga, não era das mais brilhantes... passavam dificuldades, mal alojados, sem a mínima condição de trabalho [...] a situação política na Tchecoslováquia andava meio confusa, sentia-se no ar que as coisas não marchavam bem. Um clima angustiante, as pessoas não respondiam às nossas indagações, ninguém queria se comprometer [...]. Mesmo Drda, que sempre fora tão exuberante [...] já não ria as gostosas gargalhadas habituais (Gattai, 1988, p. 100-102).

A linguagem de Zélia é majoritariamente a do afeto. Traço marcante da sua Escrita Feminina, uma escrita traçada pela via da sensibilidade, dos detalhes percebido por mulheres que são acostumadas a cuidar e a dar amor para os seus. Esse traço feminino é muito marcante na escrita de Zélia. Quando lamenta que as risadas gostosas de Jean Drda não aconteciam mais, reforça a seriedade de sua percepção sobre o clima que pairava naquela época e sobre o sofrimento do poeta René Depreste e de sua família.

Ainda que tais características atribuídas às mulheres de certa forma engessassem sua escrita, como se “uma escrita prescritiva para a feminilidade, no qual as mulheres não são ativas, mas fracas, obedientes, agradáveis e desveladas” (Kress; Hodge, 1979 *apud* Nye, 1995), a escrita pela via do afeto de Zélia Gattai desliza de um lugar supostamente frágil e passivo, para dizer de uma forma tão mais suave quanto mais persuasiva dos absurdos que testemunhava e os quais pretendia denunciar para o mundo.

Em alguns momentos, essa linguagem afetiva pode remeter a alguém que fala baixo, alguém oprimido, mas, no caso de Gattai; ela e outras escritoras, como Virgínia Woolf, em *Mrs. Dalloway* (1920), e Clarice Lispector, em *A paixão segundo G.H.* (1964), apropriaram-se de seu feminino para serem, a seu modo, incisivas, definitivas, subvertendo a linguagem para dizerem o que julgavam que precisava ser dito.

Woolf traz o conflito de uma mulher ocupada com uma festa que dará em sua casa, como se essa função fosse seu universo, até que um sentimento de paixão por um amor antigo invade esse chão, esse corpo de mulher. Já em *A paixão segundo G.H.*, Clarice utiliza a metáfora do quarto de empregada para falar dessa mulher ainda mais silenciada, que é a empregada doméstica, que “ousava” ser feliz.

Trago novamente para embasar Woolf, Lispector e, claro, Gattai, a fala de Cixous em seu livro *O riso da medusa* que diz: “É preciso que ela se escreva, porque é a invenção de uma escrita nova, rebelde que, quando chegar o momento da libertação, lhe permitirá realizar as rupturas e as transformações indispensáveis na história” (Cixous, 2022a).

Em *Jardim de inverno*, publicado somente em 1988, já tendo sido extinta a Ditadura Militar e quase findada a Guerra-Fria, Gattai pôde desabafar e delatar o que calou em si por tantos anos. Com um perfil inconformista e militante das causas que acreditava, fez de sua obra, dessa e das demais, seu grande gesto de subversão, de ruptura e, os estudos dessas obras podem e devem causar as transformações indispensáveis na história.

As ameaças chegavam ao casal Gattai-Amado vindas não só do lugar onde estavam, mas também do Brasil. A ditadura jdanovista sobre a literatura, exigindo o seu engajamento político partidário, se fazia saber no Brasil, e logo veio de lá uma ordem para que Jorge Amado entregasse os originais de seu próximo livro antes de publicá-lo.

Diógenes Arruda Câmara, de passagem por Praga [...]. Pediu a Jorge que, quando fôssemos ao seu encontro para conversar, levasse uma cópia dos originais do romance, para que o Partido lesse [...].

Membro do Bureau Político do Comitê Central do Partido Comunista Brasileiro, Arruda Câmara exercia, em realidade, o comando do Partido, em lugar do secretário-geral, Luiz Carlos Prestes, que se encontrava isolado, em completa ilegalidade [...].

A direção do Partido, ciosa das teorias de Jdanov queria opinar sobre o livro de Jorge, antes que fosse publicado, explicou o dirigente.

[...] Arruda nos levou para o canto do bar...

Assumindo um ar solene, Arruda Câmara foi direto ao assunto, ditando diretivas: a situação da Tchecoslováquia era muito grave, e nós, brasileiros, hóspedes do governo, não devíamos interferir em nada, nada de fazer perguntas, menos ainda dar palpites [...].

Arruda partira levando os originais, deixando uma recomendação: “Antes que o Partido opine, você não deve publicar esse livro.

Levou dois anos para devolvê-lo, o manuscrito passara de mão em mão, entre os dirigentes, inclusive de Prestes. Jorge recebeu os originais cheios de anotações [...]

“cortar este parágrafo inteiro [...] cortar os palavrões [...] excesso de putaria...”

Jorge não levou em consideração a opinião do nosso Jdanov tupiniquim, não tirou uma vírgula sequer... Tempos depois recebeu um recado de Prestes [...]. Prestes

lera o romance, gostara e, a seu ver, Jorge não devia tirar nem acrescentar nada.

Sua opinião pessoal era a de que o Partido não podia intervir no trabalho literário de um escritor (Gattai, 1988, p. 102-104).

É interessante observar o conservadorismo nos partidos de esquerda. É contraditório, e chega a ser assustador, quando as manifestações vindas da esquerda se assemelham ao moralismo da extrema direita, e tal ignorância torna o partido incapaz de entender o lugar de liberdade da arte.

Fato semelhante aconteceu recentemente no Brasil, quando a exposição *Queermuseu* (2017) foi cancelada em Porto Alegre por uma série de manifestações vindas de partidos da extrema direita e de civis que se sentiram agredidos com a temática LGBTQ+ abordada pela mostra.

Em ambos os casos, exemplos de intolerância à liberdade artística: no primeiro, fruto de uma ditadura que exigia um engajamento das manifestações culturais; no segundo, um retrato da exigência de um comportamento padrão heteronormativo da sociedade, cujo preconceito homofóbico foi capaz de impedir uma exposição artística.

A angústia de Zélia se confirmava genuína com as ordens de Arruda. O que ela idealizara como sendo um lugar de liberdade e igualdade entre os povos, mostrava-se um ambiente intolerante e de medo.

É coisa sabida que, dentro da organização dos partidos comunistas, existe um dogma fundamental, chamado disciplina partidária, exultante, segundo os dirigentes, da consciência política dos militantes. A disciplina partidária impede que os comunistas discutam e desaprovem as resoluções tomadas pelo Partido; menos ainda por um partido estrangeiro! (Gattai, 1988, p. 115-116).

A autora afirma algo sobre o Partido, agora, sem medo das consequências, já que em 1988 tais ameaças, fossem de que lado fossem – esquerda ou direita – haviam cessado. Ela demonstra certa indignação na época, mesmo que precisasse obedecer às ordens do Partido.

Registra o exemplo de quando estava prestes a dar à luz à Paloma, e seu marido foi convocado para acompanhar Anita Leocádia ao Festival da Juventude em Berlim:

Zélia está pra ter menino de um momento para outro [...] [disse Jorge].

Arruda não deixou que ele continuasse:

— E é você, por acaso, quem vai fazer o parto?... Zélia é suficientemente capaz de procurar o hospital quando chegar a hora [...].

— Vocês é quem sabem... [disse Zélia].

— Isso, assim que eu gosto! [disse Arruda] Consciência política! Não fosse você filha do Gattai!

[...] Jorge ainda discutiu, não ficaria tranquilo me deixando só, principalmente naquele mês de agosto, quando todo mundo saía de férias; não havia em Praga um amigo sequer a quem recorrer.

— Precisamos ter espírito partidário, meu velho! (Gattai, 1988, p.130).

Não havia o respeito à individualidade dos membros do Partido. As pessoas eram como máquinas, precisavam trabalhar por uma causa. Esses registros de abusos contra seus membros também estão representados na autobiografia de Patrícia Galvão, a Pagu (2018), contra quem o PCB foi cruel, obrigando-a,

inclusive, a abandonar filho e marido, caso quisesse militar pelo Partido, e levando-a a sofrer um deslocamento de útero com trabalhos pesados.

Porém, Gattai faz questão de registrar a sua independência, demonstrando, mais uma vez, a incapacidade de capturá-la em rótulos. Embora sectária por muitos anos, admiradora incondicional de Stálin por muito tempo, ela não se permitiu ser capturada pela instituição partidária à qual serviu muitas vezes: “Embora eu me mantivesse muitas vezes ao lado do Partido Comunista, entusiasta e fiel, apoiando-o e defendendo-o sem medir sacrifícios, nunca, no entanto, a ele me filiei [...] guardei sempre minha independência” (Gattai, 1988, p. 116).

Ao contrário do marido, aliás, dos dois homens com quem foi casada, ambos membros do Partido Comunista do Brasil, Zélia Gattai sempre se manteve fiel ao que acreditava, e uma de suas crenças era em sua liberdade e seu livre pensar. Ainda que tenha se deixado influenciar pela ideologia, isto ela o fez – era “[...] admiradora de Stalin de toda a vida, jamais me ocorreria a ideia de envolver o nosso ‘guia genial’ nas confusões que se davam na Tchecoslováquia” (Gattai, 1988, p. 118) –, tal feito fazia parte de sua liberdade, era uma escolha dela.

A intelectualidade de Zélia Gattai passa também por essa liberdade a que se refere e cultua. Passa por poder escrever sobre o que desejasse sem temer censuras de ordem ideológica. No subcapítulo, que ela intitula *Resguardo com reflexões*, Gattai pondera os prós e os contras vividos por ela.

Na hora de pagar a conta [do parto], não havia conta a pagar. Tudo de graça: hospital, atendimento médico, remédios, enfim, todas as despesas hospitalares por conta da assistência social do Estado [...]. “Apenas, por serem estrangeiros, os senhores, simplesmente, não terão os benefícios, as vantagens de que gozam os cidadãos tchecos.” Explicou-me, então, que cada criança tcheca que nasce ganha do Estado um enxoval e um carrinho para passear e, além disso, os pais passam a receber uma ajuda mensal, uma pensão para as despesas da criança.

Nem tanto pelo dinheiro que íamos economizar quanto pela constatação na própria carne, como se costuma dizer, de um aspecto da realidade socialista que efetivamente beneficiava o povo, fiquei contentíssima.

Elogios e críticas se misturavam na percepção de Zélia durante o período em que viveu na URSS, deixando-a confusa, deixando-se enganar, mas também deixando-se perceber os benefícios de um regime político nunca experimentado por ela.

Estas constatações levavam-me a refletir, a pensar, obrigavam-me a fazer comparações, a raciocinar sobre os contrastes do regime: coisas tão boas ao lado de outras péssimas dominavam a vida quotidiana. Os acontecimentos políticos – perseguições, desconfianças, medo, falta de liberdade, prisões e os processos, condenações à morte – que estávamos testemunhando deixavam-me confusa e insegura. Ao mesmo tempo em que as conquistas de ordem social entusiasmavam-me, reforçando minha confiança no socialismo [...]. Eu chegara a ter medo de falar, de dizer o que pensava ... só não deixara de pensar [...] Quem é que podia mandar nos meus pensamentos? Claro que ninguém. Perguntava-me a todo momento: para se chegar no socialismo é necessário sofrer desse jeito? Passar por tantas restrições, perder a personalidade, pensar pela cabeça dos outros, abdicar da liberdade, amargar tanto? Essas ideias tomavam conta de mim sobretudo ao pensar

em Lise, despejada de sua casa com três filhos menores e os pais idosos., expulsa de seu trabalho na rádio para trabalhar de operária numa fábrica onde nem sequer poderia ser útil [...]. Tudo isso acrescido pela amargura de ver seu marido, seu amor, o companheiro de toda a vida e de tantas lutas, encarcerado, acusado de traidor[...]. Contra Artur London havia denúncias [...] somente muito mais tarde seria proclamada a sua inocência (Gattai, 1988, p. 136-138).

As amizades neste período são trazidas pela linguagem do afeto, com uma intensidade no narrar que se assemelha a uma conversa presencial com a leitora. Quando ela nos indaga: “Quem é que podia mandar nos meus pensamentos?”, ela, ao mesmo tempo, traz a leitora para perto de si, como cria uma linguagem imagética de uma conversa. Ela escreve como se fala no dia a dia.

O afeto de sua narrativa é trazido por lavras como “seu amor”, ao referir-se a Arthur London, de Lise. Ou mesmo quando fala da “amargura” que sofria a amiga Lise. Essa leitura nos aproxima das vivências de Zélia, não somente pela consciência, mas pela via das sensações e das emoções, algo que é muito particular à sua escrita de memórias. Por Gattai, o universo socialista pode ser observado factual e emocionalmente, em primeira pessoa, com uma linguagem tensionada pelo florescimento do que a afetava.

No decorrer de suas memórias, ela viaja ainda mais ao passado e traz as lembranças de seu pai, resgata seus fundamentos ideológicos da infância passados a ela por ele, alguém que ela tanto admirava. Na reflexão a seguir, influenciada, talvez, pela lembrança de seu Ernesto, a autora traz uma reflexão quase infantil, ingênua do socialismo que ela queria e precisava acreditar para se manter forte, para não se perder a memória de seu pai:

No meu entender, esses desmandos, esses crimes, nada tinham a ver com o regime socialista. O socialismo que eu aprendera a respeitar, desde criança, com meu pai, era outro, muito outro [...]. Meu pai me ensinara que sem liberdade o homem não pode viver. Não havia dúvida, os princípios do socialismo significavam um avanço na sociedade. Os homens que o aplicavam é que, muitas vezes, não estavam à altura [...] Não era preciso possuir conhecimentos teóricos do marxismo, bastava ter cabeça para pensar, olhos para ver e coração para sentir para se chegar à conclusão de que a ambição pessoal, a sede do poder, era responsável por tudo de ruim que acontecia (Gattai, 1988, p. 139).

Saio da rotina em *Dobris* para contar de uma importante viagem à China que Gattai fez antes de regressar ao Brasil. Viagem esta que suscita muitas discussões que vão desde questões de gênero – qual era seu dever como mãe e mulher – até questões políticas muito importantes que sucediam na China naquela época da pré-revolução cultural chinesa.

Ao contar desta viagem que fez com os amigos Nicolás Guillén e Rosa, sua

esposa, Zélia entremeia com outra viagem à China, feita em 1957, com Neruda e Matilde. Ambos os relatos são importantes, pois trazem uma experiência histórico/política daquele tempo. Optei por dividir os relatos desse “diário de bordo” da autora a partir da linguagem afetiva, segmentado por seus compadres: Nicolás e Neruda.

### 3.2.1 Viagem à China com Nicolás Guillén

Ao abordar esta viagem para a China, em 1952, traz-se um assunto muito impactante da vida de Zélia acerca de maternidade, bem como reafirma o perfil da autora, que era o de priorizar-se frente ao que fosse. Mesmo que, muitas vezes em sua obra, nos dê a entender que precisou resignar-se frente ao marido, entendo que isto era o ônus do bônus que era dividir a vida com ele. No livro *Senhora dona do baile*, sua dedicatória à Jorge Amado diz: “Para Jorge que me abriu as portas do mundo” (Gattai, 2009, p. 5).

O relato que veremos a seguir, da decisão de fazer uma viagem à China, suscita ainda que a preocupação com a criação dos filhos sempre foi uma responsabilidade de Zélia, da mulher, assim como ainda o é em muitas famílias.

Jorge veio direto do telefone. Emi Sião telefonara-lhe de Praga para anunciar que havia chegado, por seu intermédio, um convite para nós dois, da União do Escritores Chineses, visitarmos a China [...].

Desconcertado, ao ver que eu não saltava nem ria diante do “convite dos meus sonhos [...]” Jorge quis saber:

— Que é isso? Você ficou triste?

Amamentando uma criança de poucos meses, eu não podia nem sequer sonhar com viagens... Voz embargada, só consegui dizer:

— Você vai, eu fico...

Nicolás Guillén e Rosa, sua mulher, também convidados pelos Chineses, deviam chegar a Praga naquele mês de janeiro de 1952. Viajaríamos juntos. E as crianças? Interrogação sem resposta [...].

Comentávamos a situação que nos afligia, numa roda de amigos, quando Wally Cyvrna nos deu a solução: nos afligíamos por ignorar que existiam na Tchecoslováquia instituições destinadas a cuidar de crianças. Ela própria ia se encarregar de providenciar tudo. Mulher do Vice-Ministro da Cultura, sabia das coisas, conhecia creches, dispondo da melhor assistência, destinadas a bebês cujas mães estivessem impossibilitadas, por esta ou aquela razão, de guardá-las consigo. Para João, uma casa fora da cidade onde viviam crianças órfãs, sobretudo de pais mortos na guerra [...].

Wally se comprometeu a estar sempre em contato com a creche E Kuchválek a visitar João uma vez por semana. Teríamos notícias dos dois onde quer que estivéssemos [...].

Notando minha tristeza, Jorge propôs-me a desistir da viagem... mas, se resolvesse ir, devia pôr meu coração à larga para que a viagem fosse alegre, sem prantos nem suspiros. “Eu seria o primeiro”, disse, “a desistir da viagem, não estivesse convencido de que as crianças ficarão em boas mãos; e, além do mais, um mês passa ligeiro, os meninos nem vão sentir nossa falta...” Não foi preciso dizer mais nada, o argumento me convenceu, eu não perderia a oportunidade de conhecer a

China (Gattai, 1988, p. 147-149).

Paloma, em entrevista para esta tese em agosto de 2022, contou-me que a primeira lembrança que tem de sua vida – é mais uma sensação do que lembrança verdadeiramente – é do colo de seu pai no reencontro após esta viagem.

Paloma relatou que na creche, cuidada por mulheres tchecas, o tratamento era muito frio, o que é comum aos europeus, e que a técnica utilizada para fazer uma criança parar de chorar era deixá-la chorando até parar. A menina, então, calou-se. Quando os pais foram buscá-la, ela não esboçava nenhuma reação, como Zélia relata a seguir:

Estendi-lhe os braços, vem com a mamãe..., mas ela não se atirou. Desapontada, tive vontade de chorar. Jorge repetiu o mesmo gesto, “comigo ela vem...”, mas o resultado foi idêntico. Nossa filha nos ignorava, nos olhava com maior indiferença. Tomei-a das mãos da enfermeira, cobri-a de beijos e ela não reagiu, não riu nem chorou [...] “Idiotizaram nossa filha” [disse Jorge] (Gattai, 1988, p. 220).

A forma com que o pai terceiriza a responsabilidade com a filha fica latente no comentário “idiotizaram a nossa filha”, colocando para terceiros a responsabilidade da apatia da criança frente aos pais, não admitindo possível dano causado à criança pela sensação de abandono que deve ter sentido apenas com meses de vida.

Em meio à viagem e à saudade que sentia dos filhos, talvez algum remorso, Zélia relata um gesto bonito de afeto de Rosa, sua amiga, que a amparou nos momentos de angústia. O registro de uma Escrita Feminina, que diz, desde o silenciamento frente ao marido, pois não queria que ele a visse chorando com saudades das crianças para que não se entristecesse, até a relação de compreensão e cumplicidade entre duas amigas, onde se pode ser frágil e sensível.

Apesar das notícias tranquilizadoras, eu me sentia agoniada, estava a ponto de estourar. Rosa viu tudo, não teve conversa, pediu-me que a acompanhasse ao toalete. Nem bem entramos no sanitário, ela me disse: “Chore à vontade, minha filha; desabafe, vai te fazer bem...”. Chorou comigo e depois sorriu: “Quando tiver vontade de chorar, me chame, não faça cerimônia, me chame, te faço companhia...” (Gattai, 1988, p. 155).

Além da valorização dos registros dos afetos, outro traço bastante comum na narrativa de Gattai é a forma como ela encadeia os fatos, sua maneira de escrever como se contasse “causos”, fazendo-nos acompanhá-la em sua colcha de retalhos de suas memórias.

Em meio à narração da viagem com Guillén e Rosa, ela se lembra de falar

de Neruda e Matilda e, para encadear “a conversa” e não deixar a leitora confusa com o ir e vir das memórias de viagens à China, ela inicia a nova história justificando o motivo de trocar de personagens e viajar no tempo:

História puxa história e, já que estamos a caminho da China, ocorreu-me interromper o fio de minha narrativa para contar peripécias de outra viagem à China, posterior, em companhia do compadre e de Matilde, sua última mulher, pessoa adorável (Gattai, 1988, p. 164).

Mais à frente, ela retoma o fio de sua narrativa de uma forma semelhante, incluindo a leitora no seu percurso. Por questões de organização, trarei primeiramente os fatos de sua viagem à China de 1952.

Momento de Pablo a se iluminar são tantos!... Mas fico por aqui, me despeço com saudade. Volto à nossa primeira viagem à China, em 1952, o avião nos espera, nossos compadres, Rosa e Nicolás, já estão prontos para partir (Gattai, 1988, p. 168).

A autora traz um breve, porém, relevante panorama de como percebeu Pequim em 1952, deixando perceber a lavagem cerebral e ostensiva do governo Mao Tse-Tung e da ditadura de Stálin.

Naquele ano de 1952, Mao Tse-tung e Stalin andavam em plena lua-de-mel, de braços dados, Pequim era uma festa só, enfeitada com grandes retratos dos líderes, um ao lado do outro. Escolares, meninos e meninas, ostentavam nos pescoços o lenço vermelho, tal qual os pioneiros soviéticos. Em qualquer lugar por onde se andasse, podia-se ouvir o hino patriótico em louvor aos dois camaradas [...] (Gattai, 1988, p. 178).

As fotos dos dois líderes espalhadas pela cidade, o hino patriótico de louvor e até ao ato de doutrinar e persuadir as pessoas e as crianças usando lenços vermelhos no pescoço deixam clara a preparação para a consolidação do que viria a ser o regime tirano de Mao.

Seus registros dessa viagem são também uma denúncia dos abusos que aconteciam aos trabalhadores locais. Interessada em saber como se dava o comunismo, ainda deslumbrada com o regime, Zélia obtém informações de um país cujas ações são geralmente escamoteadas da mídia ocidental pela China.

Percorremos fábricas, visitamos o campo, falamos com operários e camponeses, fazendo-lhes perguntas sobre assuntos que nos interessava saber: “Quantas horas de trabalho? O que comem?” Eles trabalhavam de 10 a 12 horas por dia, não passavam fome. Muitas horas de trabalho, demasiadas... Mas eles diziam-se satisfeitos, já que antes não haviam horários, trabalhavam enquanto tivessem forças [...]. (Gattai, 1988, p. 179).



Dessa sua primeira ida à China, a autora escreve sobre um encontro sensível e bonito que teve com a romancista Ting-Ling do que viria a acontecer-lá no futuro.

Na tranquilidade das águas, conversamos, e nossa amiga mostrou-se preocupada ao saber que pretendíamos voltar para o Brasil. Não nos iria acontecer nada? Ela estava a par da situação política brasileira, estava a par dos motivos que nos havia levado ao exílio. Recordo-me que, na conversa, ao saber que meu pai morrera em consequência de prisão, durante o Estado Novo, Ting-Ling me abraçara e beijara, pusera-se de pé e, de olhos cerrados, guardara um minuto de silêncio. Mal sabia Ting-Ling – e quem poderia adivinhar? – que ela própria, daí a uns poucos anos, fosse cair em desgraça e que a China viesse a sofrer um retrocesso em sua marcha para o socialismo com a implantação da Revolução Cultural (Gattai, 1988, p. 189-191).

A escrita sensível de Gattai utiliza de palavras que descrevem as sensações daquele encontro, como quando descreve o olhar de Ting-Ling – “de olhos cerrados”. Ao mesmo tempo, toca em um assunto bastante relevante da História mundial Chinesa e o que se deu com muitos artistas na Revolução Cultural Chinesa, que caíram na desgraça sendo proibidos de exercerem sua arte, sendo muitas vezes torturados e mortos.

Encerro a abordagem desta primeira viagem à China relatada por Zélia Gattai com um acontecimento que nada tem a ver com a China, mas que corrobora, agora sabemos, com a literatura coral que se faz na obra da autora.

Zélia parte de sua visita à Mongólia, que fez nesta mesma viagem à China, para avançar alguns anos na narrativa e falar de um episódio que teve com Carolina Maria de Jesus. Episódio este controverso e que, ainda hoje, faz circular comentários de que Jorge Amado teria destratado Carolina em sua casa (Jorge [...], 2020). Penso que Zélia tenha trazido este ocorrido em seu livro para deixar registrado como se deu tal encontro com Carolina a fim de fazer uma reparação acerca das acusações sobre Jorge Amado.

Trago nesta tese esse episódio para registrar a passagem tão diversa de pessoas no chão de Gattai. Personagem que faz parte da História cultural do Brasil. Utilizo também este meio para corroborar com Zélia em divulgar a versão que ela vivenciou com Carolina frente às notícias falsas circulantes.

Camarada Ministro notou minha admiração diante da grossura do cobertor e mandou que separassem um para mim [...]. Eu não pretendia, de forma alguma, sobrecarregar a bagagem com aquele volume imenso até hoje o cobertor encontra-se no Rio e tem-me sido da maior utilidade [...] já serviu de colchão em momento de necessidade. Conto como se sucedeu.

Sucedeu da seguinte maneira: Nos anos 60, Jorge resolveu organizar, no Rio de Janeiro, uma noite de autógrafos [...]. A iniciativa visava angariar fundos para a União Brasileira de Escritores.

Entre os participantes dessa noite de autógrafos encontrava-se Carolina Maria de Jesus, autora que obtivera grande sucesso com seu primeiro livro, *Quarto de Despejo*. Carolina [...] Viera diretamente da estação rodoviária para o nosso apartamento... Na mão, um saco de estopa, cheio, pela metade de limões colhidos no seu quintal, “... um presentinho...” Decidira hospedar-se lá em casa, a conselho de um livreiro de São Paulo que lhe fornecera o endereço: “Vá se hospedar com Jorge, ele vai ficar muito contente!” “E a minha filha e o meu amigo?” quis saber Carolina. “Leve todo mundo, não faça cerimônia, a casa de Jorge é grande.” Brincadeira de mal gosto ou maldade? Certamente maldade, como, aliás, foi-nos fácil comprovar, tirar a limpo. Pessoa simples, inexperiente, Carolina estranhou quando nossa empregada lhe disse que Jorge, eu e a criança havíamos saído havia muito para ir à festa, que os velhos já estavam dormindo... o apartamento estava superlotado... até no divã da sala tinha gente dormindo [...] era nossa amiga Misette Nadreau, que chegara da França para viver no Brasil e estava hospedada conosco [...]; larguei a festa pelo meio e fui até em casa ver o que realmente se passava [...]. Encontrei à minha espera o problema da hospedagem de Carolina, de sua filha e de seu amigo [...] dei mais de mil telefonemas até conseguir alojar Carolina e seu escudeiro. Quanto à menina, que já dormia de pé, mandei que se deitasse na cama de João [...]. Lembrei-me do famoso cobertor mongol que, grossíssimo como era, certamente quebraria o galho. Dobrei-o em dois e sobre ele, no chão, meu filho dormiu confortavelmente.

Soubemos, alguns dias mais tarde, que após deixar a casa onde pernoitara, Carolina, a filha e o amigo haviam passado para um hotel por conta de uma emissora de televisão que iria fazer com ela um programa-bomba sobre a falta de solidariedade de Jorge Amado que se recusara a hospedá-la em sua casa, por tratar-se de uma pessoa do povo, e negra. Uma amiga nossa advertiu-a a tempo, explicou-lhe que ela estava sendo ludibriada, iam utilizá-la numa intriga para arrastar Jorge na rua da amargura. Carolina deu-se conta então do conluio no qual desejavam envolvê-la, com promessas de cachê, geladeira, rádio [...], e recuou: “... não, de jeito nenhum... por dinheiro nenhum do mundo!” Tomou um ônibus e partiu para São Paulo. De lá nos mandou uma fotografia dos três filhos com os agradecimentos pelas atenções dispensadas (Gattai, 1988, p. 208-210).

Linguagem intimista, que parte de um fato aparentemente banal: a história de um cobertor adquirido na Mongólia, que vem esclarecer um mal-entendido gerado na época.

### 3.2.2 Viagem à China com Pablo Neruda

As histórias, divertidas e pitorescas, de Pablo Neruda são muitas. Jorge e eu, que tivemos o privilégio de ser seus amigos, que com ele viajamos por esse mundo de meu Deus, participamos de algumas delas. Ao narrá-las, eu o trago de volta para nosso lado.

Zélia Gattai

É com misto de felicidade e saudade que Zélia Gattai nos conta da viagem que fez com Pablo Neruda e Matilda, sua mulher, pela China, em 1957. Entre causos de Pablo e histórias relevantes sobre a China daquela época, Gattai brinda suas leitoras de duas formas: tanto por conhecermos um pouco mais do que se sabe do grande poeta na intimidade, como pelo testemunho de alguém que

alcançou o oriente em plena Guerra-Fria, um lugar distante, cujas informações ainda são escamoteadas.

Tínhamos pela frente milhares de quilômetros a vencer de Kuo-Ming a Pequim [...] Pablo quis saber de onde vinha o cricri insistente que ele ouvia [...] Ali estava, junto ao navio, o vendedor de grilos, dentro de cada gaiolinha um grilo enorme. “...*ai, que no puedo más vivir sin el canto de la cigarra...*” Antes que o barco saísse, feliz como uma criança, ele exibia a “cigarra” que acabara de receber de presente (Gattai, 1988, p. 164-165).

De início, uma intimidade do poeta que, segundo Zélia, sempre que se encantava por algo nas viagens, dizia *que no podía más vivir sin* [...]. Em seguida, a autora já aponta a censura que se abatia sobre a China e que viria a endurecer ainda mais com o passar dos anos.

Pedimos a Li, nosso intérprete, que comprasse um jornal, queríamos saber o que se passava pelo mundo, ou, ao menos, pela China. O jornal foi lido de cabo a rabo e nossos três acompanhantes confabularam. Possivelmente, o jornal publicava notícias que deixavam transparecer a situação calamitosa que se instalara na China: a era do sectarismo e do patrulhamento ideológico, início das perseguições, sobretudo a intelectuais e artistas, do medo das “críticas” que podiam resultar em prisão e desterro. Fase negra da vida chinesa que viria a culminar na Revolução Cultural, que atiraria ao cárcere e ao desterro os poetas Emi Siao e sua mulher Eva, o próprio Ai Qin, a escritora Ting Ling e tantos outros intelectuais amigos nossos. Revolução Cultural à qual nem o filósofo Confúcio escapou: teve seus livros incinerados [...].

Da leitura do jornal sobrara para nós apenas uma pequena notícia: fora descoberta por um camponês, inteiramente por acaso, a ossada de um animal pré-histórico (Gattai, 1988, p. 165-167).

Li, o intérprete que leu o jornal, certamente não repassou nenhuma crítica feita ao governo Chinês. Por medo ou por ser entusiasta de Mao, o fato é que a censura já dava seus ares sombrios naquela época.

Para se ter uma ideia dos excessos a que conduzia o culto à personalidade de Mao nessa época da China, bastava dizer que... Falamos com Li, desejávamos festejar o aniversário de Pablo e pedíamos que explicasse ao cozinheiro que iríamos usar o fogo da cozinha. Li não movia uma palha antes de consultar o representante da comitiva, o representante do Ministério da Cultura. Resposta negativa... Mao decidira não mais festejar seu aniversário. Diante desse exemplo, ninguém mais festejava aniversários (Gattai, 1988, p. 166-167).

Além dessa, outras mudanças culturais se deram na China em prol do culto a Mao.

Abrindo mais um parênteses da viagem à China que narrava nos anos representados em *Jardim de inverno*, a viagem de 1952; a autora faz questão de registrar o que aconteceu com seus amigos e a tristeza que sentiu com tantas tragédias advindas de lá.

No trecho a seguir, Zélia Gattai se torna uma arquivista de um tempo em que pouco se sabia do mundo oriental. Suas lembranças, que vão e vêm ao longo dos anos, retratam um momento na China muito relevante para a composição das pequenas histórias que compõem a grande História mundial.

Sua obra atesta mais uma vez a relevância da literatura memorialista e sua subjetividade intrínseca para a construção do pensamento crítico, nossa formação como sociedade e nossa organização mundial.

Abro um parêntese nesta narrativa de nossa viagem à China, de fevereiro a março de 1952, para fazer referência mais extensa a acontecimentos tristes e por vezes trágicos, concernentes ao povo chinês e, sobretudo, pelo que nos tocou diretamente, a amigos nossos, os mais chegados e queridos, como os poetas Ai Qin, Emi Siao e sua mulher Eva, a romancista Ting-Ling [...].

Em 1957 sentimos na tristeza e na inquietação dos nossos amigos, nas faces preocupadas, nos silêncios, em detalhes absurdos como aquele de ninguém mais festejar aniversário para não ofender o Chefe da Nação (Mao Tse-tung) e outros igualmente inconcebíveis que as coisas não marchavam bem. No entanto, saíramos do Brasil eufóricos, pois havíamos lido as declarações de Mao Tse-tung recomendando a todos os chineses que proclamassem em alto e bom som suas dúvidas, seus desacordos, fizessem suas críticas [...] *abrir as flores...*, vamos abrir os corações, falar a verdade.” Por toda parte foi o que se viu: flores se abrindo e sendo cortadas pela haste.

Ainda na China, nesse ano de 1957, embora sentindo o ambiente carregado, não podíamos nem de longe, supor que se davam os primeiros passos para os anos de loucura desenfreada, de crueldade, à qual nem Ting-Ling, nem Ai Qin, nem Eva e Emi Siao, nem Shao Yanxiang, nem o próprio presidente da República, Liú Chao-Chi, escaparam. Um após o outro, no correr dos anos, os mestres da cultura foram denunciados, presos, desterrados, submetidos à humilhante função de esvaziar fossas, limpadores de cloacas fétidas proibidos de escrever.

As notícias que nos chegavam ao Brasil eram preocupantes e insuficientes: Informações vagas e contraditórias, ninguém sabia direito o que se passava na China.

Foi Pablo Neruda quem nos deu informações mais precisas a respeito de nossos amigos [...]. Havia anos que não nos encontrávamos. Desembarcou dizendo: “Não me perguntem por ninguém, todos morreram...” (Gattai, 1988, p. 191-192).

Uma passagem tão relevante quanto triste da História mundial. A referência ao dizer de Pablo Neruda quando desembarcou no Brasil transmite a sensação para além do fato, a dor da perda não somente de pessoas reconhecidas por seus trabalhos, mas a perda de amigos, de pessoas queridas de Zélia, Jorge e Pablo.

Zélia traz ainda como arquivo a denúncia dos abusos cometidos pela mulher de Mao Tse-Tung, Jiang Qing, que criou a *Guarda Vermelha*, responsável por recrutar jovens idealistas para dedurarem todos que pudessem, de alguma forma, se opor ao Governo. [...] movidos por falso patriotismo e por um sectarismo cego [...] esses jovens não titubeavam em denunciar “os inimigos”, fossem eles quais fossem, pais, mães, irmãos, melhores amigos...” (Gattai, 1988, p. 194).

Os anos de exílio começavam a nos pesar.

Ao deixarmos o Rio, em princípios de 1948, Jorge recebera da direção do Partido a missão específica de denunciar, na Europa, o retrocesso político que vinha se processando no Brasil, onde as liberdades democráticas conquistadas em 1945, ao fim da guerra, em consequência da derrota do nazismo, estavam sendo objeto de rápida e violenta ofensiva de parte do governo Dutra, governo reacionário, cuja política externa servia aos interesses norte-americanos, ou seja, à guerra-fria. Jorge não pensara demorar mais de um ano no estrangeiro [...].

Para o Partido Comunista Brasileiro a presença de Jorge na Europa era importante. Mas, naquele inverno, ainda em janeiro de 1952, Jorge decidira que devíamos regressar de qualquer forma. Eu também não desejava outra coisa senão voltar (Gattai, 1988, p. 149-151).

Zélia se despede de seu *Chão de Exílio*. Sem dúvida, uma das épocas mais ricas em acontecimentos políticos e históricos de sua obra literária. Um período que faz da obra de Gattai um testemunho de questões e fatos de âmbito internacional.

A autora faz uma reflexão pessoal e emocionada do que foram estes quase cinco anos de exílio, nos quais viveu tantas coisas, inclusive o nascimento de uma filha.

Sofri, mas também tive os melhores momentos de minha vida: pela mão de Jorge corri mundos próximos e distantes, conheci povos e países, convivi com grandes homens, de alguns deles me tornei amiga [...] De uma coisa, no entanto, estou certa – eu não mudara: continuava a ser a moça simples que Jorge fora descobrir em São Paulo, sem artifícios, nem empáfia, ingênua, por que não? (Gattai, 1988, p. 224).

A “ingenuidade” de Gattai certamente corrobora para a sua escrita. Uma escrita pela via do afeto, que se abre para as dúvidas, os questionamentos, as próprias falhas e para as críticas. Uma escrita corajosa. Talvez a coragem preceda de alguma ingenuidade que a empáfia das certezas covardes – aquelas que não se permitem duvidar – jamais daria.

A partir daqui esta tese caminha para o seu quarto capítulo, onde um chão muito mais seguro se estabelecerá para Zélia: O Chão de Casa. Na rua Alagoinhas, número 33, no bairro Rio Vermelho, em Salvador, a autora fez morada até o fim de sua vida, mantendo o seu costume de deixar suas casas de portas abertas para o outro.

O Giulio Cesare, tinindo de novo, destacava-se dos demais transatlânticos atracados no porto de Gênova. Em sua segunda classe, viajaríamos para o Rio de Janeiro, levando João, de volta à terra onde nascera, mas que deixara aos quatro meses de idade, e Paloma, cidadã brasileira nascida na Tchecoslováquia, à pátria que não conhecia (Gattai, 1988, p. 223).

## 4 Chão de casa: Salvador-Bahia

Se for de paz, pode entrar.<sup>27</sup>

James Amado

Chegamos finalmente ao lar de Zélia. Após a saída da casa da infância em São Paulo, a mudança para o Rio de Janeiro seguida de dois exílios e a viagem de retorno para a cidade fluminense, onde morou no apartamento dos sogros, a autora finca seu chão em Salvador e constrói a sua casa, o seu lar.

Porém, ao contrário do que pode parecer, fincar raízes em um lugar está longe de significar aquietar-se ou acomodar-se para Zélia Gattai. Como veremos neste capítulo, a vida da autora na Bahia foi bem diferente do que vociferou dona Lalu, que ficou inconformada com a saída do casal Gattai-Amado do Rio de Janeiro. A sogra, ao saber da decisão de Zélia e de Jorge, tentou de toda forma demovê-la da ideia. Segundo Zélia, dona Eulália sempre recorria a ela, pois não queria contrariar seu filho:

— Menina, vocês estão ficando malucos? Deixar uma cidade linda como o Rio de Janeiro, com praias e jardins, para irem se meter naqueles matos? — Passava da voz de comando para a mansidão: — Fia vê se tu dá uns conselhos pra Jorge. Diga pra ele que o lugar de vocês é na cidade e não no mato. Se tu não quer ir, ele não vai. É só dizer que tu não quer ir e pronto.

[...] Teus filhos vão virar dois tabaréus. Tu pensa que lá tem as facilidades daqui? Tu pensa que lá tem recepções nas embaixadas? Vai ver que nem embaixada tem por lá. Tu pensa que lá é como aqui todo mundo convidado pra festas? [...] Vá atrás disso! Vá atrás! (Gattai, 2009, p. 17-19).

Ao contrário do que previu Lalu, trazido por Zélia com carinho e graça, a vida da autora em Salvador foi muito efervescente cultural e socialmente, além de ter sido permeada por muitas e longas viagens, temporadas na casa de praia – na Pedra do Sal –, no apartamento em Paris, dentre outros chãos que, ao longo dos mais de quarenta anos vividos em Salvador, foram palcos para sua literatura memorialística.

---

<sup>27</sup> Esta frase foi escrita no discurso de inauguração da Fundação Casa de Jorge Amado por James Amado, irmão de Jorge. A frase está em uma placa feita por Floriano Teixeira, talhada na casa e tornou-se um símbolo das lembranças que se traz de Salvador, quando se visita os lugares de Zélia e Jorge na Bahia.

A casa do Rio Vermelho, localizada na rua Alagoinhas, número 33, foi o “Chão de Casa” de Zélia e foi abrigo para muita gente. Uma casa que, com tanta vida, é também personagem da obra. Personagem homônimo da obra: *A casa do Rio Vermelho*, escrito em 1998. A casa é protagonista junto à autora; a casa escreve e se inscreve em uma das obras mais potentes do ponto de vista cultural e social de Zélia.

Erguida a muitas mãos, as amizades e os afetos são cicerones no Rio Vermelho e muitas histórias que dizem respeito não somente à Zélia, mas também às nossas memórias afetivas; são vividas ali:

Graças a uma das visitas de Vinicius à nossa casa, salvou-se a série de canções para crianças, de sua autoria:

A beira da piscina, o inseparável copo de uísque, violão em punho, Vinicius cantava. Faço um parêntese para me desculpar. Na afobação de querer contar logo a história que me veio à memória – como já devem ter percebido, não tenho anotações, tiro tudo da cachola à medida que as lembranças chegam – esqueci-me de pedir licença para, ainda uma vez, avançar no tempo. Peço agora, pois devo explicar como foi que as músicas infantis de Vinicius de Moraes se salvaram. Avanço tanto, tanto, que falo até de meus netos, os três que existiam na época: Mariana, Bruno e Maria João...

Estávamos à beira da piscina e Vinicius cantava – como foi dito – quando chegaram meus três netos.

*Eu agora vou cantar umas musiquinhas para vocês, disse Vinicius às crianças, e começou: Era uma casa muito engraçada, não tinha teto, não tinha nada... Espera aí, interrompi, vou buscar um gravador... gravadorzinho ligado e ele recomeçou: Lá vem o pato, pato aqui, pato acolá... Cantou todas as canções... Encantadas, as crianças ouviam as músicas pela primeira vez, pois elas ainda não haviam sido gravadas naquela ocasião. Ao saber que não restara nenhuma gravação delas após a morte de Vinicius, entreguei meu cassete à Gilda Queiroz Mattoso, última e amada companheira do poeta... Gravação precária, porém a única que restou e é a que se ouve até hoje (Gattai, 1999, p. 127-128).*

Assim como a autora, faço um parêntese para pontuar os traços memorialistas da escrita tão peculiares a Gattai. Pedir licença para avançar no tempo da memória, ao mesmo tempo em que fala do esquecimento, característica da narrativa memorialista. Ir e vir na memória, apagando e lançando holofote para os fatos subjetivamente mais marcantes. Distorcendo sem dúvida a realidade que, em verdade, é absolutamente relativa, ela sempre será uma questão de ponto de vista.

“Passamos assim o tempo a arquivar nossas vidas: arrumamos, desarrumamos, reclassificamos. Por meio dessas práticas minúsculas, construímos uma imagem, para nós mesmos e às vezes para os outros” (Artières, 1998, p. 11). Segundo esta afirmação, a intenção autobiográfica de um autor é a de construir uma imagem sua para si mesmo, bem como é um indicativo de como tal pessoa gostaria de ser lembrada.

Zélia fez de seu autoarquivamento a sua obra literária. Tirando “tudo da cachola” à medida que as lembranças chegam, ela conta como funcionava o seu processo de escrita.

Como já mencionado, considero que algumas de suas intenções autobiográficas foram de reparar, bem como de impor resistência. Resistir às dificuldades da própria vida, que dela tirou o pai precocemente, a guarda de seu filho mais velho, e, por longos períodos, tirou-lhe a liberdade de viver no Brasil e de se expressar.

Outra intenção é a de reparar uma injustiça ou a de prestar homenagem a alguém por quem ela tivesse estima. Conhecedora do fato narrado, ela registrou sua versão. Os exemplos são muitos, mas trarei dois, a meu ver, bem marcantes. Foi assim que ela fez com a sobrevivente dos campos de concentração na Segunda Guerra Mundial, Monika, já mencionada no subcapítulo 3.2 desta tese.

Outro exemplo foi o que Zélia Gattai fez com o querido amigo Glauber Rocha, em uma tentativa de reparação de uma injustiça sofrida por ele. Pelo relato de um momento extremamente íntimo e afetuoso, Gattai cuida para que justiça seja feita ao cineasta.

Dos jovens baianos geniais, apenas Glauber Rocha era íntimo de Jorge, mantinham uma amizade quase de pai para filho. Alma inquieta, Glauber não parava na Bahia... Acompanhamos a carreira de Glauber e sua vida até o fim. **Estávamos em Portugal, onde nosso amigo se refugiara, depois de uma campanha sórdida e sectária desencadeada contra ele, no Brasil**, por ter manifestado sua opinião favorável sobre o general Golbery do Couto e Silva, teórico da Revolução, com quem manteve bom diálogo [...]. Ao vê-lo gravemente enfermo [...] Íamos visitá-lo diariamente no hospital, em Caiscais, depois, em Lisboa, onde fora internado [...]. As últimas fotos de Glauber, no hospital, foram tiradas por mim e por Fagner (Gattai, 1999, p. 125-126).

Trazendo a intimidade desta amizade, a autora acusa, sem citar nomes, os brasileiros que injustiçaram Glauber e recupera um momento político e histórico difícil no país, quando posicionar-se era um risco: fosse à direita, ou, principalmente, à esquerda.

Acredito que Zélia Gattai tenha escrito sua obra ciente de que suas memórias registravam fatos e temas de grande relevância histórica, bem como tinha ciência de que a sua versão da história era uma versão silenciada.

Não por acaso, Zélia Gattai começa a escrever somente quando já morava na Bahia, quando seu chão já era um lugar mais seguro, quando a democracia começava a ser reestabelecida – em 1979 – após dois períodos ditatoriais vivenciados na pele pela autora. É nesse momento que ela, “apenas (com) a



memória trabalhando” (Gattai, 1999, p. 186), seleciona e registra as suas recordações.

Volto à citação sobre as canções infantis de Vinicius de Moraes, que ficaram ecoando duas páginas atrás para registrar esta importante contribuição de Zélia para a preservação da cultura musical infantil brasileira. As canções de Vinicius que embalaram e ainda embalam gerações de crianças e adultos foram “salvas” por Gattai, destacando mais uma vez os fatos extraordinários que se extraem da vida cotidiana da autora. Fatos eternizados por ela, em sua “escrita de si” que também ajudou a compor as linhas de nossa história, do que falou Diana Klinger (Klinger, 2012).

É também quando passa viver em Salvador que um novo “personagem” começa a figurar em seu chão: a religiosidade. As crenças trazidas por ela deixam de ser apenas ideológicas - tais como o Socialismo, o Anarquismo - para serem também espirituais, sob forte influência do candomblé. Muito mais pelo respeito e carinho de Zélia por Mãe Senhora, Mãe Menininha do Gantois, Mãe Stela de Oxóssi, Luiz da Muriçoca etc., figuras importantes dos terreiros de candomblé da Bahia. Mais do que pela crença religiosa em si, apesar de os mistérios da Bahia também terem visitado o chão de Gattai:

Num domingo à tarde [...] senti forte dor nas costas [...]. Passei uma noite incômoda, a forte dor persistia.

Pela manhã, apareceu Carybé com Olga de Alaketu, mãe-de-santo, nossa amiga. Carybé tivera um sonho muito estranho: sonhara que eu tinha tido um filho e que a criança nascera andando e falando. Ao passar pela casa de Olga, coisa que costumava fazer ao deixar os filhos no colégio... contou-lhe do sonho que tivera comigo. Olga, dona dos mistérios e dos segredos dos encantados, arregalou os olhos, não quis encompridar a conversa: *Vamos agora mesmo à casa de Jorge, Zélia está correndo perigo de vida...* Prevenida, com um ramo de folhas variadas no braço, ela entrou no quarto onde eu me encontrava com dores, sem poder me levantar:

*Isso é trabalho feito aqui dentro das portas*, afirmou. *Vocês têm alguma empregada que é de candomblé?* [...] a cozinheira lidava com ebós. Tudo então ficou claro: a cozinheira queria dobrar Jorge, que se recusara a aceitar em casa, como empregada, sua filha com uma criança de colo. Orientada, ninguém soube por quem, a cozinheira então depositara um pó branco nos quatro cantos da casa, aferventara umas ervas, jogara tudo pelas escadas da rua. Segundo Olga, nas ervas atiradas porta afora, estava o perigo, perigo às vezes até de morte. *Como Jorge tem o corpo fechado*, explicou ela, *nada pega nele, a mandinga virou sobre a pessoa mais próxima: Zélia.*

Como que por milagre, depois de umas sacudidas das folhas que Olga trouxera, em cima de mim, e de palavras em língua nagô, as dores sumiram (Gattai, 1999, p. 119-121).

Parafraseando Caetano Veloso: “Quem é ateu e viu milagres como eu [...]” (Milagres [...], 2003); Zélia era ateia, mas não deixava de vivenciar a religiosidade da Bahia. E não deixou de recorrer a ela quando, desesperada por salvar Jorge

Amado de uma doença degenerativa na retina, que o impedia de ler e de escrever, deprimindo-o severamente, recorreu a muitas crendices.

“Deixei meu materialismo de lado e implorei a Deus pedindo que ajudasse Jorge... Apelei para tudo: ebó de candomblé, com animal de quatro patas, espiritismo, pajelança de índio...” (Gattai, 2002a). Estas memórias estão retratadas em sua obra *Vacina de sapo e outras lembranças* (2005).

Além dos religiosos, os artistas da Bahia, do Brasil e do mundo não só frequentavam a casa, como ajudaram a construí-la. Carybé, Calasans Neto, Mario Cravo e até Lina Bo Bardi deu seu palpite e até hoje pode-se ver nos caminhos e escadas da casa do Rio Vermelho os azulejos sugeridos por Bo Bardi para decorar as áreas de passagem:

Jorge chamou os amigos para conosco estudarem o projeto feito pelo jovem Gilbebert. O encontro foi na casa de Mário Cravo. Estavam todos lá: Carybé, Mirabeau, Jenner Augusto e o próprio Mário. Projeto interessante, de casa ampla, largos terraços, muita treliça, grades, casa para o clima da Bahia. Agora era botar mãos à obra [...] *As grades ficam por minha conta, disse Mário; eu me encarrego de pintar os azulejos*, disse Carybé; *eu pinto as portas e os basculantes de vidro*, falou Jenner. Por acaso, naquela noite, encontrava-se na casa de Mário, de quem era muito amiga, Lina Bo Bardi [...] Lina também deu seu palpite: *Por que não colocam no piso das escadas e dos caminhos cacos de azulejos? Vocês podem conseguir à vontade na cerâmica do Udo. Ele tem montes de azulejos quebrados*. Tudo que foi combinado nessa noite foi feito e muito mais (Gattai, 1999, p. 63).

Neste capítulo, portanto, propõe-se uma revisão literária principalmente da obra *A casa do Rio Vermelho*, mas também de *Memorial do amor* e *Vacina de sapo e outras lembranças*, pois as três dão conta da vida da autora neste período em que viveu na Bahia.

Peço licença para sentir-me em casa com relação ao “peso da pena”, pois os registros deste período na vida da autora são um deleite para a leitora... Sem perder de vista em nenhum momento o rigor acadêmico com esta tese, pretendo transmitir não apenas os fatos, mas também a intenção literária de Zélia Gattai que, em *A Casa do Rio Vermelho* fica bastante evidente: trata-se de um convite para, assim como os personagens dessa obra, entrarmos nessa casa, que é dela e de Jorge, e de muita gente.

#### 4.1 A mudança: do Rio de Janeiro para a Bahia

Na rua Alagoinhas, número 33, em nossa casa do Rio Vermelho, vivemos com nossos filhos os melhores anos de nossas vidas. Nela fincamos os pés para sempre.

Zélia Gattai

Com a narrativa que lhe é particular, em linguagem intimista e afetuosa, Zélia escreve em 1998, após trinta e cinco anos da mudança para a Bahia, o livro *A casa do Rio Vermelho* e nele eterniza as memórias vividas em seu chão de casa.

Decidimos nos mudar para a Bahia quando João Jorge completou treze anos. Nosso filho tornava-se um homenzinho, Paloma também crescia e o ambiente no Rio de Janeiro, sobretudo em Copacabana, nos assustava. Queríamos que nossos filhos vivessem em cidade mais tranquila, livres das tentações das drogas que andavam na berlinda da maconha ameaçando os escolares oferecida à saída das aulas [...]

Tirar as crianças do Rio de Janeiro era assunto decidido, assunto prioritário. Existia, no entanto ainda um motivo para essa mudança radical de vida: havia muito que Jorge sonhava voltar a viver em Salvador, comprar uma casa na Bahia [...] (Gattai, 1999, p. 10).

Contextualizando o motivo da mudança, Gattai fala do início de algo que se configuraria como um grande problema nacional, mas que assola principalmente a cidade do Rio de Janeiro: as drogas, seu tráfico e suas dissidências, como as milícias, por exemplo. O ano de decisão da mudança para Salvador foi o de 1961. De lá para cá, não só o Rio de Janeiro, mas Salvador também se tornou uma cidade bastante violenta.

Além da segurança, o segundo motivo da mudança para a Bahia era a realização do marido, o que para ela sempre foi algo muito caro: “Tudo o que eu desejava na vida era fazer Jorge feliz e ser feliz com ele” (Gattai, 1999, p. 160), ainda que, por vezes, agradá-lo fosse algo sacrificante para ela.

Em realidade, a mudança do Rio para a Bahia representava para mim uma certa cota de sacrifício, sacrifício esse que valia a pena em se tratando da segurança de meus filhos da realização de um sonho de Jorge. Já estivera várias vezes na Bahia e me sentira uma espécie de corpo estranho, uma intrusa. Jorge, rodeado de amigos a recordar fatos passados, namoros e amores antigos, todo mundo se divertindo, rindo e eu ouvindo calada (Gattai, 1999, p. 17).

Nesta citação, Zélia parece fazer um reparo para si mesma. Ainda que tenha passado calada por muitas situações consideradas por ela injustas, opressoras, que exigiu dela o silêncio, é pela literatura que Zélia Gattai retifica seu perfil, ratifica sua personalidade, a de uma mulher que, segundo seus filhos Paloma e João, nunca se colocou atrás de ninguém. Por fim ela pontua a sua dificuldade em mudar-se para um lugar no qual parecia ser hostilizada por muitas pessoas:

Tão calada ficava que aconteceu, certa manhã de domingo, numa dessas estadas em Salvador, escutar o que não queria... A conversa e as gargalhadas corriam soltas quando, de súbito, um cidadão cujo nome não me lembro (posso a qualidade – ou

será defeito? – e esquecer por completo o nome de quem me ofende, me agride), de pé em minha frente, apontou-me com o indicador: Essa aí parece minha mãe: pamonha e besta. Dessa vez ninguém achou graça... (Gattai, 1999, p. 18).

A escritora memorialista evoca nesta fala uma das principais características de quem trabalha com a escrita a partir da memória, que é o esquecimento, a supressão de alguns fatos, ou sua versão editada, seja por questões de trauma, seja pelo passar dos anos. Waly Salomão já nos alertara de que “a memória é uma ilha de edição” e, nesta passagem, a autora evidencia a teoria, ao se abster dos nomes de quem a ofende.

Este capítulo apresenta, portanto, uma escrita de Gattai ainda mais relacionada aos afetos, aos detalhes, ao interior da casa e de sua subjetividade ao perceber e retratar as pessoas. Uma escrita ainda mais “de dentro para fora” (Gattai, 1999, p. 186), como sugeriu Jorge Amado quando aconselhou Zélia em seu primeiro livro.

Em *A casa do Rio Vermelho* as relações acontecem muitas vezes dentro de casa, sendo a própria casa, conforme já mencionado, protagonista. A casa fala e se impõe na narrativa e na cultura baiana pelos azulejos de Carybé, a Yemanjá vermelha de Mario Carvo (lindíssima, permitam-me opinar), o Exu de Manu, artesão de ferro e latão da Bahia, aterrado por ordem de Mãe Senhora, as portas talhadas por Calasans e até o jardim, tão caro à Zélia e personificado na pessoa de Zuca “o exterminador de formigas” e procrastinador.

É inclusive com uma passagem com Zuca que a autora encerra esse livro, fazendo com que a leitora termine a leitura com a sensação de estar dentro de um lar, de uma casa com vida própria e suas características muitas vezes ordinárias, comuns a tantas casas, mas, por Gattai, transformada em literatura:

Na casa do Rio Vermelho. Da janela de meu gabinete, onde escrevo, vejo Zuca se aproximar entre as árvores do jardim.

— Bom dia, dona Zélia. Como passou a senhora de ontem pra hoje? E o doutor? Ainda está dormindo? Tudo bem, não é? Graças a Deus! Choveu muito, a senhora sabe, e as danadinhas das formigas depois da estiada costumam aparecer...

Já comprei o coqueirinho que a senhora pediu...

— Só trouxe um? Eu pedi dois...

— O outro eu trago amanhã.

— Muito bem, Zuca, então vá preparando a terra, abrindo a cova...

— A senhora quer plantar hoje mesmo?

— Sim, senhor. Hoje mesmo [...].

— Não pode ser amanhã, não, dona Zélia?

— Amanhã a gente planta o que você vai trazer [...].

Discretamente, Zuca olhou para o céu, meneou a cabeça e, num meio sorriso, monologou: *Dona Zélia é tão interessante...*

Na casa do Rio Vermelho, em Salvador da Bahia, outubro de 1998 (Gattai, 1999, p. 301).

Importante também destacar as mulheres que se somaram à Zélia nesta nova fase de sua vida e foram bastante citadas em sua obra. Mulheres dos artistas amigos de Jorge Amado, que podiam estar tão encobertas quanto Zélia neste cenário nacional artístico, onde os holofotes tendiam a iluminar Jorge Amado, Carybé, Calasans Neto, Mario Cravo, Jenner Augusto, entre outros.

Ainda que muitas mulheres tenham ocupado lugares importantes no mercado de trabalho, na arte ou mesmo na resistência política, como Dilma Rousseff durante a ditadura militar, por exemplo, o enaltecimento da figura masculina é tão evidente que, mesmo na obra de Gattai, são eles que ganham maior destaque.

Joan Scott (1995), em seu artigo “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”, é uma das pensadoras que afirmam que a inserção da ótica das mulheres na história alargaria e redefiniria as compreensões econômicas e políticas dela. Acrescento que as compreensões culturais e sociais também seriam amplamente alargadas com a visão das mulheres que sempre estiveram em combate, mas foram deixadas de lado pelos arcontes.

Porém, em sua obra, as esposas também ganham evidência: Norma, Nancy, Nair, Luísa, Lúcia. Mulheres, muitas delas trabalhadoras do lar, que recebem suas credenciais pela escrita ou pela linguagem do afeto. Como um reparo feito pela autora às que, quase sempre, são esquecidas:

Mesmo sabendo que na época a vida da dona de casa na Bahia não era fácil tratei de avivar meu otimismo, passei a pensar somente nas vantagens que iríamos ter com a mudança...

Felizmente nessas idas e vindas à Bahia eu conquistara algumas amigas: Norma, mulher de Mirabeau Sampaio (colega de Jorge dos tempos de colégio interno); Nancy, mulher de Carybé; Luísa de Jenner; Nair, mulher de Genaro de Carvalho, o tapeceiro inigualável da Bahia, Lúcia, mulher de Mário Cravo, escultor do ferro e da pedra. Todas se tornaram minhas amigas, todas dispostas a me ajudar nessa mudança. Já não estaria sozinha fazendo papel de “pamonha e besta” [...] (Gattai, 1999, p. 18).

Sozinha não esteve durante todos os anos em que viveu na Bahia. As amigadas, os funcionários e as funcionárias da casa, o Jorge, a Paloma, o João Jorge, a Lalu, os gatos Nacib e Vadinho, a gata Chacha que, segundo Gattai: era “mulher de Vadinho e de todos os gatos da redondeza”, muita vida esteve ao seu lado (Gattai, 1999, p. 117).

Até mesmo os Ibêjes – Cosme e Damião – aparecem na casa do Rio Vermelho, possuindo o corpo de Neusa, a empregada que não pagou a promessa devida. Luíz da Muriçoca, do terreiro Axé Opô Afonjá, foi chamado às pressas por Jorge Amado, enquanto Neusa o punha nos braços e o levantava, gritando: “Vovô,

vovô... Não podia acreditar que uma criatura magra e frágil como Neusa tivesse força para levantar aqueles cem quilos...” (Gattai, 1999, p. 155).

— Ela está com o santo, doutor — diagnosticou o entendido Aurélio.  
 — Isso mesmo — disse Jorge tentando desvencilhar-se dos braços da moça, sem conseguir [...] Vá Aurélio, vá depressa, imediatamente, buscar o Luiz da Muriçoca — ordenou [...].  
 Felizmente o candomblé de Exu, onde Luiz da Muriçoca mantinha boas relações com o Exu Toco Preto e o Sete Pinotes, ficava [...] bem perto da gente [...].  
 ... a porta do quarto se abriu e Luiz da Muriçoca adentrou, seguido de Aurélio.  
 — O que é que há, meus meninos? — disse, dirigindo-se a Neusa.  
 — Meus meninos? — estanhou Jorge.  
 — Você então não vê que ela está tomada pelos Ibejes? Só crianças como Cosme e Damião, pra fazer essas reinações [...].  
 A pedido de Luiz, todo mundo se retirou e o deixamos a sós com a moça para tirá-lhe o santo que possuía, aliás, os santos, como afirmara ele próprio.  
 O trabalho não foi demorado. Ao sair do quarto, Luiz da Muriçoca deixava a moça liberada, dormindo profundamente:  
 [...] — Qual a explicação disso? — perguntei curiosa. — Ela é católica, vai sempre à missa, não é do candomblé...  
 Ela não é, mas tem uma pessoa parenta que fez uma promessa em nome dela a Cosme e Damião... prometeu que se Neusa sarasse de uma doença que teve, com o dinheiro de um salário ofereceria um caruru a sete crianças pobres. Ela não deu a comida, botou o dinheiro na poupança ... deu nisso... — riu o pai-de-santo (Gattai, 1999, p. 155-157).

Todas essas criaturas povoaram o “Chão de Casa” e fazem do livro *A casa do Rio Vermelho* o que retrata o maior período da vida da autora, uma obra tão expressiva da literatura de Zélia Gattai.

## 4.2 Erguendo a casa

Cadê a casa? Batíamos perna em busca de casa muita gente empenhada em nos ajudar, e nada. Meu otimismo rolava por água abaixo...

Zélia Gattai

Encontrar uma casa na Bahia não foi fácil para o casal Gattai-Amado. Citando os bairros de Salvador, bem como o interior das casas que visitava, Zélia nos faz acompanhá-la em sua saga até a sua casa na rua Alagoinhas. Ela faz de seu périplo uma linguagem por vezes poética, ora divertida, ora remetendo a tristes lembranças do passado, levando-nos a percorrer com ela as ladeiras de Salvador.

Partimos para uma, na Pituba. Casa boa, nova, com frente para duas ruas, um belo terreno com árvores e flores. A proprietária, uma viúva, queria vendê-la. O preço anunciado estava dentro de nosso orçamento [...]. Ao procurarmos a viúva para

concretizar a compra, ela não teve meia conversa: Olhe, seu Jorge Amado esta casa está muito barata [...]. Não sei onde estava com a cabeça quando dei esse preço... não faço questão de vendê-la [...]. Não encompridamos a conversa, não quer vender, não vende. Ainda uma riscada da lista.

No local dessa casa na Pituba, por coincidência, ergue-se hoje o Teatro Jorge Amado (Gattai, 1999, p. 27-28).

Resgatando uma memória ainda mais anterior, evocando seu período de exílio, bem como os horrores da segunda grande guerra, ela se lembra do que escreveu com maior profundidade em *Jardim de inverno*, das manchas de percevejos esmagados, oriundas dos campos de concentração. Os mesmos percevejos que, como mencionado no capítulo “Chão de exílio – Dobris”, invadiu a sua cama e o berço de João Jorge, uma praga que se instalou depois da Guerra naquela região.

Partimos para outra recomendada, na cidade baixa, em Itapagibe. Diziam maravilhas do casarão antigo, localizado em frente ao mar. Tratava-se, na verdade, de um casarão velho, caindo aos pedaços, um horror! [...] nas paredes, manchas de percevejos esmagados. Eu as reconheci eram iguais às que víamos nos campos de concentração na Alemanha, Tchecoslováquia e Polônia (Gattai, 1999, p. 28).

Finalmente, encontram a casa onde morariam até o fim da vida de Jorge. Na realidade, encontram o terreno, pois a casa foi praticamente toda reformada: “Essa não era, de jeito nenhum, a casa de nossos sonhos. Grande e desconfortável, ela necessitava de reformas, de muitas reformas, para que ficasse a nosso gosto” (Gattai, 1999, p. 33).

Dos antigos moradores da casa, cujo nome encantou o casal – chamava-se Sonata, Zélia detalha a família que lhes vendeu tal casa e os motivos que os fizera vendê-la. Reforçando o que é comum a toda a sua obra, as pessoas, ela descreve esses proprietários como se desse a sua nova casa um “*pedigree*”.

Em outubro de 1961, assinamos, finalmente, a escritura de nossa casa na Bahia, localizada à rua Alagoinhas, bem no alto de uma ladeira, no Rio Vermelho. Ela pertencia a um pianista suíço, Jean-Sebastian Benda, contratado pela Universidade da Bahia para ensinar no Seminário de Música. Família de músicos, a mãe violinista, a irmã e a mulher, uma jovem baiana, pianistas. O contrato com a universidade estava para terminar e a família, acrescida de dois filhinhos, preparava-se para regressar à Europa [...].

O que nos encantou, no entanto, foi o terreno enorme e deslumbrante vista, descortinando o Rio Vermelho (Gattai, 1999, p. 33).

A paulistana, nessa época já titulada “Cidadã da cidade de Salvador”, com o tempo, pareceu muito bem adaptada e inserida no contexto cultural baiano. Leitora de Jorge Amado, já conhecia a Bahia de seus livros e, ao se tornar escritora, passou a descrever sua Bahia, com seus famosos festejos culturais.

Traz a festa de Yemanjá, no 2 de fevereiro, deslocando-se de seu chão para contar da Bahia inteira e de seus encantos, de sua cultura:

De nosso terraço podíamos ver o mar em toda a sua grandeza, a Igreja de Santana e o pequeno porto de pescadores, de onde, a 2 de fevereiro, sai a procissão de barcos, levando os presentes que o povo oferece a Yemanjá.

[...] dezenas de embarcações a vela, carregadas de oferendas as mais diversas, desde os sabonetes e pentes para a sereia lavar-se e pentear-se, aos espelhos para se mirar, frutas, flores, muitas flores, levados pelo povo que, paciente, em filas quilométricas, aguarda a sua vez de depositar o presente num balaio e fazer seu pedido [...].

Assistiríamos de nossa casa, de nosso terraço, à festa da Mãe d'Água... (Gattai, 1999, p. 34).

A construção da casa já é, *per si*, um grande acontecimento na história cultural da Bahia, pelas pessoas que ajudaram a erguê-la e puseram a mão na massa para que a casa ficasse pronta. A participação de artistas nesse processo fez da casa também um lugar de visitação de obras de arte.

Ainda hoje, todas elas contemplam o *Museu da Casa do Rio Vermelho*, no mesmo endereço, no mesmo lugar. Lá, é possível, inclusive, sentar-se nos bancos onde Zélia e Jorge namoravam; e em seu jardim, onde foram depositadas as cinzas do casal. Porém, ainda estamos “erguendo a casa”; portanto, voltemos algumas décadas:

O interesse de nossos amigos baianos pela obra da casa era enorme, acompanhavam passo a passo as demolições e as paredes levantando... Todo mundo dando palpites, todos ajudando.

Lev Smarchewski fazia parte da turma de artistas e foi trazido por Carybé [...] Gostamos dos desenhos que trazia, era um privilégio ter móveis desenhados por Lev.

Carybé trouxera, nessa manhã, o desenho do portão de ferro, com pássaros e frutas, uma beleza como só Carybé sabia fazer. Ele próprio falara com Udo Knoff, o alemão dono da cerâmica, e sem nenhum problema conseguira os cacos de azulejo para colocar nas escadas, nos passeios [...]

A Yemanjá vermelha, de madeira, de Mário Cravo estava à espera que fosse feito o laguinho no jardim [...] (Gattai, 1999, p. 83-84).

O contexto da mudança para a Bahia é de pouco antes do Golpe Militar, em 1964. Entre as alegrias e as dificuldades geradas pelo processo de construção da nova casa, a autora contextualiza para suas leitoras o tenso período narrado. O momento que se vivia no Rio de Janeiro foi também um fator que fortaleceu a certeza da decisão de mudança para a Bahia.

Estávamos inquietos com a situação política no Brasil. Víamos as coisas malparadas. Nosso mal pressentimento se agravava depois de termos participado de uma reunião, convocada pelo presidente João Goulart, no apartamento de Di Cavalcanti, no Rio, na qual o presidente – empossado a duras penas depois da



renúncia de Jânio Quadros – falou a um grupo de intelectuais dizendo de seu otimismo, de sua segurança, contando que nomeara novos oficiais, de sua confiança, reformara comandantes e generais, inclusive seu chefe do Estado-Maior, marechal Castelo Branco. (Gattai, 1999, p. 85).

Zélia teve o privilégio histórico de testemunhar as articulações contra o Golpe Militar a partir da ótica subversiva. Esteve na reunião convocada por João Goulart, que reuniu intelectuais na casa de Di Cavalcanti.

O que ela cita a seguir na obra que rege este capítulo, ela já o fizera mais detalhadamente em *Chão de meninos* e, nesta tese, foi abordado no subcapítulo 2.2. Contudo, assim como Gattai, considero importante trazer de volta este fato por se tratar de um exemplo contundente da relevância de sua obra para além da literatura, que são a política e a histórica.

Além disso, a ameaça de uma ditadura militar interferiria diretamente em sua vida e, mesmo indo morar no Nordeste, que consideravam ser um lugar mais distante do epicentro político do país, ainda assim, a família Gattai-Amado foi ameaçada e agredida pela Censura algumas vezes.

João Goulart ligara-se a movimentos de esquerda, dando ouvido a sectários e dogmáticos, enfrentando os militares com planos de reformas, afastando de seu governo comandantes e generais, apoiando passeatas gigantescas com faixas provocativas, comparecendo e falando em comícios... Ele não se dá conta de que está forçando uma volta atrás?, comentara Jorge, ao ver anunciando um comício monstro na Central do Brasil. Ele está cutucando vespeiro com vara curta, respondi. Segundo o que – inclusive nós – já haviam sofrido na própria carne dolorosos processos políticos, João Goulart marchava a passos largos para a sua deposição, para a implantação de mais um regime totalitário, de repressões, de censura, de violação dos direitos do homem em nosso país.

Com esse espírito, viajamos de muda para a Bahia, no final do ano de 1963 para 1964 (Gattai, 1999, p. 85-86).

Seu depoimento é embasado na experiência que tivera, fosse como esposa de um perseguido político ou como filha de um preso político. A política brasileira mais uma vez é palco para o testemunho de quem foi afetada diretamente e duramente pelas decisões tomadas pelos governantes.

Um depoimento que critica a própria esquerda. Zélia e Jorge, por já estarem tão “escaldados” – como se diz popularmente – em matéria de ditadura, censura, golpe e todas as consequências cruéis desses processos, previram o que veio a dar-se. Ela registra o que, à época, pensaram, fazendo uma crítica ao Partido, algo que aconteceu após seu amadurecimento ideológico, após já ter tomado conhecimento dos crimes de Stálin, quando deixou de ser sectária para, ainda que continuasse acreditando no socialismo, perceber os evidentes erros.

Nesses relatos, o perfil intelectual da autora fica bastante evidente: indiciário e não acusatório; mais testemunhal do que taxativo; mais inclinado aos afetos do que aos fatos.

Trazendo a narrativa para quem observa a partir do interior de seu chão, exemplificando também a sua Escrita Feminina, a que, teoricamente, possui um alcance menor dos fatos, por observar a partir da casa e com pouco acesso ao universo do lado de fora, Gattai subverte esses muros e vai ao encontro dos acontecimentos.

Do macro contexto brasileiro que a cercava, ela retorna para a sua intimidade ao falar sobre o “espírito” com que viajaram para a Bahia. Temendo, inclusive, novas perseguições a Jorge Amado, a autora afirma o seguinte: “Teríamos na Bahia um chão menos violento, menos ameaçador, mais seguro para nossos meninos” (Gattai, 1992, p. 218).

Destaco também, na citação a seguir, a forma narrativa da autora que nos convida ao seu chão. A Escrita Feminina de Gattai, subvertendo a teoria, faz do espaço interno um lugar dinâmico. Ela faz de um lugar de aparente reclusão, um espaço onde se davam os acontecimentos.

Sua escrita torna seus chãos lugares importantes, interessantes e relevantes para a literatura e demais áreas da pesquisa. Essa composição de uma linguagem afetiva, que transita entre o fato e o afeto, entre o lado de dentro e o de fora, compõe o perfil narrativo da autora em toda a sua obra.

Tal feito em sua escrita é proporcionado pelas escolhas das “cenas” que serão narradas para contar determinado acontecimento. Zélia opta por narrar o tema principal a partir de acontecimentos ordinários que se passam em uma casa, como no trecho a seguir, que falará da chegada de um convidado para contar ainda sobre a Ditadura Militar. “Aurélio, o novo motorista, veio nos avisar que Dr. Wilson Lins e dona Anita estavam chegando. Havíamos passado dias de angústia, com boatos políticos que corriam, boatos alarmantes de golpe militar...” (Gattai, 1999, p. 100).

Destaco a sutileza do início da narração quando diz “Aurélio, o novo motorista, veio no avisar...”, que traz os mostras do movimento da casa, bem como, de uma conversa muito próxima com sua leitora, que embarca com ela na tensão da narração desde o início.

A partir daí, ela registra a frustração, a tristeza e o medo após o golpe de 1964, já da Bahia.

Os boatos se confirmaram na véspera dessa inesperada visita de Wilson Lins. Rádio e televisão anunciavam a deposição do presidente João Goulart, que fugira para o Uruguai, tropas na rua, no Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, cunhado do presidente, comandava um movimento contra o golpe.

Os generais reformados pelo presidente não estavam tão submissos e conformados como ele supunha. Era anunciado o nome do general Humberto de Alencar Castelo Branco, para substituir João Goulart.

Telefonamos a alguns amigos no Rio e sentimos na voz de todos que voltara a prudência ao falar por telefone. A censura e autocensura já andavam à solta comboiando toda a sorte de restrições (Gattai, 1999, p. 101).

No trecho acima, fica evidente a narrativa que parte da casa para falar do mundo a sua volta. Primeiramente, fala da conjuntura nacional, do fracasso das intenções de João Goulart e do empenho de Leonel Brizola em reverter o golpe. Em seguida, traz o que aconteceu dentro de sua casa, dos telefonemas para os amigos e o prenúncio do que viria a desgraçar o país por vinte anos: a Censura.

Por fim, ela retorna ao início do episódio que deu origem a esse longo relato dedicado ao golpe de 1964 e deixa claro que sua casa, como qualquer outra, tem algumas regras. E que nada que venha da extrema direita política terá espaço em seu chão:

O sorriso estampado no rosto, olhos brilhando de satisfação, Wilson era o próprio vencedor do golpe, golpe chamado pelos golpistas de revolução:

Em nome da revolução... disse ele, mas não o deixei terminar a frase. Olhe, Wilson, não venha falar em revolução nesta casa! Estamos cansados de sofrer, cansados de golpes militares. Me admira você, nosso amigo, vir com essa conversa de revolução, revolução fajuta, fascista, que vai acabar com a liberdade, vai botar todo mundo na cadeia... Diante da minha violência Anita quis reagir, mas Wilson não deixou. Vim aqui para oferecer meus préstimos, apenas isso, justificou ele (Gattai, 1999, p. 101).

Como se diz popularmente em alguns estados do Nordeste, Zélia é mulher “arretada”, isto é, valente, forte, decidida; portanto, não se sentiu obrigada, em sua própria casa, a aturar comentários que a ofendiam, e ofendiam, inclusive, a memória de seu pai.

Porém, logo em seguida, escreve o pedido de desculpas do amigo e faz questão de reparar a imagem de Wilson, terminando o relato com uma manifestação bonita da amizade entre eles, além de denunciar que, daquela vez, a ditadura atingira seu filho.

Sem mesmo lhe pedir, acabamos precisando da ajuda de Wilson Lins. Homem cotado pelos cabeças do golpe, ele mesmo um dos inocentes úteis, conseguiu libertar João Jorge, que fora espancado e preso ao participar nas ruas de uma passeata estudantil. Nem foi preciso recorrer a Wilson. Ao saber da prisão de nosso filho foi ele quem, espontaneamente, se mexeu, não teve dúvidas em acordar, de madrugada, uma alta autoridade, tirou João da cadeia, veio trazê-lo em casa, de manhãzinha (Gattai, 1999, p. 101).

Não faltaram ameaças à sua família. Vivenciando novamente as perseguições a seu marido, o Brasil do início da Ditadura Militar aparece exemplificado em *A casa do Rio Vermelho*. Novas ameaças a Jorge Amado, ameaças aos leitores de Jorge, bem como aos amigos do casal, em uma época que um simples objeto dado de presente por Zélia e Jorge a alguns amigos era motivo de medo.

Nossos amigos estavam preocupados com o que pudesse acontecer a Jorge. Começavam as invasões de lares, os livros de Jorge Amado apreendidos, os leitores tachados de comunistas por lerem tal escritor. Temerosas as pessoas tratavam de esconder os livros proibidos.

Ao voltarmos de uma viagem à União Soviética, havíamos trazido miniaturas do Sputnik, novidade, coisa tola, mas que agradara os amigos. Depois desse malfadado 1º de abril até os pequenos Sputniks, por prudência, foram destruídos por alguns de seus apavorados possuidores.

A preocupação dos amigos de Jorge era saber se ele pretendia exilar-se ainda uma vez. *Daqui não saio*, respondia Jorge. *Se quiserem me prender que venham, mas não creio que tenham coragem de tocar em mim, a repercussão no estrangeiro os amedronta*. (Gattai, 1999, p. 102).

Na casa do Rio Vermelho, Jorge Amado residiu até sua morte. Jamais exilou-se novamente. E a “resistência”, que, nos momentos mais endurecidos dos países onde viveu, teima em seguir, lutando por seus ideais, é também eternizada pela autora:

O golpe iria, certamente, prejudicar o lançamento do livro novo, *Os pastores da noite*, apenas saído da impressora. Dmeval Chaves, dono da livraria e nosso amigo, chegou a sugerir o adiamento da tarde de autógrafos. Jorge não concordou, e na tarde do lançamento a Livraria Civilização Brasileira ficou abarrotada de amigos, de leitores, heróis arriscando a própria segurança, e olheiros da polícia política.

Depois dessa tarde, pelo que se soube, algumas residências foram visitadas pela polícia, várias pessoas intimadas a depor para responder a perguntas que tais: Qual a sua ligação com Jorge Amado? (Gattai, 1999, p. 102).

Contada a história dos outros ao falar deste período da história do Brasil, agora Zélia traz uma história sua. Mostrando sua identidade “atrevida”, para usar um predicado que sua mãe muitas vezes lhe dava, dessa vez foi ela quem voltou à militância das ruas e juntou-se à filha em uma manifestação. Em uma história engraçada e, ao mesmo tempo traumática, Paloma tenta demover a mãe de ir a uma passeata de estudantes. Jorge, que ouve a conversa, dispara: “Você não conhece tua mãe, menina [...], ela está doidinha pra ir [...] deve estar morrendo de saudades dos tempos dela [...]”. O diálogo completo e as referências estão a seguir:

Já que falei em movimento estudantil e contei da prisão de João Jorge, peço licença para continuar no assunto e contar um episódio ocorrido com Paloma e eu, fato que se deu alguns anos depois quando nossa filha já cursava o Colégio de Aplicação. Naqueles tempos de descontentamento, todo motivo era motivo para que estudantes levantassem a voz, se organizassem.

Dessa vez o que os incomodava era a assinatura do Acordo MEC/USAID. A medida mexera com os estudantes universitários, levando-os a promover uma passeata e concentração em frente à reitoria para protestar junto ao reitor... Tomei conhecimento da reivindicação, achei-a justa.

Paloma chegou em casa toda inflamada:

— Mãe, amanhã vou participar de uma passeata. Não adianta dizer que não.

Ela acompanhara nossa angústia na ocasião em que João Jorge fora preso e temia que eu a aconselhasse não se envolver. Enganara-se redondamente. Perguntei-lhe o motivo da passeata e, ciente, quis saber:

— A que horas vai ser essa concentração?

— Ao meio-dia, quando terminar a aula.

Para grande espanto de Paloma, eu disse:

— Muito bem, eu também vou.

— Você vai, mãe? Vai mesmo? Mas a passeata é só para os estudantes, não é para as mães.

— Você não conhece tua mãe, menina – disse Jorge que ouvia o diálogo —, ela está doidinha pra ir... deve estar morrendo de saudades dos tempos dela... Tua mãe não foi brincadeira, Paloma, não perdia uma passeata, uma concentração... Foi numa dessas que nos conhecemos, e ela me pegou, você sabia?

Eu não estava doidinha, morrendo de saudades de uma passeata, como pilheriara Jorge. Eu estava, isso sim, preocupada com minha filha, com aquela juventude inexperiente que poderia fazer bobagens, botar tudo a perder. Com minha velha experiência política, testemunha e vítima de vários retrocessos democráticos, retrocessos desastrosos, devidos exclusivamente à inépcia de falsos dirigentes, queria estar do lado dos estudantes tentando ajudá-los, impedindo-os de praticar atos de vandalismo (Gattai, 1999, p. 103-104).

Militante experiente, temendo pela filha e pelos outros jovens, Zélia juntou-se aos manifestantes e, nesta experiência, subverteu o que se espera de uma mãe e, em vez de tentar dissuadir a filha de uma situação que envolveria perigo, ela juntou-se à massa, unindo sua militância à sua maternidade.

Cheguei antes da hora marcada [...]. Procurei por Paloma [...]. De repente ela chegou acompanhada de uma professora. Ao me ver, gritou, eufórica: Mãe! Olhou para a professora, que havia, minutos antes, tentado dissuadi-la de participar da passeata dizendo-lhe: Pense em sua mãe, e disse: Está vendo? Esta é minha mãe. Se a mãe não tem juízo, deve ter pensado a professora, lavo as minhas mãos.

No meio de tantos jovens eu me sentia a própria choca, cuidando dos pintinhos. Saímos andando e, ao ver um menino colhendo pedras no chão, dei meu primeiro grito de comando: Vamos fazer uma passeata pacífica, nada de provocações, jogue fora essas pedras [...]. Surpreso, o menino me obedeceu [...].

Nosso destino era a reitoria, tínhamos combinado cantar o hino nacional para anunciar nossa chegada, mas não deu tempo: fomos recepcionados por um camburão de onde saltaram vários soldados com máscaras, em disparada sobre nós, atirando bombas de gás lacrimogênio [...]. Com um desembaraço enorme, os jovens molhavam os rostos com as folhas e as flores, empapavam os lenços na água depositada nos capôs dos carros [...] a fim de neutralizar o efeito do gás. Meninos sabidos, mais experientes que eu supunha [...] (Gattai, 1999, p. 104-105).

“Fico agora pensando no que diria minha mãe, se fosse viva, ao ler estas páginas [...]. Certamente, balançando a cabeça, num suspiro, exclamaria: Maria Vêrgine! Que menina atrevida! O que é que não vão dizer?” (Gattai, 1986, p. 271). Esta frase está no livro *Anarquistas graças a Deus*, Zélia escreveu-a, referindo-se ao que sua mãe possivelmente diria ao vê-la também uma escritora.

Utilizo-a neste momento, por considerar que o espírito “atrevido” de Gattai permeou, em realidade, toda sua vida. Uma mulher, entre tantas coisas, “inconformada”, como a definiu Mirele Jacomet – coorientadora desta tese –, Zélia “atreveu-se” muitas vezes a mudar o curso de sua vida e o da história. Cruzar os braços diante de incômodos ou injustiças não pareceu ser uma opção para ela. E se, no momento vivido, precisou calar-se, manifestou-se tempos depois por meio de sua escrita.

A casa estava pronta e graças ao excelente arquiteto e aos amigos, grandes artistas da Bahia, tínhamos conseguido o que desejávamos: viver numa casa ampla, arejada, agradável, sem requintes de grandeza, combinando com nossa maneira de ser, de vida simples, sem ostentação. *Uma casa sincera*, como disse certa vez Gilbebert, em sua linguagem de arquiteto. Estaríamos rodeados de arte... (Gattai, 1999, p. 90).

Após essa longa passagem contextualizada pelo período militar, voltemos, pois, à personagem Casa do Rio Vermelho. A casa está pronta e seus moradores, ávidos por viver histórias que serão contadas para suas leitoras e seus leitores.

### 4.3 Casa cheia

O último operário que nela trabalhara arrumou as ferramentas e despediu-se. A casa estava pronta [...]. Podíamos receber à vontade.

Muitos amigos foram nossos hóspedes, no correr dos anos: Georges Moustaki, Roseana Sarney e Jorge Murad, Pablo Neruda e Matilde, Chico Anísio e Sônia Braga, Odylo Costa Filho e Nazareth, Arnaldo Estrela e Mariuccia Jacovino, Antônia e Gabriel Darboussier, Moacir Werneck de Castro com Nené... Misette Nadreau, Anny-Claude Basset [...] Sérgio Porto, entre tantos outros vindos de todas as partes.

Zélia Gattai

Conhecidos e anônimos estiveram na casa do Rio Vermelho durante os anos nos quais o imóvel pertenceu a Zélia e Jorge. Não apenas os hóspedes, mas tantos outros que passaram por lá foram registrados pela escritora. Amigos, desafetos políticos, gente de crenças diferentes... “Convidamos cerca de trezentas pessoas, a começar pelo presidente da República [...] amigos e inimigos, alguns ferrenhos adversários políticos, riam, esquecidos das desavenças” (Gattai, 1999, p. 218).

Neste subcapítulo intitulado “Casa cheia”, é a voz do outro pelo olhar de Zélia quem contará a história do Chão de Casa. Mais do que os fatos, serão os afetos que construirão a narrativa deste lugar, tão festiva quanto rica.

A possibilidade que se tem em conhecer tantas outras pessoas pela literatura de Zélia, traço marcante em sua escrita, ganha intensidade em *A casa do Rio Vermelho*, pois, agora, o tempo é outro na vida da autora.

É um tempo no qual predomina a paz, um momento com tempo longo, quando os acontecimentos se desenrolam dentro de um cotidiano como outro qualquer, não mais regido pela vulnerabilidade de se estar exilada. Não mais em um tempo apressado, ameaçada por perseguições políticas; não mais vivendo em uma cidade que dava indícios de grandes perigos... Depreende-se que, ao fazer da Bahia sua casa, Zélia finalmente encontrou seu lugar.

E, a partir desse lugar, Zélia traz a Bahia e as baianidades de seu povo; traz artistas os quais é possível conhecer apenas enquanto amigos de Zélia, e não com a máscara da fama e da mídia. Traz personagens bonitos em sua simplicidade, e que Zélia, demonstrando importar-se mais com o afeto do que com o fato, transforma em um interessante personagem de sua literatura. Como Rufino, um jardineiro que prestou serviço para a casa uma única vez e nunca mais saiu de lá.

Isto posto, construirei o subcapítulo 4.3 através das pessoas e suas relações com a Casa. Trazendo as memórias que transformaram essa obra memorialista em uma escrita tão particular:

Manu, artesão de ferro retorcido e latão, foi escolhido por Jorge para fazer um Exu a fim de enfeitar o jardim: O compadre vai ser o guardião da casa, disse Jorge. Lá estava ele, enorme, formoso, de cauda virada, chifrinhos e estrovenga, Exu pra ninguém botar defeito, nem mesmo Carybé, se roendo de inveja. (Gattai, 1999, p. 89).

O Exu da casa do Rio Vermelho está lá ainda hoje recepcionando visitantes do local, que virou museu. Uma imagem de latão que ganhou vida na literatura de Gattai. Literatura esta que, por vezes, assemelha-se a um romance, ao contar histórias dos outros e de coisas, dando-lhes vida pelo seu olhar.

Na passagem, aparecem Manu, o artesão, e Carybé, um artista renomado, mas aqui retratado em sua forma de amigo que se rói de inveja do outro.

A relação de Jorge Amado e Carybé, escrita tantas vezes por Zélia Gattai, foi de irmandade e de muita brincadeira. Foi, inclusive, por causa do escritor Jorge Amado que Carybé foi morar na Bahia:

Carybé leu *Jubiabá*, entusiasmou-se com o livro, com a descrição da Bahia e da maneira de viver do povo baiano. Disse lá com seus botões: *Quero ver com meus próprios olhos se essa terra existe. Vou dar uma espiada*. Veio e ficou [...] (Gattai, 1999, p. 170).

Da relação de Carybé com o livro *Jubiabá*, a autora traz outro personagem interessante de sua obra, Pierre Verger, e relata como o pesquisador veio morar na Bahia.

Pierre Verger ainda não era... íntimo dos países da África, nem profundo conhecedor dos mistérios das religiões africanas, quando veio pela primeira vez à Bahia. Era apenas um viajante incansável a correr mundos, os mais impossíveis e distantes, na ânsia de tudo ver, tudo conhecer, tudo registrar com sua câmera fotográfica.

O título do livro que chamou a atenção de Verger era: *Bahia de tous les Saints*, tradução francesa do romance *Jubiabá*...

Ancorou em Salvador. Na Bahia encontrou manancial infindável para a sua curiosidade, cidade à espera de suas descobertas, de suas fotografias. *Aqui vou viver*, disse Verger. A Bahia ficou sendo seu porto de partida e de chegada, a sua casa. (Gattai, 1999, p. 171).

Sempre referindo-se ao escritor e antropólogo com carinho, é com ele que Zélia vivencia uma história de religiosidade que desafia seu ateísmo. “Com Verger tivemos o melhor relacionamento. Raramente vinha em nossa casa, nos encontrávamos em festas de candomblé” (Gattai, 1999, p. 171)

Antes do fato em si, é interessante destacar que Zélia, em *A casa do Rio Vermelho*, geralmente faz referência às suas relações e aos fatos narrados a partir de sua casa. No episódio com Pierre Verger, ela destaca que o escritor “[r]aramente vinha em nossa casa...”, criando um vínculo de toda a obra com o lugar, sedimentando seu chão ao mesmo tempo em que se desloca a partir dele.

Conforme mencionado e evidenciado outras vezes nesta tese, seus chãos são ponto de partida para sua escrita; em *A casa do Rio Vermelho*, a casa é a personagem principal, pois é dentro dela ou a partir dela ou por sua causa que todas as outras relações se dão nesse livro.

Em uma narração que envolve a influência da cultura africana nas tradições baianas e a amizade da autora com Verger e Mãe Senhora, o fato descrito no trecho a seguir é um achado literário tão raro quanto primoroso dessa obra de Gattai.

No terreiro do Axé Opô Afonjá, [Pierre Verger] foi proclamado, por Mãe Senhora, Oju-Obá, os olhos de Xangô, o que tudo enxerga e tudo sabe [...]. Eu nunca tivera ocasião de fotografá-lo e precisava de uma foto sua para um livro que eu preparava, onde aparecia Jorge, ao longo dos anos, ao lado de amigos, em vários países do mundo (Gattai, 1999, p. 171).



A história é longa e permeada de características únicas da escrita de Zélia Gattai, portanto ela será escrita em partes, destacando-se os pontos relevantes para esta tese. Primeiramente, destaco a contextualização espacial do terreiro Axé Opô Afonjá, local que Zélia e Jorge frequentavam, onde faziam, uma vez por ano, o bori. Ao falar sobre o bori, ela nos mostra uma cultura religiosa muito forte na Bahia.

Devíamos fazer o bori uma vez por ano. O bori lava a cabeça, limpa-nos dos males de um ano inteiro... A cerimônia do bori durava uma noite inteira [...] banho de folhas, vestíamos batas e saia rodadas, brancas e assistíamos, à noite, ao sacrifício das galinhas e à preparação da comida feita com a galinha no dendê, farinha, quiabos... Parte daquela comida, acompanhada de preces em língua nagô, iria lavar nossas cabeças e parte seria oferecida aos orixás (Gattai, 1999, p. 70-71).

Lugar de grande importância para a autora, que abraçou a Bahia com sua cultura e suas tradições como sua casa, o terreiro Axé Opô Afonjá é bastante referenciado por ela em sua obra. Zélia não só enalteceu como sempre tratou com respeito as tradições baianas, ainda que suas crenças fossem completamente outras. Um destaque deste primeiro trecho de referência a Pierre Verger é a referência que Zélia faz a seu livro *Reportagem incompleta*, lançado em 1987. Trata-se de uma fotobiografia, com retratos tirados pela autora, *hobby* que tratava com seriedade. Registros advindos de suas tantas vivências, com tantas pessoas conhecidas. No livro, há fotos de Fidel Castro, Vinicius de Moraes, Caymmi, Simone, Sartre dentre muitas outras pessoas.

Na primeira oportunidade, ao receber Verger em nossa casa, tratei logo de apanhar a minha *Leica* [...]: Com todo respeito, professor, posso fotografá-lo?

Para minha surpresa, Verger me respondeu:

— Senhora professora, eu não permito que me fotografe.

— E por quê?

— Porque não gosto de ser fotografado. Basta esse motivo?

— Você está brincando, Verger? Me chama de professora e se nega a posar pra mim?...

— Todas as vezes que você me chamar de professor eu vou chamá-la de professora, certo? E não gosto de ser fotografado porque não gosto do meu perfil... Jorge e ele saíram para o jardim, foram sentar-se num banquinho debaixo da mangueira... resolvi dar uma de paparazzi... bati umas vinte chapas, feliz da vida.

Ao revelar o filme, no entanto, tive a maior decepção: as quinze primeiras fotos do filme, tiradas antes, estavam ótimas, as de Verger, completamente veladas.

Em conversa com Mãe Senhora, contei-lhe o sucedido. Ela riu: *Menina, e tu foi se meter com Verger? Tu num sabe que ninguém pode contrariar Verger? Verger é bruxo!*

Acabei achando que Mãe Senhora tinha razão, alguns anos depois. Mãe Menininha completava oitenta anos e o historiador Cid Teixeira programou uma gravação com depoimentos [...] de [...] Pierre Verger, Carybé, Jorge Amado [...]

A gravação deveria ser feita naquela noite, no próprio terreiro do *Gantois*...

Fez-se silêncio, Cid Teixeira pediu que Verger fosse o primeiro [...]. Verger disse algumas palavras para, em seguida pedir que os operadores parassem, ele

reiniciaria... *Não, não é isso que eu quero dizer... por favor apaguem o que já foi gravado [...]* só recomeçou a falar depois de garantir que seu pedido fora atendido... Nem preciso dizer que não desliguei meu gravadorzinho [...].

Ao voltarmos para casa, já de madrugada... eu disse a Jorge: *Ouça só, gravei todo o começo, Verger emocionado...* Ligado o aparelho, cadê a voz de Verger? [...]. Pela manhã, logo cedo, o primeiro telefonema foi de Farkas: *Por favor, Zélia, estou precisando que você me empreste sua gravação... parece que deu um enguiço no meu gravador e toda a fala de Verger, do início, se apagou [...]*.

Verger gostou muito quando lhe contei das falcatruas que tentara contra ele e da palavra sábia de Mãe Senhora. *Isso mesmo, eu sou um bruxo, professora, doutora [...]*.

[...] no lançamento de seu livro *Oxóssi* [...] Verger me chamou: *Professora, doutora, venha tirar uma foto minha com Jorge e Carybé. Só não tire meu perfil [...]* E essa fotografia dele [...] encontra-se no Reportagem Incompleta (Gattai, 1999, p. 171-174).

Considero essa história entre as mais interessantes do livro. Identifico-me, pois, assim como Zélia, também sou ateia. Surpreendo-me, pois, com a bruxaria de Verger, deixando, assim como Gattai, que esses mistérios povoem o imaginário e tornem a vida esse transitar entre o aqui e o além, desconhecido, que é a espiritualidade, que é também o futuro.

Como Zélia mencionou em *Vacina de sapo e outras lembranças*, por vezes é difícil mantermo-nos tão arraigadas às Ciências, pois elas não costumam dar conta dos afetos e das dores da alma. O relato sensível de Zélia mostra o deslizar não somente de seu chão para o mundo, mas dele para um lugar que nem sabemos que existe, mas que, somente por via da literatura ou da fé, é possível alcançar.

Já que Mãe Senhora esteve no episódio de Pierre Verger, aproveito sua presença para retomar a história do Exu que, ainda hoje, decora – e protege – a casa do Rio Vermelho. Foi mencionado que o orixá havia ficado pronto pelas mãos de Manu e que fora entalhado no jardim... Pois bem:

Não tardou muito, um recado de Mãe Senhora pedia que Jorge fosse vê-la com maior urgência.

A mãe-de-santo havia sabido da existência do Exu em nosso jardim e estava horrorizada. *Tu não tem juízo, seu Jorge? Onde já se viu botar dentro das portas um orixá forte desses, sem o fundamento? [...]* Se tu não tem cabeça, eu tenho, disse Mãe Senhora, encerrando a bronca.

No dia seguinte, mal o sol levantara, apareceu na porta Loló, emissário de Senhora. Trazia uma enorme sacola, dentro dela, o necessário para assentar o santo: um galo preto, um litro de azeite-de-dendê, um litro de cachaça, farofa amarela e alguns charutos. Cavou a terra, fez uma valeta em torno da escultura, nela atirou os charutos, despejou o dendê, a cachaça, a farofa e o sangue do galo decepado na hora (Gattai, 1999, p. 89).

No relato, uma descrição da cultura baiana, que está presente no imaginário nacional de muitos brasileiros: a macumba. Galo-preto decepado, a cachaça, o

charuto, a farofa... Elementos que, ao serem utilizados para tal objetivo, são bastante demonizados no Brasil, assim como são todas as dissidências da diáspora: as religiões e o próprio povo.

A cultura baiana que palmilha a obra de Gattai não encontra censura e nem julgamento, apenas o registro pela linguagem do afeto. Por respeito, carinho e, talvez, alguma crença adquirida, influenciada pela potência da religião africana da Bahia, Zélia continuou seguindo os ensinamentos da amiga.

Até hoje sigo as instruções de Mãe Senhora: às segundas-feiras, infalivelmente, chova ou faça sol, dou de beber ao meu compadre, despejo um copo de cachaça sobre ele, assobio uma música que Verger me ensinou e, com isso, dou por completa a obrigação. Nas minhas ausências, Aurélio me substitui (Gattai, 1999, p. 89).

Outra personagem importantíssima da história popular brasileira que também povoa nosso imaginário coletivo é a de Lampião e seu bando. Zélia Gattai não só conheceu, como tornou-se amiga de Dadá, esposa de Corisco, o braço direito de Lampião.

A literatura de Zélia proporciona essas surpresas para suas leitoras. A cada página, encontram-se pessoas que, com já dito, dificilmente estariam no mesmo livro, na mesma história, mas que, por fazerem parte da história única de Zélia, se encontram e nos encantam, emocionam, surpreendem.

O relato sobre Dadá é tão interessante quanto dramático, chegando a ser bizarro. Uma mulher que cultua seu algoz, alguém que a sequestrou e a estuprou tantas vezes, registros que também são encontrados no livro de Adriana Negreiros, *Maria Bonita: sexo, violência e mulheres no cangaço* (2018), cuja obra trata das mulheres no cangaço.

Zélia testemunha um momento importante do desfecho da morte do bando de Lampião ao lado da amiga Dadá:

Na Ladeira dos Perdões morava Dadá, viúva de Corisco, lugar-tenente de Lampião. Dadá perdera uma perna na luta do cangaço [...]. Sentada o dia todo em frente a uma máquina de costura, ela vivia de confeccionar embornais de lona, bordados, iguais aos que fizera para Lampião e seu bando [...]. Conhecêramos Dadá ao irmos em busca de comprar embornais [...]. Daí para a nossa amizade com Dadá foi um pulo [...]. Casada pela segunda vez, vários filhos, ela colara [...] retratos, recortes de jornais e revistas do bando de Lampião, sobretudo, de Corisco [...]. Contou-nos que foi raptada por ele aos quatorze anos, ele passara a cavalo, a apanhara e a envolvera numa manta. Fora muito feliz com o cangaceiro, não admitia que falasse mal dele [...]. Chorava ao recordar a barbaridade que haviam cometido, cortando a cabeça de Lampião, Corisco e dos demais do bando, conservadas em formol [...] expostas à visita pública [...]. *Nunca permiti que enterrassem o corpo de Corisco. Um corpo deve ser enterrado inteiro, com cabeça, disse ela [...]. Ali dentro estão os ossos de Corisco esperando pela cabeça, para o enterro.*

Dadá e o segundo marido dormiram durante muitos anos sobre o esqueleto de Corisco, até que o governador Luiz Viana Filho, homem de letras, culto e civilizado, apenas eleito acabou com aquela monstruosidade, ordenando que as cabeças fossem enterradas (Gattai, 1999, p. 107-108).

Zélia e Dadá foram amigas e, possivelmente em consideração à amiga, a escritora não repudiou Corisco em seus relatos, também não abordou a violência de Corisco contra Dadá. Contudo eu não poderia deixar de, em pleno 2023, deixar de pontuar e questionar uma violência física de gênero deste porte. Violência comum às mulheres, principalmente as de regiões rurais de estados pobres como o do Nordeste brasileiro, onde a educação e a segurança são precárias.

A biografia escrita por Adriana Negreiros (2018) corrobora com a memória de Zélia, validando também o caráter histórico de sua obra, mas aprofundando o episódio com uma escrita preocupada com o fato histórico e não com o afeto, prioritário na obra de Gattai.

Le Goff (1990) afirma que, mais do que pela relação entre a história e o tempo, os historiadores se interessam cada vez mais pela relação entre a história e a memória. “O tempo histórico encontra, num nível mais sofisticado, o velho tempo da memória, que atravessa a história e o alimenta” (Le Goff, 1990, p. 13).

O olhar subjetivo e afetivo de Zélia sobre Dadá mostra a dimensão da amizade que não podemos compreender no âmbito racional, que é a de não questionar as atitudes de sua amiga. Causa uma estranheza a isenção de Gattai sobre este assunto, mas penso que não é possível julgá-la, pois há, sobretudo, uma relação de respeito com a dor de Dadá que, por motivos que somente a psicologia poderia explicar, apaixonou-se por seu algoz. Zélia continua com o relato, e ela própria contribui com a compra do caixão do Corisco:

[...] naquela tarde assistimos ao enterro de Corisco, realizado por sua amada... Contribuímos para a compra do caixão. *Quero um caixão decente para ele*, disse-nos Dadá. Ao lado dela, vimos Corisco ser enterrado, esqueleto e cabeça juntos num mesmo caixão. Um caixão decente (Gattai, 1999, p. 108).

Há de se pontuar também a linguagem poética utilizada ao referir-se ao caixão: “Um caixão decente”, Zélia protagoniza esse evento tanto folclórico quanto histórico do Brasil.

Voltando à casa, Zélia apresenta sua amizade com o artista Calasans Neto e sua esposa Auta Rosa, amizade tão presente na casa do Rio Vermelho e na vida da autora, pessoas a quem as leitoras também se afeiçoam pela linguagem do afeto de Gattai:

Em nossa casa, feita com tanto carinho, tanta arte, tanta beleza espalhada por todo

lado, havia uma falha: a porta de entrada destoava de tudo o mais, era azul, sem nenhuma graça [...].

O talentoso artista, autor da bela porta que veio substituir a que era azul, sem nenhuma graça, Calasans Neto ou Mestre Calá, como é chamado, caprichou na provocante Tereza Batista entalhada na madeira que se abre a nobre a plebeus [...]. Mestre na gravura e no entalhe, artista também do pincel, Calasans Neto pertencia a uma geração de jovens, do movimento *Mapa*, formado por um grupo de moços talentosos, a geração de Glauber Rocha, Paulo Gil Soares, João Ubaldo Ribeiro, Carlos Anízio Melhor [...]. Esses não eram da fornada dos mais velhos, da geração de Jorge Amado, Mirabeau, Mario Cravo e Carybé.

Conhecíamos a todos, admirávamos o talento desses artistas, cada qual na sua especialidade: Glauber Rocha com seu talento cinematográfico, Sante com sua pintura, Calasans com suas gravuras e seus entalhes, João Ubaldo Ribeiro no início de sua formosa literatura (Gattai, 1999, p. 91-94).

Calasans Neto e Auta Rosa, sua companheira, eram amigos que também davam vida à casa. “Calá” foi o artista responsável pela porta de entrada, com a qual ainda hoje é possível deparar-se, na Casa do Rio Vermelho.

Ao falar do amigo, Zélia traz a arte e a cultura nacionais que nasceram na Bahia. No trecho, ela tem o cuidado de apresentar duas gerações de artistas de um estado do Brasil que tanto nos deu, e continua nos dando, orgulho. A autora entra nos pormenores culturais e tangencia o movimento *Mapa*<sup>28</sup>, fazendo de sua obra uma fonte de informações diversas.

Na época de nossa chegada à Bahia, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Calasans Neto frequentavam pouco a casa do Rio Vermelho. O mundo dessa juventude era outro. Calasans Neto só veio a frequentar nossa casa depois de seu casamento com Auta Rosa, moça de Ilhéus, alegre, franca, que nos conquistou, tornando-se uma de nossas melhores amigas (Gattai, 1999, p. 124).

Da porta de sua casa, abre voz em seu texto para falar da amizade caríssima a ela com Auta Rosa, alguém que a acolheu na Bahia, bem como registrar novamente o momento político que contextualizava sua mudança para a Bahia. Utiliza seu livro para fazer uma reparação, ao registrar sua revolta contra o que o país fez no período com seus artistas, como Caetano, Gil...:

Quanto a Caetano Veloso, viemos a estreitar nossos laços de amizade na Inglaterra quando, banido pelo golpe militar, Caetano foi viver em Londres. Nessa época, passamos seis meses morando num apartamento alugado, na Georges Street, onde Jorge escreveu o romance *Tieta do Agreste* (Gattai, 1999, p. 124).

Da Bahia, ela também resgata a cultura que veio a se tornar uma das mais ricas do Brasil, que é o quarteto Gil, Bethânia, Caetano e a ainda “Gracinha”. Em

---

<sup>28</sup> “Geração Mapa, grupo constituído por intelectuais e artistas baianos que atuaram em vários campos de expressão entre as décadas de 1950 e 1960 [...]. Trata-se do primeiro grupo literário baiano desenvolvido no ambiente estudantil, no contexto da educação pública, secundarista e universitária” (Borges, 2018, p. 7).

seu livro *Memorial do amor*, escrito aos 88 anos, Zélia registra o início da carreira dos baianos, em Salvador. Ela conta como os quatro amigos entraram em sua casa, com uma narrativa que parte literalmente de dentro de sua casa, da hora do jantar de seus filhos, para falar de quatro dos maiores artistas do Brasil:

Maria Bethânia e seu grupo cantariam no Vila Velha e os meninos pediram para jantar mais cedo, queriam ir ao teatro. Resolvi acompanhá-los, combinei com Norma, nos juntamos aos nossos filhos e fomos também...

Maria Bethânia, com sua voz quente, emocionante, cantou e o teatro quase veio abaixo. Caetano voz morna e suave, outro sucesso, Gilberto Gil com sua graça e picardia, um delírio; Gracinha, com sua voz fluente, de límpida melodia, levantou a plateia...

[...] da próxima vez, trago Jorge. Garanto que ele vai adorar... Jorge adorou os meninos... depois do espetáculo, meteu-se na confusão de pessoas que, como ele, queriam abraçar os artistas... queria... convidá-los a aparecer em nossa casa. Eles vieram e, para esses jovens, simpáticos e talentosos, nossas portas estiveram sempre abertas (Gattai, 2004, p. 30-31).

Com uma escrita emocionada, levando-nos consigo a plateia do teatro *Vila Velha*, a delirar com esses talentos descritos por Gattai em suas características mais marcantes como artistas: a “voz quente”, a “voz morna”, “a picardia” e a voz de “límpida melodia” (quando a nossa eterna Gal ainda era Gracinha). A narrativa de Zélia é um regalo literário de conhecimentos tantos, de tantos, partindo de si.

Zélia Gattai tinha uma característica em sua personalidade, que é a de lançar-se na vida, estar atenta ao que lhe era contemporâneo. Zélia fazia do seu tempo “o quando” de Vinicius de Moraes e “o onde”, de Gil, como se parafraseasse a canção em seu cotidiano: “O melhor lugar do mundo é aqui e agora” (Aqui [...], 2003).

Divaguei na rede de afetos da autora e perdi-me de Calasans por entre seus contemporâneos. Retomo, pois. Ao trazer histórias de Calasans, Zélia “costura” sua memória até Vinicius de Moraes, outro frequentador da casa. Um dos momentos vividos na casa de Zélia já foi mencionado no início deste capítulo.

Trago outra história por considerá-la interessante, pois somente Zélia, uma escritora que tinha um convívio tão próximo com Vinicius poderia contar. Ou porque sua escrita, quanto mais fala do outro e de seu entorno, mais potencializa sua obra literária:

Um belo dia, estava Vinicius, muito na dele, tomando seu uisquinho na casa de Calá, divertindo-se com as histórias que o anfitrião lhe contava [...] quando apareceu uma repórter do Jornal do Brasil para entrevistar o poeta sobre o livro recém-saído. Naqueles anos duros de censura repressão, as palavras deviam ser medidas [...]. Experiente, Vinicius respondia com evasivas às perguntas da repórter até que a jovem resolveu fazer-lhe a pergunta definitiva:

— Vinicius de Moraes: [...] Qual o seu conceito de liberdade?

Vinicius não titubeou, tranquilamente respondeu:

— Meu conceito de liberdade é poder fazer cocô de porta aberta. (Gattai, 1999,

p.130-131).

Ironia, bom humor e uma crítica severa de Vinicius ao sistema. Das coisas boas de se encontrar em obras literárias, ídolos em outros contextos aos quais pouco se tem acesso.

De Vinicius de Moraes a Dorival Caymmi, Zélia vai em poucas linhas e traz para nosso convívio literário o compositor baiano de voz grave, com timbre que parece vir da força das ondas do mar. Passagens com Jorge Amado, com Vinicius, passados dentro de casa, deste chão que estamos propondo nesta tese: um chão que ora é lugar, ora é personagem, ora é também um espaço que desliza para as ruas da Bahia, do Brasil, do mundo.

Dorival Caymmi passava temporadas na Bahia e era assíduo frequentador de nossa casa. Foi nessa época que ele compôs a canção para Menininha do Gantois: ... *a mão da doçura, está no Gantois*... Isso mesmo [...] a doçura ela própria, Mãe Menininha [...].

Amigos de longa data, Caymmi e Jorge são confundidos muitas vezes [...].

Certa vez, no terreiro do Gantois [...] A chegada de Jorge provocou certo movimento [...]. Reconheceram-no, pensei. Não passou muito tempo, uma senhora...

— O senhor não é o Dorival Caymmi?

— Não sou o Dorival Caymmi, mas sou o irmão dele [...].

Caymmi nos contou que o mesmo se passava com ele:

— Jorge Amado, como vai o livro?

— Vai indo, vai indo – respondera Dorival [...].

Vinicius de Moraes, outro amigo de toda a vida, não deixava de aparecer sempre que vinha à Bahia. Numa dessas visitas [...] foi abordado por um grupo de jovens em frente à nossa porta [...] voaram em cima dele: *Dorival Caymmi, pode me dar um autógrafa?* Vinicius não perdeu o rebolado, foi autografando: Dorival Caymmi, Dorival Caymmi..., *muito obrigado*, e se foi rindo satisfeito (Gattai, 1999, p. 127).

Norma e Mirabeau Sampaio – pintor, escultor, desenhista e professor baiano – é outro casal amigo de Zélia, que deram casa e colo a seu chão. Entremeando em sua literatura a de Jorge Amado, Gattai conta dessa amizade, que deu vazão a vários registros interessantes de como a arte imita a vida, na obra de Jorge, e na sua também, claro:

Norma, mulher de Mirabeau, era a pessoa mais encantadora deste mundo, alegre, sempre disposta a ajudar a quem lhe batesse a porta, a animação em pessoa. Peço licença para contar apenas uma história dela, contar um pouco de Norma. Quem um dia ler o romance de Jorge Amado *Dona Flor e seus dois maridos*, não deixe de observar o personagem, Dona Norma, que não é senão a própria Norma Sampaio, copiada com maestria, sem desprezar detalhes, pelo escritor (Gattai, 1999, p. 60).

Apesar de o artista ser Mirabeau Sampaio e talvez as anotações de Zélia que falam dele sejam mais importantes para os registros históricos, preferi focar na amizade por Norma que, além de representar a rede de apoio feminina da

autora, retrata muito bem o traço da obra de Zélia que é o de mesclar “banalidades” – o jeito de Norma, por exemplo –, com fatos relevantes, como o registro do processo criativo da literatura de Jorge Amado.

Pablo Neruda também frequentou a casa do Rio Vermelho. Amizade das mais registradas pela autora em muitos de seus livros, o poeta esteve na Bahia, e sua passagem é trazida em tom de carinho, mas também de tristeza. Aliás, *A casa do Rio Vermelho* é também uma obra de despedida, pois trata do lugar definitivo de morada escolhida pelo casal. São muitos anos passados ali, muita coisa aconteceu nesse período, inclusive as perdas.

Já se passaram muitos anos e eu me recordo, como se fosse hoje, da chegada de Matilde e Pablo Neruda à Bahia. Ele vinha se despedir. Não disse, mas tudo indicava [...].

Perguntei a Pablo se já tinha terminado o livro de memórias[...]. Pablo riu. *Aprenda mais essa, comadre, um livro de memórias jamais tem fim. A vida continua. Novos fatos vão acontecendo. Um livro de memórias de pessoas como nós, Jorge e eu, não pode ter fim. Nós vivemos a vida ardentemente. Vidas cheias de acontecimentos, bons e maus, sofremos as piores injustiças, desfrutamos as maiores alegrias e recompensas, viajamos e conhecemos esse mundo inteiro, temos amigos que nos esperam onde quer que cheguemos, aprendemos a compreender os homens, a perdoá-los, a amá-los, aprendemos a arrancar de nossos corações os mais sentimentos, não precisamos ter inveja de ninguém, ai, a inveja! Só maltrata a quem a sente, somos amados por nossos leitores e até por pessoas que nunca leram uma só página nossa, mas nos amam... Um livro de memórias nosso, de Jorge e meu, repetiu, não pode ter fim. Nem nosso nem de ninguém, riu. Não sei quando publicarei o meu, se é que o publicarei um dia.*

Ao dar-nos tão importante lição de vida, Pablo estava longe de imaginar que um dia sua comadre também acabaria escrevendo livros, livros que inclusive, contariam suas histórias (Gattai, 1999, p. 296-298).

Deste precioso relato de Neruda, destaco principalmente o trecho “somos amados por nossos leitores e até por pessoas que nunca leram uma só página nossa, mas nos amam” para buscar trazer mais uma vez o registro da literatura coral de Gattai e da relevância desta característica, que é a de falar de si e do outro praticamente em igual medida e isso não diminuir em nada sua importância em relação a esse outro de quem ela fala; ao contrário, o que ela fez em sua obra foi o que principalmente a enriqueceu.

Corroborando com Pablo Neruda, não sou conhecedora de sua obra, mas aprendi a respeitá-la pela abordagem afetuosa da escrita de Gattai sobre o amigo. Assim também se dá com Jorge Amado, conheço-o muito mais por Zélia do que por seus romances. Conheço-os pelo olhar e pelo afeto de Zélia, e isso me bastou para amá-los, como disse Neruda. É claro que esta minha visão é enviesada pelo olhar de Zélia, que não faz críticas a nenhum dos dois. Tenho consciência disso.

Com palavras ditas provavelmente somente a uma amiga, Neruda inscreve



uma minibiografia de si; e Gattai, ao trazer esse relato tão bonito de Neruda, não deixa de falar de si, de sua literatura e de suas vivências, já que esteve ao lado de Jorge por mais de quarenta anos, compartilhando dessas alegrias e tristezas.

Dirigindo o capítulo para o final, não por falta de casos interessantes da literatura de Gattai para contar, mas por falta de espaço nesta tese. Trarei algumas histórias acontecidas com as pessoas da casa. Funcionários, família e alguns anônimos que, como já disse, viraram personagens de Gattai e deram à *Casa do Rio Vermelho*, uma identidade única. Depois da morte de seu João Amado, Lalu, que tanto relutou para que Zélia e Jorge não fossem, foi morar na Bahia.

Um dia ouvi Lalu falando a Jardelino, seu irmão mais novo, Jarde, como ela o chamava: *Tu nem imagina, meu irmão, os amigos de Jorge aqui na Bahia não trabalham, são todos artistas, todos vagabundos, só vivem pintando quadros, cantando, gostam de conversar, de rir e de jogar baralho... o único trabalhador, deles todos, é Jorge, vive escrevendo, o coitadinho, às vezes tenho até pena...* (Gattai, 1999, p. 120).

Com esse relato vivo, de quem esteve atenta aos barulhos da casa, às conversas, às pessoas, volto o olhar para dentro de casa. Ainda que Zélia fosse apenas a narradora observadora, ou simplesmente porque teve a sensibilidade de narrar vidas.

Por Lalu, trago uma passagem sensível de Rufino, mencionado no início do capítulo. Segundo Zélia, Rufino foi trazido por Wilson Lins e era especialista em muros de arrimo. Fez uma única obra na casa dos Gattai-Amado e, ao terminá-la, continuou aparecendo por lá, pois, disse a autora, ele gostava da atmosfera da casa e dos amigos que lá frequentavam: “Carybé, sobretudo, lhe dava muita corda” (Gattai, 1999, p. 81).

Através de Rufino, Zélia nos leva para um dia no interior de sua casa, trazendo uma história de Lalu e Rufino tão hilária – já que tudo ficou bem – e comovente no final. História, sobretudo, de amizade.

Durante o almoço, o guardanapo de Lalu escorregou de seu colo, ela baixou-se para apanhá-lo, perdeu o equilíbrio... lá se foi ela no chão [...]. *Ai, ai ai, me deixem, quebrei minha perna [...]. Ai meu Deus, o que vai ser de minha vida? Velha de perna quebrada! Osso de velho não cola nunca [...]* Não adiantava querer consolá-la... Lalu se ofendia: *É porque não é tu que está sofrendo com as dores que eu estou sofrendo[...]*.

O médico não demorou a chegar [...]. Lalu [...] apenas trancara um osso na virilha, pequena rachadura, sem importância.

*Tu viu?*, disse-me ela ao ficarmos a sós, *não quebrei a perna, não, foi só a caixa da periquita*. Fez uma pausa. *Também ela já não tem mais serventia, não é, fia?* [...].

Eu estava sempre ao seu lado, mas um dia necessitei sair com Jorge e ao voltarmos encontramos a cama de Lalu vazia. Chamei por Eunice, nossa empregada, e tranquilamente ela disse que Lalu estava no jardim. Alarmados, fomos ao seu encontro e qual não foi a nossa surpresa: Lalu passeava refestelada nos braços de

Rufino. Emocionados, vimos a cena: o homem forte, braços estirados para frente e, sobre eles, uma pluma frágil, delicada, feliz da vida entre o arvoredor e as flores, a nossa Lulu.

Creio ter sido a emoção daquela tarde o motivo, válido por toda a vida, de nosso reconhecimento, carinho e paciência com Rufino. [Pode parecer invenção minha, mas não é: interrompi o que estou escrevendo para atender a Rufino, dar-lhe o dinheiro para que pague a água atrasada há três meses[...]] (Gattai, 1999, p. 105-106).

Trazendo-nos para o presente, contrapondo-o à história contada, Gattai dinamiza sua escrita memorialista, indo e voltando no tempo, dando a entender a passagem dele e a permanência das pessoas em sua casa e em sua vida.

Trago aqui mais algumas histórias de Zuca, o jardineiro, já mencionado no início do capítulo, pois sua presença durante muitos anos na *Casa do Rio Vermelho* são vida e alma desse lugar, onde o jardim e sua diversidade de plantas é também personagem da obra.

De Cruz das Almas, da escola de agronomia, conseguimos um presente régio: mudas de laranjeiras, de limas, de tangerinas, frutas de boa qualidade. Entusiasmado, Jorge providenciou um jardineiro para começar a faxina do terreno. Pela manhã, ao despertarmos, tivemos a maior decepção, a maior tristeza: nossas laranjeirinhas, plantadas com tanto entusiasmo, lá estavam completamente peladas, nem uma única folha em seus galhos. O terreno era minado de saúvas, vorazes formigas que só apareciam à noite. Elas haviam [...] feito a festa, e se encontravam recolhidas debaixo da terra, empanturradas [...]. Agora, chegava Zuca. De jardinagem ele não entendia nada, mas em formigas era doutor [...]. *Aqui tem muita e as que vêm de fora são ainda mais*, diagnosticou. *Vamos ter que liquidar todas as daqui e a dos vizinhos. Enquanto isso, não vale a pena plantar nada. É plantar e perder* (Gattai, 1999, p. 36).

A partir do personagem "jardim", Zélia introduz o novo jardineiro. Utilizo-me do que chamei de linguagem do afeto, que não diz respeito apenas ao fato em si, mas, principalmente às sensações e aos sentimentos que o envolveram. A autora cuida de falar da morte das plantas para introduzir esse tão importante personagem.

Carybé também torna a entrar na narrativa, pessoa de dentro da casa, presente na rua Alagoinhas, 33, desde a concepção do projeto e por toda a vida:

Dessa vez, sim, com formigas afastadas por Zuca, as plantas cresciam [...]. Ao ver aquele mundo de mudas, plantadas uma ao lado da outra: mangueiras, cajazeiras, pitangueiras, jaqueiras... Carybé foi taxativo: *Quando isso tudo crescer, para Jorge ir ao fundo do jardim vai ter que ir abrindo picada a facção* (Gattai, 1999, p. 36).

Aproveito que Carybé voltou a aparecer neste capítulo, no final, para falar de fim, de morte e da forma sensível com que Zélia trouxe em seu livro este tema, sem dúvida, bastante dolorido.

Assim como Neruda nos pediu: *Não me perguntem por ninguém, já morreram todos*, eu também pediria que não me perguntassem pelos amigos que estiveram ao meu lado enquanto escrevi estas memórias. Os amigos que me fizeram companhia, provocando riso e às vezes pranto, permitindo-me voltar a reviver o passado, morreram quase todos. Diria apenas que a primeira a partir foi Norma e o último Carybé. A chaga ainda está aberta (Gattai, 1999, p. 300).

Com uma linguagem poética, como no trecho “A chaga ainda está aberta”, a autora resume em um parágrafo o seu processo de escrita, ao lado de seus companheiros de vida, porém sem mencionar que muitos deles já haviam morrido. Ela não antecipa os fatos. Segue uma ordem majoritariamente cronológica em sua escrita e o desfecho, já no final do livro, trata de um assunto que ela prefere não detalhar.

A autora registra a passagem do tempo pelos cabelos grisalhos de Zuca, dando-nos a entender que o tempo passara e que ele permanecera em sua casa, cuidando de seu jardim, defendendo-o das formigas.

De meu terraço diviso, entre o arvoredado, Zuca que se aproxima. Cabelos grisalhos, o mesmo sorriso de sempre. A tiracolo, o pulverizador com veneno para matar formigas.

— Matando uma formiguinha, Zuca? – pergunto-lhe

Antes de responder, educadamente como sempre, ele diz:

— Bom dia, dona Zélia. Como passou a senhora de ontem pra hoje? E o doutor? Ainda está dormindo? Tudo bem, não é? [...].

Durante todos esses anos que Zuca nos serve, todas as vezes que viajávamos deixando o jardim aos cuidados dele, às vésperas de nosso retorno, estivéssemos onde estivéssemos, recebíamos uma cartinha de nosso jardineiro. Elas começavam sempre da mesma maneira: *Dona Zélia mais doutor Jorge, bom dia. Espero em Deus que doutor Jorge mais dona Zélia estejam gozando boa saúde. Por aqui vai tudo mais ou menos. Este ano choveu muito, muita água, afogou um bocado de planta... Ou então, depois do preâmbulo, até as novidades da carta: Por aqui vai tudo mais ou menos. Este ano a seca foi demais. Não choveu nada. Um bocado de planta secou...* (Gattai, 1999, p. 77-78).

Um fato tão corriqueiro da rotina de todas as casas. Todo canto provavelmente tem uma pessoa que, se for olhada com atenção e afeto, é também um personagem daquela casa. Alguém com um jeito alheio ao dos demais da casa, alguém de fora da família, mas que, por uma relação de trabalho, cultiva outro tipo de relação, em que se dão alguns conflitos, mas, principalmente, dá-se a fusão daquela pessoa naquela casa; daquela pessoa na vida das outras pessoas da casa. Algo bastante ordinário, mas, sob o olhar de Zélia, literário.

Zuca poderia ser um personagem de Jorge Amado, ou de Socorro Acioly, ou de qualquer outra autora ou autor que lide com o comum, com o corriqueiro, com o cotidiano, alguém que consiga enxergar poesia na correria do dia a dia.

Mas Zuca, assim como todos os que apareceram aqui, é personagem de Zélia: não somente o jardineiro, mas o jardim; não somente os amigos, mas, sobretudo, a amizade; não somente o fato, mas principalmente o afeto; todos são personagens “de carne e osso” – como diria Jorge Amado, o personagem principal da obra de Zélia e que será destacado a seguir.

#### 4.4 Zélia e Jorge: memorial de amor

Vá à Bahia, moça!<sup>29</sup>

Zélia Gattai

Como puderam perceber ao ler este trabalho, o escritor Jorge Amado é abordado de forma coadjuvante, ou seja, ele é mais um personagem da obra de Zélia Gattai que a ajuda a contar a história de sua vida.

Isto foi feito propositalmente, com o intuito de descortinar a obra literária de Zélia Gattai de qualquer sombra que a relação com o escritor possa tê-la imposto. Buscar trazer à luz a relevância da obra literária de Zélia Gattai passa também por desassociar o seu nome do companheiro com quem viveu por cinquenta e seis anos. Pessoa que, relata Zélia, “me deu a mão e conduziu-me por mundos os mais distantes, os mais estranhos, os mais fantásticos. Juntos palmilhamos as estradas da vida, as estradas do mundo” (Gattai, 2002a).

Penso – e torço – que esta tese tenha cumprido o seu papel e a justiça tenha sido feita à obra de Gattai: memórias que falam de si, do outro, do Brasil e do mundo. Obra de grande relevância pelo seu valor literário devido a uma escrita peculiar, de memórias: uma linguagem afetiva que aborda fatos históricos ou cotidianos de forma subjetiva.

Zélia Gattai teve a competência de capturar o extraordinário de seu cotidiano, que foi o convívio com tantas pessoas conhecidas e reconhecidas mundialmente a partir da ótica da amizade e da intimidade.

A autora foi brilhante também por transformar em literatura o ordinário de seu dia a dia, fazendo dos chãos onde viveu as sendas para eternizar as pessoas que com Zélia caminharam, de modo a contar suas histórias muitas vezes resvalando para temas outros, como a política e a história nacional e mundial;

---

<sup>29</sup> Essa frase Jorge Amado disse à Zélia Gattai em 1945, quando começavam a namorar, quando dedicou a ela o primeiro exemplar de *Bahia de Todos os Santos*. Este registro está no livro *Senhora Dona do Baile* (1982).

abrangendo culturas e crenças diversas.

A literatura de Zélia é um legado também de inclusão e respeito às diferentes formas de crer e de ser do humano. Ainda há muito por ser dito, exposto e escrito sobre Zélia Gattai. Espero ter contribuído e continuar contribuindo com a divulgação dessa escritora brasileira que tanto me orgulha e de quem o país precisa se orgulhar também.

Peço licença – assim como Zélia o fez diversas vezes em seus livros quando quis avançar no tempo da narrativa, ou inserir um assunto no meio do que narrava – para neste momento trazer um pouco do personagem que, sem dúvida, foi o mais importante para ela de todas as suas onze obras memorialistas: o amado Jorge.

Tarei Jorge Amado narrado a partir do amor de Zélia Gattai e de sua admiração por ele. O Jorge Amado que somente Zélia poderia narrar, pois somente ela esteve tão perto dele e por tanto tempo. É impossível ler Zélia Gattai e não se apaixonar também por Jorge.

Penso que, desta forma, estarei também fazendo jus à obra de Gattai e, principalmente, retratando-me com Zélia. Se eu e ela estivermos erradas em nosso ateísmo – e eu tomara que sim –, sua alma está em algum lugar e, de lá, ela deve estar esperando que eu fale de seu companheiro, pois foi para Jorge que ela dedicou quase todos seus onze livros de memórias: “Para Jorge, minhas memórias de infância com amor.” (Gattai, 1986, p. 7); “Pra Jorge.” (Gattai, 2000, p. 5); “Para Jorge que me ensinou a amar a Bahia” (Gattai, 1999, p. 5); “Para Jorge, nossos códigos, nossas recordações, minhas saudades” (Gattai, 2001, p. 5); “Para Jorge, nos seus setenta anos, com amor...” (Gattai, 1982, p. 5); “Para Jorge, nos seus oitenta anos, com amor” (Gattai, 1992, p. 5); “Para Jorge que me abriu as portas do mundo, com amor.” (Gattai, 2009, p. 5); “Para lembrar com Jorge, sua cabeça em meu regaço, estes anos difíceis e alegres de nossa vida” (Gattai, 1988, p. 5); “Para Jorge, esta reportagem que é dele, com amor.” (Gattai, 1986, p. 7).

Apresentarei alguns regalos da vida de Jorge Amado, a vida por trás da obra, que tanto interessa aos leitores em geral. Se para o autor Roland Barthes (2004, p. 57) “[...] a escritura é esse neutro, esse compósito, esse oblíquo para onde foge o nosso sujeito, o preto-e-branco onde vem perder-se toda a identidade, a começar precisamente pela do corpo que escreve”, a literatura de Gattai prova o contrário. Em sua obra a autora está vivíssima, e seus personagens, principalmente Jorge Amado, são de extrema relevância para leitores e leitoras admiradores de Jorge, Neruda, Amália Rodrigues, Nicolás Guillén e tantos outros.

No gabinete feito para Jorge trabalhar, ele nunca trabalhou: *Quero saber tudo o que se passa em minha volta, não consigo produzir em ambiente fechado*, costuma dizer e é verdade. Jorge escreveu *Dona Flor e seus dois maridos* no terraço aberto, o gato Nacib [...] era seu peso de papel. Nacib dormia sobre as folhas dos originais, podia ventar à vontade que elas não voavam. Gabriela e Vadinho eram sua família, esposa e filho, porém, o grande amor de Nacib era Jorge.

Certa vez, ao vê-lo parado diante da máquina, perguntei-lhe se estava tendo algum problema. *Nenhum problema*, disse ele... (Gattai, 1999, p. 115).

Segundo Zélia, Jorge nunca gostou de trabalhar em silêncio. Na casa do Rio Vermelho, preferia trabalhar na mesa da sala de jantar, dando conta de quem ligava, dos que tocavam a campainha. Na sala da casa, hoje um espaço cultural, ainda se encontra a mesa posta por Jorge, não a mesa do almoço ou do jantar, mas a máquina de escrever e seus óculos.

Como já foi dito nesta tese, Zélia trabalhou com Jorge Amado em quase todas as obras do autor, desde que o conheceu. Ela passava a limpo na máquina de escrever, inicialmente, e, depois no computador, os originais dos livros do autor. Precisou abdicar deste posto certa vez, pois estava ocupada com um livro seu, deixando para Paloma a tarefa de datilografar os originais de *Navegação de Cabotagem*.

Eu havia apenas começado a escrever *Chão de Meninos*. Ia ter que largar meu trabalho para ajudar Jorge. Paloma se ofereceu: deixa comigo, mãe, eu passo tudo pelo computador. Num instante, vou me regalar. E pela primeira vez deixei de me deliciar batendo os originais de Jorge, entregando à minha filha a agradável tarefa (Gattai, 1999, p. 286).

Interessante ver o trabalho familiar em torno da obra de Jorge Amado. Ao ler os livros de grandes ídolos, não se pode ter ideia de como aquela obra se forma, como ela ganha corpo, quantas pessoas estão envolvidas naquela atividade, para além dos profissionais de editoras, livreiros etc. Os primeiros leitores, quem ajuda a organizar as primeiras ideias... Um trabalho que, no caso de Jorge Amado, passava por sua mulher, e, neste caso, a filha.

Peço licença para contar sobre minha tese, pois, já que estamos “em família”, falarei da minha. Meus pais são os primeiros leitores dos capítulos, corrigem os erros gramaticais e me auxiliam na fluência do texto. Minha mãe ainda tem a incumbência de, quando eu estou longe do livro que quero pesquisar, buscar em meus livros em casa onde está o trecho que eu fichei, mas não numerei. Lê páginas e páginas para mim. Jamais terei como agradecer-lá. Paulo, meu namorado, sempre que pode, lê com prazer meus textos e, para ele, conto os casos hilários de Lulu, escuto sua opinião sobre minhas angústias de como abordar algum tema...

Essa rede de apoio literário é fundamental para um escritor ou escritora, pois

trata-se de um trabalho solitário no âmbito físico, mas um trabalho que envolve muitas pessoas no campo intelectual e emocional. Uma contradição entre estar acompanhada e, ao mesmo tempo, muito solitária.

Alguns surgimentos de personagens de Jorge Amado podem ser acompanhados pelos relatos de Gattai que, muitas vezes, tentou dar palpites, mas o autor não permitia:

Contador de histórias exigente, Jorge não admite resolver problemas com truques. “O truque desmoraliza a história” costuma dizer. Faz questão que seus personagens andem pelos próprios pés, pensem por suas cabeças.

*Eu me esforço para fazê-los inteiros, de osso, carne e sangue e, quando cometem uma besteira, metendo-se numa enrascada, eu lavo as mãos, não me envolvo, não vou apelar para o mais fácil, matando alguém ou poupando uma vida sem mais nem menos apenas para me livrar de uma prebenda. Prefiro quebrar a cabeça novamente para que meus personagens possam, com decência, resolver o que os perturba... Não tenho ibopes a me pressionar... como acontece com meus colegas que escrevem novelas de televisão [...] (Gattai, 2001, p. 139).*

Zélia buscava salvar personagens de Jorge, mudar-lhe características, dar-lhes outros destinos. Em *Gabriela*, a autora tentou, em vão, salvar Noca da morte, mas os personagens de carne e osso de Jorge não admitiam intromissões.

— Noca vai morrer? — perguntei-lhe angustiada.

Sem se perturbar, Jorge me disse que sim, que ela ia cumprir seu triste destino. Não me conformei com a decisão do autor:

— Mas por que você quer matá-la? Por quê? Tudo depende de você. Ela só morre se você quiser...

— Não, não depende de mim — respondeu Jorge. — Ela vai morrer porque chegou a hora dela!

— Mas ela é uma criança — insisti [...].

— O autor do romance sou eu, mas a vida e a morte são dos personagens, não depende de minha vontade. Se você quer me ajudar, deixe que eu escreva descansado, não tente me pressionar...

Corri para meu quarto, atirei-me na cama, humilhada, desmoralizada, infeliz... Chorei, não tanto pela morte de Noca, mas, sobretudo, pelo carão que acabara de levar (Gattai, 1982, p. 96-97).

Fazendo um paralelo entre as literaturas de Zélia Gattai e de Jorge Amado, vê-se que ambos percorrem um caminho contrário na confecção de seus personagens, seja pela diferença entre os gêneros narrativos escolhidos, seja pela particularidade da escrita de cada um, mas acabam chegando a um lugar comum, pelo menos enquanto desejo estético/literário.

Na obra de Zélia, os personagens são todos reais, contudo, são ficcionalizados ao passar pelo crivo da subjetividade da memória. O caminho contrário acontece com Jorge, seus personagens são eminentemente de ficção, mas são personificados pela forma como ele os constrói e pela maneira com que ele próprio se isenta de ser o responsável pelos destinos desses, ainda que esses,

claro, dependam do autor para o curso de suas histórias.

Em ambos os trabalhos, encontra-se a genialidade da autora e do autor em construir narrativas que prendem a leitora, que comovem, que inquietam, emocionam, fazem rir... As literaturas de Zélia Gattai e Jorge Amado se assemelham ao construírem personagens de carne e osso, personagens de verdade; pelo menos enquanto estamos com seus livros nas mãos.

Zélia não desistiu, com o “carão” que levava, e tentou ainda casar Mundinho Falcão com Gerusa. Ao narrar o fato, revela mais uma vez o processo interessante de criação de Jorge Amado, que parece isentar-se da responsabilidade de seus personagens, garantindo-lhes identidade, personalidade e vontades subjetivas:

Como de hábito, depois de fazer correções à mão nos originais batidos à máquina, Jorge me entregava as páginas, vinte, trinta, para que eu as passasse a limpo, tirasse cópias. Em geral, ao terminar minha tarefa [...] sem saber o que viria pela frente [...] a continuação, agoniada, lhe perguntava: “E agora o que vai acontecer? Mundinho vai se casar com Gerusa? eu sugeria a Jorge o que eu desejava que acontecesse. Vendo que eu queria enrolá-lo, Jorge ria: “Não tenho a menor ideia do que vai acontecer e, quanto à Gerusa e Mundinho, teus protegidos, não me venha com conversa de casamento! Você quer me meter noutra enrascada? Já me meti numa casando Gabriela com Nacib, não sei como me sair... Casam se quiserem, não depende de mim, mas do que vai acontecer. Se dependesse de mim, não casariam...” (Gattai, 1992, p. 103).

Em *Tereza Batista cansada de guerra*, Zélia finalmente consegue intervir e impedir que Tereza ostentasse um dente de ouro bem na frente de seu sorriso. Por intervenção dela, o dente de ouro foi parar do lado. Contudo, anos depois, ao ser interpelado por Zélia novamente sobre seus personagens, Jorge disse que nada mudaria e que se arrependera muito de ter mudado o dente de ouro de Tereza de lugar.

Mas, passados ainda muitos anos, ao copiar os originais de *Tereza Batista Cansada de Guerra*, reincidi: logo no início do romance, Tereza se envolve numa briga, leva um soco na boca, perde um dente da frente [...].  
— Me desculpe Jorge — fui falando docemente -, não me conformo de ver Tereza com um dentão de ouro bem na frente! Tenha pena da moça...  
Desta vez, Jorge achou graça da minha observação, fez minha vontade. O dente de ouro foi retirado da frente, colocado de lado (Gattai, 1982, p. 96-97).

A partir dos relatos da obra de Jorge Amado, tem-se um pouco da relação literária dos dois. Relação esta profissional e afetiva. O testemunho de quem teve o privilégio de conviver de perto com um escritor do porte de Jorge Amado. Sem dúvida uma convivência com ônus e bônus, contudo, retratados por Zélia pelo olhar do amor.



Difícil entender como o dono da festa não possa pôr e dispor, como melhor lhe pareça, de seus personagens. Com o tempo e na convivência com os personagens dos romances de Jorge, aprendi ser verdade o que ele diz quando repete: “Um personagem bem-estruturado, de carne e osso, de sangue nas veias, tem vida própria, o escritor que o criou não pode querer transformá-lo em um títere, embargar-lhe os passos, colocar em sua boca frases que ele jamais diria, levá-lo a fazer o que ele jamais faria.” (Gattai, 1992, p. 103-104).

Conclui, ela mesma, aprendendo com Jorge, que personagens bem-sucedidos na literatura têm vida própria. Por mais que seja difícil compreender, respaldo a afirmativa de Jorge Amado em Fernando Pessoa e seus variados heterônimos, com suas personalidades únicas, bem como no que escreveu Manoel de Barros (2011): “Poesia [literatura em geral] não é para entender, mas para incorporar. Entender é parede: procure ser árvore”.

Zélia conta que Jorge Amado e Jan Drda promoveram o encontro de personagens seus em seus livros. História ótima sobre a escrita do marido, sobre um livro escrito enquanto estiveram no exílio. Jorge e Jan dividiam o mesmo chão em *Dobris* e, lá, decidiram promover um encontro literário de seus personagens:

Durante os dias úteis ninguém o via, Drda não brincava em serviço [...]. Um dia contou que o tema de seu romance era a Guerra da Espanha e as Brigadas Internacionais, seu personagem principal um sargento da Brigada Dimitrov. Ao saber que no romance de Jorge havia um oficial brasileiro lutando na Espanha, Drda entusiasmou-se e propôs:

— Por que não promovemos um encontro de nossos personagens, no teu e no meu livro? [...]

É assim, pois, que no segundo tomo de *Os Subterrâneos da Liberdade* [...] o capitão Apolinário Rodrigues se encontra com Franta Tyburec, personagem de Jan Drda: “Marchando entre os laranjais, fatigado e sonolento, a coxa ferida maltratando-o, Apolinário pensa no Brasil. Quando poderá voltar... Apolinário se aproxima. (...) O sargento Franta Tyburec ouve o rumor abafado dos soldados que o buscam. [...] e se apresenta:

— Sargento Franca Tyburec (...) Sargento da Companhia Gottwald, da décima terceira brigada, a Brigada Dimitrov...

— Capitão Apolinário Rodrigues (...) Brasileiro... Brigada Lincoln.” (Gattai, 1989, p. 27-28).

Poderia citar ainda outras passagens muito interessantes sobre Jorge Amado pelo olhar de Gattai, mas esta tese se estenderia demais, mais do que já se estendeu. Encerro, pois, este subcapítulo falando do amor e das saudades, do fim da vida a dois, mas que foi eternizada em *Memorial do amor*. Com a palavra, Paloma Amado, que escreveu o prefácio do livro:

Durante 56 anos foram só ela e seu amor. Destes 56, por 40 estiveram juntos na Bahia. Primeiro buscando a casa, depois comprando a casa, em seguida reformando a casa, para finalmente nela morarem [...].

Toda sorte de sentimentos sentiram juntos: da maior alegria à mais profunda tristeza

[...] amor profundo.

Sem perder a individualidade, foram se fundindo e juntos se amalgamaram à casa: uma perfeição.

De repente, não mais que de repente, como disse o poeta, o cristal se rompeu. Os tufões e os furacões do mundo inteiro, aqueles que salvara o sonho do comandante Vasco Moscoso de Aragão, provocaram a maior balbúrdia na casa do Rio Vermelho. Ele se foi [...].

Ficaram Ela e a casa [...] O que fazer? [...].

Sair da casa não foi fácil [...] [a saída veio] junto com a decisão de transformar a casa num memorial dedicado ao homem de sua vida, ao escritor que o Brasil tanto ama: o Memorial Jorge Amado. Como sobreviver? Escrevendo as histórias desta casa que abrigou tanto carinho, tanto afeto. Nascia o (livro) *Memorial do amor* (Amado, 2004, p. 7-8).

Zélia Gattai deixou a casa no Rio Vermelho e foi morar em um apartamento.

No livro *Memorial do amor*, dedicado simplesmente “Ao amor” (Gattai, 2004, p. 3), Zélia, no intuito de se despedir da casa onde viveu com Jorge por quarenta anos, escreveu histórias vividas nela. Algumas delas repetidas em outros livros, outras inéditas, mesmo após ter escrito tanto sobre a casa em *A casa do Rio Vermelho*.

Naquele momento, tinha-se uma autora de 88 anos ainda em plena forma literária. A memória e os afetos trabalhando, buscando amainar a saudade ao reviver momentos com seu amado. *Memorial do amor* é, sobretudo, um livro de resistência à dor pelo amor.

Neste momento, quando me despeço do lugar onde passei o melhor tempo de minha vida, ao deixar Jorge repousando sob a mangueira por nós plantada no jardim, mil lembranças afloram-me à cabeça. Lembro-me de coisas que para muitos podem parecer tolas, mas que, para mim, não são. (Gattai, 2004, p.11)

Quem vem agora ao meu encontro é o próprio Jorge. Ouço sua voz tão minha conhecida, falando sobre a nossa casa, numa entrevista dada à televisão, há algum tempo:

[...] *É uma casa que, para Zélia e para mim, é a nossa história. Aqui nós vivemos as melhores horas, os melhores momentos de nossa vida. Diante do Jardim que plantávamos, um dia, eu disse à Zélia: “Quando a velhice chegar e estivermos os dois sozinhos, aqui, de mãos dadas, recordaremos os dias felizes”.*

Hoje, sozinha, sem ter sua mão para segurar, vou vivendo das recordações, das coisas boas e das coisas belas que juntos vivemos naquela casa, a casa da amizade, a casa do amor (Gattai, 2004, p. 139).

## 5 Considerações finais

Chego ao final dessa trajetória que me tomou quatro anos. Melhor dizendo, chego ao final dessa trajetória que me amparou por quatro anos.

Sou da turma de matriculados em 2020 e basta essa data para que todos saibam das dificuldades enfrentadas, sejam elas de ordem sanitária ou política. Sobrevivi graças ao SUS e à Ciência. Resisti com a ajuda do doutorado, graças à Zélia Gattai.

As aulas on-line levaram a mim e a minha turma a termos um prejuízo acadêmico irreparável, porém foram elas que me permitiram uma rotina em meio a um tempo longo, elástico e difuso, que insistia em não passar. Estávamos confinadas e, ao contrário dos chãos de Zélia, os chãos desse período, para quem tinha a sorte de tê-los, era um lugar de reclusão, confinamento, distanciamento social.

Contudo, assim como Gattai, eu não andei sozinha. Júlio Diniz, meu orientador e professor, do outro lado da tela, esforçava-se para nos manter vivos de espírito e de entusiasmo para mudar as coisas, ainda que o cenário fosse catastrófico. Júlio estava preocupado com os rumos que estavam tomando o CNPq e a Capes, em uma gestão política que causou prejuízos à educação e à cultura do nosso país.

Torço que este período seja parte do passado de nossa história, mas que nossa memória nunca o perca de vista. A obra de Zélia Gattai é um testemunho de que a história se repete e que a extrema direita no Brasil não cessa, ela apenas adormece por uns tempos e, quando retorna, o faz com fúria.

Júlio Diniz colocou em minha vida uma espécie de estrela, deve ter sido obra de Zélia, que me emprestou a sua estrela naquele momento desorganizador. Apareceu na minha trajetória a professora Mirele Jacomel.

Júlio me disse: “Você e Mirele são completamente diferentes. Você, essa coisa nordestina, do mar, que vem para a orientação de cabelo lavado, da praia. A Mirele é uma pessoa superelegante, cabelo sempre muito bem cortado, organizada... Mas você vai precisar falar sobre Feminismo e o feminino, e isso está fora da minha alçada; já a Mirele é doutora nisso. Ela vai ser sua coorientadora.”

O que Júlio não previu – ou tenha previsto desde o início – é que duas mulheres com o mesmo propósito: o de amar e mudar as coisas, parafraseando meu conterrâneo Belchior, seriam capazes de unir o Nordeste ao Sul, mesmo em tempos de isolamento e distanciamento social. Além de uma excelente coorientadora, que, sim, organizadíssima, me colocava na linha, eu ganhei uma amiga.

Assim como na obra de Zélia Gattai, onde a vida da casa invade sua escrita, e a escrita de Jorge Amado – uma escrita que se dava com a casa em movimento; a orientação desta tese acontecia de forma profissional, mas com barulhinho de criança brincando atrás, ou com interrupção de sobrinho que queria brincar com a tia bem na hora do trabalho.

Sei que estou fugindo ao protocolo acadêmico e me colocando mais do que deveria, contudo Literatura é também uma forma de contágio, como afirmou Roberto Corrêa dos Santos (2001). E ele segue dizendo que quem está a ler já instalou a Literatura em seu campo mental (Santos, 2001). Sem dúvida fui influenciada pela forma narrativa de Gattai, cuja escrita assemelha-se à oralidade, à contação de histórias.

Zélia escreve, pois o livro seria o único ou melhor meio de propagar para o mundo o que ela precisava dizer. Porém, mesmo transcrevendo para o papel, ela não perdeu a verve da oralidade, o que confere uma característica importante de sua narrativa.

Tomando a Literatura como contágio, relatar a forma que se deu a construção deste trabalho, falar das muitas pessoas que estiveram envolvidas, é uma forma de elucidar o quanto a literatura é transformadora e o quanto podemos ser tocadas por ela. Antonio Candido, em seu ensaio/palestra “O direito à literatura”, já bastante referenciado nesta tese, aponta para a importância da literatura para que possamos ter acesso ao mundo e ao outro de uma forma mais ampliada e mais rápida. Candido defende a literatura como um direito primário do ser humano, reconhecendo seu poder transformador para a construção do pensamento crítico individual e coletivo.

Uma pesquisa aprofundada sobre Zélia Gattai leva a concluir que o que precisa ser dito pode ser feito pela escrita de si, contado de uma maneira que parta da intimidade, e que pode ser transmitido por uma linguagem menos engessada, mais inclusiva, afetiva e, principalmente, mais acessível e empática, tornando a literatura mais democrática. Portanto, ao incluir relatos do bastidor da confecção deste trabalho, reforço o que aprendi com a literatura de Zélia Gattai: trazer o afeto e as relações para o centro do debate, pois, dessa forma, é possível

se fazer sentir junto à leitora.

Tenho consciência de que este trabalho não é Literatura, mas uma tese. Mesmo assim, gostaria que sua linguagem trouxesse as pessoas para perto, falasse do chão de cada uma ou um que esteve envolvido aqui, pois, por trás dos textos acadêmicos, existe o humano, o que, na obra de Gattai, vem em primeiro lugar.

O humano em Gattai fez dela uma mulher “inconformada”, como teorizou Mirele Jacomet. Uma mulher que não se sujeitou ao lugar que era previsto para as mulheres na primeira metade do século XX. Muitas vezes, um lugar de submissão ao machismo. Zélia, mesmo com a chantagem de perder a guarda do filho, escolheu seguir o caminho da liberdade. Ainda que com duras consequências, a autora não abriu mão de si mesma.

Falemos, pois, sobre as considerações finais deste trabalho. Começo falando que não há fim, mas, sim, há muito o que se trabalhar sobre Zélia Gattai. Espero ter conseguido mostrar o quanto ela é atual, potente e o quanto é urgente trazer sua obra para o debate contemporâneo.

Inicialmente, destaco as duas teorias balizadoras desta tese: a Escrita Feminina e a Escrita Memorialista.

Estudar a Escrita Feminina foi fundamental para conseguir olhar para a leitura de Gattai sem exigir da autora um posicionamento feminista, mas compreender de onde parte a sua forma de narrar histórias de um modo tão íntimo. Andrea Nye (1995) foi fundamental nesta compreensão, ao falar de como o machismo cerceia o imaginário feminino e sua liberdade de assimilação do entorno e de expressão de suas ideias; obrigando-nos a uma linguagem doce, sensível, afetuosa, bela... Enfim, adjetivos que muitas vezes não dão conta do que queremos ou precisamos dizer.

Contudo, este trabalho mostrou que Zélia Gattai, por nunca ter se conformado com este lugar, subverte-o também na escrita, fazendo de sua intimidade rica em convívios e vivências, um ponto de partida para as suas histórias, ao mesmo tempo em que utiliza a linguagem do afeto para trazer suas leitoras para perto de si, sussurrando, ao mesmo tempo em que grita, temas que precisavam e que ainda precisam ser debatidos.

A Escrita Feminina em Zélia Gattai une, portanto, o Feminismo à linguagem afetiva. Ainda que a autora não tenha se declarado uma feminista, nesta tese nós reconhecemos nela muitos traços do Feminismo, sendo o inconformismo o principal deles. Assim, ela cria um espaço narrativo para dizer tudo o que quis dizer, contribuindo não apenas com o enriquecimento literário e suas diversas

formas de narrar, mas também com o arquivo da história política do mundo.

A união dessas teorias acima suscitou, após conversas com meu orientador e minha coorientadora, a criação do conceito de “chão” para a análise da obra de Gattai. Uma narrativa a partir de lugares que tanto são ponto de partida de histórias, como são lugares de trânsito de pessoas, lugares de deslocamento e ampliação de mundo; e, também, são lugares de subversão política e ideológica, principalmente contra um machismo castrador.

Pensar a obra de Gattai a partir dos chãos, permitiu-nos capturar traços de diferentes períodos de sua vida, que ora se mostram basicamente corriqueiros, ora de grande relevância política e histórica, mostrando-nos a cultura e as crenças do povo baiano, que eternizou a memória da matriz africana, base da formação do povo brasileiro.

“Chão de infância” e “Chão de casa” são capítulos que retratam, principalmente, a linguagem afetiva da autora. No primeiro, as histórias de sua família originária, revelando-nos cada personagem de dentro da sua casa. Seus pais, as queridas irmãs, Wanda e Vera, e os irmãos; além de Maria Negra, seus tios e tias e tantos outros. Tais personagens contam parte da história da cidade de São Paulo, com suas evoluções – termo atualmente posto em xeque, devido a quanto o ser humano é predador ao “evoluir”.

Já “Chão de casa” traz as relações de uma Zélia Gattai já madura. Traz a fraternidade e a formação de uma família formada e escolhida por ela. Carybé, Norma, Calasans, Auta Rosa, Mirabeau, Nancy, Mãe Menininha e muitas outras personagens palmilharam uma narrativa rica ao contar o dia a dia de tantos ídolos ou pessoas que conhecemos por seus trabalhos, mas que, pela literatura de Zélia, nos são apresentadas por uma linguagem intimista.

O capítulo 2 – “Chão de passagem”, ambientado no Rio de Janeiro – apresenta-nos a autora em momentos preocupantes da história do Brasil, bem como nos apresenta uma mulher corajosa, à frente do seu tempo, que optou por seguir uma paixão [Jorge Amado], deixando em São Paulo alguém tão importante, o filho Luiz Carlos. O capítulo também anuncia o período do exílio e o quanto a vida de Zélia foi perturbada pela política. Neste capítulo, o momento pré-golpe militar se funde com os relatos da convivência com os sogros e o início da chegada das drogas no Rio de Janeiro, que é contado a partir da preocupação de Zélia com os filhos.

Por fim, o capítulo 3 – “Chão de exílio” – é o de maior teor político e o que considerei o mais difícil de escrever; para mim, o mais sofrido. Contudo o mais rico do ponto de vista político e, portanto, bastante relevante para um país que

não valoriza a memória de sua História. Importante também pelos relatos de sua experiência em um país socialista/comunista, com suas vantagens, dificuldades e injustiças. A amizade também é forte personagem no capítulo 3, no qual Pablo Neruda e Nicolás Guillén são também protagonistas.

A teoria memorialista, principalmente guiada por Leonor Arfuch e Jacques Le Goff, levou-me a pensar a obra de Gattai como uma forma de reparação das injustiças feitas a ela e a muitas que cruzaram seu caminho, como os casos de Monika e o de Dadá, nos capítulos 3 e 4, respectivamente. Tais reparações falam não somente dela, mas do outro – agora amparo-me em Diana Klinger. Ao narrar sua vida, Gattai falou da nossa.

Além da proposta de reparação, sua obra é também uma escrita de resistência, uma forma de perpetuar suas vivências, com dores e delícias, a fim de que suas leitoras não se esqueçam do quanto as ideologias políticas podem causar estragos na vida das pessoas. Os exemplos da prisão de seu Ernesto e do exílio de Jorge Amado são de atos de resistência pelas palavras.

Contudo, sua obra não foi panfletária, bem como não se pretendeu como um grito de revolta, mas a sutileza com que traz os fatos a partir de seus chãos é que a torna mais potente; e seus registros são capazes de afetar ainda mais a leitora, auxiliando-nos na confecção de nosso pensamento crítico acerca do passado.

Diante de uma obra tão vasta, de onze livros de memórias, a seleção dos títulos selecionados se deu a partir do conceito de *chão*. *Città do Roma* e, principalmente, *Anarquistas graças a Deus* deram conta da infância. *Senhora dona do baile* e *Jardim de inverno* foram abordados no “Chão de exílio”. *Um chapéu para viagem* e *Chão de meninos* contam sobre a vida de Gattai nos dois períodos em que morou no Rio de Janeiro, portanto, foram os selecionados para o capítulo 2. E, por fim, o capítulo “Chão de casa” teve como principal obra: *A casa do Rio Vermelho*. O livro *Memorial do amor* também foi utilizado neste capítulo, por se tratar de uma obra escrita na despedida de Zélia da casa onde viveu por mais de quarenta anos.

Três livros da autora foram menos trabalhados na tese que, inicialmente, pretendeu ser um mergulho em suas onze obras memorialistas. Por falta de tempo e espaço e pela escolha dos temas a serem abordados, não recebeu a merecida atenção *Códigos de Família*, um livro muito sensível e um exemplo potente da linguagem afetiva da autora, pois transforma os hábitos de comunicação de sua família, bem como as falas dos outros que viraram códigos falados pelas pessoas de seu convívio. Nele, ela traz o ditado – que chama de código – e conta a sua

origem.

*Vacina de sapo e outras lembranças* foi mencionado nesta tese, mas também pouco trabalhado. Trata-se um relato de fé nas crenças sobrenaturais, mas também, sobretudo, fé na vida e no amor que sentia por Jorge Amado. Na obra, a autora escreve sobre tudo o que fez para que Jorge não morresse.

Por fim, e talvez o que eu mais lamente não ter trabalhado, faltou o *Reportagem incompleta*, um livro de fotografias tiradas por Zélia, fotos estas que somente ela poderia ter feito, pois, ao acompanhar o marido e no intuito de registrar os momentos de Jorge, ela esteve em muitos lugares e reuniões, em que somente uma pessoa íntima podia estar de posse de uma câmera fotográfica. Obra riquíssima que merece uma pesquisa futura.

Direcionando-me para o final destas considerações, concluo que este trabalho consolidou o perfil Intelectual Empírico de Zélia Gattai. Uma autora brasileira que, por uma linguagem única – já descrita anteriormente – conseguiu lançar luz sobre temas tão urgentes em nosso país, como: política, história, cultura, além de reforçar a importância da escrita memorialista para uma reparação de injustiças do passado perpetuadas pelos que se locupletaram do poder e pretendem permanecer nele.

Zélia Gattai está há mais de quarenta anos gritando que uma obra intelectual pode partir de indícios, do que nos falou Ginzburg (1992), ou dos sussurros contados por Noemi Jaffe (2020), história aqui já mencionada, mas que cumpre retomá-la, sobre Nadeja Mandelstam, que sussurrava para si, a fim de nunca esquecer os poemas proibidos de seu marido Óssip, morto pela ditadura Stalinista. A obra de Zélia Gattai está há mais de quarenta anos testemunhando o quanto o Brasil silencia o seu passado, não debate absurdos e anistia injustiças.

Para além da política, estudar a obra de Gattai é mergulhar em culturas, as mais diversas. É conhecer a cidade de São Paulo ainda pequena, ainda sem automóveis, e chegar à Tchecoslováquia no início da Guerra-Fria com suas contradições, sanções e racionamentos. Testemunhar a transformação de um povo para um novo regime político e como isso o afetou social e emocionalmente.

Como obra literária em si – para além da intelectual que foi Zélia Gattai a partir de sua escrita, e do que ficou elucidado nesta tese como potências em seu legado literário – ela também atende a características da literatura que são puramente o prazer da leitura, ou o descompromisso com a informação. A literatura que gera o incômodo, que fazer pensar, que fazer questionar – do que nos falou Candido (2011) – ou a emoção, o encantamento que ela gera, descompromissada com a informação, o que poetizou Leminski:



Escrevo. E pronto.  
 Escrevo porque preciso  
 preciso porque estou tonto...  
 O peixe beija e morde o que vê.  
 Eu escrevo apenas.  
 Tem que ter por quê? (Leminski, 2013, p. 135).

Reforço que pesquisar sobre Zélia Gattai é também descobrir que o rigor literário pode, perfeitamente, ser trabalhado pela linguagem do afeto, e que as memórias corroboram com a guinada subjetiva proposta por Sarlo (2007a) e servem para reparar a História de suas injustiças cristalizadas por quem detém o poder do arconte. Sua obra também nos permite perceber que falar de si através do outro é muito enriquecedor para a leitora, torna a obra coral, e isso não desvia a nossa atenção da estrela principal, que é Zélia Gattai.

Zélia Gattai nos permite olhar para o Feminismo com as importantes ressalvas que é preciso fazer em todos os conceitos que, de alguma forma se engessam e que assustam muitas mulheres. Incapturável, os traços de feminismo de Gattai também não têm rótulos, é uma luta de vida contra as amarras que tentaram colocar sobre ela. Observa-se, por exemplo que Simone de Beauvoir só foi citada nesta tese como amiga de Gattai e não como teórica aplicada aos gestos e atitudes de Zélia.

Trabalhamos para que Zélia Gattai seja conhecida e reconhecida como uma grande escritora brasileira, assim como temos Raquel de Queiroz, Clarice Lispector, Carolina Maria de Jesus e tantas outras, cada uma com uma forma narrativa, todas absolutamente relevantes.

Escrevo esta conclusão em uma sexta-feira, dia em que se veste branco no candomblé. Estou vestida de branco, porque, assim como Zélia, e também por causa dela, aprendi a amar a Bahia com suas magias, mistérios e crenças. Com Aza Njeri, pude me aprofundar um tanto mais nos preceitos e nas práticas do candomblé. Suas aulas evocaram em mim Mãe Menininha do Gantois, Mãe Stella, Luiz da Muriçoca, todos personagens de Gattai, todos amigos de Zélia. Percebi, em sala de aula, o presente ativando o passado e o ressignificando. Um devir-passado, de que falou Walter Benjamin (2017), um olhar para o passado que permitiu repará-lo, neste caso, destituindo preconceitos arraigados às religiões de matriz africana.

Este trabalho, sem dúvida incompleto, foi uma construção pela escrita de Zélia Gattai de um perfil intelectual diferenciado, empírico, indiciário e, portanto, inovador e

surpreendente. A contribuição desta tese, espero, foi a de trazer Gattai para a academia, não que ninguém nunca o tenha feito, mas somos muito poucas ainda.

O trabalho continua em sala de aula, onde pretendo trazer a literatura da autora e apresentá-la com entusiasmo para os alunos. Espero, um dia, orientar algum trabalho sobre Gattai... E, dessa forma, ir costurando uma teia que a autora iniciou ainda com seus avós, no final do século XIX, passando por todas nós e chegando no amanhã.

“Foi ontem, e é o mesmo que dizermos que foi há mil anos, o tempo não é uma corda que se possa medir nó a nó, o tempo é uma superfície oblíqua e ondulante que só a memória é capaz de fazer mover e aproximar” (Saramago, 2005, p. 137). Com esta citação de José Saramago, em: *O evangelho segundo Jesus Cristo* (2005), encerro aqui desejando para nós todas: Axé!

## 6 Referências

ACORDA amor: Chico Buarque. **Letras**. [S. l.], c2003. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/chico-buarque/45103/>. Acesso em: 22 mar. 2024.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Companhia das Letras: São Paulo, 2015.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

AGUIAR, Joaquim Alves de. Espaço e experiência: representações do afeto nas memórias de Pedro Nava. **Itinerários**, Araraquara, n. 12, p. 59-65, 1998.

AMADO, João Jorge. **[Sem título]**. [Entrevista concedida à Luciana Terra Targino]. [S. l.], 6 mar. 2023.

AMADO, Paloma Jorge. Prefácio. *In*: GATTAI, Zélia. **Memorial do amor**. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 7-8.

AMADO, Paloma Jorge. **[Sem título]**. [Entrevista concedida à Luciana Terra Targino]. Salvador, 2 ago. 2022.

AMARAL, Glaucy Cristina do. **A narração memorialística em A casa do Rio Vermelho de Zélia Gattai**: uma meta-memória. 2010. 85 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

AQUI e agora: Gilberto Gil. **Letras**. [S. l.], c2003. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/gilberto-gil/46186/>. Acesso em: 25 mar. 2024.

ARFUCH, Leonor. **La vida narrada**: memoria, subjetividad y política. Villa Maria: Eduvim, 2018.

ARFUCH, Leonor. Mujeres que narran: trauma y memoria. **Abrys, Études Féministes**, [s. l.], n. 15-16, jan./dec. 2009. Disponível em: <https://www.labrys.net.br/labrys15/ditadura/leonor.htm>. Acesso em: 20 jun. 2023.

ARFUCH, Leonor. **O espaço autobiográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Tradução: Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998.

BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2011.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BARTHES, Roland. **A morte do autor**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BELLO, Ruy. Nova ordem de Praga. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 25 e 26 jan. 1970. Seção Grandes reportagens. Disponível em: [https://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=089842\\_08&pagfis=1176](https://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=089842_08&pagfis=1176). Acesso em: 22 mar. 2024.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, v. 1).

BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**: infância berlinense: 1900. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Avila, Eliane Livia Reis e Glaucê Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BORGES, Kátia Regina Macêdo. **Mapa**: cartografia de uma geração. 2018. 198 f. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

BRAGA, Kassiana. **A senhora dona da memória**: autobiografia e memorialismo em obras de Zélia Gattai. 2016. 208 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2016.

BRAGA, Kassiana. O memorialismo nas obras de Zélia Gattai. In. XXII Encontro Estadual de História da ANPUH-SP. Santos, 2014.

BRASIL. Lei nº 6.515, de 26 de dezembro de 1977. Regula os casos de dissolução da sociedade conjugal e do casamento, seus efeitos e respectivos processos, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 17953, 27 dez. 1977. Lei do Divórcio.

CAMPOS, Alexandre. Dia Internacional das Mulheres tem ligação direta com o movimento operário. **Rádio Senado**, Brasília, 08 mar. 2024. Seção Notícias. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2024/03/08/dia-internacional-das-mulheres-tem-ligacao-direta-com-o-movimento-operario#:~:text=O%20Dia%20Internacional%20das%20Mulheres,tipo%20de%20violeta%20e%20discrimina%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em 18 abr. 2024

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Memórias de uma jovem anarquista. In: FRAGA, Myriam (org.). **Seminário Zélia Gattai**. Salvador: FCJA: Museu Carlos Costa Pinto, 2002. p. 13-37.

CIXOUS, Hélène. **O riso da medusa**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2022.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka**: por uma literatura menor. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

DERRIDA, Jacques. **O mal de arquivo**: uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume, 2001.

DERRIDA, Jacques. **Políticas da amizade**. Porto: Campo das Letras, 2003.

DIAS, Laurindo Felício. Espectros de Derrida na ficção brasileira contemporânea: 1964 e seus fantasmas consistentes nas obras *A Resistência*, de Julián Fuks, e *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar. **Cadernos Literários**, Rio Grande, v. 25, n. 1, p. 41-51, 2018.

DINIZ, Júlio Cesar Valladão; SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Humanidades em questão**: abordagens e discussões. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio, 2019.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. **Estudos Avançados**, São Paulo, n. 17, v. 49, p. 151-172, 2003.

DUARTE, Érica Fernandes Costa. **Biodiagrama de uma narradora**: memória e história em Zélia Gattai. 2017. 231 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Centro de Educação e Humanidades, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

ESCRITORES Zélia Gattai e Jorge Amado são homenageados em exposição na Caixa Cultural Recife. **Aponte**. Recife, [nov. 2019]. Disponível em: <https://www.aponte.com.br/site/escritores-zelia-gattai-e-jorge-amado-sao-homenageados-em-exposicao-na-caixa-cultural-recife/>. Acesso em: 24 ago. 2023.

FEDERICI, Sílvia. **O ponto zero da revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. São Paulo: Elefante, 2019.

FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO. **Catálogo Arquivo Fotográfico**: Zélia Gattai. Salvador: Casa de Palavras, 2015. v. 2, Casa do Rio Vermelho: os amigos.

GALVÃO, Patrícia. **Pagu**: autobiografia precoce. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

GATTAI, Zélia. **A casa do Rio Vermelho**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

GATTAI, Zélia. **Anarquistas, graças a Deus**. Rio de Janeiro: Record, 2005a.

GATTAI, Zélia. **Chão de meninos**. Rio de Janeiro: Record, 1992.

GATTAI, Zélia. **Cittá di Roma**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GATTAI, Zélia. **Código de família**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

GATTAI, Zélia. Discurso de posse. *In*: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Website ABL**. Rio de Janeiro, [22 maio 2002a]. Disponível em:

<https://www.academia.org.br/academicos/zelia-gattai/discurso-de-posse>. Acesso em: 21 mar. 2024.

GATTAI, Zélia. **[Discurso de posse para a Academia de Letras da Bahia]**. [Salvador, 2002b]. Disponível em: [https://www.filinto-bastos.com.br/\\_files/ugd/7b1cbc\\_b413626374b64db2b4856059a00dde63.pdf](https://www.filinto-bastos.com.br/_files/ugd/7b1cbc_b413626374b64db2b4856059a00dde63.pdf). Acesso em: 21 mar. 2024.

GATTAI, Zélia. **Jardim de inverno**. Rio de Janeiro: Record, 1988.

GATTAI, Zélia. **Memorial do amor**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GATTAI, Zélia. **Reportagem incompleta**. Salvador: Corrupio, 1986.

GATTAI, Zélia. **Senhora dona do baile**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GATTAI, Zélia. **Um chapéu para a viagem**. Rio de Janeiro: Record, 1982.

GATTAI, Zélia. **Vacina de sapo e outras lembranças**. Rio de Janeiro: Record, 2005b.

GATTAI, Zélia. **Zélia Gattai Amado**: cidadã da Bahia. Organizado por Assembleia Legislativa da Bahia. Salvador: Assembleia Legislativa da Bahia; Fundação Casa de Jorge Amado, 2005c.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais, morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

HUBERMAN, Didi. **Os levantes**. São Paulo: Editora Sesc São Paulo, 2001.

HUBERMAN, Didi. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

JAFFE, Noemi. **O que ela sussurra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

JORGE Amado vetou Carolina Maria de Jesus em sua casa por ter vendido mais livros que ele. **Hypeness**. [S. l.], 28 out. 2020. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2020/10/jorge-amado-vetou-carolina-maria-de-jesus-em-sua-casa-por-ter-vendido-mais-livros-que-ele/>. Acesso em: 3 set. 2023.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Lisboa: Edições 70, 2007.

KLINGER, Diana. **Escritas de si, escritas do outro**: o retorno do autor a virada etnográfica. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

KLINGER, Diana. **Literatura e ética**: da forma para a força. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora Unicamp, 1990.  
LEJEUNE, Phillippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LEMINSKI, Paulo. **Toda poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

MACHADO, Ana Maria. **Bisa Bia, Bisa Bel**. São Paulo: Salamandra, 2007.

MILAGRES do povo: Caetano Veloso. **Letras**. [S. l.], c2003. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/caetano-veloso/44749/>. Acesso em: 25 mar. 2024.

NEGREIROS, Adriana. **Maria Bonita**: sexo, violência e mulheres no cangaço. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

NYE, Andrea. **Teoria feminista e as filosofias do homem**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1995.

PARA viver um grande amor: Vinicius de Moraes. Composição: Vinicius de Moraes e Toquinho. **Letras**. [S. l.], c2003. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/vinicius-de-moraes/86815/>. Acesso em: 22 mar. 2024.

PEDROSA, Celia; KLINGER, Diana; WOLFF, Jorge; CÂMARA, Mário (org.). **Indicionário do contemporâneo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

PIÑON, Nélida. I love my husband. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 50, n. esp. (supl.), p. s113-s115, dez. 2015.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano**: crônicas da travessia. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

RANCIÈRE, Jacques. A estética como política. **Devires**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 14-36, jul./dez. 2010.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. São Paulo: Editora 34, 2005.

RANCIÈRE, Jacques. **Políticas da escrita**. São Paulo: Editora 34, 1995.

RIO, João do. A superioridade do artista. *In*: RIO, João do. **Celebridades**: desejos. Rio de Janeiro: Centro Luso-Brasileiro Paulo Barreto, 1932.

ROCHA, Ramon Diego Câmara. **Chão de meninos**: espaço literário na narrativa memorialista de Zélia Gattai. 2018. 89 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ensino e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2018.

ROLNIK, Sueli. **Esferas da insurreição**: notas para uma sociedade não cafetinada. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **A mulher na sociedade de classes**: mito e realidade. Petrópolis: Vozes, 1979.

SAMBA-ENREDO 2019: histórias para ninar gente grande: G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira (RJ). **Letras**. [S. l.], c2003. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/mangueira-rj/samba-enredo-2019-historias-para-ninar-gente-grande/>. Acesso em: 22 mar. 2024.

SANTOS, Roberto Corrêa dos. Literatura e difusão secreta. *In*: KRIEGER, Heindrin; SCHOLLHAMMER, Karl Erik (org.). **Literatura e mídia**. São Paulo: Edições Loyola: Editora PUC Rio, 2001.

SARAMAGO, José. **O evangelho segundo Jesus Cristo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007a.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado, tempo presente**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007b.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SILVA, Sheila dos Santos. Memorialismo: ficção, história, literatura. **Revista (Entre Parênteses)**, v. 2, n. 5, p. 1-20, 2016.

SHOWALTER, Elaine. A crítica feminista no território selvagem. *In*: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 23-57.

SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. **Flecha no tempo**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

VENTURA, Cândida. Chamavam-lhe Catarina, mas sempre foi Cândida Ventura. [Entrevista cedida a] José Manuel Fernandes. **Público**. Lisboa, 21 ago. 2008. Disponível em: <https://www.publico.pt/2008/08/21/jornal/chamavam-lhe-catarina-mas-sempre-foi-candida-ventura-273165>. Acesso em: 22 mar. 2024.

ZANINI, Cecil Jeanine Albert. **Crítica feminista**: uma contribuição para a história da literatura. [S. l.], 2018. Disponível em:



<https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/Ebooks/Web/978-85-397-0198-8/Trabalhos/18.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2023.